UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
INSTITUTO DE PSICOLOGIA

REBECA EUGÊNIA FERNANDES DE CASTRO

Funcionamento psíquico de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

São Paulo
2013

REBECA EUGÊNIA FERNANDES DE CASTRO

Funcionamento psíquico de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Área de concentração: Psicologia Clínica
Orientadora: Profa. Titular Maria Abigail de Souza

São Paulo
2013

AUTORIZO A REPRODUÇÃO E DIVULGAÇÃO TOTAL OU PARCIAL DESTE TRABALHO, POR QUALQUER MEIO CONVENCIONAL OU ELETRÔNICO, PARA FINS DE ESTUDO E PESQUISA, DESDE QUE CITADA A FONTE.

Catalogação na publicação
Biblioteca Dante Moreira Leite
Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo

Castro, Rebeca Eugênia Fernandes de.

Funcionamento psíquico de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto / Rebeca Eugênia Fernandes de Castro; orientadora Maria Abigail de Souza. -- São Paulo, 2013.

229 f.

Tese (Doutorado – Programa de Pós-Graduação em Psicologia. Área de Concentração: Psicologia Clínica) – Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.

1. Delinquência 2. Rorschach, Hermann, 1884-1922 3. Agressividade 4. Medida socioeducativa 5. Adolescentes em conflito com a lei I. Título.

HV9076

FOLHA DE APROVAÇÃO

Nome: Rebeca Eugênia Fernandes de Castro

Título: Funcionamento psíquico de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

Tese apresentada ao Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Doutora em Psicologia Clínica.

Aprovada em: ____/_____/2013

Banca Examinadora

Prof.(a) Dr.(a).:_____
Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a).:_____
Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a).:_____
Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a).:_____
Instituição:_____Assinatura:_____

Prof.(a) Dr.(a).:_____
Instituição:_____Assinatura:_____

Este trabalho é dedicado a todas as pessoas que se assustam com a violência, mas não se conformam com a alternativa de tratá-la utilizando a mesma moeda.

AGRADECIMENTOS

São necessários muitos anos – e muitos amigos – para o nascimento de uma tese. Aqui, faço o registro da minha profunda gratidão aos companheiros de jornada que compartilharam as incertezas deste percurso, apoiando, torcendo, colaborando e enriquecendo o convívio com sua alegria e carinho: minha querida *Rosiani Pereira*, por sua prontidão e disponibilidade ao longo de todo esse tempo; os amigos de Fortaleza, *Isabel Cristina Souza Aguiar* e *Helano Eugênio de Souza*, que presenciaram o nascimento do desejo de me tornar psicóloga; minha companheira do dia-a-dia, *Josilene Lima*, tão observadora e sensível ao comunicar minhas necessidades de desenvolvimento; meu mais recente amigo, *Eduardo Venna*, que suportou com bravura os difíceis períodos de ansiedade destes últimos meses; minhas maravilhosas amigas de trabalho, *Sivonete Pereira Leite, Rosemeire Britto, Silvia Pessoa, Iara Prado Friedman, Valéria Caldeira Zibini, Aydil Prudente*, que tanto vêm me ensinando sobre família e cuidado.

Não poderia esquecer os bons mestres que tive a oportunidade de conhecer nesta caminhada:

Minha orientadora, *Profa. Dra. Maria Abigail de Souza*, cuja confiança tem me incentivado a investir na carreira acadêmica;

As professoras *Sonia Regina Pasian* e *Audrey Setton Lopes de Souza*, cujas contribuições na fase de qualificação foram preciosas para a elaboração final deste trabalho;

Minha analista *Patrícia Getlinger*, cuja escuta sensível tem favorecido o crescimento de muitos aspectos do meu modo de ser e sentir;

Meu chefe e Juiz, Dr. *Samuel Karasin*, cujo pragmatismo foi decisivo para meu treinamento como psicóloga judiciária;

E ainda, meu agradecimento àqueles que contribuíram direta e indiretamente para a concretização desta pesquisa:

Técnicos e funcionários do CREAS, especialmente *Elzineth Martins, Ana Laura Rocha, Gislaine Lanfredi, Mariane Santos*, que tanto se empenharam para que a coleta de dados se efetivasse, bem como *Michelle Fonseca, Roger Itokazu, Dalva Khathounian, Sylvia Minelli*, que me apoiaram com sua companhia e bom humor;

Sra. *Iara Winogradow*, chefe do cartório e sua equipe de funcionários, particularmente *Luzia Moura*, pela possibilidade de consulta aos autos;

Minha querida *Tatiana Tungg*, pelo precioso trabalho de classificação, revisão e análise dos protocolos de Rorschach;

Os adolescentes que se dispuseram a participar como sujeitos deste estudo, enfrentando seus temores e ansiedades.

Por fim, agradeço à minha família - meu pai, *Vicente de Castro*, minhas queridas irmãs, *Raquel* e *Sarah*, meu sobrinho *Aquiles* – pela compreensão e tolerância nesse período de ausência.

RESUMO

CASTRO, R.E.F. (2013). **Funcionamento psíquico de adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio aberto.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

A adolescência configura-se como um período de transição, marcado pela instabilidade e por comportamentos que confrontam o mundo adulto, sendo a adolescência em conflito com a lei ainda mais perturbadora por desafiar a sociedade. Quando este desafio concretiza-se no descumprimento de medidas estabelecidas no âmbito jurídico para os atos infracionais, faz-se necessário compreender estes adolescentes, a fim de subsidiar intervenções preventivas que possam evitar uma possível trajetória de criminalidade na fase adulta. O presente estudo tem por objetivo investigar o funcionamento psíquico de um grupo de 30 adolescentes em conflito com a lei, em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto. Esses 30 adolescentes foram distribuídos em três grupos, de acordo com o nível inferior, médio e elevado de resistência ao cumprimento da medida socioeducativa. A pesquisa foi realizada junto à Vara de Infância e Juventude de uma Comarca da Grande São Paulo, com a realização de entrevistas com os adolescentes, aplicação do teste de Rorschach e leitura dos respectivos processos judiciais. Os dados de entrevista e das informações constantes dos autos foram categorizados e avaliados em termos descritivos. Os resultados do Método de Rorschach foram analisados de acordo com as referências teóricas do sistema francês da Escola de Paris, considerando-se a produção quantitativa dos três grupos separadamente e também a análise qualitativa de três sujeitos, representantes de cada um dos grupos.

Palavras-chave: Delinquência. Rorschach. Agressividade. Medida socioeducativa. Adolescentes em conflito com a lei.

ABSTRACT

CASTRO, R.E.F. (2013). **Psychological functioning of young offenders serving community sentences.** Tese de Doutorado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Adolescence is a time of transition, characterized by instability and disturbing behaviors to the adult, but juvenile delinquency can be even more challenging, since it confronts society. When this confrontation turns into a failure to comply with juvenile court dispositions, it is necessary to understand these adolescents in order to design preventive interventions that might stop a criminal path into adult life. The present study aims to investigate the psychic functioning of a group of 30 young offenders, who were given a non-custodial sentence. These adolescents were classified in 3 groups, according to the level of lawful resistance (low, medium and high).The research was conducted in one of the Greater São Paulo Juvenile Courts, and it included interviews, psychological assessment using Rorschach Test, as well as reading prosecution files. Data from interview and prosecution files were categorized and described. The Rorschach Test results were analysed according to French (Paris School) methodology. The analysis considered quantitative aspects and it covered qualitative data from three cases, one of each group.

Key-words: Delinquency. Rorschach. Aggressiveness. Youth sentences. Young offenders.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Faixa etária dos adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa (meio aberto e fechado) 23

Tabela 2 - Percentual de adolescentes conforme o ato infracional cometido 24

Tabela 3 – Dados indicativos de vulnerabilidade social de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto 25

Tabela 4 – Trajetória infracional 25

Tabela 5 - Qualidade do contato com os adolescentes durante a entrevista 54

Tabela 6 - Perfil etário e de escolaridade dos adolescentes 56

Tabela 7 - Dados obtidos nos autos sobre a infração e medida socioeducativa aplicada 58

Tabela 8 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a vida escolar 61

Tabela 9 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre uso de drogas 62

Tabela 10 - Dados obtidos nos autos sobre a família 64

Tabela 11 - Dados obtidos nos autos sobre outros casos de criminalidade na família 65

Tabela 12 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo com assiduidade regular 67

Tabela 13 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo com assiduidade irregular 69

Tabela 14 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo sem assiduidade 72

Tabela 15 – Dados obtidos nas entrevistas sobre o ato infracional e cumprimento da medida socioeducativa 75

Tabela 16 - Dados obtidos nos autos sobre o acompanhamento da medida socioeducativa 77

Tabela 17 – Dados obtidos nos autos sobre a percepção familiar a respeito das possíveis causas do ato infracional do adolescente 78

Tabela 18 - Dados obtidos nos autos sobre queixas de comportamento relatadas pelas famílias 80

Tabela 19 – Produtividade e utilização do tempo no Rorschach 81

Tabela 20 – Respostas G e seus determinantes 84

Tabela 21 – Respostas D e seus determinantes 92

Tabela 22 – Respostas Dd 95

Tabela 23 – Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo com assiduidade regular..... 98

Tabela 24 – Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo com assiduidade irregular 100

Tabela 25 – Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo sem assiduidade 102

Tabela 26 – Determinante formal F..... 103

Tabela 27 – Cinestesias humanas 106

Tabela 28 – Identidade sexual das figuras humanas e parahumanas..... 107

Tabela 29 – Tipos de cinestesia humana 107

Tabela 30 – Cinestesias menores do grupo com assiduidade regular..... 111

Tabela 31 – Cinestesias menores do grupo com assiduidade irregular 112

Tabela 32 – Cinestesias menores do grupo sem assiduidade 114

Tabela 33 – Respostas de Cor-Forma (CF e KobC±) 115

Tabela 34 - Respostas de Forma-Cor (FC, KC, kobC)..... 119

Tabela 35 – Respostas acromáticas FC' 121

Tabela 36 – Respostas associadas ao determinante de tonalidade 122

Tabela 37 – Percentual de conteúdos animais 127

Tabela 38 – Respostas de conteúdo animal do grupo com assiduidade regular 128

Tabela 39 – Respostas de conteúdo animal do grupo com assiduidade irregular 130

Tabela 40 - Respostas de conteúdo animal do grupo sem assiduidade 133

Tabela 41 – Percentual de respostas humanas..... 134

Tabela 42 - Respostas de conteúdo humano do grupo com assiduidade regular 135

Tabela 43 - Respostas de conteúdo humano do grupo com assiduidade irregular 136

Tabela 44 - Respostas de conteúdo humano do grupo sem assiduidade 137

Tabela 45 – Respostas relacionadas a outros conteúdos 138

Tabela 46 – Fenômenos especiais 142

Tabela 47 – Protocolo de S3, adolescente do grupo com assiduidade regular 148

Tabela 48 – Protocolo de S11, adolescente do grupo com assiduidade irregular 158

Tabela 49 – Protocolo de S14, adolescente do grupo sem assiduidade 173

Tabela 50 – Síntese dos dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre idade, escolaridade e família 184

Tabela 51 – Síntese dos dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a qualidade do contato na entrevista, a infração e a medida socioeducativa 186

Tabela 52 – Síntese dos dados obtidos com o Método de Rorschach 188

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO 13

1.1 Considerações iniciais e justificativa 13

1.2 A legislação brasileira aplicada aos adolescentes em conflito com a lei 17

1.2.1 Fragilidades do sistema de responsabilização e atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com a lei 20

1.2.2 O adolescente em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto 22

1.3 Adolescência: um período de isolamento e combate 27

1.4 A delinquência como expressão de falhas vividas no desenvolvimento emocional 31

1.5 Pesquisas com o método de Rorschach sobre delinquência juvenil 38

2 OBJETIVOS 43

3 MÉTODO 44

3.1 Participantes 44

3.2 Local 45

3.3 Instrumentos 45

3.4 Procedimentos 45

3.5 Análise dos dados 47

4 RESULTADOS 52

4.1 Classificação dos grupos de acordo com a assiduidade 52

4.2 Dados obtidos nas entrevistas e consulta aos autos 53

4.3 Dados obtidos com o Método de Rorschach 81

4.3.1 Aspectos relacionados à produtividade e tempo 81
4.3.2 Análise dos modos de apreensão 83
4.3.2.1 Respostas G 83
4.3.2.1.1 Qualidade formal das respostas G 85
4.3.2.1.2 Relação com os determinantes 85
4.3.2.1.3 Nível de elaboração 90
4.3.2.2 Respostas D 91
4.3.2.2.1 Qualidade formal das respostas D 91
4.3.2.2.2 Relação com os determinantes 93
4.3.2.3 Respostas Dd 94
4.3.2.3.1 Qualidade formal das respostas Dd 94
4.3.2.3.2 Relação com os determinantes 96
4.3.2.3.3 Relação com os conteúdos 96
4.3.3 Análise dos determinantes 102
4.3.3.1 Determinante formal 102
4.3.3.2 Determinantes cinestésicos humanos 104
4.3.3.3 Determinantes cinestésicos menores 110
4.3.3.4 Determinantes cromáticos 115
4.3.3.5 Determinantes acromáticos 121
4.3.3.6 Determinantes de tonalidade 122
4.3.3.7 Determinantes de claro-escuro 125
4.3.4 Análise dos conteúdos 126
4.3.4.1 Representações animais 126
4.3.4.2 Representações humanas 134
4.3.4.3 Outros conteúdos 137
4.3.5 Análise dos fenômenos especiais 141

4.4 Síntese dos três grupos 144
4.4.1 Síntese do grupo com assiduidade regular 144
4.4.2 Síntese do grupo com assiduidade irregular 155
4.4.3 Síntese do grupo sem assiduidade 169

5 DISCUSSÃO 183

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS 208

REFERÊNCIAS 210

APÊNDICES 216

1 INTRODUÇÃO

1.1 Considerações iniciais e justificativa

> Gostaria de que não existisse idade alguma entre os dezesseis e vinte e três anos ou que os jovens dormissem todo esse tempo; pois nada existe nesse meio tempo senão promiscuidade com crianças, ultrajes com os anciãos, roubos, brigas.
>
> Shakespeare em "Um conto de inverno"

Talvez a sociedade do século XXI deseje o sono juvenil muito mais do que este foi desejado na época de Shakespeare, considerando-se todas as representações sociais de violência atribuídas à juventude, as quais têm desencadeado intensos debates sobre a redução da maioridade penal. Mas é certo que se a adolescência dormisse, a sociedade perderia uma importante fonte de transformação. Com seu vigor, a juventude confronta, afronta e provoca o que está posto, trazendo um desequilíbrio perturbador, capaz de mobilizar sentimentos tão diversos quanto a ira, a vingança, o fascínio, a inveja e a compaixão. Seja na moda, na música, na dança, no uso da tecnologia ou em suas condutas transgressoras, a adolescência inspira questionamentos profundos sobre quem somos e como vivemos. Ou o que fazemos e como o fazemos.

O presente trabalho nasceu das inquietações despertadas nesta pesquisadora no seu "fazer" como psicóloga judiciária do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo, ao observar as dificuldades de manejo do fenômeno de descumprimento de medida socioeducativa em meio aberto[1] por adolescentes em conflito com a lei. Diferentemente da internação, onde a privação de liberdade impõe uma rotina institucional ao adolescente que cometeu um delito, as medidas em meio aberto dependem da assiduidade do jovem para ser concluída. No entanto, percebe-se que alguns sujeitos não comparecem quando convocados para o cumprimento da sentença judicial estabelecida, tendo seus nomes notificados ao Poder Judiciário para as providências cabíveis. Correm o risco de sofrerem uma internação-sanção por até 90 dias pelo descumprimento da medida socioeducativa[2], mas ainda assim continuam sem frequentá-la, mesmo após

[1] As medidas socioeducativas em meio aberto são aquelas sentenças judiciais não privativas de liberdade aplicadas a adolescentes que cometeram delitos. Nesta pesquisa, são consideradas a prestação de serviços à comunidade e a liberdade assistida, descritas no item I.2.

[2] Conforme previsto no Estatuto da Criança e do Adolescente.

advertências. Alguns deles são presos novamente em flagrante, demonstrando a ineficácia da sentença para conter uma possível trajetória infracional.

Esta percepção motivou questionamentos sobre as condições e as possibilidades de atuação do psicólogo no trâmite de responsabilização do adolescente em conflito com a lei, considerando-se que o trabalho técnico possui dois momentos críticos: a avaliação inicial e o acompanhamento da medida socioeducativa aplicada pelo Juiz.

Em tese, a avaliação psicológica inicial tem por objetivo fornecer subsídios ao Juiz para a aplicação da medida socioeducativa mais compatível com as necessidades de continência e responsabilização do jovem em conflito com a lei. Na prática, como demonstra Frasseto (2005), o laudo psicológico apresenta argumentos de conotação científica capazes de fundamentar a indicação de uma sentença restritiva ou não restritiva de liberdade. Neste sentido, o autor (ibid) apresenta severas críticas ao uso do conhecimento psicológico no campo do direito penal juvenil, apontando limitações técnicas e éticas do profissional de psicologia. Segundo ele, a psicologia aplicada ao comportamento transgressor tem se baseado na patologização do indivíduo e da família para explicar as dificuldades de socialização dos adolescentes em conflito com a lei, utilizando estes argumentos como suporte à indicação da privação de liberdade. Demonstra as condições adversas com que são produzidas as perícias, ao esclarecer que o psicólogo judiciário é sobrecarregado pela quantidade de trabalho e exigências de prazos, inserido em uma rotina institucional pouco propícia ao estudo da singularidade. O atendimento é massificado e ocorre em instalações físicas inadequadas e sem estrutura que garanta o sigilo. A restrição de tempo impõe um estudo breve, realizado a partir de um único encontro, produzindo-se o laudo psicológico no mesmo dia. Ainda assim, estas perícias assumem um tom categórico em suas conclusões, enfocando unicamente os aspectos negativos dos sujeitos e produzindo pretensas verdades sobre o passado e o futuro dos avaliados. Buscam atender à demanda judicial de construção de uma prova para a decisão sobre a sentença punitiva.

Já a avaliação psicológica de acompanhamento do adolescente em conflito com a lei tem a finalidade de relatar ao Juiz a evolução do cumprimento da medida socioeducativa, indicando a necessidade ou não de manutenção da sentença [3]. Mais uma vez, Frasseto (2005) posiciona-se criticamente em relação aos pareceres psicológicos

[3] Por lei, as sentenças restritivas de liberdade (internação, semiliberdade) não têm prazo determinado previamente. São prorrogáveis a cada seis meses dependendo das avaliações encaminhadas ao Juiz, elaboradas por profissionais de psicologia e serviço social. A medida de liberdade assistida tem prazo mínimo de seis meses e também pode ser prorrogada em função das observações apresentadas pelos avaliadores.

elaborados durante a tramitação dos autos infracionais, questionando se é possível ao profissional de psicologia – científica e eticamente - afirmar se alguém deve continuar preso ou não. Lembra, inclusive, que o adolescente entende que as avaliações técnicas são produzidas a serviço do julgador, o que leva naturalmente à tentativa de portar-se de modo a atender àquilo que supõe ser a expectativa do psicólogo. É então estabelecida uma relação de forças entre o adolescente e seu avaliador durante a entrevista, onde o primeiro busca controlar racionalmente sua fala, enquanto o segundo incorpora uma atitude de desconfiança contra possíveis manipulações. Para o autor (ibid) esta situação favorece interpretações equivocadas, generalizando-se um estado subjetivo associado ao contexto da entrevista como uma característica da personalidade do adolescente. Este risco é ainda maior tendo em vista que os laudos psicológicos são produzidos essencialmente a partir desta técnica.

Whitaker (2010) apresenta considerações semelhantes às de Frasseto (2005), mencionando que a objetividade do discurso "*psi"* nos laudos periciais é derivada de impressões subjetivas e adquirem valor decisório. A autora (ibid) apresenta alguns exemplos de autos infracionais de adolescentes institucionalizados, os quais revelam o quanto o adolescente em cumprimento de medida (no caso, internação) é submetido a avaliações constantes, sem ser realmente compreendido. Como as avaliações são solicitadas pelo Poder Judiciário, costumam apoiar-se em um discurso voltado à justificativa e/ou esclarecimento da participação do jovem em ato infracional, muitas vezes sugerindo a psicoterapia como medida de tratamento, embora não considerem se existe demanda por parte do adolescente. Estes laudos subsidiam uma determinação judicial que estabelece a psicoterapia obrigatória, sendo então realizado o encaminhamento do adolescente para o referido tratamento. No entanto, as instituições que oferecem este suporte terapêutico produzem seus próprios pareceres, onde justificam para o Juiz a inviabilidade de uma intervenção psicoterápica, dada a ineficácia do atendimento psicológico a certos tipos de diagnóstico. Em suma, o tempo passa, os laudos não trazem novas contribuições, até que, por fim, o adolescente obtém uma progressão de medida pela saturação do processo judicial.

Neste contexto, uma questão se impõe: que contribuições os psicodiagnósticos têm fornecido para o crescimento dos adolescentes? Se os laudos psicológicos são elaborados a serviço do sistema judiciário e produzidos sob condições e bases metodológicas questionáveis, como descrevem Frasseto (2005) e Whitaker (2010), que uso proveitoso tiveram (ou poderão ter) as informações decorrentes da avaliação

psicológica para o desenvolvimento emocional dos jovens em cumprimento de medida socioeducativa?

Esta indagação é particularmente relevante no contexto das medidas socioeducativas em meio aberto, porque sua efetividade depende da frequência dos adolescentes. Sem uma assiduidade mínima, não é possível qualquer trabalho socioeducativo em liberdade, contrariamente à internação, onde os jovens são submetidos a projetos de intervenção diversos. Entende-se que sem uma compreensão mais aprofundada do funcionamento psíquico dos jovens sentenciados a medidas em meio aberto, não é possível oferecer propostas capazes de alcançar aqueles que denotam maior resistência ao cumprimento da sentença, faltando reiteradamente aos agendamentos.

A proposta deste estudo visa ampliar o conhecimento dos adolescentes que cumprem medida em meio aberto, para refletir sobre as possibilidades de intervenção psicológica e buscar indicadores que ajudem a identificar aqueles que necessitam de um atendimento diferenciado. Não apenas pelo fato de resistirem à medida imposta judicialmente, mas pelo possível significado clínico de sua falta de assiduidade, sugestiva de dificuldades maiores de adaptação social que poderão comprometer as relações na vida adulta. Para estes, a medida socioeducativa pode representar o último, senão o único espaço de escuta, acolhimento e possibilidade de autoconhecimento, antes que cheguem à maioridade. Portanto, aprimorar tal processo, verificando as necessidades especiais de atendimento, configura um modo de aperfeiçoar as estratégias de trabalho adotadas com este grupo e de auxiliar estes jovens nesta passagem conturbada do período de adolescência. Com este objetivo, pretende-se oferecer uma contribuição clínica para um trabalho psicossocial.

1.2 A legislação brasileira aplicada aos adolescentes em conflito com a lei

Um dos principais avanços trazidos pelo Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 1990) no que diz respeito à aplicação da Lei aos atos infracionais refere-se ao paradigma garantidor de direitos, que considera a vulnerabilidade de pessoas em formação - exigindo um sistema de proteção integral - e sua condição de sujeito. Volpi (2001) esclarece que até 1990 prevalecia o paradigma da chamada "situação parcialmente regular", executada pelo Código Melo Mattos, criado em 1927, que realizava uma divisão claramente discriminatória da infância e da juventude: de um lado, as crianças e adolescentes preservados pela família e, de outro, os "menores" (órfãos, carentes, infratores, em situação de rua). Também conhecida como Doutrina da Situação Parcialmente Regular, o antigo Código era aplicado de modo discricionário pelos juízes, legitimando a criminalização da pobreza, ao considerar os "menores" como portadores de desvios morais, encaminhados a instituições de caráter punitivo e disciplinador, os antigos reformatórios. Na prática, segregava indiscriminadamente crianças e jovens pertencentes às camadas socialmente desfavorecidas, encarcerando-os até a idade adulta.

Hoje, a ação socioeducativa configura a resposta prevista em Lei para os atos infracionais, evidenciando o cuidado em assegurar um processo de educação para valores socialmente aceitos, a partir da sensibilização e implicação do adolescente ante as consequências e a gravidade de suas condutas (Capela, 2006). Nessa perspectiva, não se trata mais de simplesmente excluir o adolescente em conflito com a lei, mas penalizá-lo e responsabilizá-lo por sua conduta antissocial, a partir dos 12 anos[4], mediante a imposição de medidas socioeducativas, apresentadas a seguir:

- **advertência**: realizada pelo Juiz, tem seu efeito pedagógico atrelado aos efeitos do discurso apresentado na audiência para que o adolescente reflita sobre as consequências de seus atos. Na prática, há grande variação dos discursos dos juízes, que podem assumir desde uma conotação de acolhimento materno até uma tonalidade severa e ameaçadora.
- **obrigação de reparar o dano**: é determinado judicialmente que o jovem restitua o objeto danificado, promova o ressarcimento ou compense o prejuízo da vítima. A duração da medida é o tempo necessário para a reparação (imediata ou parcelada).

[4] Em face da criança que comete infração, o Estado não aciona o aparato judicial/repressivo. Cabe ao Conselho Tutelar verificar se o ato antissocial não resulta de uma situação de violação de direitos, isto é, um contexto marcado pela fragilidade ou ruptura de vínculos que demandam acompanhamento e cuidado.

- **prestação de serviços à comunidade**: conhecida como PSC, envolve a realização de tarefas gratuitas junto aos equipamentos da comunidade (escolas, hospitais, projetos e entidades assistenciais). A duração prevista em lei é de, no máximo, seis meses, para oito horas de jornada semanal.
- **liberdade assistida**: conhecida como LA, implica o acompanhamento por um profissional ou um programa, por no mínimo seis meses, período que pode ser prorrogado, revogado ou substituído por outra medida. Visa auxiliar e orientar o adolescente. Conforme previsto no art. 119 do Estatuto da Criança e do Adolescente, a liberdade assistida inclui: a) a promoção social do adolescente e de sua família, inserindo-os, se necessário, em programas de auxílio e assistência social; b) supervisão da frequência e aproveitamento escolar e c) promoção da profissionalização do adolescente. É considerada a medida que melhor atende às necessidades de intervenção dos adolescentes em conflito com a lei (SEDH, UnB, 2010).
- **semiliberdade**: medida que altera a rotina do adolescente, visando a um controle de sua vida pessoal. O adolescente é vinculado a uma instituição, pernoitando neste local. Durante o dia, pode sair para cumprir suas atividades regulares (escola, cursos, trabalho, esporte) e visitar a família ou amigos. Seu prazo é indeterminado, mas não pode ultrapassar três anos. A cada seis meses, o Juiz deve decidir a respeito da manutenção ou extinção da medida.
- **internação**: trata-se da medida mais severa, tendo em vista a privação de liberdade imposta ao adolescente. Por lei, é considerada medida de exceção, a ser aplicada em casos extremos, quando o ato infracional for praticado com violência ou grave ameaça à pessoa, ou se houver repetição de atos infracionais graves não violentos (por exemplo, crimes contra o patrimônio). Não possui prazo determinado, mas não pode exceder o prazo de três anos, com reavaliação a cada seis meses.

Estas medidas só podem ser determinadas em Juízo. Assim, quando um adolescente é apreendido em flagrante, lavra-se um auto de infração na delegacia, os pais ou responsáveis são chamados e o jovem é liberado para que compareça ao Ministério Público no mesmo dia ou no dia seguinte. O adolescente só permanece sob custódia se o ato infracional for considerado grave e de repercussão social (art. 174 do ECA). Neste caso, ele deve ser levado ao representante do Ministério Público (promotor) em 24h.

Ao ouvir o adolescente, o promotor pode considerar que a situação não exige medidas socioeducativas. Neste caso, pode arquivar os autos, conceder remissão ou determinar a adoção de medidas protetivas (ex.: matrícula em escola, atendimento

psicológico). Se, ao contrário, constatar que há necessidade de responsabilização, o promotor faz uma representação à autoridade judiciária, para que haja determinação de medida. O adolescente também é ouvido pelo juiz, que poderá conceder a remissão após ouvir o Ministério Público ou designar uma audiência, verificando se já existe advogado constituído para o caso. O juiz pode, ainda, determinar estudo do caso para subsidiar sua decisão.

Representado por advogado (particular ou público), o adolescente pode recorrer da sentença aplicada pelo juiz. Se houver tal recurso, o adolescente inicia o cumprimento da medida (ou medidas, se aplicadas mais de uma), enquanto o caso é reavaliado em instância superior. Nos casos de medidas socioeducativas em meio aberto (prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida), foco do presente trabalho, o adolescente é encaminhado para o(s) equipamento(s) responsáveis pelo acompanhamento ao longo do período determinado judicialmente.

A partir deste encaminhamento, inicia-se o processo de execução da medida socioeducativa, que novamente inclui a participação de vários operadores do direito: a) o Juízo de Execução, que possui função de controle e vigilância; b) o Ministério Público, que acompanhará a evolução da medida socioeducativa; c) a Defensoria Pública, que exerce a defesa dos adolescentes que necessitam e d) as Entidades de Execução das Medidas em Meio Aberto, responsáveis pela operacionalização da liberdade assistida e prestação de serviços à comunidade, inclusive pela proposição de manutenção ou substituição destas medidas socioeducativas, a partir de avaliações periódicas encaminhadas ao Juízo de Execução.

A extinção da medida socioeducativa encerra o processo de execução. No caso da prestação de serviços à comunidade, o encerramento exige o cumprimento do número de horas estipulado judicialmente. A liberdade assistida é declarada extinta pelo juiz em função do(s) relatório(s) técnicos encaminhados pelas entidades de execução, elaborados por profissionais da psicologia e do serviço social. Embora a lei não estabeleça prazo máximo para a liberdade assistida, segundo Liberati (2006), a medida de liberdade assistida pode ter duração máxima de três anos, em analogia ao prazo máximo da internação, sendo compulsoriamente liberado ao completar 21 anos de idade.

1.2.1 Fragilidades do sistema de responsabilização e atendimento socioeducativo ao adolescente em conflito com a lei

Passados 22 anos da promulgação do ECA, observa-se que o sistema de atendimento socioeducativo aos adolescentes que cometeram infrações encontra-se em plena construção. Somente no ano passado foi promulgada a lei 12.594/2012, instituindo o Sinase (Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo), visando estabelecer regras mais claras para a execução das medidas socioeducativas, apresentando diretrizes e regras processuais, além do monitoramento da gestão e dos resultados obtidos.

O Sinase veio preencher um vazio normativo que abria espaço para arbitrariedades e improvisos no exercício da magistratura, conforme Konzen (2006). Em seu artigo (ibid), são levantados vários questionamentos acerca da subjetividade dos critérios de fiscalização dos programas de execução de medidas socioeducativas, da falta de clareza sobre o que deveria ser comunicado por estes programas aos juízes, sobre quem teria o dever de avaliação e quais as condições para uma regressão ou progressão de medida. O autor (ibid) também pontua a respeito da ausência de indicações precisas sobre os tipos de atividades que deveriam ser previstos na concretização das medidas socioeducativas, entre outras dúvidas.

Apesar do avanço legal representado pelo Sinase, ele ainda é um ideal. A realidade mostra que existem dificuldades de ordem prática que comprometem o alcance do objetivo de ressocialização dos jovens em conflito com a lei. Especificamente em relação às medidas socioeducativas em meio aberto, Ferreira (2006) aponta dificuldades dos próprios adolescentes e da qualidade da rede de atendimento estabelecida. Indica que entre os jovens, é comum a baixa escolaridade, a defasagem entre a idade e a série cursada, a evasão escolar e os déficits de aprendizagem. A escola nem sempre compreende seu papel na execução da medida socioeducativa, podendo até mesmo estabelecer impedimentos para a matrícula. Os adolescentes também costumam apresentar resistência e/ou desinteresse pelos projetos e recursos aos quais são encaminhados, que são insuficientes e muitas vezes incompatíveis com as necessidades e interesses dos jovens. É frequente o envolvimento com drogas, inexistindo programas oficiais ou comunitários para o tratamento da dependência química. O autor (ibid) menciona ainda o reduzido número de equipamentos disponíveis para o recebimento de jovens sentenciados à prestação de serviços comunitários e a ausência de orientadores de referência nestes locais. Sobre o

suporte às famílias, também identifica uma deficiência na rede de serviços oficiais e comunitários, principalmente nas áreas de saúde, assistência social, habitação e profissionalização. Registra, por fim, a distância entre o orientador do programa de execução da medida e os membros do Poder Judiciário e Ministério Público, dificultando o trabalho em rede.

No âmbito do Poder Judiciário, há um atraso na adequação da estrutura institucional para a implementação do próprio Estatuto da Criança e do Adolescente, apesar de vigente há mais de 20 anos. Estudo da Associação Brasileira de Magistrados, Promotores e Defensores Públicos da Infância e Juventude (ABMP, 2008) demonstra que existem apenas 92 Comarcas que dispõem de Varas de Infância e Juventude no país. Caso fosse considerada a realidade de todos os municípios brasileiros com população acima de 500 mil habitantes, o número deveria ser, no mínimo, de 253 Varas. O estudo também aponta que menos da metade das instituições do Sistema de Justiça assegurou formação inicial a Juízes, Promotores e Defensores atuantes junto às Varas de Infância e Juventude. Quando houve tal formação, os treinamentos variaram entre quatro a oito horas de capacitação, no máximo.

Este retrato tem impactos substanciais para o sistema de medidas socioeducativas, sobretudo quando os adolescentes em conflito com a lei são apresentados junto a Varas não especializadas e/ou são ouvidos por autoridades com formação técnica insuficiente na área. Os reflexos deste contexto são observáveis nas determinações judiciais, que acabam assumindo o caráter de tutela do antigo paradigma do Código de Menores. É o caso, por exemplo, de sentenciar um jovem à internação para que seja obrigado a frequentar escola e tratamento de drogadependência. Ou então, de estabelecer medidas não previstas em lei. De acordo com levantamento do Instituto Latinoamericano para a Prevenção do Delito e Tratamento do Delinquente (Ilanud, 2007), a aplicação de prestação pecuniária como medida socioeducativa já foi registrada nos Tribunais de nove estados do País, apesar de não haver tal punição no Estatuto da Criança e do Adolescente, constituindo uma sentença arbitrária.

Analisando a jurisprudência nos últimos 10 anos, Cabezas (2008) aponta a existência de uma crise de interpretação e implementação do ECA. Sua dissertação demonstra o quanto as medidas têm sido impostas sem parâmetros legais, influenciadas pelas convicções pessoais de cada magistrado, perdendo-se o objetivo pedagógico previsto em Lei. A autora também sustenta que a ausência de infraestrutura nas comarcas brasileiras para o cumprimento das medidas (locais para a internação e semiliberdade, equipamentos disponíveis para o recebimento de jovens sentenciados a

prestar serviços à comunidade, por exemplo) influencia as determinações judiciais, constituindo um dos principais fatores para a não observação de critérios legais na aplicação das medidas (exemplo: encaminhar para internação por falta de local para cumprimento de semiliberdade).

Nesse sentido, observa-se que ainda há um longo caminho a ser percorrido para a implementação do Sinase, sendo que ainda se está em busca da plena concretização da normativa geral representada pelo Estatuto da Criança e do Adolescente. Verifica-se a necessidade de investimentos em estrutura e capacitação técnica tanto no âmbito do Poder Judiciário quanto do Poder Executivo, este último responsável pela criação dos programas de execução das medidas socioeducativas. Além disso, ultrapassando as regras previstas em lei, constata-se a necessidade de investir em mudanças culturais profundas para que a comunidade consiga perceber sua implicação no processo de responsabilização dos seus adolescentes. Não apenas para recebê-los durante o cumprimento da medida socioeducativa, mas principalmente, para estabelecer uma parceria com as entidades de execução, propiciando um trabalho integrado com estes jovens.

1.2.2 O adolescente em cumprimento de medida socioeducativa em meio aberto

Quem é o adolescente que cumpre medida socioeducativa em meio aberto?

Prado, Micali e Dias (2006) realizaram um levantamento do perfil de adolescentes em cumprimento de medida em meio aberto no município de Londrina, tendo observado a predominância do sexo masculino (94%), da faixa etária entre 16 e 17 anos (54%) e da alta taxa de evasão escolar na 5ª e 6ª séries (54%). Observaram que o ato infracional mais cometido pelos jovens consiste em roubo (61%), seguido do tráfico de drogas, que apresenta percentual significativamente menor (14%). Entre os sujeitos, 22% haviam reincidido. Quanto às características familiares, 36% dos adolescentes eram provenientes de famílias mononucleares (presença somente materna), 34% de famílias nucleares completas e 14% de famílias reconstituídas. Apesar de tratar-se de um estudo em nível municipal, os achados apontam tendências em termos de idade, escolaridade, tipo de infração e composição familiar, confirmadas pelo primeiro levantamento nacional sobre as medidas socioeducativas em meio aberto (Ilanud, 2007). Neste mapeamento, foram analisadas respostas fornecidas por 608 varas competentes no Brasil, contemplando uma amostra de 40.356 jovens cumprindo medidas em meio aberto ou fechado, com os seguintes resultados:

- São Paulo representa o estado com maior número de adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa, tanto em meio aberto quanto fechado (49,7%);
- 88,1% dos adolescentes em conflito com a lei são do sexo masculino;
- Há uma predominância da faixa etária entre 16 e 17 anos (tabela 1), sem diferença significativa entre o perfil etário daqueles em cumprimento de medida em meio aberto e aqueles sentenciados à medida restritiva de liberdade;

Tabela 1 - Faixa etária dos adolescentes em cumprimento de medida (meio aberto e fechado)

Faixa etária	%
Até 11 anos	0,2
12 a 15 anos	17,6
16 a 17 anos	44,0
18 a 21 anos	34,5
Acima de 22 anos (adolescentes que, por fuga ou paradeiro ignorado, não tiveram seus processos extintos, permanecendo no sistema como se estivessem em execução de medida)	0,4
Sem informação	3,4

Fonte: Ilanud, 2007

- Cerca de 52% dos jovens possuem escolaridade correspondente ao nível fundamental;
- As medidas em meio aberto são as mais comuns (73,7% do total), com destaque para a liberdade assistida, aplicada a quase 42% dos adolescentes em conflito com a lei;
- a maior parte dos jovens em cumprimento de medidas socioeducativas (cerca de 63%) envolveu-se em atos infracionais correspondentes a crimes contra o patrimônio, como roubo e furto (tabela 2), os mais frequentes entre meninos e meninas, tanto no cumprimento de medidas em meio aberto quanto em meio fechado;
- O segundo ato infracional mais cometido refere-se aos crimes contra a pessoa (lesão corporal, homicídio, ameaça e outros). Há uma diferença significativa na participação feminina nestes delitos (24,7%, enquanto o envolvimento masculino representa 12,6%);

Tabela 2 - Percentual de adolescentes conforme o ato infracional cometido

Atos infracionais	%
Crimes contra o patrimônio	**62,8**
Roubo	34,7
Furto	22,0
Outros crimes contra o patrimônio	3,8
Roubo e outros	1,2
Furto e outros	1,1
Crimes contra a pessoa ou costumes	**13,6**
Lesão corporal	4,3
Homicídio	4,1
Ameaça e outros	1,9
Crime contra os costumes	1,7
Outros crimes contra a pessoa	0,8
Lesão corporal e outros	0,5
Homicídio e outros	0,4
Tráfico e uso de drogas	**13,3**
Tráfico de drogas	9,6
Uso de drogas	2,8
Tráfico e outros	0,4
Outros delitos da Lei de drogas	0,3
Uso de drogas e outros	0,2
Outros crimes, delitos e contravenções	**10,3**
Porte ilegal de arma e outros	5,2
Delitos de trânsito	1,7
Contravenções penais	1,5
Crime contra a paz e adm.pública	1,0
Outros crimes	1,0

Fonte: Ilanud, 2007

Outro grande levantamento sobre as medidas socioeducativas em meio aberto foi realizado no Estado de São Paulo pela Fundação Telefônica e Ilanud (2008), abrangendo quatro municípios, a saber: Campinas, Guarulhos, Guarujá e Jandira. A pesquisa baseou-se em entrevistas com 481 adolescentes em conflito com a lei inseridos nas medidas de prestação de serviços e/ou liberdade assistida. Não foi possível contemplar todos os 664 jovens que, na época, cumpriam medidas em meio aberto, devido às faltas, à não adesão voluntária à pesquisa, assim como à reincidência em ato infracional. O estudo apontou a existência de um perfil de alta vulnerabilidade social (tabela 3) e uma entrada precoce na delinquência (tabela 4).

Tabela 3 – Dados indicativos de vulnerabilidade social de adolescentes em cumprimento de medida em meio aberto

Vínculos familiares	10% já viveram em abrigo 90% vivem com familiares; destes, 35% mora com os pais, 14% com a mãe e um padrasto e 25% com a mãe
Uso de drogas	75% já usaram maconha 38% já usaram cocaína 35% ainda fazem uso de maconha 5% ainda fazem uso de cocaína
Uso de drogas lícitas ou ilícitas na família	68% referem a existência de familiares que usam álcool 20% referem a existência de familiares que usam maconha 11% referem a existência de familiares que usam cocaína
Criminalidade na família	46% possuem familiares condenados por algum crime (em sua maioria, tios e irmãos)
Exposição à violência	71% já tiveram acesso a uma arma 54% já testemunharam cenas de violência 69% declararam ter sofrido algum tipo de violência
Vida escolar	59% estão matriculados na escola, sendo que 18% afirmam não frequentar ou raramente frequentar as aulas 78% apresentam escolaridade correspondente a ensino fundamental incompleto
Trabalho	70% trabalham, sendo 91% sem carteira assinada 79% dos que trabalham contribuem para o sustento da família

Tabela 4 – Trajetória infracional

Prática de delito anterior àquele que gerou a medida	45% não cometeram outra infração 55% cometeram infrações anteriores
Delitos anteriores	63% cometeram roubo 38% cometeram furto 34% cometeram porte ilegal de arma 32% cometeram tráfico de drogas 4% cometeram homicídio
Cumprimento anterior de medida socioeducativa	44% cumpriram medida anterior pelos delitos praticados, sendo que 29% receberam medida de internação, 60% foram submetidos à liberdade assistida e 25% à prestação de serviços à comunidade.
Idade dos delitos anteriores	26% tinham 15 anos 24% tinham 14 anos 18% tinham entre 8 e 12 anos 14% tinham 16 anos 12% tinham 13 anos 6% tinham 17 anos
Ato infracional atual	48% foram apreendidos por roubo 27% foram apreendidos por tráfico de drogas 20% foram apreendidos por porte ilegal de arma 5% foram apreendidos por furto

Os adolescentes entrevistados nesta pesquisa (Telefônica & Ilanud, 2008) encontravam-se, em sua maioria (68%), na faixa etária entre 17 e 18 anos de idade. Duas razões foram ressaltadas para destacar este perfil etário próximo da maioridade: a) a prática jurídica de aplicar medida de liberdade assistida como progressão da medida de internação e b) a morosidade e o intervalo de tempo entre a imposição judicial da medida socioeducativa e o início da execução. Pode-se observar a existência de inserções precoces no universo infracional (a partir dos 8 anos) e de trajetórias que não são interrompidas mesmo após uma apreensão seguida de imposição de medida socioeducativa (44% de reincidentes).

1.3 Adolescência: um período de isolamento e combate

"O adolescente é essencialmente um isolado", afirma Winnicott (1963a/1987), esclarecendo que o jovem repete um estágio vivido na infância. A exemplo do bebê, o adolescente parte de um estado de isolamento para dar início às relações. Nesse sentido, a tendência grupal apenas encobre este isolamento, possibilitando um ensaio "com coisas subjetivas" (op.cit, p. 153), que são as idéias e as preocupações comuns ao grupo. Uma segunda característica enfatizada pelo autor diz respeito à postura moralmente feroz revelada nesta fase, indicativa da luta do adolescente para descobrir-se e tornar-se fiel a si mesmo. Daí sua conduta questionadora e combativa, avesso à possibilidade de aproveitar as fontes de identificação disponíveis. Há uma luta ferrenha pela própria identidade, que é a busca do sentimento de verdade, de autenticidade, não submissão a um papel determinado pelo mundo adulto. Além do sentimento de autenticidade, são necessidades do adolescente, conforme o autor (ibid), o desafiar e o atacar a sociedade, para que haja um antagonismo a ser enfrentado, dando vida ao combate. Por isso, a cura para a adolescência reside somente na passagem do tempo, exigindo tolerância das figuras cuidadoras e da sociedade, já que ela traz aspectos que correspondem à expressão da tendência antissocial.

Há, porém, diferenças importantes entre o combate juvenil da adolescência normal e aquela refletida nas manifestações delinquentes. Em outro artigo, Winnicott (1964/1987) explica que onde existe uma atuação antissocial compulsiva, há uma decepção com o ambiente na experiência particular do indivíduo, que anseia por retomar o que foi perdido em um estágio precoce do desenvolvimento. Portanto, ainda que o elemento antissocial constitua uma potencialidade em quase todos os adolescentes, ele é concreto entre alguns deles. Os adolescentes que expressam uma tendência antissocial podem até liderar atos de violência e serem acompanhados pelos colegas não adoecidos (jovens que não sofreram as mesmas rupturas no desenvolvimento emocional), em função da lealdade ao grupo.

O isolamento e combate na adolescência também são analisados no trabalho clássico de Aberastury e Knobel (1981) sobre a assim chamada "síndrome da adolescência normal", mas na perspectiva dos lutos psíquicos envolvidos na passagem para a maioridade: do corpo, da identidade e dos pais infantis. Segundo os autores (ibid), cada um desses lutos deve repercutir na esfera do pensamento e do comportamento juvenil, devido a uma experiência de despersonificação. Assim, o luto pelo corpo infantil converte-se em uma atuação motora; o luto pela identidade infantil

implica em uma atuação afetiva, caracterizada pelo fenômeno da irresponsabilidade e desconsideração pelas pessoas e coisas do mundo real, despersonificados e tratados como objetos de satisfação; o luto pelos pais da infância leva às contradições do pensamento que expressam uma busca de independência por meio de demandas que revelam a dependência (solicitações de dinheiro, carro). Quando há fixação em algum aspecto dessa síndrome, constata-se a psicopatia. Nesses casos, a solidão é evitada, a personalidade diluída através de identificações projetivas em grupos delinquentes cujas ansiedades são atuadas, constituindo respostas precipitadas e angustiadas frente a um mundo externo percebido como ameaçador e frustrante. Desse modo, a adolescência marca uma etapa dolorosa e confusa, de forte ambivalência, tanto para o jovem quanto para a família e a sociedade, que podem apresentar resistências a esse processo de crescimento. A presença do adolescente induz questionamentos ao mundo adulto, o qual é forçado a entrar em contato com os próprios ganhos e fracassos e a elaborar sentimentos de rivalidade, inveja e ciúmes. Os adolescentes, por seu turno, precisam de tempo para uma reconciliação com seu corpo, abandonando fantasias onipotentes e construindo uma identidade adulta.

Análises de cunho psicossociológico também enfatizam o espírito provocativo da adolescência, ressaltando, no entanto, as influências de ordem cultural. Para Artz, Scott e Anglin (1998), por exemplo, a ausência dos rituais de passagem para a maioridade na cultura contemporânea obriga os adolescentes a construírem rituais para si mesmos, encontrando na violência um recurso para a autoafirmação. Estas práticas de rituais *self made* são diferentes entre meninas e meninos: elas recorrem à via da sexualidade, enquanto eles apelam para a força e o poder. De um modo ou de outro, a ausência de um lastro cultural leva os rituais *self made* a se constituírem como uma sucessão de experiências de êxtase, que não garantem efetivamente uma inscrição social de reconhecimento da maioridade. Por isso, os autores acreditam que a cultura contemporânea não deseja, efetivamente, o desenvolvimento de pessoas adultas.

Reflexões semelhantes são trazidas por Calligaris (2000), ao discutir a adolescência como uma invenção cultural, um prisma idealizado pelo qual os adultos olham a juventude e esta é obrigada a se contemplar. Enfatizando que os adolescentes interpretam o desejo inconsciente dos pais, o autor discute o comportamento antissocial na adolescência como uma expressão da realização desse desejo: no fundo, os adultos sonham com a felicidade sem fim, o prazer sem limites, o gozo permanente. Dessa forma, a obediência dos adolescentes na atualidade só pode expressar-se na

desobediência, na insubordinação à lei, porque desobedecer é atender ao desejo inconsciente de seus pais.

Jeammet e Corcos (2005), no entanto, argumentam que a adolescência não constitui mera invenção cultural e demonstram o quanto os chamados ritos de passagem, na realidade, são soluções sociais encontradas para submeter radicalmente o jovem à coesão do grupo, garantindo controle e organização sobre a violência pulsional desta fase. Também criticam a noção de crise costumeiramente associada ao período da adolescência, para lembrar que há uma confluência de fatores de risco nesta etapa da vida e que o aparecimento de sintomas perturbadores revelam dificuldades psíquicas reais, de prognóstico incerto, merecendo cuidados. Compreendem que a adolescência atualmente encontra-se bastante exposta à intimidade da vida dos pais, verificando-se uma situação de osmose emocional entre as gerações, facilitadora de uma dependência narcísica mútua. Nesse sentido, existe uma dificuldade ainda maior para o processo de separação/individuação, que obriga o adolescente a acionar defesas maciças. Ressaltam que o grande paradoxo a ser enfrentado pelo adolescente concentra-se em sua luta por autonomia, uma vez que para se tornar autônomo, é preciso aceitar/introjetar a força atribuída ao mundo adulto, da qual se é dependente, embora esta dependência seja experimentada como ameaça à identidade. Dependendo ainda do histórico de continência e troca com o meio, o indivíduo pode vivenciar a adolescência com medo atroz de ser invadido pelo mundo externo e perder o controle, acionando defesas maciças. A abolição das interdições e repressões sociais no contexto neoliberal favoreceu a emergência de patologias-limite, ao lado da adolescência considerada normal, havendo, portanto, dois universos juvenis: aquele representado pelos jovens que contam com recursos internos suficientes para o gerenciamento dos conflitos deste período e aquele composto pelos adolescentes cujas dificuldades são expressas pela via do comportamento, com perturbações ao meio que o envolve. Para estes, é possível que o liberalismo característico do mundo adulto contemporâneo seja vivido como uma experiência de abandono.

Em uma leitura psicodinâmica, Emmanuelli (2005) destaca que a passagem pela etapa da adolescência reflete a qualidade do trabalho psíquico desenvolvido na latência, dependendo, portanto, das bases narcísicas e das modalidades de relação de objeto. Como a efervescência pulsional mobiliza a retomada de conflitos anteriores, relacionados à vivência edípica, a autora revisa a concepção dos chamados “lutos” da adolescência para referir-se às problemáticas da separação, apresentando como tarefas psíquicas fundamentais desta etapa: a) a constituição da identidade sexual; b) a

apropriação do exercício da sexualidade em uma cultura que já não impõe interdições dessa ordem às ligações amorosas; c) a questão do narcisismo refletida inclusive no isolamento, tendo em vista que a passagem pela adolescência implica uma retração narcísica necessária para apaziguar a excitação, trazer sentimento de coesão de si mesmo frente ao ressurgimento da angústia de castração e do tumulto das pulsões; d) a separação efetiva dos pais da realidade e da infância, tão difícil em função da ambivalência provocada pelo processo, o que demanda uma posição firme dos pais, em face dos ataques dos quais são objeto. Nessa perspectiva, a autora enfatiza a importância de uma história de estabilidade nas relações entre a família e a criança para a sustentação positiva desse processo de separação, permitindo a emergência de um adulto separado de seus primeiros objetos de amor, porém reconciliado e capaz de sentir preocupação.

Em artigo mais recente (Emmanuelli, 2011), a autora reflete sobre a possibilidade de uma resolução dos conflitos intrapsíquicos relacionados à elaboração da perda do objeto ainda na adolescência. Apoiando-se em recortes da literatura sobre esta fase e em seu próprio trabalho clínico de realização de psicodiagnóstico com adolescentes, constata que não é comum encerrar-se, no final da adolescência, todo o trabalho de luto a que esta etapa dá início, qual seja: o desligamento psíquico dos primeiros objetos edípicos e o desinvestimento de uma imagem de si carregada de ideais de infância. Pelo contrário, há uma temporalidade bastante variável para este trabalho psíquico, que em alguns sujeitos pode levar toda uma vida. Menciona que os distúrbios de comportamento e a repressão dos afetos constituem formas de evitar a dor causada pela problemática da separação, manifestada pelos jovens cujas bases narcísicas são mais frágeis.

A travessia da adolescência, portanto, configura um embate intrapsíquico que afeta as relações com o meio, confrontando o universo adulto e demandando uma cultura que suporte a passagem para a maioridade. Há, porém, adolescentes mais frágeis, os quais vivenciam essa etapa de reativação pulsional com mais angústia e, por isso mesmo, com mais turbulência, que pode ser expressa em comportamentos hetero ou autodestrutivos (Jeammet & Corcos, 2005).

1.4 A delinquência como expressão de falhas vividas no desenvolvimento emocional

Em “Tendências criminosas em crianças normais”, Klein (1927/1996) apresenta as bases psicodinâmicas envolvidas no comportamento delinquente, esclarecendo que a diferença entre a criança “normal” daquela mais pré-disposta a uma personalidade antissocial deve-se à intensidade das fixações sádicas, ao desenvolvimento do superego, à capacidade de suportar a ansiedade e de tolerar o sentimento de culpa, bem como à relação destes fatores interligados na história de vida da criança. Destaca que o elemento norteador da delinquência não é a falta de superego, mas a menor evolução dessa instância psíquica, fixada em estágio precoce do desenvolvimento. Caracterizando-se pelo sadismo, o superego mais primitivo promove ansiedade e culpa difíceis de suportar, o que induz à busca da transgressão, como forma de minimizar esses sentimentos através das retaliações do ambiente. Partindo da analogia entre alguns atos criminosos e as fantasias infantis observadas em sua prática clínica, Klein (ibid) aponta a delinquência como um caminho de obtenção de alívio mental para uma culpa e ansiedades intoleráveis para um ego imaturo, caracterizando um **círculo vicioso** onde a necessidade de castigo instiga os atos de destrutividade.

Considerando a agressividade como uma tendência inata, relacionada à pulsão de morte, Klein (1933/1996), descreve a conexão causal entre os medos da criança e suas tendências agressivas, evidenciando a luta egoica contra as forças mortíferas atuantes no psiquismo. A constituição de um superego violento e sádico em seu estágio mais primitivo deve-se justamente ao deslocamento de uma grande quantidade de impulsos agressivos para essa instância, como forma de proteção intrapsíquica. A ansiedade despertada por essa sobrecarga de agressividade, todavia, é percebida como temor de um objeto externo, uma vez que a criança emprega o mecanismo de projeção de seus impulsos sádicos. Daí o círculo vicioso identificado no comportamento antissocial, mobilizado pela ansiedade que impele a destruir os objetos, aumentando os temores e incitando novos ataques. À medida que o superego modifica seu caráter sádico, suavizam-se seus efeitos sobre o ego e a intensidade dos mecanismos de defesa empregados, gerando menos ansiedade e abrindo um caminho para a constituição de uma atitude moral, através de tendências de reparação mobilizadas pela culpa subjacente aos danos imaginários infligidos aos objetos.

As contribuições kleinianas sobre a compreensão dos comportamentos antissociais podem ser identificadas na obra de Winnicott, apesar das modificações importantes do ponto de vista teórico. Para Winnicott (1939/1987), a agressividade

constitui uma força que originalmente faz parte do apetite primário do bebê, ou seja, sua voracidade. Com o tempo, os elementos agressivos do apetite passam a ser isolados pela criança e mobilizados quando ela sente a necessidade de combater a realidade externa sentida como má. Ela poderá usufruir dos impulsos agressivos e convertê-los em ações criativas/construtivas no plano da realidade externa, dependendo do estado do seu mundo interior. A presença de esperança no mundo interno possibilita as atitudes reparatórias, enquanto a destrutividade sentida como excessiva e intolerável instiga a necessidade de colocá-la para fora, para que seu controle seja exercido pelo ambiente. Neste mesmo trabalho, o autor (ibid) adverte contra ambientes sentimentalistas, afirmando que eles estão imbuídos de uma negação da destrutividade subjacente a qualquer tipo de produção, levando a criança a expressar diretamente sua agressividade, ao invés de fazê-lo indiretamente, mostrando desejo de construir.

No clássico artigo sobre o desenvolvimento emocional primitivo, Winnicott (1945/1993) indica a existência de três processos inerentes à constituição das bases da saúde mental: integração, personalização e realização. O autor afirma que a integração começa logo no início da vida, quando os primeiros cuidados propiciam ao bebê uma reunião de experiências, tanto próprias (seus estados de sono e de vigília, por exemplo), quanto externas a ele (rosto, sons e cheiros associados à figura materna). A personalização consiste no desenvolvimento do sentimento de que se está dentro do próprio corpo. Ela surge a partir da constância de cuidados, que possibilita repetidas e tranquilas experiências de atendimento às necessidades corporais do bebê, apaziguando a experiência pulsional (estados de excitação). A realização diz respeito ao estabelecimento de uma relação primária com a realidade externa, baseada inicialmente no fenômeno da ilusão. Trata-se da experiência vivida juntamente com a mãe, quando esta se apresenta para atender às necessidades do bebê justamente no momento em que ele alucina/cria o objeto de sua satisfação. Ainda neste artigo, o autor (ibid) apresenta o conceito de crueldade primitiva, postulando que o início do desenvolvimento caracteriza-se por uma relação de objeto cruel, evidenciada no jogo da criança normal com a mãe. Sem a possibilidade de brincar cruelmente com a figura materna, afirma Winnicott (ibid), a criança precisa ocultar este aspecto do self, deixando-o vir à tona em estados de dissociação, que podem emergir em algumas formas de delinquência na infância.

Ao tratar dos aspectos psicológicos da delinquência juvenil (Winnicott, 1946/1987), o autor retoma a ideia de que os estágios iniciais do desenvolvimento estão repletos de conflitos e desintegração potencial. Relembra que a relação com a realidade

externa também não está consolidada e a criança ainda não aprendeu a tolerar as experiências pulsionais, particularmente os propósitos destrutivos do amor primitivo. Ela precisa de um ambiente amoroso, tolerante e forte para não sentir medo excessivo de seus próprios pensamentos e imaginação. A delinquência plenamente desenvolvida, para o autor (ibid) reflete a necessidade aguda deste ambiente mais firme, observando-se justamente a demanda por uma figura paterna rigorosa e severa, que permita ao jovem recuperar seus impulsos primitivos de amor, seu sentimento de culpa e o desejo de corrigir-se.

Cabe lembrar que no início da vida este ambiente amoroso e continente é representado pela figura materna, cuja constância de cuidados possibilita a passagem gradual de uma realidade puramente subjetiva para uma realidade objetiva compartilhada. Winnicott (1951/1993) esclarece que neste percurso emerge o uso do objeto transicional, primeira possessão não-eu do bebê (um brinquedo, uma fralda, um cobertor, por exemplo). Este objeto não pode ser considerado interno, nem externo, razão pela qual precisa ser mantido sob o controle do bebê, sendo excitadamente amado ou mutilado, mudando suas características apenas pelo resultado das ações da criança. O objeto transicional só existe e tem valor para a criança se puder interiorizar um objeto interno suficientemente bom. Este, por sua vez, depende da qualidade do objeto externo, isto é, da maternagem propiciada nesta etapa do desenvolvimento. Fracassos na adaptação ativa às necessidades do bebê podem resultar na emergência de uma organização defensiva contra o que é vivido como invasão do ambiente (Winnicott, 1952/1993).

Ao formular o conceito de tendência antissocial, Winnicott (1956/1987) associa mais claramente a manifestação da agressividade infantil às vivências de ruptura no desenvolvimento inicial, postulando que os atos antissociais constituem um pedido, uma reivindicação ao ambiente para que se retorne ao ponto em que houve uma perda, a fim de dar curso ao desenvolvimento interrompido. Seja na mentira, no furto ou nos atos destrutivos, a manifestação da tendência antissocial tem início na família, podendo estender-se à escola, à comunidade e ao "país com suas leis" (Winnicott, 1956/1987, p. 132), numa busca incessante de um ambiente capaz de reconhecer aquilo que faltou e de suprir essa lacuna. A manifestação de comportamentos antissociais, porém, não ocorre o tempo inteiro, mas nos **períodos de esperança**, quando o meio transmite elementos de confiabilidade, embora nem sempre a criança consiga fazer uso do suprimento ambiental. Quando a tendência antissocial firma-se como defesa organizada,

sobrecarregada de ganhos secundários, tem-se o comportamento delinquente, de difícil manejo e contenção.

Quando o desenvolvimento emocional segue o curso esperado, tem-se um avanço importante em termos da relação com o outro, pela conquista da capacidade de envolvimento (Winnicott, 1963b/1987). A capacidade de se preocupar ou de se importar também depende do quanto os cuidados maternos propiciaram uma experiência de fusão ótima para o bebê, permitindo-lhe a vivência dos impulsos amorosos e agressivos em relação ao mesmo objeto, ao mesmo tempo. Neste artigo, Winnicott (ibid) postula a existência de duas mães que são sentidas pelo bebê, no dia-a-dia de cuidados para com ele: a mãe-objeto e mãe-ambiente. A mãe-objeto é aquela que detém o objeto parcial que satisfaz as necessidades urgentes, enquanto a mãe-ambiente refere-se àquela que afasta o imprevisível e cuida ativamente da criança, dando-lhe conforto em um sentido mais abrangente. Por isso, é a mãe-ambiente quem recebe a afeição da criança, enquanto a mãe-objeto torna-se alvo da experiência de excitação, onde o objeto é usado implacavelmente, sem levar em conta as consequências. A capacidade de envolvimento depende sumamente da integração dessas duas figuras na mente da criança, numa nova experiência de fusão. Para que isso aconteça, a mãe deve permanecer acessível física e psiquicamente, ou seja, sem estar preocupada com outra coisa ao mesmo tempo em que cuida do bebê. A mãe-objeto deve sobreviver ao que Winnicott denomina de "episódios guiados pelo instinto" (1963b, p. 108), que adquiriram a força das fantasias de sadismo oral. A mãe-ambiente, por seu turno, deve continuar empática às necessidades do bebê e, principalmente, aberta e presente para ser agradada, oferecendo o que o autor chama de "oportunidade de dar e de fazer reparação" (1963b, p.109). Para ele, a criança sente angústia pelo temor de consumir a mãe por inteiro, e mesmo de apossar-se dos seus conteúdos. Entretanto, à medida que sente poder contribuir com algo à mãe-ambiente, reduz-se sua ansiedade. Confiando cada vez mais na sua capacidade de dar à mãe-ambiente, a criança consegue dominar sua ansiedade, emergindo daí o sentimento de culpa reparatório. Por isso, quanto mais confiável for a mãe-ambiente em termos de disponibilidade, mais audaciosa pode ser a vivência pulsional do bebê, dadas as oportunidades para a reparação. Com o estabelecimento crescente da confiança no **ciclo benigno de ansiedade-capacidade de dar-oportunidade de reparação**, o senso de culpa se firma como capacidade de envolvimento. A criança torna-se capaz, então, de assumir a responsabilidade por seus próprios impulsos.

Todo este processo é gradual e depende sobremaneira da capacidade materna de identificação com seu bebê, denominada por Winnicott (1963c/1990) de preocupação

materna primária. Ao encontrar-se em um estado de dependência e vulnerabilidade, a mãe se apresenta mais sensível para reconhecer o que a criança está sentindo e atender suas necessidades.

A ausência de um sentimento de culpa (Winnicott, 1966/1987) envolve medo e inibição. Decorre da inconfiabilidade da figura materna, que torna vão o esforço construtivo, levando a criança a inibir-se em seus impulsos devido à intensidade do sentimento de culpa. É esta exigência além de sua capacidade que provoca a reorganização defensiva da criança, despertando-lhe a necessidade de manifestar comportamentos antissociais. Para o autor (1968/1975), a psicopatia constitui justamente o produto final deste processo, quando o indivíduo, em momentos de esperança, busca fazer a sociedade reconhecer a perda de um objeto bom e amado ou de uma estrutura satisfatória.

Além de considerar a agressividade como parte do amor primitivo infantil, Winnicott (1969/1975) lembra sua importância para a aquisição da capacidade de usar o objeto, isto é, reconhecê-lo como fenômeno externo e usufruí-lo na experiência relacional. O autor esclarece que o ataque ao objeto implica dirigir a destrutividade para fora da área de controle onipotente do bebê. Trata-se de uma mudança para o princípio de realidade. Se o objeto sobrevive, pode contribuir para o indivíduo, agora imerso no mundo dos objetos. Percebe-se, mais uma vez, o quanto o autor enfatiza a confiabilidade a ser inspirada pela figura materna ao sobreviver aos ataques do objeto, mantendo-se disponível.

Compreendendo a importância de intervenções precoces com crianças consideradas agressivas a fim de prevenir o comportamento transgressor futuro, Souza (2001) vem desenvolvendo pesquisas nesta área há aproximadamente quinze anos. Os estudos têm comprovado os efeitos da privação emocional em meninos com queixa de agressividade no ambiente escolar (Souza, Soldatelli & Lopes, 1997; Sandri & Souza, 2005) e a repercussão das manifestações da tendência antissocial para o entorno (Souza & Castro, 2005).

Atualmente, a delinquência juvenil vem sendo estudada no conjunto das chamadas patologias do agir, que incluem a passagem ao ato. Com um enfoque de inspiração winnicottiana, dado o olhar sobre a influência das primeiras relações objetais, Jeammet e Corcos (2005) assinalam que a violência das fixações infantis e das construções fantasmáticas retomadas na adolescência dependem não apenas da intensidade (excessiva ou insuficiente) das estimulações ou traumatismos vividos pelo indivíduo, mas da sua força egoica. Nessa perspectiva, enfatizam a qualidade das bases

narcísicas, formadas a partir das primeiras trocas entre a criança e o ambiente. Nesta fase, é preciso que ocorra uma diferenciação lenta e gradual entre sujeito e objeto, garantindo o desenvolvimento de um sentimento de continuidade e segurança interna. Para eles (ibid), os problemas na travessia da adolescência acontecem justamente quando se precisa dominar impositivamente a realidade externa para contrainvestir uma realidade interna que não oferece segurança. Por isso, entendem que a passagem ao ato na adolescência visa restaurar os limites de uma identidade ameaçada pelo próprio desejo e pelas relações objetais internas, ambos experimentados como provenientes do exterior. A realidade também tem seu peso e traz o medo da submissão, que pode conduzir a atitudes de total recusa. Por isso, na busca de autonomia, defesas psíquicas muito primitivas são acionadas por essa parcela de jovens, impedindo uma troca viva com o ambiente, capaz de nutrir, efetivamente, o mundo interno. Pode-se observar também a emergência de um comportamento opositor ou de uma fascinação pelo negativo, que resulta em autodestrutividade.

Marcelli e Braconnier (2007) esclarecem que o agir constitui um importante modo de expressão de conflitos e angústias do adolescente. Contudo, a passagem ao ato implica uma ação quase sempre agressiva, com caráter impulsivo e delituoso, cuja repetição sugere uma conduta patológica. Clinicamente, podem ser encontrados diferentes modos de passagem ao ato – do furto à dependência química – que podem assumir os seguintes sentidos: a) estratégia interativa; b) mecanismo de defesa e c) entrave da conduta mentalizada. O agir como estratégia interativa representa um meio indireto de adquirir, disfarçar ou revelar uma informação a outra pessoa, seja para constrangê-la ou atrair sua atenção. Na interação com outros adolescentes, pode representar uma tentativa de pertencer ao grupo. O agir como mecanismo de defesa pode expressar a necessidade de recuperar um papel ativo que contrabalance a passividade frente às mudanças decorrentes da adolescência. Quando se caracteriza como entrave à conduta mentalizada, o agir evita o sentir, representando uma conduta de fuga. Do ponto de vista dos autores (ibid), a passagem ao ato consiste em uma das consequências da não integração das pulsões libidinais e agressivas, que evita o sofrimento trazido pela ambivalência, mas inibe o psiquismo. Lembram que os adolescentes mais predispostos à passagem ao ato são aqueles que possuem frágil sentido de realidade. E destacam como fatores de proteção contra a passagem ao ato na adolescência: a tolerância à frustração, a capacidade de adiar, a capacidade de deslocamento (sublimação) e o espaço do jogo, este último ameaçado pela invasão

pulsional e a consequente utilização de defesas que podem substituir o ato lúdico por atos sintomáticos (evitação, racionalização, conformismo).

A partir destas referências, percebe-se que há um significativo trabalho psicológico a ser desenvolvido com os adolescentes que infracionam, no sentido de favorecer uma restauração do mundo interno e uma ampliação da capacidade de troca com a realidade externa. Entende-se que a compreensão do fenômeno da assiduidade dos adolescentes que estão cumprindo medida socioeducativa em meio aberto pode contribuir para a revisão dos modos de atendimento hoje adotados, fortalecendo as possibilidades de atuação do psicólogo nesta área.

1.5 Pesquisas com o método de Rorschach sobre delinquência juvenil

A utilização do Rorschach em pesquisas sobre a delinquência juvenil é bastante antiga, verificando-se estudos realizados pelo menos desde a década de 50. Na análise dos trabalhos encontrados percebe-se a busca pela demonstração da efetividade de alguns fatores do Teste como preditores do comportamento impulsivo. Nesse sentido, observa-se inicialmente o investimento em pesquisas sobre o determinante Cor - tendo em vista a compreensão de que as respostas C e CF refletem a imaturidade emocional do indivíduo - bem como sobre os conteúdos apresentados pelos sujeitos.

Harrington (1954), cujo estudo pertence à linha de investigação sobre a resposta Cor, conduziu uma pesquisa com 40 jovens delinquentes de 13 a 18 anos, divididos em dois grupos: 20 sujeitos que forneceram maior número de respostas FC e 20 sujeitos que forneceram maior número de respostas C e CF. Considerando a relação existente entre maturidade emocional e tolerância à frustração, o autor propôs duas breves tarefas aos participantes, utilizando testes específicos e exigindo-lhes bom desempenho em tempo mínimo. O primeiro teste consistia em relacionar números e figuras o mais rapidamente possível, sendo que o sujeito ouvia do examinador a palavra “errado” a cada engano cometido. O segundo consistia em delinear uma estrela de seis pontas a partir de uma imagem espelhada, com todo um aparato para verificação do tempo total e do número de erros cometidos pelo sujeito. Observou-se que o grupo com maior número de respostas FC obteve melhor desempenho em uma das tarefas propostas, apesar das interferências realizadas. A outra tarefa, no entanto, não apresentou diferenças significativas de desempenho entre os grupos, evidenciando que a fala frustrante do pesquisador teve diferentes efeitos sobre os dois grupos.

Roberts e Erikson (1969) investigaram o controle do impulso em 47 adolescentes infratores que cumpriam internação, com 16 anos de idade, em média, sendo 29 considerados bem comportados e 18, mal comportados, de acordo com a imagem que possuíam na instituição em que estavam inseridos. Os autores utilizaram o teste de Rorschach e uma escala de processos de pensamento, realizando uma análise intercorrelacional entre os dois instrumentos, de onde selecionaram dois conjuntos de quatro escalas associados à impulsividade (catatônico, maníaco, distúrbio de caráter e processo de pensamento desorganizado) e ao controle (paranóico, depressivo, obsessivo-compulsivo e processo de pensamento acentuadamente arbitrário). Verificaram que o escore médio na escala de controle mostrou-se mais elevado entre os adolescentes de bom comportamento, com resultado estatisticamente significativo para

o fator pensamento acentuadamente arbitrário. Nas escalas associadas à impulsividade, o grupo de adolescentes considerados mal comportados apresentou média significativamente mais alta em relação ao aspecto maníaco.

Ostrov, Offer, Marohn e Rosenwein (1972) mencionam que os pioneiros no uso do Rorschach, como Boss e Zulliger, já se dedicavam a pesquisas com jovens delinquentes, tendo encontrado evidências de excessivo número de respostas com determinantes C e CF neste grupo. Os autores realizam extensa revisão bibliográfica sobre o tema, encontrando dois tipos de pesquisa: aquelas que comparam grupos de jovens delinquentes e não delinquentes e aquelas que comparam aspectos do comportamento delinquente, mensurando sua extensão em um único grupo. Um dado importante do artigo refere-se aos resultados contraditórios de várias investigações envolvendo grupos de delinquentes e não delinquentes, onde o determinante Cor ora aparece como fator preponderante nos protocolos de jovens infratores, ora não. No segundo grupo de pesquisas, os resultados são mais consistentes, constatando-se evidências de que a menor reatividade à Cor e a predominância de respostas Cor com forma prioritária estão relacionadas à menor impulsividade. Os autores construíram, então, um índice para mensuração do controle do impulso no Rorschach, composto pelo percentual de respostas Cor, Proporção Afetiva (produtividade nas pranchas coloridas) e a diferença entre o tempo médio de latência para as pranchas coloridas e não coloridas. O índice foi comparado aos resultados obtidos por meio de outros instrumentos (inventários de autopercepção da delinquência e de autoimagem). O estudo foi realizado com um grupo de 25 meninos e meninas com idade média de 15 anos e meio, internados em entidade especializada no tratamento da delinquência. Especificamente em relação ao fator Cor, o estudo encontrou evidências de uma correlação positiva com a menor capacidade de controle dos impulsos, referida pelos adolescentes nos questionários.

Nos anos 90, os estudos passam a avaliar a frequência e a qualidade dos conteúdos das respostas, pressupondo que o sujeito delinquente apresenta maior agressividade. As contribuições de Gacono e colaboradores no estudo da personalidade antissocial utilizando o Teste de Rorschach (Gacono, 1990; Gacono & Meloy, 1992; Gacono, Meloy, & Berg, 1992) parecem ter contribuído para o surgimento de uma intensa discussão, tendo em vista os diversos achados apontando maior frequência de conteúdos agressivos entre sujeitos menos agressivos do que entre os criminosos. Pesquisas começam a ser realizadas para tentar esclarecer estes resultados, inclusive com adolescentes.

Jiménez e De Diego (1991), embora não citem os trabalhos de Gacono, realizam um estudo focado nos conteúdos das respostas. Comparam a incidência de quatro tipos de resposta (conteúdo agressivo manifesto, mutilação, sangue e sexo) entre 105 jovens delinquentes e 111 jovens inscritos no serviço militar, utilizando não só as pranchas do Rorschach, mas também três novas lâminas projetivas criadas por Jose Rodrigues Isidoro (Prof.Dr. da Faculdade de Psicologia da Universidade de Salamanca), apresentadas ao final do artigo em questão. Nas pranchas do Rorschach, só observaram diferença estatisticamente significativa de respostas mutilação, mais fornecidas pelos soldados na Pr. III. Os conteúdos agressivo manifesto e sangue foram mais apresentados pelos jovens infratores somente nas lâminas projetivas criadas pelo Professor Rodrigues Isidoro, não sendo observadas diferenças significativas quanto às respostas sexo.

Em extensa revisão bibliográfica sobre a expressão agressiva nos conteúdos de Rorschach, Frank (1994) dedicou-se a focalizar resultados contraditórios de trabalhos publicados entre 1949 e 1990. Verificou que estas contradições ocorriam mesmo na comparação com amostras semelhantes de sujeitos, tais como crianças com dificuldades escolares, jovens infratores, pacientes psiquiátricos e criminosos comuns ou de guerra. Para ele, a consistência da contradição sugere que tais grupos não são tão semelhantes ou que as categorizações baseadas em comportamentos e sintomas não consideram as razões possíveis para a manifestação da agressividade. No entanto, uma convergência significativa dos achados refere-se à qualidade formal. Em geral, os participantes agressivos apresentam F+% < 70% e uma proporção de C e CF > FC. O autor conclui que o controle perceptual (F+%) está relacionado à capacidade de autocontrole dos sujeitos mais do que a quantidade ou a qualidade dos conteúdos agressivos.

Os conteúdos continuam sendo estudados no Rorschach como indicadores do comportamento antissocial. Liebman, Porcerelli e Abell (2005) buscaram verificar a validade e fidedignidade de sete fatores (movimento agressivo, processo agressivo primário, processo agressivo secundário, agressividade potencial, conteúdo agressivo manifesto, agressão passada e sadomasoquismo) em uma amostra de 105 adolescentes com queixas de comportamento (a maioria diagnosticada com transtorno de conduta) e idades entre 14 e 17 anos. A comparação dos referidos fatores foi realizada com parâmetros de outros dois testes não utilizados no Brasil: a medida de “agressividade potencial” do Inventário Jesness (instrumento composto de 155 itens do tipo falso-verdadeiro) e a variável “agressividade/violência real” do teste VRS-R (Violence Rating Scale–Revised, utilizado em estudos com adolescentes institucionalizados na Califórnia, contendo sete categorias de violência). Nos protocolos, os fatores conteúdo agressivo

manifesto e processo agressivo secundário foram os mais frequentes. Duas variáveis do Rorschach apresentaram correlação significativa com a medida de agressividade potencial do Inventário Jesness (movimento agressivo e conteúdo agressivo manifesto). Quanto à comparação com o segundo instrumento, apenas o fator conteúdo agressivo manifesto revelou correlação significativa com as categorias "tendências agressivas nas relações interpessoais" e "comportamento violento" no Teste VRS-R. A produtividade média dos adolescentes correspondeu a 16 respostas, número inferior ao encontrado em outros estudos com jovens que apresentavam transtornos de conduta. Os resultados respaldam a utilização do fator conteúdo manifesto agressivo no estudo com adolescentes infratores.

A dissertação de mestrado de Corn (2007) dedicou-se à análise dos fatores AG, MOR, A1, A2 e AgC (agressão/movimento agressivo, conteúdo mórbido, processo agressivo primário, processo agressivo secundário e conteúdo agressivo manifesto, respectivamente) em um grupo de 26 adolescentes entre 12 e 17 anos. A autora compara quantitativa e qualitativamente as respostas fornecidas pelos adolescentes que cometeram crimes não violentos (furto, tráfico) e aqueles que cometeram crimes considerados violentos (roubo, violência doméstica, abuso, homicídio, latrocínio e outros). Em termos quantitativos, são encontradas diferenças estatisticamente significativas apenas em relação aos conteúdos A2. Ambos os grupos apresentam baixo número de respostas Cor. Corn (ibid) surpreende-se, porém, com a frequência maior de respostas AG, A1 e AgC encontrada entre os jovens que cometeram crimes não violentos, resolvendo então verificar estes conteúdos qualitativamente. Nesta análise qualitativa, percebe uma dimensão muito mais destrutiva nas respostas fornecidas pelos jovens que cometeram crimes considerados violentos (pr. III: "um sorriso do mal", pr. VII: "duas garotas com facas em suas cabeças", pr. X: "um alienígena. Uma bazuca acabou de atirar nele") . A autora conclui que os dois grupos utilizam a agressividade como mecanismo básico de resolução de problemas, evitando sentimentos dolorosos, os quais são convertidos em comportamento. No entanto, os indivíduos que cometeram crimes mais violentos, apresentam modos diferenciados de expressar sentimentos e reagir ao ambiente.

Pesquisas brasileiras recentes sobre a utilização do Rorschach com adolescentes que cometeram infrações têm se voltado à compreensão da psicodinâmica dos sujeitos que cumprem medidas socioeducativas. Focados na produção dos sujeitos como um todo, estes estudos vêm tentando identificar a existência de perfis de adolescentes

envolvidos em diferentes delitos, buscando compreender seu funcionamento psíquico e verificar a necessidade de estratégias específicas de intervenção.

Neste sentido, investigação realizada por Amparo e Wolf (2012) com adolescentes institucionalizados na cidade de Brasília encontrou protocolos marcados pela fragilidade narcísica e precários recursos simbólicos. Também constatou a presença de outros protocolos contendo projeções agressivas. O trabalho aponta a necessidade de incluir a dimensão da psicologia clínica no atendimento socioeducativos dos adolescentes infratores.

Souza e Rezende (2012) utilizaram o Rorschach em jovens que cometeram homicídio, avaliando meninas e meninos institucionalizados, com idades de 15 a 18 anos. Os protocolos revelaram características que propiciaram a divisão dos adolescentes em quatro subgrupos: a) aqueles com indicadores narcísico-patológicos; b) aqueles com tendência a estabelecer relacionamentos conflituosos, dada a falta de habilidades sociais; c) aqueles com baixa capacidade de lidar com as demandas da vida diária, sobretudo situações emocionalmente complexas e d) aqueles com juízo crítico e coerência rebaixados. O estudo propõe que o delineamento de abordagens terapêuticas apropriadas aos tipos de dificuldade demonstrados por estes jovens.

Esta breve revisão bibliográfica a respeito do uso do Rorschach em estudos com adolescentes infratores mostra que, durante muito tempo, o esforço científico voltou-se muito mais à exploração da sensibilidade do instrumento projetivo frente a aspectos relacionados à delinquência do que à compreensão da dinâmica subjetiva do adolescente envolvido em ato infracional. Este enfoque, mais recente na literatura, reflete a preocupação com os desdobramentos do psicodiagnóstico, no sentido de fornecer subsídios para intervenções. Este também é o foco do presente trabalho, cujos objetivos são apresentados a seguir.

2 OBJETIVOS

Este trabalho tem por objetivo caracterizar o funcionamento psíquico de adolescentes em conflito com a lei que cumprem medida socioeducativa em meio aberto (prestação de serviços à comunidade – PSC e/ou liberdade assistida - LA), visando analisar o fenômeno da assiduidade. Mais especificamente, a pesquisa busca

a) Investigar se existem diferenças de funcionamento psíquico entre adolescentes que apresentam maior e menor assiduidade no cumprimento da medida socioeducativa;
b) Levantar indicadores que possam auxiliar na identificação dos adolescentes que necessitam de maior continência para efetivar o cumprimento da medida socioeducativa.

Trata-se de um estudo que pretende contribuir para o acompanhamento das medidas socioeducativas em meio aberto, trazendo subsídios para a identificação de casos que demandam intervenção e/ou atenção diferenciadas. Além disso, pelo fato de tentar clarificar nuances dos aspectos subjetivos de adolescentes que cometeram ato infracional, esta pesquisa também se propõe a demonstrar a importância da abordagem clínica na compreensão e no acompanhamento desses jovens.

3 MÉTODO

3.1 Participantes

O estudo envolveu a participação de 36 adolescentes do sexo masculino, com idades entre 13 e 19 anos, que estavam cumprindo medida socioeducativa em meio aberto (prestação de serviço à comunidade e/ou liberdade assistida), pelo fato de terem cometido algum ato infracional. O recorte de gênero baseou-se na prevalência do sexo masculino no universo infracional (Ilanud, 2007), bem como à necessidade de evitar possíveis efeitos decorrentes desta variável nos resultados.

Estes jovens foram indicados pela equipe técnica responsável pelo acompanhamento da medida socioeducativa ou diretamente convidados pela pesquisadora. As indicações e os convites foram realizados conforme o comparecimento dos adolescentes, pois os agendamentos prévios nem sempre eram cumpridos pelos sujeitos.

A classificação de acordo com a assiduidade ocorreu *a posteriori*, após informação a respeito da frequência dada pelos técnicos e confirmação a partir da leitura dos autos, onde constavam os relatórios sobre a evolução e encerramento da medida socioeducativa. Como alguns autos já se encontravam indisponíveis por ocasião da finalização desta pesquisa, arquivados em outro município (onde se localiza o arquivo geral do Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo), foi necessária a redução do número de participantes para 30 sujeitos, distribuídos em três grupos de acordo com a frequência: com assiduidade regular, com assiduidade irregular e sem assiduidade.

Foram integrados ao grupo com assiduidade regular aqueles jovens que apresentavam faltas ocasionais, mas que se mantinham sempre em contato com a equipe técnica e/ou justificavam suas ausências. Os adolescentes inseridos no grupo com assiduidade irregular possuíam faltas que chamavam a atenção da equipe. Alguns se encontravam na iminência de uma notificação por descumprimento da medida socioeducativa, outros tinham sua adesão sustentada pelos técnicos e outros, ainda, cumpriam a medida em um ritmo próprio, apresentando, ora sim, ora não, justificativas para as ausências. Já o terceiro grupo, caracterizado como sem assiduidade, incluiu adolescentes com faltas reiteradas, cujos nomes foram notificados ao Poder Judiciário e/ou que acabaram reincidindo antes desta notificação, tendo sido apreendidos em flagrante de novo ato infracional.

3.2 Local

A pesquisa foi desenvolvida em um município da Grande São Paulo, junto à Vara de Infância e Juventude da respectiva Comarca e ao Centro de Referência Especial em Assistência Social (CREAS), equipamento responsável pelo acompanhamento das medidas socioeducativas em meio aberto (liberdade assistida e prestação de serviço à comunidade) no referido município.

3.3 Instrumentos

Para a realização da pesquisa, recorreu-se aos seguintes instrumentos:

a) Entrevistas semi-dirigidas com os adolescentes (apêndice 1);
b) Aplicação individual do Método de Rorschach, com base no sistema francês da Escola de Paris. A escolha desta técnica projetiva fundamentou-se no amplo reconhecimento de sua sensibilidade, validade e fidedignidade, especialmente para utilização no âmbito jurídico (Rovinsky, 2012);
c) Autos infracionais dos sujeitos, mantidos na Vara de Infância e Juventude do município, para levantamento preciso de informações a respeito do ato infracional, estabelecimento da medida socioeducativa (modalidade, período) e cumprimento pelo adolescente.

3.4 Procedimentos

Registraram-se duas tentativas iniciais para a concretização da coleta de dados que não lograram êxito, exigindo reavaliação e mudanças na estratégia de abordagem dos adolescentes. Primeiramente, foram selecionados oito jovens, os quais foram convidados a participar como sujeitos da pesquisa por meio de carta-convite, que explicitava o caráter não obrigatório do estudo. Previa-se a realização da entrevista nas dependências da Vara de Infância, mas somente um adolescente atendeu ao convite, aparentemente assustado com a convocação. Este mesmo jovem não compareceu para a aplicação do Método de Rorschach.

Esta abordagem foi revista, ponderando-se acerca da possibilidade de os adolescentes não se sentirem motivados a comparecerem ao Fórum sem uma demanda do próprio Judiciário. Também foi considerado o fato de eles comparecerem

exclusivamente pelo receio de alguma punição, interpretando a carta-convite de forma equivocada.

Como a pesquisadora conhecia a equipe do CREAS, equipamento responsável pela execução das medidas socioeducativas em meio aberto no município, optou-se por uma segunda forma de abordagem dos adolescentes, solicitando-se autorização para realizar as entrevistas naquele local. Por sugestão daquela equipe, a pesquisadora apresentou-se a dois grupos de jovens em conflito com a lei, ocasião em que realizou o convite para a pesquisa, após esclarecimentos a respeito do tema e dos objetivos. Novas dificuldades foram encontradas para a coleta de dados, pois os grupos tinham duração prevista de duas horas e os jovens não tinham disponibilidade maior de tempo para participarem do estudo. Os técnicos do CREAS sugeriram a realização de entrevista no horário do grupo, mas constituía uma premissa ética da pesquisa não interferir no trabalho de orientação e acompanhamento dos jovens.

Constatando-se, no entanto, que o espaço do CREAS era mais apropriado para o estabelecimento de *rapport* com os adolescentes, adotou-se uma forma de aproximação mais informal, envolvendo convites verbais àqueles que compareciam para atendimento individual. Assim, os adolescentes optavam pela participação ou não na pesquisa em função do interesse e disponibilidade de tempo. Algumas vezes os técnicos informavam a respeito do estudo durante o atendimento dos jovens, que eram então encaminhados para a pesquisadora e efetivamente convidados a participarem da pesquisa. Outras vezes, o convite era realizado pela pesquisadora antes do atendimento técnico, enquanto os adolescentes aguardavam o chamado dos profissionais da equipe responsável, ocupados com o acompanhamento de outro jovem. Este procedimento acabou assegurando uma coleta de dados às cegas, uma vez que não era possível saber quais adolescentes compareceriam nas datas utilizadas pela pesquisadora para realizar o estudo, nem ter conhecimento do seu nível de assiduidade até confirmação pela equipe e leitura dos autos. Cumpre esclarecer que a entrevista e a aplicação do Método de Rorschach com os sujeitos disponíveis foram realizados em um único encontro, a fim de evitar prejuízos à coleta de dados causados por faltas.

Ao longo desta fase da pesquisa foram convidados 40 sujeitos, registrando-se apenas quatro recusas. Duas negativas tiveram como justificativa a falta de tempo. Uma terceira recusa foi dada por um adolescente que já havia se disponibilizado como sujeito, mas insinuou uma barganha para esta pesquisadora, sugerindo a troca da assinatura do responsável no Termo de Consentimento Livre e Esclarecido pela suspensão da notificação de suas faltas ao Juiz. A recusa que mais chamou a atenção,

porém, foi dada por um adolescente que impôs assinar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido somente após a aplicação do teste de Rorschach, quando decidiria realmente se participaria da pesquisa ou não. O Termo, a entrevista, o teste, tudo lhe pareceu persecutório. Assim, finalizada a etapa de inquérito do Rorschach, este jovem optou pela não participação na pesquisa, levando consigo as anotações de suas respostas, pois desconfiara até mesmo do acordo prévio para rasgar tudo em sua frente caso decidisse pela não participação.

O planejamento da pesquisa incluía a realização de entrevista com os responsáveis, procedimento que foi abolido devido à constatação de que os adolescentes costumavam comparecer sozinhos ao CREAS. Havia reuniões mensais para orientação e atendimento dos pais, porém nem todos frequentavam este espaço. Para garantir a viabilidade da coleta de dados, as informações sobre a família dos sujeitos foram exploradas nas entrevistas com os adolescentes e complementadas pela consulta aos autos, realizada pela pesquisadora no cartório da Vara de Infância e Juventude do município.

3.5 Análise dos dados

Os dados obtidos nas entrevistas foram categorizados em seis grandes itens: a) qualidade do contato; b) caracterização dos sujeitos (idade, escolaridade); c) vida escolar; d) uso de drogas; e) história e dinâmica familiar; f) ato infracional e cumprimento da medida socioeducativa. Sua análise levou em consideração aspectos quantitativos e qualitativos, razão pela qual foi adotada uma abordagem descritiva destas informações.

O mesmo tratamento foi aplicado aos dados provenientes da consulta aos autos infracionais, que forneceram informações sobre o tipo de delito praticado, a medida socioeducativa determinada, o prazo estabelecido para o cumprimento, bem como os dados sobre o comportamento do adolescente ao longo da medida. Os autos apresentaram também informações sobre a vida escolar, uso de drogas, histórico de vida e contexto familiar dos adolescentes, as quais foram comparadas com aquelas obtidas na entrevista. Dados sobre as causas do ato infracional para a família e queixas anteriores de comportamento nem sempre estavam registrados nos autos, mas também foram incluídos nesta análise, quando disponíveis.

Quanto ao Método de Rorschach, todos os protocolos foram classificados e encaminhados para a revisão de dois juízes independentes, com experiência no uso

deste instrumento. A cotação das respostas utilizou a nomenclatura do sistema francês apresentado por Augras (1969), disponível no apêndice 3. A avaliação quantitativa baseou-se nos padrões normativos de Pasian (2000/2010) para a população adulta brasileira de média escolaridade (entre 3 e 8 anos de estudo), mais próxima da realidade dos sujeitos.

Cabe esclarecer que já existem estudos recentes de padronização normativa do Rorschach para adolescentes (Jardim-Marin, 2011; Paula-Jacquemin, 2011). Contudo, ao tempo da finalização do presente trabalho, não houve condições de revisar a cotação já realizada de todos os protocolos para adequação a estes valores normativos e ainda preservar o rigor do procedimento de verificação da classificação das respostas, com o reencaminhamento do material para juízes independentes. Ainda assim, cabe ressaltar que isto não invalida os achados aqui presentes, considerando que eles apontam tendências a serem confirmadas por novos estudos. Torna, porém, necessária uma revisão posterior, a fim de confirmar os resultados obtidos, assim como uma leitura atenta a esta perspectiva.

Em relação à avaliação qualitativa do Método de Rorschach, seguiu-se o modelo proposto por Rausch de Traubenberg (1970/1998), que contempla:

a) a análise dos modos de apreensão – inclui a apreensão global, seus determinantes e nível de elaboração; o recorte D e seus determinantes; as respostas localizadas em Dd, seus determinantes e conteúdos. A análise do modo de apreensão permite avaliar a qualidade dos processos de pensamento, isto é, sua maior ou menor flexibilidade no funcionamento psíquico, no sentido de uma abordagem intelectual capaz de explorar (ou não) as potencialidades criativas na articulação com a realidade externa.
b) a análise dos determinantes das respostas – possibilita o aprofundamento das observações levantadas na análise dos modos de apreensão, verificando a capacidade de inserção na realidade (determinantes formais – respostas F), o dinamismo interior e a expressão dos movimentos pulsionais, assim como os processos de identificação primária e secundária (determinantes cinestésicos), a expressão afetiva (respostas cromáticas, acromáticas, de tonalidade e de claro-escuro).
c) a análise dos conteúdos (animais, humanos e outros) – fornece uma visão mais acurada a respeito das capacidade de identificação e de socialização, assim como de elementos que permeiam a realidade interna.

d) a análise dos fenômenos especiais – considera a riqueza das verbalizações e atitudes do indivíduo durante a aplicação do Método de Rorschach, as quais escapam à classificação quantitativa das respostas.

Esta análise de vários fatores do Rorschach, embora bastante minuciosa e profícua para a compreensão psicodinâmica do indivíduo, não é específica para a avaliação de protocolos de adolescentes. Por isso, considerando as particularidades desta etapa do desenvolvimento, acrescentou-se a análise da reatividade pulsional na interpretação do conjunto de protocolos, com base na abordagem proposta por Emmanuelli e Azoulay (2008). Segundo estas autoras (ibid), a reatividade pulsional diz respeito à mobilização das pulsões agressivas e libidinais, despertada particularmente diante das pranchas vermelhas (II e III). A possibilidade de representar cinestesias relacionais nestas pranchas, em especial, indica a capacidade de manejo dos conflitos relativos à ambivalência de sentimentos, cuja intensidade caracteriza o período adolescente. O impacto desta excitação põe à prova a organização psíquica do adolescente, no sentido de revelar o trabalho psíquico destinado a assegurar a manutenção da inserção na realidade, assim como a ligação e a integração dos afetos. Permite avaliar os recursos defensivos, a possibilidade de investimento (ou não) dos processos de pensamento, tendo, assim, um valor preditivo em relação a uma evolução positiva da adolescência.

Deve-se esclarecer que a abordagem de Emmanuelli e Azolay (2008) inclui a análise de outros aspectos no Rorschach aplicado a adolescentes, intrinsecamente relacionados à reatividade pulsional, a saber:

a) problemática edipiana – relacionada à angústia de castração, que para as autoras (ibid) está inscrita na linha das angústias de perda vividas desde as primeiras experiências de ausência do objeto materno, quando este pode perder sua função integradora das pulsões e tornar-se fonte de excitações insuportáveis. A castração representa uma limitação à perda, pelo desinvestimento do objeto parcial superexcitável e a proteção do investimento do objeto total, fonte de amor e proteção. Por isso, ainda conforme as autoras (ibid), o desafio da resolução da angústia de castração vai além da evitação da solução neurótica, passando pela condição egoica de não submergir à excitação, dado o risco de fusão com o objeto primário. No Rorschach, a angústia de castração pode ser representada, evitada ou adquirir uma repercussão maciça. Quando passível de representação, traduz-se pelo

aumento de respostas elaboradas, cinestesias humanas e respostas simbólicas nas pranchas que as solicitam (II, III, favoráveis a associações ligadas à falta e ao manejo da agressividade; IV, VI e VII, propícias à identificação sexual)

b) problemática narcísica – trata do movimento de retração libidinal próprio da fase adolescente, verificando a capacidade do adolescente manter sua unidade psíquica e desligar-se da dependência do objeto sem que isto implique uma ruptura ou corte total. Os aspectos negativos do narcisismo são verificados na avaliação do grau de desinvestimento do mundo objetal, que pode levar a um empobrecimento do ego, dependendo da intensidade da luta contra a proximidade dos objetos. No Rorschach, vários fatores permitem revelar o quanto o indivído é capaz de se reconhecer como unidade separada do outro, com limites positivamente investidos, mas sem rigidez: respostas globais, particularmente G simples; determinantes formais (F% e F% ext); a eficiência do controle intelectual sobre o estímulo (F+%); conteúdos discriminados em localizações de contornos contínuos e íntegros, atentando-se para a diferenciação de respostas que expressam apenas uma interferência de reinos (gnomos, fadas, anões) ou representações corporais inacabadas, parciais; respostas pele, que traduzem o investimento do limite dentro-fora (vestido, casaco) e respostas classificadas conforme a cotação barreira/penetração. Já o investimento libidinal de si mesmo pode ser avaliado no estudo da prancha V, examinando-se a valorização da imagem projetada e o movimento expresso. Deve-se considerar ainda a utilização das defesas narcísicas e seus efeitos: congelamento dos movimentos pulsionais (ausência de cinestesias relacionais libidinais ou agressivas e ausência de integração da cor vermelha nas pranchas II e III); desdobramento (respostas de movimento humano com especularidade, congelamento da relação, respostas evocando a aparência ou ainda, insistência sobre o reflexo e representações especulares, tais como gêmeos) e recurso à idealização (avaliado conforme uma escala proposta de idealização e desvalorização).

c) a reativação da perda do objeto – envolve os sentimentos de perda inerentes ao trabalho de luto a ser elaborado pelo adolescente (perda do corpo de criança e consequente renúncia à bissexualidade, do ideal de onipotência parental, do sentimento de segurança infantil, de sonhos e promessas passadas, entre outras). Conforme as autoras (ibid), o Rorschach é um

material pouco adequado para a avaliação deste aspecto, sendo mais indicada a utilização do TAT.

A interpretação clínica destas dimensões exige que se leve em conta o protocolo como um todo, observando-se atentamente os deslocamentos realizados pelo indivíduo, em uma leitura mais singular do material produzido. Desse modo, não foi possível aprofundá-las na avaliação dos grupos de adolescentes, apesar de encontrarem-se esboçadas na interpretação dos dados, com exceção da reativação da perda do objeto, menos evidente no método de Rorschach.

É importante observar que a fundamentação da proposta de Emmanuelli e Azoulay (2008) apoia-se em um referencial winnicottiano, considerando a influência das primeiras relações objetais para a organização psíquica do indivíduo, colocada à prova na adolescência. Esta mesma linha teórica embasou a discussão dos resultados, pautada especialmente nas formulações de Winnicott (1956) sobre as raízes da tendência antissocial. Os achados decorrentes das entrevistas, dos autos e da utilização do método de Rorschach foram reunidos em uma síntese interpretativa, exemplificada com informações e protocolo de sujeitos pertencentes a cada um dos grupos.

4 RESULTADOS

4.1 A classificação dos grupos de acordo com a assiduidade

A concepção inicial do presente estudo partiu de uma premissa que se revelou, posteriormente, equivocada: a ideia de que existiam adolescentes que cumpriam medida socioeducativa em meio aberto podiam ser divididos entre os que acatavam e os que não acatavam a sentença judicial. Esta premissa adveio do conhecimento, no âmbito do Poder Judiciário, de advertências dadas aos jovens notificados por quebra de medida, os quais eram reencaminhados ao Centro de Referência Especializado de Assistência Social - CREAS, a fim de reassumirem o compromisso estabelecido judicialmente. Imaginava-se que estes jovens constituíam um grupo à parte, mais resistente, cujo comportamento antissocial incluía o enfrentamento à Lei.

Contudo, a realidade deste campo mostrou-se bem mais diversificada e complexa. Com o início da coleta de dados, observou-se que dificilmente o comparecimento dos adolescentes acontecia nos dias e/ou horários previamente agendados pelos técnicos responsáveis. Os jovens se atrasavam, chegavam no período da tarde quando estavam marcados para o turno da manhã ou apareciam dias depois do combinado. Eram atendidos, quase sempre, fora de uma programação. Muitas vezes demandavam convocações formais ou visitas domiciliares por parte da equipe técnica, que os ajudavam a sustentar o compromisso com a medida socioeducativa.

Ainda assim, havia aqueles que se apresentavam constantemente, não despertando maior preocupação da equipe em relação a um eventual descumprimento da medida socioeducativa. Por essa razão, foram classificados como o grupo com assiduidade regular, como é o caso dos sujeitos S3, S4, S6, S9, S12, S15, S22, S24, S30 e S32. Também existiam aqueles que apresentavam maior quantidade de faltas, tendo sua adesão sustentada pelo apoio dos técnicos, mediante convocações e/ou visitas domiciliares. Foram classificados como o grupo com assiduidade irregular, representado neste trabalho pelos sujeitos S2, S5, S10, S11, S18, S20, S21, S33, S34 e S35. Por fim, havia aqueles que raramente compareciam e quase nunca justificavam suas faltas. Foram considerados como pertencentes ao grupo sem assiduidade, situação verificada entre os sujeitos S7, S8, S13, S14, S16, S17, S28, S29, S31 e S36.

Esta divisão dos adolescentes de acordo com a assiduidade, portanto, não aconteceu “a priori”, mas como decorrência da observação do fenômeno da assiduidade no espaço destinado à execução da medida socioeducativa (CREAS). Ela traduz, com

maior fidedignidade, o comportamento dos adolescentes frente à exigência de cumprimento da sentença estabelecida judicialmente.

4.2 Dados obtidos nas entrevistas e consulta aos autos

Nas entrevistas, mostrou-se comum a precaução dos adolescentes para falarem sobre si mesmos. Conforme demonstrado na tabela 5, experimentou-se uma dificuldade de acessar informações que revelassem mais sobre suas vidas, seus relacionamentos com os pais e pares. De maneira geral, não pareceram assustados com a condição profissional da pesquisadora (psicóloga judiciária), mas o discurso restrito e/ou evasivo tolheu o aprofundamento da entrevista, apesar da aparente atitude cooperativa demonstrada pela maioria dos sujeitos.

Por isso, o aspecto contratransferencial constituiu importante elemento diferenciador entre os grupos, trazendo nuances particulares ao contato com os adolescentes menos e mais assíduos. A inibição do discurso, mesmo sendo uma característica típica, mobilizou sentimentos diversos na pesquisadora, possibilitando uma primeira apreciação do modo como os sujeitos pertencentes a cada grupo se expressam e interagem.

A maior abertura e capacidade de articulação foram observadas no grupo com assiduidade regular, onde mais da metade dos adolescentes evidenciou tais características (S4, S6, S9, S15, S22, S24, S32). Por vezes, esta expressividade parecia estar a serviço da esquiva ao contato (como no caso de S6) ou de uma atitude desafiadora (S15). O controle do discurso visando agradar a pesquisadora, tal qual percebido com S22, constituiu outra manifestação da capacidade de articulação do grupo, representando uma solução de compromisso entre a esquiva ao contato e a postura cooperativa. Apenas dois sujeitos revelaram-se mais reservados no falar, demonstrando uma sutil atitude de recusa (S3) ou uma visível ansiedade persecutória (S30). Não se pode deixar de destacar os sentimentos mobilizados no contato com S12, cuja restrição discursiva pareceu estar mais relacionada ao estranhamento frente à experiência de escuta do que a uma posição mais cautelosa no contato com o outro.

Esta mesma impressão foi vivida no contato com dois sujeitos do grupo com assiduidade irregular (S2 e S35). No entanto, o campo contratransferencial experimentado com estes adolescentes destacou-se pela sensação de maior grau de ansiedade, aparentemente causada por angústia (S11) ou desconfiança (S10 e S34). Os jovens expressaram maior agitação, tanto em nível motor (S5, S18, S20) quanto verbal

Tabela 5 - Qualidade do contato com os adolescentes durante a entrevista

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Suj		**Suj**		**Suj**	
S3	Lacônico, parecia não querer conversar, fechado ao contato.	**S2**	Cooperativo, aberto ao contato, mas pouco habituado a falar de si. Discurso restrito.	**S7**	O adolescente falava pouco, fornecendo respostas curtas e vagas, embora se mantivesse sorridente e aparentemente interessado em participar da pesquisa. Parecia mais novo do que, de fato, era.
S4	Transmitia maturidade e independência. Parecia mais velho do que realmente era e aparentava maior abertura para falar de si e de sua história.	**S5**	Parecia que estava em crise de abstinência: inquieto, grudava as mãos ao corpo e o nariz lhe incomodava bastante. Na leitura dos autos, tomamos conhecimento de que havia se tornado dependente de cocaína.	**S8**	Sedutor, tentava transgredir o enquadre da entrevista, fazendo perguntas sobre como conseguir namorar a pesquisadora.
S6	Discurso muito articulado, percebia-se uma tendência à dissimulação e esquiva.	**S10**	Parecia muito bonzinho, mas falou pouco de si. Denotava ter aceito participar da entrevista para demonstrar uma postura cooperativa.	**S13**	Profundidade do contato, com o compartilhamento de lembranças muito dolorosas. Muito angustiado.
S9	Expressivo, aberto ao contato.	**S11**	Foi a única entrevista realizada em conjunto com a mãe. Embora o adolescente estivesse em "um bom dia para conversar" (sic), ficou muito calado. A pesquisadora teve a sensação de que ele estava contendo o choro, enquanto a mãe relatava a história da família.	**S14**	Parecia ter uma limitação cognitiva. Cooperativo, mas muito restrito nas respostas. Tudo era "normal" ou "bom". O contato trouxe a sensação de ser uma pessoa perturbada psicologicamente, que provavelmente não cumpriria a medida, como de fato aconteceu.
S12	Cooperativo, mas pouco habituado a falar de si.	**S18**	Era agitado e expressava tom de revolta. Também falava muito sobre a necessidade de "distrair a mente".	**S16**	Parecia nervoso. Ria muito, falava pouco.
S15	Aberto, mas de uma sinceridade infantil, de criança que desobedece para ver o que pode acontecer. Impressionou muito sua forma de relatar lembranças de violência cometidas pelo pai durante as brigas conjugais, pois sua entonação era desprovida de afeto.	**S20**	Muito agitado, falava rápido, queria riscar a mesa para manter-se em movimento.	**S17**	Evasivo, parecia ter aceito participar apenas para demonstrar uma postura cooperativa
S22	Discurso muito "bonzinho", como se tentasse agradar a pesquisadora, falando o que imaginava que ela gostaria de ouvir, como por exemplo: "aprendi que não posso tirar nada que é dos outros".	**S21**	Expressivo, denotava independência. Parecia um jovem de classe média no modo de falar e de se vestir.	**S28**	Mais sorria do que falava. Um sorriso fora do contexto, sem sentido, que gerava uma impressão de perturbação psíquica.
S24	Expressivo, aberto ao contato.	**S33**	Falante, chamou a atenção pelo conteúdo de suas histórias, permeadas de agressividade/persecutoriedade (apanhar, fugir da polícia, ser ameaçado).	**S29**	Contato superficial, discurso restrito.
S30	Contato difícil, parecia muito limitado intelectualmente. Quase não aceitou participar da pesquisa por entender que queríamos investigar se não estava cumprindo a medida socioeducativa.	**S34**	Muito desconfiado, falava como se medisse as palavras, tentando adivinhar o que a pesquisadora queria ouvir.	**S31**	Aberto ao contato, seu discurso chamava a atenção pela grande vivência infracional e pelo conteúdo edípico (declarações de amor à mãe).
S32	Expressivo, aberto ao contato.	**S35**	Pareceu muito interessado na realização do teste, curioso, mas pouco habituado a falar de si.	**S36**	Estava indignado por ter sido convocado para cumprimento da medida socioeducativa e este foi seu tom durante a entrevista.

(S33, cujos conteúdos também trouxeram certa conotação persecutória). Ressalte-se a expressividade de S21, cuja capacidade de articulação fugiu à tendência observada neste grupo.

Entre os adolescentes do grupo sem assiduidade a vivência contratransferencial tornou-se mais ansiogênica para a pesquisadora. O nível de angústia evidenciado pelos sujeitos (S13, S16), a sensação de estranhamento frente à imaturidade do discurso e/ou postura (S7, S14, S28), a agressividade no falar (S36) e o tom incestuoso emergente na entrevista (S8, S31) trouxeram um desconforto maior no contato com estes sujeitos. Ao mesmo tempo, demonstraram a mesma superficialidade observada nos outros grupos (S17, S29), confirmando que o contato evasivo representa uma defesa comum.

Frente ao distanciamento experimentado nas entrevistas, a leitura dos autos mostrou-se fundamental para a caracterização mais precisa dos adolescentes, fornecendo informações complementares sobre a participação na escola e a dinâmica familiar. Também permitiu verificar a predominância do tipo de ato infracional praticado, existência ou não de histórico de infrações, a medida socioeducativa aplicada e seu cumprimento. A tabela 6 sintetiza o perfil etário e de escolaridade, caracterizando os sujeitos de cada grupo.

Tabela 6 – Perfil etário e de escolaridade dos adolescentes

Grupo com assiduidade regular				Grupo com assiduidade irregular				Grupo sem assiduidade			
Suj	**Idade 1***	**Idade 2****	**Situação escolar *****	**Suj**	**Idade 1***	**Idade 2****	**Situação escolar *****	**Suj**	**Idade 1***	**Idade 2****	**Situação escolar *****
S3	13	13	EF,6ª série Evadido.	**S2**	16	16	EF,6ª série Evadido	**S7**	14	16	EF,8ª série Evadido.
S4	15	16	EM, 2º ano	**S5**	14	16	EF,7ª série	**S8**	15	16	EF,7ª série Evadido.
S6	17	18	EJA,8ª série	**S10**	16	16	EF,8ª série Evadido	**S13**	16	17	EF,5ª série Evadido.
S9	16	16	EF,7ª série Evadido.	**S11**	15	16	EM,1º ano	**S14**	15	15	EF, 6ª série
S12	17	18	EJA, 1º ano.	**S18**	17	19	EF,5ª série Evadido	**S16**	16	17	EF,5ª série Evadido.
S15	12	14	EF,5ª série Evadido.	**S20**	15	18	EF,5ª série Evadido.	**S17**	17	18	EF,8ª série Evadido.
S22	14	15	EF,7ª série	**S21**	17	19	EJA,2º ano	**S28**	15	16	EF,5ª série Evadido.
S24	16	16	EF,8 ª série Evadido.	**S33**	16	17	EF, 7ª série Evadido	**S29**	17	18	EF,5ª série Evadido.
S30	15	16	EF,6 ª série Evadido.	**S34**	16	18	EF, 5ª série Evadido	**S31**	15	16	EF,7ª série Evadido.
S32	17	18	EM, 2º ano	**S35**	15	16	EF,8ª série	**S36**	15	16	EF,6ª série Evadido.

* Idade 1 refere-se à idade por ocasião do ato infracional;

** Idade 2 refere-se à idade por ocasião da entrevista, que difere em alguns casos da idade do sujeito à época do ato infracional, tendo em vista todo o trâmite jurídico, o período de internação na Fundação Casa e/ou o próprio ritmo com que o adolescente cumpre a medida socioeducativa.

***EF – Ensino Fundamental (1ª a 8ª série); EM – Ensino Médio (1º ao 3º ano); EJA – Educação de Jovens e Adultos (módulos correspondentes às séries do ensino fundamental ou do ensino médio)

Verificou-se que em todos os grupos predomina a faixa etária de 15 a 17 anos por ocasião do flagrante em ato infracional. Apesar desta visível tendência, deve-se destacar a presença de três adolescentes muito jovens no grupo com assiduidade regular, com idades entre 12 a 14 anos (S3, S15 e S22) e um sujeito no grupo com assiduidade irregular (S5), também nessa faixa etária à época do delito, indicando uma inserção precoce no envolvimento em condutas delinquentes.

Em relação à escolaridade, observou-se um nível significativo de abandono dos estudos em todos os grupos, mas principalmente entre os sujeitos sem assiduidade (9/10 evadidos, contra 5/10 do grupo com assiduidade regular e 6/10 do grupo com assiduidade irregular). A evasão escolar ocorreu basicamente no segundo ciclo do

ensino fundamental, sobretudo entre a quinta e sexta séries (três sujeitos no grupo com assiduidade regular; quatro no grupo com assiduidade irregular e cinco no grupo sem assiduidade). O grupo com assiduidade regular foi aquele com maior presença de adolescentes no ensino médio (três jovens: S4, S12, S32), seguido do grupo com assiduidade irregular (dois jovens: S11, S21). No grupo sem assiduidade, nenhum dos sujeitos que participaram da pesquisa havia completado o ensino fundamental.

De acordo com a tabela 7, a maior parte dos sujeitos entrevistados cumpria sua primeira medida socioeducativa (25 dos 30 sujeitos participantes). Verificou-se, no entanto, que entre os adolescentes do grupo com assiduidade regular não havia nenhum participante com registro anterior de ato infracional. Três jovens reincidentes encontravam-se no grupo com assiduidade irregular, enquanto o grupo sem assiduidade incluía apenas dois adolescentes com registro anterior de conduta infracional.

Tabela 7 – Dados obtidos nos autos sobre a infração e medida socioeducativa aplicada

Grupo com assiduidade regular				Grupo com assiduidade irregular				Grupo sem assiduidade			
Suj	**Primeiro flagrante**	**Infração**	**Medida aplicada**	**Suj**	**Primeiro flagrante**	**Infração**	**Medida aplicada**	**Suj**	**Primeiro flagrante**	**Infração**	**Medida aplicada**
S3	Sim	Tentativa de roubo (celular)	PSC (3 meses)	**S2**	Sim	Tráfico de drogas	LA (12 meses) e PSC (6 meses)	**S7**	Sim	Roubo (assalto)	LA (12 meses) e PSC (6 meses)
S4	Sim	Tráfico de drogas	Internação (1 ano e dois meses). LA (6 meses)	**S5**	Sim	Tentativa de furto (ferramenta)	LA, 6 meses	**S8**	Não	Roubo (moto)	Internação (1 ano) e LA (6 meses)
S6	Sim	Porte ilegal de arma	LA, tempo indeterminado	**S10**	Sim	Tráfico de drogas	Internação (3 meses). Semi (4 meses), LA (6 meses)	**S13**	Sim	Roubo (assalto)	Semi, LA (12 meses).
S9	Sim	Roubo (posto de gasolina)	PSC (6 meses) e LA (6 meses)	**S11**	Sim	Tentativa de roubo (farmácia)	Internação (9 meses). LA (6 meses).	**S14**	Sim	Furto (celular)	LA (12 meses) e PSC (6 meses)
S12	Sim	Roubo (celular)	Internação (1 mês). Semi (4 meses). LA (6 meses)	**S18**	Não	Tráfico de drogas	Semi (7 meses), LA (6 meses)	**S16**	Não	Furto (celular)	PSC (4 meses)
S15	Sim	Tentativa de roubo (celular)	LA (12 meses) e PSC (6 meses)	**S20**	Não	Tráfico de drogas	Internação (1 ano e 11 meses), LA (6 meses)	**S17**	Sim	Sem carta para dirigir	PSC (6 meses)
S22	Sim	Tentativa de roubo (assalto)	LA (12 meses) e PSC (6 meses	**S21**	Sim	Tráfico de drogas	Internação (8 meses) LA (6 meses)	**S28**	Sim	Roubo (bar)	Internação (7 meses), LA (6 meses)
S24	Sim	Tráfico de drogas	LA (tempo indeterm.)	**S33**	Sim	Roubo (assalto)	LA (12 meses) e PSC (6 meses)	**S29**	Sim	Tentativa de furto (mercado)	PSC (4 meses)
S30	Sim.	Tráfico de drogas	LA (6 meses)	**S34**	Não	Tráfico de drogas	Internação (1 ano). LA (6 meses).	**S31**	Sim	Tráfico	LA e PSC (12 meses)
S32	Sim	Estupro	LA (6 meses)	**S35**	Sim	Roubo (celular)	LA (6 meses) e PSC (6 meses)	**S36**	Sim	Roubo (assalto)	LA e PSC (6 meses)

Legenda de Medidas Socioeducativas: Semiliberdade (Semi), Liberdade Assistida (LA), Prestação de Serviço à Comunidade (PSC); a definição das medidas socioeducativas encontra-se descrita no item 1.2 deste trabalho.

Cabe enfatizar que o fato de não existir um registro anterior de flagrante não significa a ausência de atos infracionais passados. Alguns dos adolescentes entrevistados já haviam se envolvido em delitos, conforme dados relatados por eles próprios (S9, no grupo com assiduidade regular; S2, S21 e S33, no grupo com assiduidade irregular; S13, S17 e S31, no grupo sem assiduidade). Na realidade, o registro de primeiro flagrante sinaliza que estes adolescentes vivenciavam sua primeira experiência com a Justiça.

Em relação ao tipo de ato infracional praticado, constatou-se que predominam os chamados crimes contra o patrimônio (roubo/furto/tentativas), corroborando dados da literatura (Ilanud, 2007). No grupo com assiduidade regular, houve cinco ocorrências de roubo e tentativa de roubo, sendo o tráfico de drogas o segundo tipo de delito mais comum (três ocorrências). Já no grupo com assiduidade irregular, este padrão se inverteu, observando-se o tráfico de drogas como a principal ocorrência (seis registros), seguida dos crimes contra o patrimônio (quatro registros). No grupo sem assiduidade, também foi verificada maior incidência de roubo (cinco ocorrências), furto (duas ocorrências) e tentativa de furto (uma ocorrência), havendo um único registro de tráfico de drogas. Não se observou, portanto, uma correlação entre assiduidade ao cumprimento da medida socioeducativa e gravidade da infração praticada. Sujeitos com maior ou menor assiduidade cometeram delitos semelhantes.

Dos 30 adolescentes entrevistados, 21 estavam acompanhados por ocasião do flagrante, sendo encontrados na maioria das vezes com colegas da mesma faixa etária (17 dos 21 casos). O grupo com assiduidade irregular registrou o maior número de ocorrências de flagrantes solitários (quatro casos), possivelmente devido ao tipo de ato infracional predominante entre estes adolescentes (tráfico de drogas). O tráfico de drogas também pode ter contribuído para o maior número de sentenças iniciais de internação e semiliberdade registradas neste grupo (cinco internações e uma sentença de semiliberdade, posteriormente transformadas em liberdade assistida). Ao ser equiparado à crime hediondo no âmbito da lei, este delito pressupõe a aplicação de medidas socioeducativas mais severas[1]. Já nos demais grupos, foram poucos os casos de sentença inicial restritiva de liberdade (dois casos no grupo com assiduidade regular e três casos no grupo sem assiduidade). Entre os adolescentes com assiduidade regular houve predomínio da medida de liberdade assistida (quatro casos), seguida da aplicação

[1] Em súmula publicada em agosto/2012, o Supremo Tribunal de Justiça (STJ) modificou este entendimento, estabelecendo que o ato infracional de tráfico de drogas, por si só, não deve ser punido com a internação.

de medidas concomitantes (LA e PSC). No grupo sem assiduidade, verificaram-se quatro aplicações de medidas concomitantes, seguidas de três sentenças à PSC.

De acordo com a tabela 8, todos os adolescentes do grupo com assiduidade regular que abandonaram os estudos foram rematriculados quando iniciaram o cumprimento da medida socioeducativa. Dos 10 entrevistados, quatro referiram explicitavamente que não gostavam e que "bagunçavam" no ambiente escolar. Nos demais grupos, a reinserção no ensino regular parece ter sido bem mais difícil, pela falta de identificação dos adolescentes com a escola ("não gosta", "é chato") e pelas queixas de comportamento que eles próprios relataram ("brigava", "bagunçava").

Este mesmo tipo de insatisfação foi expresso por sete sujeitos do grupo com assiduidade irregular (S2, S10, S11, S18 S20, S33, S34). Dois participantes que não trouxeram reclamações sobre a vida escolar, na realidade faltavam muito e/ou apresentavam dificuldades de aprendizagem. Somente quatro adolescentes foram rematriculados durante a medida (S5, S10, S11, S21), sendo que um deles voltou a abandonar os estudos (S5).

Já no grupo sem assiduidade, cinco participantes trouxeram algum tipo de insatisfação com a escola (S8, S13, S29, S31, S36), havendo também um registro de "expulsão" (S16). Nenhum dos sujeitos foi rematriculado durante o cumprimento da medida, chamando a atenção a veemente recusa de reinserção no ensino regular (S31, por exemplo, disse preferir a rua à escola; S36 só voltaria a estudar se fosse obrigado pelo juiz). Saliente-se que neste grupo foram observadas mais contradições entre o discurso dos sujeitos e os registros nos autos (três casos: S7, S14, S28).

Tabela 8 - Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a vida escolar

Grupo com assiduidade regular			Grupo com assiduidade irregular			Grupo sem assiduidade		
Suj	**Comentários do adolescente**	**Referências nos autos**	**Suj**	**Comentários do adolescente**	**Referências nos autos**	**Suj**	**Comentários do pelo adolescente**	**Referências nos autos**
S3	"Expulso" na 6ª série	Foi rematriculado e estava cursando normalmente.	**S2**	Afirmou que sempre deu trabalho na escola, "desde o parquinho". Orgulha-se de ter aprendido a ler e escrever, apesar de cabular muitas aulas e abandonar os estudos na 6ª série. Disse que não voltaria a estudar.	Foi matriculado, mas não deu sequencia aos estudos.	**S7**	Afirmou ser estudante do primeiro ano do EM e nunca ter interrompido os estudos.	Foi matriculado novamente e voltou a evadir.
S4	Nunca interrompeu os estudos.	Pretende fazer faculdade.	**S5**	Sem queixas da escola.	Falta muito, o que provoca a retenção nesta série, em que está matriculado pela terceira vez.	**S8**	A escola era longe e tinha que acordar cedo.	Foi reprovado duas vezes por falta. Conseguiu concluir o ensino fundamental durante o período de internação. Durante a LA, voltou a evadir.
S6	Prestou uma prova que lhe daria o título de conclusão do ensino médio, mas foi reprovado "por um ponto". Iria refazer esta prova em Minas.	Não constam referências sobre a vida escolar nos autos. O acompanhamento foi breve, pelo fato de o jovem ter completado a maioridade.	**S10**	Não gosta de estudar.	Havia sido rematriculado durante cumprimento de semi-liberdade.	**S13**	"Era chato".	Não houve tempo para a retomada dos estudos, devido à reincidência (novo flagrante de ato infracional)
S9	Só cabulava e bagunçava.	Foi rematriculado e estava cursando novamente.	**S11**	"Expulso" da escola por faltas, bagunça e desrespeito aos professores.	Interrupção dos estudos na 7ª série. Terminou o ensino fundamental no programa educativo da Fundação Casa. Estava matriculado no primeiro ano do EM.	**S14**	Disse estudar na 6ª série.	Falta muito às aulas, devido à vivência de rua, descoberta pela equipe durante o cumprimento da medida.
S12	Estuda à noite para ajudar o pai no trabalho durante o dia.	Havia sido retido no primeiro ano do EM, mas já retomara os estudos e cursava normalmente.	**S18**	Dava trabalho na escola, só brigava.	Sem registro nos autos.	**S16**	Sem estudar há um ano. Diz que foi "expulso".	Não houve tempo para a retomada dos estudos, devido à ausência no cumprimento da medida e reincidência.
S15	Escola é "chata", falam demais.	Rematriculado e cursando.	**S20**	"Eu acho chato estudar e trabalhar"; "De que adianta ter planos se não vai dar em nada?"	Parou de estudar porque na sala só tinha gente mais velha e porque trabalhava com o tio.	**S17**	Parou de estudar por causa do trabalho.	Gostaria de voltar a estudar, mas a empresa não liberou seu horário para isso.
S22	"Dá trabalho" na escola desde a quarta série, bagunça.	Cursando.	**S21**	Estava cursando, perto de terminar o ensino médio.	Foi reprovado na 5ª série do EF e já havia parado de estudar no primeiro ano do EM, por dificuldades para acompanhar o aprendizado.	**S28**	Sem queixas da escola.	Repetiu a 5ª série muitas vezes. Sentia-se constrangido por ser o mais alto e mais velho da turma. Desistia, mas era rematriculado no ano seguinte.
S24	Era bom aluno,tirava boas notas,bagunçava às vezes. "Sou quieto, fico na minha". Parou de estudar para ajudar o pai no trabalho.	Foi rematriculado e estava cursando.	**S33**	Começou com 13 anos a bagunçar na escola e cabular aulas.	Parou de estudar e começou a olhar carros. Falava que a escola era longe de casa.	**S29**	Perdeu o interesse.	Não voltou a estudar
S30	Parou de estudar e começou a trabalhar para o tráfico.	Justifica que perdeu o ano.Foi rematriculado e estava cursando. Também foi encaminhado para avaliação psicopedagógica devido a dificuldades de aprendizagem	**S34**	Não gosta da escola. Quer trabalhar e ganhar dinheiro.	Reprovou duas vezes e ficou um ano fora da escola. Não tinha interesse em retomar estudos.	**S31**	Parou de estudar porque prefere a rua.	Repetiu duas vezes por faltas.
S32	Nunca parou de estudar, nem mesmo quando precisou começar a trabalhar para garantir sustento da esposa e da filha.	Cursando.	**S35**	Não tem queixas da escola	Dificuldades de leitura e escrita. Frequentou um trabalho pedagógico durante a semi-liberdade, mas abandonou novamente os estudos, justificando-se pela dificuldade de aprender. Não queria retomar os estudos.	**S36**	Não gosta de estudar.	Parou de estudar porque foi expulso da escola, após briga com um colega. Disse que só retornaria para a escola se obrigado pelo juiz.

Sobre o uso de drogas (tabela 9), notou-se que mais adolescentes dos grupos com assiduidade regular e sem assiduidade negaram envolvimento com drogas. No entanto, divergências de informação em três casos (duas no grupo com assiduidade regular e uma referente ao grupo sem assiduidade) indicam que os adolescentes podem não ter revelado sua conduta real no tocante ao uso de drogas, seja para a pesquisadora ou qualquer outro técnico responsável pelo acompanhamento da medida socioeducativa. O contexto em que se encontram favorece a negação, tendo em vista a situação de vigilância representada pela medida socioeducativa, especialmente a liberdade assistida. Por outro lado, é curioso o movimento constatado na análise das informações fornecidas pelo grupo com assiduidade irregular. A maioria não só admitiu o uso de drogas (presente ou passado) como expôs histórias de uso precoce (S2 e S18, ambos com 12 anos quando começaram o uso), recaídas (S10) e envolvimento com crack (S10 e S20).

Tabela 9 – Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre uso de drogas

Grupo com assiduidade regular			**Grupo com assiduidade irregular**			**Grupo sem assiduidade**		
Suj	**Entrevista**	**Autos***	**Suj**	**Entrevista**	**Autos***	**Suj**	**Entrevista**	**Autos***
S3	Não		**S2**	Sim, maconha	Usa desde os 12 anos.	**S7**	Não.	Sim. Maconha.
S4	Sim – maconha e cocaína		**S5**	Sim. Maconha e cocaína.		**S8**	Sim, maconha e cocaína. Parou.	
S6	Usou maconha e cocaína, mas fez tratamento		**S10**	Uso de crack aos 14 anos. Parou.	Uso esporádico de maconha e cocaína.	**S13**	Sim, maconha e cocaína.	
S9	Não.		**S11**	Sim, desde os 13 anos.		**S14**	Não.	
S12	Não.		**S18**	Sim. Maconha.	Já usou cocaína, parou há quase dois anos. Usa maconha desde os 12.	**S16**	Não.	
S15	Não.	Sim, maconha.	**S20**	Sim. Crack.	Sim. Maconha e cocaína.	**S17**	Sim, maconha e cocaína.	
S22	Sim – maconha.	Não	**S21**	Não. Só vendia.	Sim, usava há 4 anos, mas parou.	**S29**	Não	
S24	Não.	Sim, maconha.	**S33**	Sim. Maconha, mas parou.		**S28**	Não.	
S30	Sim – maconha e lança-perfume		**S34**	Não. "Só para ganhar dinheiro".		**S31**	Sim, maconha.	Maconha, desde os 13 anos. Já usou cocaína.
S32	Não		**S35**	Não.		**S36**	Não	

*Foram registrados somente os dados divergentes ou complementares às informações colhidas em entrevista.

A respeito das referências familiares, sintetizadas na tabela 10, também foram observadas tendências significativas para a comparação dos grupos. No grupo com assiduidade regular, sete adolescentes conviviam com ambas as figuras parentais (os pais ou a mãe e seu companheiro, considerado como padrasto). Metade dos grupos familiares não apresentava registros de problemas em seu meio. Aqueles que enfrentavam alguma situação mais difícil registravam, em sua maioria, conflitos com algum membro da família ou depressão de uma ou ambas as figuras parentais.

No grupo com assiduidade irregular, a monoparentalidade assumida pela figura materna constituía a base da convivência familiar para seis dos 10 sujeitos entrevistados. O pai biológico, quando presente, mostrava-se uma figura vulnerável, tendo em vista algum comprometimento em termos de saúde mental (S33) e/ou dependência de álcool (S20, S21). Os adolescentes deste grupo possuíam maior número de irmãos (mais dois, pelo menos, geralmente bem mais novos) e por vezes compartilhavam a moradia com outros membros da família extensa (tios, avós). A maioria enfrentava problemas no âmbito familiar, que incluíam desde a precariedade socioeconômica até o citado uso abusivo de álcool por algum membro da família.

No grupo sem assiduidade, constatou-se que a maior parte dos grupos familiares eram monoparentais, chefiados pela mãe ou avós. A figura paterna, quando presente, enfrentava depressão ou alcoolismo, denotando sua fragilidade (S7 e S8). Além destes problemas, os adolescentes vivenciavam conflitos com pessoas significativas do grupo familiar (S13, S16, S31) ou conviviam com o adoecimento da figura materna (S28, S29).

Tabela 10- Dados obtidos nos autos sobre a família

Grupo com assiduidade regular			Grupo com assiduidade irregular			Grupo sem assiduidade		
Suj	**Referências familiares**	**Problemas no âmbito familiar**	**Suj**	**Referências familiares**	**Problemas no âmbito familiar**	**Suj**	**Referências familiares**	**Problemas no âmbito familiar**
S3	Mora com os pais e 3 irmãos: 15, 10 e 7 anos.	Não há registros.	**S2**	Reside com a mãe e os irmãos (13 e dois gêmeos de 7 anos)	Não há registros.	**S7**	Reside com os pais e os irmãos (12, 9, 8 e 2 anos)	Pai dependente de álcool e jogo
S4	Morava com os pais e duas irmãs menores, de 10 e 8 anos de idade. O relacionamento dos pais era conflituoso, marcado por idas e vindas, às quais o adolescente já se acostumara. Durante a medida, houve um rompimento definitivo. O adolescente estava morando com a mãe e as irmãs.	Conflitos conjugais que culminaram em separação.	**S5**	Mora com a mãe, dois irmãos mais novos e os avós.	Relação conflituosa com o avô, considerado autoritário e conservador.	**S8**	Reside com os pais. Tem um irmão mais velho (17 anos), mas este residia com a avó materna.	Uso abusivo de álcool pelo pai, que também apresentava quadro depressivo
S6	Mora com a bisavó e primos.	Não há registros.	**S10**	Mora com a mãe, o padrasto e 3 irmãos (13, 12, 10 anos). Tem outros três irmãos maiores de idade, com vida independente.	Precariedade socioeconômica*	**S13**	Está morando com a avó e os irmãos. Não tem bom relacionamento com a mãe.	Conflito com a mãe. Rivalidade entre mãe e avó.
S9	Mora com a mãe, o padrasto, 3 irmãs e uma sobrinha.	Não mantém bom relacionamento com o padrasto.	**S11**	Reside com a mãe e as irmãs: 17, 13, 11 e 7 anos.	- Violência doméstica (antes da separação dos pais) - Pai usuário de drogas - Alcoolismo da avó materna	**S14**	Reside com avós maternos, no mesmo terreno onde mora a mãe, o padrasto, a irmã e seus três filhos pequenos, além de 4 primos adolescentes (sendo um portador de necessidades especiais). Um total de 13 pessoas.	Precariedade socioeconômica
S12	Mora com os pais e um irmão mais velho.	Não há registros.	**S18**	Mora com a mãe, duas tias, um tio e o avô materno. É filho único.	- Alcoolismo do avô -Precariedade socioeconômica	**S16**	Mora com a avó desde os 14 anos.	Conflito com o padrasto.
S15	Mora com a mãe e o padrasto. É filho único.	Não há registros.	**S20**	Mora com os pais e 3 irmãos: 23, 17 e 7 anos.	- Alcoolismo paterno - Violência doméstica	**S 17**	Mora com a esposa, uma enteada (2 anos) e a filha recém-nascida.	Não há registro.
S22	Mora com a mãe, o padrasto e três irmãos menores que ele (13, 8 anos e um bebê)	Não há registros.	**S21**	Mora com os pais e dois irmãos (10 e 8 anos).	- Alcoolismo paterno	**S28**	Mora com a mãe.	Mãe soropositiva
S24	Morava com o pai no início da medida, a madrasta e um meio-irmão de 2 anos.	Depressão materna.	**S33**	Mora com os pais.	- Pai é acompanhado no CAPS (“problema no sistema nervoso”, sic)	**S29**	Mora com a mãe e dois irmãos (20 e 15 anos)	Mãe faz uso de medicamento para depressão
S30	Mora com os pais e um irmão mais velho, de 17 anos.	-Dificuldades financeiras -Depressão de ambos os pais -Conflitos entre os irmãos	**S34**	Mora com a mãe e 4 irmãos (14, 13, 3 anos e um bebê de 2 meses).	-Precariedade socioeconômica	**S31**	Mora com a mãe, o namorado materno (o adolescente não sabe informar se é companheiro, namorado, padrasto ou apenas um relacionamento de sua mãe) e irmã de 19 anos.	Conflitos com a mãe, o “padrasto” e a irmã.
S32	Mora com a esposa (17 anos) e uma filha no fundo do terreno dos pais.	-Pai alcoolista, - Depressão materna	**S35**	Reside com a mãe, irmã, cunhado e três sobrinhos pequenos, um deles com hidrocefalia.	-Precariedade socioeconômica - Mãe afastada do trabalho por problemas de saúde	**S36**	Mora com a mãe, irmãos de 31, 21, 20 anos e dois sobrinhos (4 anos e 1 ano e meio)	Não há registros.

*Considerou-se *precariedade socioeconômica* toda renda familiar inferior a ¼ do salário mínimo *per capita*.

Quanto aos registros de criminalidade na família (tabela 11), destacou-se a ausência de qualquer outro envolvimento dessa natureza no grupo com assiduidade regular. O grupo com assiduidade irregular foi o que apresentou maior número de casos anteriores de criminalidade na família (quatro registros), envolvendo pessoas bem próximas dos adolescentes (irmãos mais velhos, como no caso de S2 e S20, o pai biológico, como no caso de S5 ou um ex-cunhado, responsável pela inserção de S33 no tráfico de drogas). No grupo sem assiduidade, houve apenas dois casos anteriores de criminalidade na família, envolvendo o pai biológico dos sujeitos (S28 e S36).

Tabela 11 – Dados obtidos nos autos sobre outros casos de criminalidade na família

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
Suj	**Criminalidade na família**	**Suj**	**Criminalidade na família**	**Suj**	**Criminalidade na família**
S3	Não	**S2**	Sim (irmão envolvido em atos infracionais).	**S7**	Não.
S4	Não	**S5**	Sim. O pai, antes de se casar, esteve preso por um ano, por envolvimento em uma briga. Tempos depois, já separado da mãe do adolescente, foi acusado de assassinato.	**S8**	Não
S6	Não.	**S10**	Não.	**S13**	Não.
S9	Não.	**S11**	Não.	**S14**	Não.
S12	Não.	**S18**	Não.	**S16**	Não.
S15	Não.	**S20**	Irmão adolescente já infracionou e outro irmão, maior de idade, foi preso por roubo.	**S 17**	Não.
S22	Não.	**S21**	Não	**S28**	Sim (pai).
S24	Não.	**S33**	Sim (ex-cunhado envolvido com tráfico)	**S29**	Não
S30	Não.	**S34**	Não	**S31**	Não
S32	Não	**S35**	Não	**S36**	Sim (pai)

Acrescentando outros dados, as tabelas 12, 13 e 14 apresentam informações sobre o histórico de vida dos sujeitos, registrando as rupturas vividas no desenvolvimento dos adolescentes. Tornam, assim, mais visível o impacto de algumas vivências, que também se traduzem em tendências de cada um dos grupos.

Entre os sujeitos com assiduidade regular (tabela 12), observou-se a presença predominante de grupos familiares intactos (S3, S12, S30, S32) ou reconstituídos já há alguns anos (S9, S15, S22, S24). Este dado é significativo, pois retrata uma composição familiar mais favorável à manutenção de cuidados contínuos, a partir de uma figura materna constante e apoiada por um companheiro. Casos de separação conjugal foram descritos com tranquilidade por dois sujeitos, denotando uma precoce independência dos pais (S4: trabalhando, vinha mantendo um relacionamento com uma jovem de 24 anos, mãe de um bebê; S6: pai de uma criança de dois anos, já tivera uma experiência de convívio marital).

Tabela 12 – Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo com assiduidade regular

Grupo com assiduidade regular		
Suj	**Dados obtidos na entrevista**	**Dados obtidos nos autos**
S3	Falava muito pouco, não forneceu muitas informações.	Família veio de outro estado em busca de melhores condições de vida. Já tentaram voltar ao estado de origem duas vezes.
S4	A mãe casou-se muito cedo e teve de interromper os estudos. O marido tinha formação técnica, mas ficou desempregado durante um período significativo, o que agravou os conflitos conjugais, culminando na separação. O adolescente já havia se acostumado com as brigas e não se importava mais.	O pai era metódico e rígido com o adolescente.
S6	Filho de pais separados. Passou por atendimento psicológico várias vezes por insistência paterna. Acha que é parecido com o pai e por isso não se entendem. Tem uma filha de dois anos. Morou com a namorada, mas por pouco tempo, separando-se logo após o nascimento da filha. Hoje mora com a bisavó, após ter passado um período de internação para tratamento de drogadependência.	Nenhuma informação adicional.
S9	Tinha 12 anos quando a mãe se casou novamente. Não conversa com seu padrasto. Começou a roubar aos 15 anos, quando também abandonou os estudos.A mãe só sabia que ele ficava na rua, em más companhias.	Nenhuma informação adicional.
S12	Pais casados há 22 anos, têm somente dois filhos: o adolescente e um maior de idade. O adolescente ajuda na marcenaria do pai.	A mãe sofreu queimadura na infância, até hoje precisa de cirurgias corretivas.
S15	O adolescente perdeu o pai cedo, quando contava 6 anos de idade, aproximadamente. Quando seu pai bebia, ficava muito agressivo, quebrava e queimava objetos da casa. Atualmente, o adolescente considera o padrasto como pai.	A morte do pai foi decorrente de cirrose hepática.
S22	Não conviveu com o pai. Descreve a mãe como uma pessoa nervosa, que "bate". "Ela diz que eu não tenho mais idade de apanhar, mas se fizer alguma coisa...." Já ficou vários dias em casa, proibido de ver os amigos. O padrasto "não se mete muito".	Fruto de relacionamento passageiro, só viu o pai aos 12 anos de idade.
S24	Pais se separaram quando tinha 3 anos. Mãe casou-se novamente e tem outro filho, de 9 anos. Pai está com a terceira companheira e tem mais dois outros filhos. Morava com a mãe,mas desde os 14 anos ajuda o pai na venda de churrasquinho.	Pais compartilhavam a guarda. O pai já morou na antiga Febem e teve vivência de rua.
S30	Considera a mãe "calma" e sobre o pai, conta que ele quer se aposentar. Ajuda a mãe nas tarefas de casa, estuda de dia e à noite (sic), joga futebol, solta pipa e anda de bicicleta.	É filho de agricultores e apresenta perfil simplório. A mãe sofre de depressão e em momentos de crise, não reconhece ninguém. Também não consegue cuidar da casa, o que é feito pelo adolescente e pelo pai. O adolescente dorme com a mãe, "porque a mãe acostumou assim". O outro filho dorme com o pai.
S32	Aos 16, engravidou a namorada e começou a trabalhar. Os pais ajudaram no sustento no início do relacionamento. Quase romperam depois do nascimento do bebê, mas já reataram.	Adolescente também faz uso de álcool.

No grupo com assiduidade irregular (tabela 13), a ausência paterna constituiu uma importante característica no relato de seis dos 10 adolescentes entrevistados (S2, S5, S10, S18,S34 e 35). Estes jovens referiram-se ao pai biológico com hostilidade (S18: "não conheci, nem quero conhecer"), ambivalência (S5), tristeza (S34) ou uma aparente indiferença (S2, S10 e S35), pouco compatível com a dramaticidade dos fatos narrados. Experiências trágicas permeavam a história de vida da maioria deles (S2 testemunhou o suicídio do irmão; S5 soube que o pai estava foragido, acusado de assassinato, quando assistia a um programa de TV; S10 ainda não havia nascido quando o pai faleceu em um acidente, tendo sido omitido dele este fato por um longo período, levando-o a acreditar ser filho natural do padrasto; S11 perdeu o pai para as drogas; S18 ainda sofre com o falecimento da avó, ocorrido há quatro anos, fato que levou seu avô ao alcoolismo; S20 foi expulso de casa pelo próprio pai). Além disso, foram percebidos indícios de um distanciamento entre pais e filhos, seja por um histórico de compartilhamento de cuidados (S34, que "prefere" ficar na casa da avó, esclarecendo que foi ela quem o criou, embora sua mãe se apresente como principal figura cuidadora), seja em função de uma autonomia concedida precocemente aos sujeitos (S21 estava residindo – e traficando - há meses em outro município, dizendo para a família que trabalhava como pedreiro).

Tabela 13 – Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo com assiduidade irregular

Grupo com assiduidade irregular		
Suj	**Dados obtidos na entrevista**	**Dados obtidos nos autos**
S2	Segundo filho de um grupo de 5 irmãos. Começa a contar sua história revelando que o irmão mais velho cometeu suicídio na sua frente. Costumava acompanhar este irmão, que já estava envolvido em atos infracionais. Na época, tinha 11 anos e andava armado. Voltou a andar armado aos 14 anos. Começou a traficar. A mãe sabia e o aconselhava, temendo que fosse preso. Conhece o pai, mas não tem contato nem interesse por ele. "Minha mãe é mãe e pai". Acha que o pai "não foi homem", por não assumi-lo.	Não sabe informar sobre o pai, não tem contato.
S5	Pais se separaram quando ele contava 4 anos. A princípio, recebia visitas do pai, mas tais visitas cessaram. Aproximadamente 5 anos depois, o adolescente o viu no programa Linha Direta, acusado de ter assassinado o sogro e o cunhado da segunda companheira. Sentia muita tristeza.	O adolescente era ambivalente em relação ao pai: ora referia saudade, ora dizia não querer saber mais dele. Ouvia muito dos vizinhos que se tornaria igual ao pai e tinha medo disso.
S10	Pai é falecido (acidente).	A mãe conheceu o atual companheiro quando estava grávida do adolescente, por isso ele acreditou, durante muito tempo, ser filho natural de seu padrasto.
S11	A mãe conheceu o pai de sua filha mais velha aos 14 anos, engravidando precocemente. Aos 18, uniu-se ao pai do adolescente. O pai começou a usar drogas quando S11 contava cerca de 6 anos. Era agressivo com todos, pois tinha muito ciúme da esposa e acreditava que os filhos ajudavam-na a ocultar encontros amorosos. A mãe passou a sustentar a família. Levou 10 anos para conseguir romper o casamento, o que aconteceu durante a execução da medida socioeducativa do filho, que serviu para aproximá-los, segundo ela.	O adolescente começou a trabalhar aos 13 anos, como aprendiz de mecânico. Aos 14, teve experiência com funilaria. Gostava muito.
S18	Já havia sido preso por tráfico, estava em semi-liberdade e foi internado por quebra de medida. Não conhece o pai, nem quer conhecer. Pai não aceitou a gravidez e abandonou a mãe grávida. Era muito apegado aos avós maternos, considerando o avô como pai. Lamentou o falecimento da avó, ocorrido há 4 anos. Lembra-se e relata, em detalhes, o dia de seu falecimento. Conta que o avô começou a beber desde então.	Mãe veio grávida do Ceará, fugindo do então companheiro, que a agredia fisicamente. Ele também era alcoolista. Cresceu na companhia da mãe e dos avós. Mãe e avô são analfabetos. Vivem do trabalho de reciclagem do avô.
S20	O adolescente lembra que o pai bebia e ficava agressivo. Também se recorda de ter morado em abrigo e, posteriormente, encaminhado para morar com a avó. Não gostava do fato de a avó impedi-lo de ver os pais e por isso, decidiu ainda criança voltar a residir com sua mãe.	Os pais tinham migrado de Pernambuco em busca de melhores condições. Pai bebia, faltava no emprego e ficava desempregado. Quando bebia, era agressivo. Os filhos sentiam vergonha perante os vizinhos. Houve intervenção da Vara de Infância e os filhos foram entregues a outros familiares. O adolescente ficou com um tio (que chama de "avô") dos 7 aos 10 anos. Já ficava na rua e não estava alfabetizado. Mãe chegou a se separar, mas voltou com o marido. O pai chegou a brigar com a mãe porque os filhos mais velhos

Continua

		"davam trabalho". Mandou a mãe escolher entre os filhos ou ele. Ela resolveu a situação dormindo na casa da patroa. O pai expulsou os filhos de casa e S20 foi o primeiro a sair. Mãe já teve depressão.
S21	Traficava desde os 14 anos,quando começou a morar em outro município, bancando suas próprias despesas com o dinheiro que obtinha vendendo drogas. Para a família, dizia que havia arrumado um trabalho de pedreiro. Visitava aos finais de semana ou quando possível, na segunda. Agora estava "firmão", trabalhando em uma transportadora. Não quis falar muito sobre a família, afirmando que tinha um bom relacionamento com todos.	Pais estavam casados há 19 anos. Incentivavam os estudos e aprovavam o namoro do adolescente. Desconheciam seu envolvimento com o tráfico, pois ele dizia que estava trabalhando e passava os finais de semana em casa. O adolescente começou a trabalhar aos 16 anos de idade.
S33	Queria ser maior de idade desde os 15. Lembra-se de já ter tomado medicamento para depressão. Nessa época, não tinha vontade de sair de casa ou realizar qualquer atividade. Diziam-lhe que precisava "distrair a mente". Foi se envolvendo com o tráfico na época em que sua irmã era casada com um usuário e traficante. Foi este ex-cunhado quem também o convidou para olhar carros em bairros nobres de São Paulo. Até hoje mantém contato com o ex-cunhado e outras pessoas que já foram presas. Frisa que o pai tem fiscalizado muito seu comportamento e se coloca como diferente dos colegas: "é tudo filho de cadeeiro, não tem pai olhando por eles"	Trabalhava como flanelinha antes do ato infracional. Pais estavam com muita dificuldade de orientá-lo.
S34	Não conhece o pai e acha que isso fez falta. Mora com a mãe, mas prefere permanecer na casa da avó, que foi quem o criou.	Mãe teve o primeiro filho aos 13 anos e o segundo, aos 16. Os avós paternos do adolescente eram da Bahia e não concordaram com a união, pois consideravam que o filho era muito novo para assumir a paternidade. Nunca tiveram contato. O segundo relacionamento materno durou 10 anos. Foi este companheiro que acompanhou a infância e início da adolescência de S34. A separação ocorreu há 6 anos e hoje a mãe está em seu terceiro relacionamento. Ela se apresenta como "mãe e pai".
S35	É o caçula de um grupo de 9 irmãos.	O pai não registrou os filhos, porque já era casado com outra mulher.

Já no grupo sem assiduidade (tabela 14), a principal característica observada nas histórias dos adolescentes referiu-se à oscilação de cuidadores ao longo do desenvolvimento. Pelo menos seis dos 10 sujeitos residiram com avós e/ou membros da família extensa, devido à separação dos pais (S8, S14, S16) e/ou dificuldades maternas para sustentarem seus cuidados (S13, cuja mãe sofreu depressão pós-parto e envolveu-se com drogas; S28, só conheceu a mãe aos 10 anos de idade; S29, cuja mãe sofre de depressão). Esta oscilação de cuidadores foi verificada posteriormente também nos casos de S7 e S36, encaminhados para a companhia do avô materno e de uma irmã mais

velha, respectivamente (conforme dados obtidos sobre o acompanhamento da medida socioeducativa, apresentados na tabela 15). Curiosamente, os adolescentes que não possuíam registro de oscilação de cuidadores alcançaram uma independência precoce por meio do convívio marital (S17 casou-se aos 16 anos com uma adolescente e S31 teve um breve relacionamento com uma companheira maior de idade). Este caminho pode indicar a existência de expectativas familiares em torno de um rápido amadurecimento destes jovens, para que assumissem o mais cedo possível a responsabilidade pelos próprios cuidados.

Tabela 14 – Dados obtidos nas entrevistas e nos autos sobre a história e dinâmica familiar do grupo sem assiduidade

Grupo sem assiduidade		
Suj	**Dados obtidos na entrevista**	**Dados obtidos nos autos**
S7	Não trouxe muitos dados. Disse que o pai era "chato" e que a mãe "sempre foi calma". Ambos os pais trabalham.	Pais casados há muito tempo. Pai veio de Pernambuco.
S8	Era o segundo ato infracional. No primeiro, foi flagrado por roubo de celular. Gostava de andar armado. Pais eram separados, mas reataram. Tinha um bom relacionamento com eles.	Pais estavam juntos há 17 anos, entre separações e reconciliações. A primeira separação ocorreu quando o adolescente contava 5 anos de idade. Nessa época, a mãe buscou sua família no Piauí, para onde já havia encaminhado o filho mais velho. Deixou o adolescente com o pai, que fazia uso abusivo de álcool. Em outras separações, os filhos ficaram com a avó paterna, que costumava ajudar nos cuidados básicos da rotina dos meninos. A mãe conta que considerava o marido "egoísta", que "gastava tudo com bebida", daí as dificuldades no convívio. Haviam reatado há dois anos, preocupados com o envolvimento do filho em ato infracional. Como residiam em área livre (não urbanizada), compraram um terreno e começaram a construir uma casa de alvenaria, visando propiciar outro ambiente ao filho. Porém, contavam com a ajuda do adolescente, sendo esta uma das razões pelas quais ele perdera o ano letivo.
S13	Rouba desde os 8 anos de idade, mas desde os 5 tinha vivência de rua. Lembrou de cenas apanhando da polícia e contou que já teve sua vida poupada por ser menor de idade. Foi criado pela avó. Não mantém bom relacionamento com a mãe. Sabe quem é o pai, mas não tem muito contato. Não tem com quem conversar porque mãe "faz cena" e avó "tem pressão alta".	Filho de um relacionamento passageiro. Sua mãe tinha apenas 16 anos quando engravidou. Teve depressão pós parto e posteriormente envolveu-se com drogas e álcool. A avó materna assumiu os cuidados da criança quando S13 tinha 4 anos de idade. Já demonstrava comportamentos agressivos ("batia muito nas crianças, pegava rabeira no caminhão") e foi diagnosticado como hiperativo por uma psicóloga, aos 5 anos. Pai só reconheceu a paternidade após exame de DNA, quando S13 tinha 9 anos de idade. Aos 10, a mãe quis reassumir a guarda, mas a avó materna não deixou. Ela trabalhava o dia todo, deixava o neto sozinho. A mãe voltou a morar com a família para ajudar a supervisionar o filho. "Ele foi muito mimado pela avó". Disse que a avó a desautorizava e que o filho a acusava de perseguição, além de contar para as pessoas que era espancado.
S14	Os pais se separaram quando tinha cerca de 4 anos. Morou durante um período com o pai, mas não se adaptou ao convívio com a madrasta. Voltou a morar com a mãe.	Estava morando com os avós. Tem contato com o pai nos finais de ano. O adolescente o conhece apenas pelo primeiro nome. No decorrer da medida, foi descoberta sua vivência de rua.
S16	Os pais se separaram quando tinha 10 anos. Aos 12, começou a brigar muito com o padrasto. Aos 14, sua mãe o encaminhou para a avó, com quem mora desde então.	A mãe perdeu um filho ainda na gestação e adotou uma criança fora do trâmite legal. Descreve a criança adotiva como sua força para viver.
S17	Na adolescência, tocava em um grupo da Igreja. Começou a "desviar" e "conhecer as coisas do	Morava com os pais. Está com a esposa há 2 anos. Frequenta a igreja e trabalha à noite.

Continua

Continuacão

	mundo" (sic) aos 14 anos. Afirma que a adolescência é difícil, especialmente para meninos, que "querem conhecer as coisas do mundo". Faz muitas referências religiosas, descrevendo a companheira e filha como "pessoas que Deus colocou no meu caminho para transformar minha vida". É cobrado a se casar oficialmente, mas não o fez ainda por "falta de tempo".	
S28	Conheceu o irmão mais velho há pouco tempo, pois ele vivia em "orfanato" (sic) e era "ciclista" (sic). Conheceu a mãe aos 10 anos de idade, no Rio. Antes morava com a avó, em Alagoas. Conheceu o pai quando este saiu da prisão. Atualmente o pai está preso. Não disse o porquê.	Pais naturais de SE. Sua mãe uniu-se ao seu pai aos 16 anos, quando engravidou do primeiro filho. Aos 18, o casal decidiu morar no Rio de Janeiro. Pouco tempo depois, a família veio para São Paulo. Na gestação de S28, retornaram para SE para visitar parentes. O pai veio para São Paulo sozinho. Envolveu-se com tráfico e foi preso. A mãe deixou os filhos para trabalhar no Rio. Dessa forma, S28 foi criado pela avó materna, com quem morou até os 9 anos, aproximadamente. No Rio, a mãe engravidou do terceiro filho, que foi deixado com o pai para que ela pudesse reatar o casamento com o pai de S28, recém-saído da prisão em São Paulo. Foi nesse período que a avó materna devolveu o neto para que seus pais o criassem. Faz 7 anos que S28 convive com os pais. Pai, mãe e irmãos mais novos são soropositivos. Um tio materno por quem o adolescente tem muito apego revelou que o pai maltratava S28 na infância, obrigando-o a olhar carros para pegar o dinheiro e usar drogas.
S29	Pai assassinado há 5 anos,vítima de briga de bar. Era alcoolista. Por isso o adolescente afirma que achou melhor a separação dos pais.	Pai bebia, batia na esposa e nos filhos. O adolescente morou com parentes na Bahia dos 4 aos 10 anos. Possui uma queimadura no corpo, causada por uma brincadeira com fogo realizada quando a mãe se ausentou para trabalhar. Mãe sofre de depressão.
S31	Já foi preso duas vezes e flagrado outras tantas. Subornava a polícia para ser solto. Estava residindo em um apartamento, convivendo maritalmente com uma pessoa bem mais velha (36 anos). Da infância, conta que perdeu um irmão aos 5 anos de idade, vítima de meningite. Hoje está muito contente porque ganhará uma irmãzinha, fruto do atual relacionamento da mãe. Traz o nome da mãe tatuado no braço. Diz que faz tudo para deixá-la feliz.	Pais separados há 3 anos, devido a conflitos conjugais,acirrados pelo alcoolismo paterno. Irmã se envolvia e agredia o pai nas discussões. Após a separação, manteve contato regular com o pai, mas as visitas diminuíram após o início de um novo relacionamento paterno. Afirma que não mora com o pai porque não gosta do bairro onde ele reside. Não mantém bom relacionamento nem com a mãe, nem com a irmã, fato que piorou um ano após a separação conjugal. Pede dinheiro para a mãe, mas não recebe e alega que a irmã é privilegiada. "Se eu não tenho dentro de casa,vou procurar nas ruas".Quando tinha brigas com o "padrasto", a mãe pedia para ele sair de casa.
S36	O pai está preso desde que nasceu. S36 sente raiva porque o pai, quando saiu (indulto), ficou com outra mulher. "Se fosse o contrário, ele matava minha mãe". "Ai dele se vier atrás da minha mãe, eu mato ele".	Pais separados há alguns anos. Ocasionalmente visita os avós paternos.Mãe relata que o adolescente sempre foi muito "paparicado" por toda a família. Quando o filho tinha aproximadamente 11 anos, viajou para a Bahia onde permaneceu 6 meses (período que coincide com a evasão escolar).

Em relação ao ato infracional e o cumprimento da medida socioeducativa, os entrevistados apresentaram percepções e posicionamentos cuja análise também aponta nuances diferenciadoras (tabela 15). No grupo com assiduidade regular, constatou-se que os sujeitos revelavam-se mais ao falarem do delito, expondo sentimentos (S4 mencionou a tentação que o tráfico ainda representa em sua vida; S9 falou da mistura de pesar e alívio pela perda de um amigo no assalto que cometeu; S12 referiu o arrependimento por ter magoado os pais), explicitando a dificuldade para tratar do tema (S6 verbalizou o desejo de "não falar do passado") e a falta de clareza sobre o que os motivou no momento da infração (S3 e S15 foram muito verdadeiros nesse sentido). Na abordagem sobre o cumprimento da medida socioeducativa, no entanto, foram mais breves, geralmente afirmando que não tinham dificuldades. Chamou a atenção o fato de dois adolescentes (S24 e S32) terem negado sua implicação no ato infracional. Ainda assim, em obediência à Justiça, vinham cumprindo regularmente a medida socioeducativa. Destacaram-se ainda as menções sobre os vínculos que ajudavam a sustentar o compromiso com a medida (S4 referiu-se à namorada; S6 lembrou-se da filha e S12 evidenciou sua culpa em relação aos pais).

No grupo com assiduidade irregular, os comentários passaram a enfatizar a influência dos amigos (S5, S10, S11) e a busca por dinheiro rápido (S18, S21, 33, S34, S35). Mostraram relativa consciência da irregularidade no comparecimento à medida, pois somente S5 e S10 afirmaram que não apresentavam dificuldades nesse sentido. As justificativas para a falta de assiduidade incluíram falta de tempo, "tédio" ou "preguiça" e trabalho. Mais uma vez, um vínculo significativo foi mencionado como fator motivador ("consideração à mãe", conforme S2).

No grupo sem assiduidade, a desimplicação do ato infracional caracterizou o discurso dos jovens. Além da influência de colegas (S16), notou-se a presença das mais diversas justificativas para o ato infracional (S14: "queria ouvir música", S17: "não sabia que estava dirigindo uma moto roubada"; S29: "estava com fome", S28: "queria ajudar a mãe"). A principal explicação para o descumprimento da medida socioeducativa referiu-se à inserção no mercado de trabalho (S17, 29, S31). Deve-se destacar, no entanto, a onipotência evidenciada pelos sujeitos S7 e S16, para quem o descumprimento da medida socioeducativa não traria consequências, assim como o pensamento mágico de S8 e S36, que ansiavam por um breve encerramento da medida socioeducativa sem que houvesse a contrapartida de sua assiduidade.

Tabela 15 - Dados obtidos nas entrevistas sobre o ato infracional e cumprimento da medida socioeducativa

Grupo com assiduidade regular			Grupo com assiduidade irregular			Grupo sem assiduidade		
Suj	**Comentários sobre o ato infracional**	**Comentários sobre o cumprimento da medida**	**Suj**	**Comentários sobre o ato infracional**	**Comentários sobre o cumprimento da medida**	**Suj**	**Comentários sobre o ato infracional**	**Comentários sobre o cumprimento da medida**
S3	Não sabe por que se envolveu em ato infracional. Amigos chamaram.	Não tem dificuldades para cumprir. Queria acabar rápido.	**S2**	Orgulha-se de nunca ter permanecido preso.	Liberado após o flagrante. Por isso, cumpre a medida: "se não fui preso na hora, não vou ser preso por causa disso, de não estar vindo". Também cumpre em consideração à mãe, que não o obriga a nada.	**S7**	Não gostou da experiência na delegacia e não queria passar por isso de novo.	Acreditava que o descumprimento "ia dar em nada". Por isso, avisava a família que estava indo ao CREAS, quando na verdade saía com os amigos.
S4	Já infracionava há 8 meses antes do flagrante. Ainda se sente tentado, pois o tráfico rende bastante dinheiro.	Maior preocupação é aproveitar a liberdade. Afirma que sua atual namorada, uma jovem de 24 anos, está ajudando a mantê-lo afastado do tráfico.	**S5**	Disse que sua mãe o considera "maria vai com as outras", referindo-se à influência de amigos. O adolescente acha que não pensa antes de agir.	Cumpre sem dificuldades.	**S8**	"foi de momento", queria dinheiro rápido para comprar coisas para si	Queria acabar rápido.
S6	Não gosta de falar do passado. "longa história", "uma coisa vai levando a outra". Não quis falar.	Acredita que cumpriu "pela filha", por quem também mudou de vida.	**S10**	Menciona a influência dos amigos.	Cumpre sem dificuldade. Contente porque viu que a família acredita em seu potencial.	**S13**	Fala como se sua entrada no crime fosse inevitável.	Quebrou medida de semi-liberdade por causa da "pressão" (sic) de não saber como seria a vida lá dentro.
S9	Sente pesar, mas também alívio por estar vivo, já que perdeu um colega no assalto.	Cumpre sem dificuldades.	**S11**	Menciona a influência dos amigos.	Falta de tempo para cumprir. Além disso, teve tuberculose durante a medida	**S14**	Tomou um celular porque "queria ouvir música". Um policial lhe emprestou o celular após o delito. O padrasto disse para ele devolver, mas o adolescente chegou a acreditar que tinha ganho o aparelho.	O adolescente ainda não sabia ao certo como a medida seria realizada.
S12	Sente arrependimento por causa dos pais.	Cumpre sem dificuldades.	**S 18**	Queria dinheiro rápido para comprar roupas e sair com os amigos. Já havia traficado antes, é uma atividade que costuma retomar periodicamente.	Viaja como ajudante de transportadora e por isso seu trabalho não tem horário fixo. O trabalho é bom porque "conhece lugar diferente e distrai a mente".	**S16**	Colegas chamaram.	Amigos falavam que o descumprimento "ia dar em nada". "Sei lá, falta de interesse".
S15	Não sabe por que se envolveu em ato infracional.	Acha que não cumpre rigorosamente a medida, pois continua permanecendo na rua até tarde com os amigos. Sai muito à noite.	**S20**	"Está no crime" desde os 11 anos, aspecto relatado com certo orgulho, como se fizesse parte de sua identidade.	Resolveu sair do crime pelos amigos, que lhe mostraram que a vida em liberdade é bem melhor. Perdeu muitas coisas por ficar preso.	**S17**	Não sabia que a moto era roubada. Foi uma "burrice" (sic).	Não podia cumprir porque estava trabalhando. Ia pedir remissão ao Juiz.
S22	Os colegas convidaram para o assalto. Não teve medo na hora, quis experimentar como era.	Cumpre sem dificuldades. Aprendeu que não pode tirar nada que é dos outros.	**S21**	O dinheiro era muito bom. Ganhava muito mais do que o próprio pai. Os pais nunca tinham dinheiro pra lhe dar. Queria roupas e passeios.	Falava com muita alegria da sensação de liberdade. Ia completar um ano de desinternação.	**S29**	Roubou porque estava com fome.	Não podia cumprir porque estava trabalhando.
S24	Só guardava o dinheiro para um amigo, que era maior de idade (dinheiro do tráfico). Conheciam-se desde a infância.	Voltou a estudar por causa da medida socioeducativa. É caseiro.	**S33**	Envolveu-se com o tráfico por influência do ex-cunhado. Ganhava bastante dinheiro.	Faltava porque estava trabalhando, realizando bicos.	**S31**	Queria ganhar seu próprio dinheiro.Primeiro para comprar drogas. Depois roupas e outras coisas.	Não podia cumprir porque estava trabalhando
S30	Acredita que foi preso por não estar trabalhando, evadido da escola. Queria dinheiro e roupas.	Cumpre, pois está indo para a escola.	**S 34**	Envolveu-se com o tráfico por causa do dinheiro	Sente "preguiça".	**S36**	Foi a primeira vez.	Só cumpre, "por causa da minha mãe mesmo, que fica falando pra eu vir". Chateado por ter sido convocado novamente "Não acaba, não acaba!". Preferia estar preso pois a medida em meio aberto "parece que tá testando a mente, não gosto disso, tenho ódio".
S32	Não sabe porque está cumprindo medida, pois nega que tenha ocorrido estupro.	Cumpre em obediência à Justiça.	**S35**	Não sabe o que passou na cabeça. Queria comprar roupas.	Falta por "preguiça". Às vezes esquece da data de comparecimento.	**S28**	Foi o primeiro flagrante, mas já roubou carro antes. Diz ter feito o assalto para ajudar a mãe.	Sente "tédio"."Quando tá acabando, dá uma ansiedade" e esquece de comparecer.

Ainda conforme a tabela 15, no grupo com assiduidade regular, apenas S12 e S22 aderiram totalmente aos encaminhamentos realizados durante a medida socioeducativa. Os demais apresentaram algum nível de resistência aos encaminhamentos e orientações realizadas, seja de um modo sutil, como no caso de S6 (manteve-se internado em clínica de drogadependência durante boa parte da medida) e de S3 e S9 (não aceitaram encaminhamentos para cursos), ou mais acintoso, a exemplo de S15 (queixas de comportamento no início da prestação de serviços). Cabe ressaltar as mudanças significativas observadas na trajetória de S4 e S32, que conseguiram boas oportunidades de trabalho durante a medida socioeducativa. No entanto, também é necessário refletir sobre o percurso de S24, que ao encerrar satisfatoriamente a medida socioeducativa começou a preocupar o pai, atento ao possível uso de drogas e ao desgaste materno com o filho (a mãe expressou vontade de desistir da guarda do adolescente). O caso confirma a importância de um conhecimento mais profundo dos jovens inseridos no sistema socioeducativo em meio aberto, a fim de propiciar, além de cursos e atividades extracurriculares, intervenções preventivas.

No grupo com assiduidade irregular, a falta de adesão aos encaminhamentos apresentou uma frequência superior (S5, S11, S33, S34, S35). A inserção precária no mercado de trabalho, observada nos casos de S10 (lava-rápido), S18 (transportadora) e 35 (ajudante de pedreiro), foi utilizada como justificativa para a irregularidade no comparecimento às datas agendadas pela equipe técnica. Todavia, observou-se que nos três casos citados o trabalho pareceu assumir uma função continente, substituindo a própria medida socioeducativa, viabilizando o afastamento do jovem de possíveis influências criminais (trabalhos com jornadas extensas, supervisionados por familiares ou pessoas próximas). No entanto, um aspecto mais crítico destacou-se na análise dos dados. Trata-se de um processo de adoecimento dos jovens (envolvimento com drogas de S5; tuberculose de S11; queixas somáticas durante a internação de S18 e tentativa de suicídio durante a internação de S20), sugerindo uma vulnerabilidade maior destes jovens, refletida no corpo.

A evolução do cumprimento da medida socioeducativa no grupo sem assiduidade revelou desfechos trágicos. Constatou-se que quatro dos 10 adolescentes reincidiram durante o acompanhamento da medida (S13, S16, S28 e S36), dois envolveram-se acentuadamente com drogas (S7, S16) e um dos jovens faleceu, vítima de tiro (S8). Verificou-se a omissão da família no sentido de fornecer dados importantes sobre o contexto dos adolescentes (S7, S14, S36), assim como a cumplicidade materna com a falta de assiduidade dos filhos, demonstrada através de justificativas visando

encobrir o descumprimento da medida socioeducativa (S8, S16, S31). Neste grupo, a inserção no mercado de trabalho não pareceu assumir a mesma função continente verificada no grupo com assiduidade irregular. A falta de comprovação de tais atividades laborais (S29) e as declarações de trabalho assinadas por membros da família dos adolescentes (S17: declaração de um tio; S31: declaração do pai) denotaram muito mais um uso do trabalho como forma de burlar o cumprimento da medida, inviabilizando o comparecimento em qualquer dia ou horário.

Ainda assim, cumpre destacar que a participação da família ocorreu com frequência em todos os grupos (tabela 16). A figura materna mostrou-se mais comum neste acompanhamento, mas não se pode negligenciar a participação paterna verificada em vários casos (S4, S12, S24, S30, no grupo com assiduidade regular; S10, S33, no grupo com assiduidade irregular; S7, no grupo sem assiduidade). De maneira geral, somente os jovens maiores de idade cumpriram a medida socioeducativa sem o envolvimento da família (S6, no grupo com assiduidade regular; S18, S20 e S34, no grupo com assiduidade irregular; S17 e S29, no grupo sem assiduidade). Os únicos casos de menores de idade cujos pais abdicaram deste acompanhamento foram registrados no grupo sem assiduidade (S14, S31 e S36).

Tabela 16 – Dados obtidos nos autos sobre o acompanhamento da medida socioeducativa pelas famílias

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
Suj	**Participação da família?**	**Suj**	**Participação da família?**	**Suj**	**Participação da família?**
S3	Sim (pais).	**S2**	Sim (mãe, considerada rigorosa)	**S7**	Sim (pais)
S4	Sim (pais).	**S5**	Sim (mãe)	**S8**	Sim (mãe)
S6	Não.	**S10**	Sim (mãe e padrasto).	**S13**	Sim (mãe)
S9	Sim (mãe, considerada rígida)	**S11**	Sim (mãe).	**S14**	Não.
S12	Sim (pais)	**S18**	Não.	**S16**	Sim (mãe).
S15	Sim (mãe, apesar de pouco participativa).	**S20**	O pai compareceu ao CREAS somente dois meses após o início da medida.	**S17**	Não, por ser maior de idade.
S22	Sim (mãe).	**S21**	Sim (pais)	**S28**	Sim (tio materno)
S24	Sim (pai).	**S33**	Sim (pai).	**S29**	Não.
S30	Sim (pai).	**S34**	Não.	**S31**	Sim (mãe)
S32	Não, por ser maior de idade.	**S35**	Sim (mãe)	**S36**	Não

Quanto à percepção da família acerca do ato infracional (tabela 17), os autos não trouxeram muitas informações. No grupo com assiduidade regular, dos 10 processos consultados, apenas metade continha a opinião da família sobre as possíveis motivações do adolescente para o delito (S3, S4, S9, S24 e S30). Notou-se que em três destes cinco casos a família não imaginava quem ou o que poderia ter contribuído para o comportamento transgressor.

Tabela 17 - Dados obtidos nos autos sobre a percepção familiar a respeito das possíveis causas do ato infracional do adolescente

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Suj	**Percepção familiar sobre o ato infracional**	**Suj**	**Percepção familiar sobre o ato infracional**	**Suj**	**Percepção familiar sobre o ato infracional**
S3	Não sabe onde ele aprendeu, ninguém ensinou em casa.	**S2**	Não há registro nos autos.	**S7**	Problema com drogas, más companhias.
S4	Influência de pessoas ligadas ao movimento rapper	**S5**	Problema com drogas, más companhias.	**S8**	O adolescente ficou sem limites depois que o Conselho Tutelar disse que não podiam bater nele.
S6	Não há registro nos autos	**S10**	Não havia necessidade de recorrer a atos ilícitos, más companhias.	**S13**	Segundo a mãe, a avó passava a mão na cabeça, não deixava colocar limites.
S9	Más companhias	**S11**	Mãe reconhece sua ausência na vida do filho, pois trabalhava e estudava. Também acredita em más companhias.	**S14**	Acreditam em más companhias.
S12	Não há registro nos autos	**S18**	Más companhias	**S16**	Não aceita o padrasto.
S15	Não há registro nos autos	**S20**	Não há registro nos autos	**S17**	Não há registro nos autos
S22	Não há registro nos autos	**S21**	Não há registro nos autos	**S28**	Não há registro nos autos.
S24	Pais desconheciam o envolvimento com o tráfico e ficaram preocupados.	**S33**	Más companhias	**S29**	Não há registro nos autos
S30	Não era necessário o envolvimento com tráfico	**S34**	O adolescente é uma vítima. Avó entendia que devia "perdoar sempre, pois é um bom menino".	**S31**	O adolescente não aceitou a separação dos pais, tem problemas de relacionamento com a irmã e se envolveu com más companhias.
S32	Não há registro nos autos.	**S35**	Influência de amigos.	**S36**	Não há registro nos autos.

No grupo com assiduidade irregular, somente três autos não continham a informação sobre a percepção familiar a respeito do delito. Na maioria dos registros encontrados, os pais atribuíram o ato infracional de seus filhos às "más companhias".

Chamaram a atenção as posturas extremas representadas pelas famílias de S11 e de S34. No caso de S11, a mãe reconheceu sua ausência na vida do filho, denotando uma implicação no contexto maior que levou ao ato transgressor. No caso de S34, a garantia de perdão a todos os atos do adolescente revelou um estilo parental mais permissivo, o que dificulta o trabalho técnico de responsabilização do jovem por suas condutas.

No grupo sem assiduidade foram encontrados seis registros a respeito da percepção da família sobre o ato infracional. Quatro deles constituíram explicações relacionadas a aspectos da dinâmica intrafamiliar (S8, S13, S16 e S36), sugerindo conflitos crônicos no âmbito doméstico. Os outros dois registros atribuíram o delito a influência dos amigos (“más companhias”).

Em relação a queixas de comportamento na infância, também não foram encontradas muitas informações nos autos. É possível que estes dados não sejam aprofundados junto à família ou simplesmente não sejam registrados pela equipe técnica em seus relatórios ao Poder Judiciário. Conforme os dados reunidos na tabela 18, no grupo com assiduidade regular verificaram-se duas referências à agressividade na infância (S4 e S30) e uma breve menção a um comportamento considerado “arteiro” (S15). No grupo com assiduidade irregular, este número dobrou, constatando-se quatro menções relativas a queixas de comportamento na infância (S10, S11, S20, S33), além de um registro relacionado à agitação (S34). No grupo sem assiduidade, foram encontrados dois registros de queixa de comportamento (S8 e S13), uma referência à hiperatividade (S29) e uma anotação sobre dificuldade escolar (S36).

Tabela 18 - Dados obtidos nos autos sobre queixas de comportamento relatadas pelas famílias

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Suj	**Queixas de comportamento encontradas nos autos**	**Suj**	**Queixas de comportamento encontradas nos autos**	**Suj**	**Queixas de comportamento encontradas nos autos**
S3	Não há registro.	**S2**	Não há registro.	**S7**	Não há queixas: "tranquilo, obediente, bom filho".
S4	Segundo os pais, "sempre se interessou pelo que não presta, coisas agressivas, filmes violentos, brincadeiras agressivas", "precoce".	**S5**	Não há queixas sobre seu comportamento: "Não costuma me dar trabalho","Só fica na rua e é meio maria vai com as outras", segundo a mãe.	**S8**	Aos 12 anos, a escola começou a convocar a mãe (os pais estavam separados) para tratar de problemas de comportamento. Ele já ansiava por objetos de consumo incompatíveis com o orçamento doméstico. Era vaidoso e tinha vergonha de ser chamado de "favelado".
S6	Não há registro.	**S10**	O filho "ficou revoltado" (sic) quando soube, aos 12 anos, que o padrasto não era seu pai verdadeiro, mas não descreve os modos de expressão dessa revolta.	**S13**	Aos 4 anos, já batia nas outras crianças, agredia o irmão mais novo e na 5ª série agrediu a professora e quebrou o banheiro da escola.
S12	Não há queixas. Filho descrito como "bom e trabalhador" (sic).	**S11**	- Furto de guloseimas em supermercado desde os 9 anos de idade. - Problemas de comportamento na escola aos 11 anos, acarretando várias transferências.	**S14**	Não há registro.
S9	Começou a dar trabalho aos 15 anos, quando parou de estudar.	**S18**	Não há registro.	**S16**	Não há registro.
S15	"Arteiro na infância".	**S20**	- Parou de estudar na 5ª série porque "aprontava" (sic) - Saía de casa sem o consentimento da mãe, aos 13 anos. Era rebelde.	**S17**	Não há registro.
S22	Não há registro.	**S21**	Não há registro.	**S28**	Não há registro.
S24	Não há registro.	**S33**	Era uma criança nervosa e agressiva; fez tratamento no CAPS-Infantil, mas parou.	**S29**	Era hiperativo, fazia bagunça.
S30	Agressivo, não ouvia conselho e só fazia o que queria. Na escola, bagunçava, sendo transferido por este motivo.	**S34**	Mãe refere que o filho sempre foi "elétrico", "danado". Mas não apresenta queixa.	**S31**	Não há registro.
S32	Não há registro.	**S35**	Não há registro.	**S36**	Atendimento psicológico por dificuldade escolar.

4.3 Dados obtidos com o Método de Rorschach

4.3.1 Aspectos relacionados à produtividade e tempo

Tabela 19 - Produtividade e utilização do tempo no Rorschach

Grupo com assiduidade regular				Grupo com assiduidade irregular				Grupo sem assiduidade			
Suj	**R [11-14]***	**Tempo médio por resposta**	**Tempos mínimo e máximo**	**Suj**	**R [11-14]***	**Tempo médio por resposta**	**Tempos mínimo e máximo**	**Suj**	**R [11-14]***	**Tempo médio por resposta**	**Tempos mínimo e máximo**
S3	*7*	60"	11"(Pr. VIII) 1'14"(Pr. II)	**S2**	**27**	22,5"	21"(Pr.IV) 60"(Pr. X)	**S7**	*6*	70,1"	20"(Pr. VI) 51"(Pr. X)
S4	**18**	45"	42"(Pr. III) 1'48"(Pr. I)	**S5**	**16**	14,8"	10" (Pr. II e VI) 27"(Pr. I)	**S8**	*8*	82,25"	14"(Pr. V) 1'30" (Pr. I)
S6	*9*	71,6"	30"(Pr. III) 59"(Pr. X)	**S10**	*5*	68,2"	9"(Pr. V) 49"(Pr. II)	**S13**	*10*	32,5"	9"(Pr. IX) 50"(Pr. I)
S9	*8*	51,5"	10"(Pr. X) 1'24"(Pr. II)	**S11**	*10*	83,5"	42"(Pr.IX) 2'47" (Pr. I)	**S14**	*10*	13,2"	3"(Pr. V) 20"(Pr. III)
S12	*10*	23,7"	2"(Pr. V) 25"(Pr. VII)	**S18**	*10*	43,7"	13"(Pr. V) 46"(Pr. II)	**S16**	*7*	68,5"	5" (Pr. V) 46" (Pr.II)
S15	11	21,8"	7" (Pr. V) 25" (Pr. II)	**S20**	*10*	38,2"	11"(Pr. V) 54"(Pr. I)	**S17**	*6*	94"	16"(Pr.IX) 1' 28" (Pr. X)
S22	*10*	14,2"	6" (Pr. V) 15" (Pr. X)	**S21**	14	29,7"	20"(Pr. V) 51"(Pr. I)	**S28**	**15**	24"	16"(Pr. V) 36"(Pr. I)
S24	11	26,2"	11" (Pr. V) 33" (Pr. X)	**S33**	*10*	40,8"	18"(Pr. II) 56"(Pr. X)	**S29**	14	75,9"	39"(Pr. II) 2' 35" (Pr. X)
S30	*10*	35,2"	11" (Pr. V) 29" (Pr. VI)	**S34**	*9*	32,1"	7"(Pr. V) 54"(Pr. VIII)	**S31**	12	19,7"	2"(Pr. V) 23"(Pr. I)
S32	13	27,3"	9" (Pr. VII) 31" (Pr. X)	**S35**	11	42,5"	8"(Pr. VII 1'26" (Pr. X)	**S36**	11	31"	9"(Pr. III) 57"(Pr. II)
Σ	**107**			**Σ**	**122**			**Σ**	99		

*Número de respostas esperado para média escolaridade, equivalente a 3-8 anos de estudo (Pasian, 2000/2010)
Legenda sobre o número de respostas - R: *Abaixo da média*; na média; **acima da média**

A produtividade (R) dos adolescentes no Rorschach foi muito restrita em todos os grupos, observando-se que a maioria dos sujeitos (6/10, nos três grupos) apresentou rendimento aquém dos parâmetros normativos. A baixa produtividade evidenciou, por um lado, certa inibição destes adolescentes, que acabaram se limitando ao fornecimento de uma resposta por prancha (três adolescentes no grupo com assiduidade regular, quatro no grupo com assiduidade irregular e dois no grupo sem assiduidade). Todavia, a restrição nos protocolos também foi provocada pelo fenômeno especial de choque e fracasso, resultando em uma produtividade inferior a 10 respostas/protocolo (três sujeitos no grupo com assiduidade regular, dois no grupo com assiduidade irregular e

quatro no grupo sem assiduidade). Por isso, chamou a atenção o rendimento do grupo sem assiduidade, pois ele reuniu o maior número de sujeitos com protocolos contendo menos de 10 respostas (restrição intensa da produtividade).

Este grupo também se destacou quanto ao tempo médio de resposta, que foi superior ao esperado para metade dos sujeitos. De acordo com Rausch de Traubenberg (1970/1998), o tempo médio por resposta não excede 45-60 segundos, a não ser em casos de inibição ou lentidão ideacional. Desse modo, a baixa produtividade do grupo sem assiduidade, associada a um excessivo tempo médio por resposta, demonstrou uma dificuldade maior de articulação e interpretação do estímulo por parte destes sujeitos.

No grupo com assiduidade regular, ao contrário, metade dos sujeitos apresentou um tempo médio de resposta inferior a 30 segundos, resultado que pode estar relacionado ao baixo investimento na tarefa de articulação dos perceptos, dada a produtividade aquém dos valores normativos. Já no grupo com assiduidade irregular observou-se maior variabilidade deste fator: dois sujeitos registraram tempo médio por resposta muito curto, dois adolescentes apresentaram um tempo médio por resposta muito elevado, enquanto os demais oscilaram entre 29,7" a 43,7".

Ainda de acordo com a tabela 19, verificou-se que o menor tempo gasto por prancha foi registrado com mais freqüência na pr. V em todos os grupos. A configuração compacta desta prancha, favorável a uma apreensão global e unitária, possivelmente contribuiu para um contato mais breve e uma interpretação mais rápida do estímulo, influenciando tal resultado. As pranchas I, II e X foram aquelas que demandaram maior investimento de tempo dos sujeitos (X e II, nesta ordem, no grupo com assiduidade regular; I e X, nesta ordem, nos outros dois grupos). A pr. I, monocromática e bilateral, representa o contato inicial dos sujeitos com o conjunto de pranchas, colocando-os frente a um objeto desconhecido. Este aspecto pode ter contribuído para o aumento do tempo gasto na articulação do estímulo. A pr. II traz o impacto da cor (vermelho) e do espaço vazio, elementos que exigem maior investimento cognitivo para serem integrados. Já a pr. X, além de colorida, possui uma configuração dispersa, particularidades que também demandam um esforço maior de articulação e integração. A ressonância afetiva relacionada a cada uma destas pranchas também não pode ser negligenciada como fator de influência sobre o tempo despendido pelos sujeitos, sinalizando o impacto emocional mobilizado pelo que Chabert (2004) denomina de "solicitações latentes dos cartões".

4.3.2 Análise dos modos de apreensão

4.3.2.1 Respostas G (tabela 20)

A apreensão global acima dos valores normativos foi percebida em metade dos protocolos do grupo com assiduidade regular e na maioria dos protocolos dos grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade, onde oito e seis adolescentes, respectivamente, apresentaram um percentual de respostas G acima da média. Cabe ressaltar que no grupo com assiduidade irregular verificaram-se os percentuais mais altos deste modo de apreensão (5 sujeitos com G% entre 77 e 100%), o que pode estar relacionado a certa preguiça cognitiva, sobretudo considerando a quantidade de respostas globais simples e vagas, caracterizando um processo de pensamento que se molda ao material e não busca possibilidades (Chabert, 2003). Também é importante destacar que no grupo com assiduidade regular encontrou-se o maior número de sujeitos (quatro adolescentes) com G% dentro dos parâmetros normativos encontrados por Pasian (2000/2010).

O modo de apreensão global está relacionado ao esforço de análise, articulação e combinação dos elementos do estímulo, bem como à busca de unidade e tentativa de controle intelectual. Deve ser avaliado em sua eficácia, observando-se a qualidade formal das respostas fornecidas pelos sujeitos.

Tabela 20 - Respostas G e seus determinantes

Grupo com assiduidade regular – Respostas G (32+,11±, 13-)
Grupo com assiduidade irregular – Respostas G (42+,7±, 29-)
Grupo sem assiduidade – Respostas G (27+,6±, 29-)

Grupo com assiduidade regular									Grupo com assiduidade irregular									Grupo sem assiduidade								
Suj	**G% [36-50]***	**ΣG**	**G Simples**	**G Elab**	**G Vaga**	**G Impres**	**G Sinc.**	**Det.**	**Suj**	**G% [36-50]***	**Σ G**	**G Simp.**	**G Elab**	**G Vaga**	**G Impr**	**G Sinc**	**Det**	**Suj**	**G% [36-50]***	**Σ G**	**G Simples**	**G Elab**	**G Vaga**	**G Imp.**	**G Sinc.**	**Determinantes**
S3	**71,4**	5	2	1	0	0	2	3F+, 2F-	**S2**	*18,5*	5	2	0	1	0	2	1F+, 2F-, 1F±, 1K+	**S7**	*16,6*	1	1	0	0	0	0	1F+
S4	38,8	7	3	1	0	0	3	2F+, 1F-, 1FE+, 1FE-, 1K+, 1ClobF-	**S5**	**68,7**	11	5	0	0	0	6	4F+, 5F-, 1KC-, 1kobC+	**S8**	37,5	3	3	0	0	0	0	1FC'+, 1K+,1kan+
S6	*33,3*	3	1	0	2	0	0	2F+, 1FClob+	**S10**	**100**	5	4	1	0	0	0	4F+,1K+	**S13**	40	4	1	0	1	0	2	1F+, 1FE-, 1K+, 1kob±
S9	**75**	6	5	1	0	0	0	5F+, 1kan+	**S11**	**90**	9	5	0	2	2	0	3F+,1F±, 2CF±, 1K+, 1kan+, 1kob±	**S14**	**80**	8	2	0	0	0	6	2F+, 5F-, 1CF-
S12	40	4	3	0	0	0	1	1F-, 1FE+, 2kan+	**S18**	**100**	10	2	3	0	0	5	4F+,2F-, 2FC-, 1Kan+, 1FE-	**S16**	**85,7**	6	1	1	1	0	3	2F+, 2F-, 1FE+, 1FE-
S15	36,3	4	1	1	1	0	1	1F+, 1F±, 1K+, 1KC-	**S20**	50	5	3	0	0	0	2	2F+,1F-, 1kan+, 1kan±	**S17**	50	3	2	1	0	0	0	2F+, 1FC'+
S22	**70**	7	2	1	1	2	1	2F+, 1F-, 1F±, 1KC+, kobC±, 1CF±	**S21**	**78,5**	11	5	2	1	1→	2	6F+, 2F-, 1K+, 1K±,1E	**S28**	**86,6**	13	5	0	0	1	7	3F+, 2F-, 1FC±, 1FC-, 2FE-, 1K+, 1KE+, 1kp-, 1kpC-
S24	36,3	4	2	0	0	2	0	1F+, 1FE±, 1kan+, 1CF±	**S33**	**90**	9	2	2	0	0	5	3F+,2F-, 1FC'-, 2Kan-, 1kobC+	**S29**	**64**	9	1	0	0	1	7	1F-,4FE-, 1FE+, 1FC-, 1CF-,1CF±
S30	**80**	8	3	0	0	3	2	2F+, 1F-,1FC-, 1FClob+, 2CF±, 1kobE±	**S34**	**77,7**	7	2	1	0	0	4	2F+, 3F-, 1CC'F+, 1kan-	**S31**	**66,6**	8	4	0	0	1	3	2F+, 1F-,1FC-, 1FE-, 1FC+, 1EF±,1kan-,
S32	**66,6**	8	4	1	0	0	3	4F+, 1KanC- 1FE+,2FE-	**S35**	**54,54**	6	3	0	0	0	3	2F+, 2F-, 1CF-, 1K+	**S36**	**63,6**	7	4	1	0	1	1	1F+, 1F-, 2K+, 1FClob+, 1Kan+, 1kobC±
Σ		56	26	6	4	7	13		**Σ**		78	33	9	4	2,1→	29		**Σ**		62	24	3	2	4	29	

Legenda: **(***abaixo da média,* média**, acima da média)**

4.3.2.1.1 Qualidade formal das respostas G

No grupo com assiduidade regular constatou-se que este esforço resultou eficaz, já que a maioria das respostas foi classificada como de boa qualidade formal. Este dado evidencia uma adaptação de base à realidade objetiva (Chabert, 2004). Dentre os três grupos, este foi o que apresentou, proporcionalmente, o menor número de respostas de má qualidade formal (13 entre 56).

No grupo com assiduidade irregular, o esforço intelectual também resultou eficaz, dada a predominância de respostas de boa qualidade formal. Contudo, proporcionalmente, observou-se o aumento do número de respostas de má qualidade formal (29 entre 78).

No grupo sem assiduidade, a eficácia da articulação do estímulo mostrou-se bem inferior em comparação com os demais grupos, uma vez que 29 das 62 respostas globais caracterizaram-se pela má qualidade formal. Foi o único grupo em que o número de respostas de má qualidade perceptual superou a quantidade de respostas de boa qualidade formal. Considerando que a abordagem G implica uma atitude mental de organização do estímulo, nota-se que o esforço existiu, mas fracassou na escolha de imagens que não correspondem àquelas com maior frequência no grupo normativo (Pasian, 2000/2010), sinalizando um possível comprometimento dos recursos que favorecem a inserção na realidade.

4.3.2.1.2 Relação com os determinantes [1]

No grupo com assiduidade regular, as respostas G associaram-se a determinantes formais puros (∑= 30; 22+, 2±, 6-), cinestésicos (∑=11; 7+, 2±, 2-), cromáticos (∑=9; 1+, 3-, 5±), de tonalidade (∑=8; 3+, 2±, 3-) e de claro-escuro com tonalidade disfórica (∑=3; 2+,1-). Verificou-se a predominância do controle formal do estímulo, que foi bem sucedido, dada a maior frequência de respostas de boa qualidade formal. Isto ocorreu também com as respostas associadas a determinantes cinestésicos. Já a produção de determinantes cromáticos revelou um movimento de repressão e/ou evitação da mobilização dos afetos. Pode-se perceber, na leitura da tabela 20, que metade dos

[1] A contagem dos determinantes sensoriais incluiu respostas já registradas em outra categoria de determinante, devido à presença de determinantes duplos (exemplo: KC, kobE). Este procedimento foi adotado com a finalidade de não perder a riqueza das respostas produzidas pelos sujeitos. Por essa razão, o somatório dos determinantes excede o total de respostas do grupo.

protocolos não apresenta este tipo de determinante. Nos demais, predominou a qualidade formal imprecisa, característica de uma reação emocional menos intensa, mais superficial. Nas poucas tentativas de controle formal sobre a cor, o esforço resultou ineficaz, produzindo respostas de má qualidade formal em sua maioria, evidenciando o efeito desorganizador dos afetos. Em relação aos determinantes de tonalidade, a forma prioritária pareceu conferir um controle frágil sobre os sentimentos de ansiedade, tendo em vista a predominância de respostas imprecisas e de má qualidade formal. Quanto às respostas de claro-escuro de tonalidade disfórica, foram registradas em três protocolos, evidenciando sentimentos de angústia neste grupo. No entanto, a predominância de respostas de boa qualidade formal denota a capacidade de reação frente à mobilização destes sentimentos.

No grupo com assiduidade irregular, as respostas G apresentaram-se associadas a determinantes formais puros (∑= 52; 31+, 2±, 19-), cinestésicos (∑= 17; 10+, 3±, 4-), sensoriais cromáticos (∑= 9; 3+, 2±, 4-), acromáticos (∑=2; 1+, 1-) e de tonalidade (∑= 2; 1-, 1E). Aqui, a tentativa de controle intelectual do estímulo (predomínio de respostas F) foi medianamente bem sucedida, considerando-se o alto número de respostas de má qualidade formal. Notou-se maior projeção cinestésica (todos os sujeitos apresentaram respostas de movimento), que resultou em perceptos de boa qualidade em sua maioria. Quanto aos determinantes sensoriais, constatou-se a repercussão desorganizadora da cor, apesar da tentativa de controle intelectual sobre o estímulo (predomínio de respostas com forma prioritária e má qualidade perceptual), denotando o esforço de manejo dos afetos. As respostas acromáticas foram encontradas em dois protocolos, ambas denotando sensibilidade à cor preta, expressando certa tendência depressiva dos sujeitos que não pareceu constituir uma característica mais geral do grupo. Da mesma forma, as respostas de tonalidade foram raras entre estes adolescentes.

No grupo sem assiduidade, as respostas G também estiveram associadas, em sua maioria, a determinantes formais puros (∑= 26; 14+,12-). No entanto, o controle intelectual do estímulo revelou-se menos eficaz comparado aos demais grupos, resultando em números quase equivalentes de respostas de boa e de má qualidade formal. A projeção cinestésica apareceu nos protocolos de 5 sujeitos, com predominância de perceptos de boa qualidade formal (∑= 13; 8+, 2±, 3-). Neste grupo, as respostas globais cromáticas também foram verificadas em apenas metade dos protocolos, sendo a maioria de má qualidade perceptual (∑= 10; 1+, 3±, 6-), apesar do esforço de controle intelectual sobre a mobilização dos afetos (respostas com forma prioritária). As respostas acromáticas (C') foram produzidas em dois protocolos que não

apresentaram quaisquer respostas com uso da cor, denotando um movimento de evitação da mobilização afetiva que não se sustentou frente à sensibilidade à cor preta. Contudo, deve-se ressaltar que ambas caracterizaram-se pela boa qualidade formal (FC'+), revelando a presença de recursos para o manejo de sentimentos depressivos. Observou-se também o impacto emocional causado pela tonalidade, dado o expressivo número de respostas de má qualidade formal (∑= 13; 3+, 1±, 9-). As respostas Clob não configuraram uma tendência deste grupo, registrando-se apenas uma resposta de claro-escuro de tonalidade disfórica de boa qualidade formal (FClob+).

Estas diferenças verificadas na comparação dos grupos tornaram-se ainda mais significativas no aprofundamento da análise dos determinantes cinestésicos e sensoriais associados a G, apresentada a seguir:

- Determinantes cinestésicos

Grupo com assiduidade regular (2K+, 1KC-, 1KC+, 4kan+, 1kobC±, 1kanC-, 1kobE±) -

Embora tenha sido possível observar uma sensibilidade à projeção cinestésica no grupo (oito adolescentes forneceram este tipo de resposta), cabe ressaltar que a maioria dos sujeitos (seis) forneceu respostas cinestésicas globais cotadas como k menores, sendo as respostas de conteúdo propriamente humano (K) apresentadas apenas por três participantes (S4, S15 e S22). Tal proporção entre as respostas K e k menores é sugestiva de imaturidade (4K<5kan, 2kob). Percebeu-se que quase a metade das respostas (5/11) estava associada a determinantes sensoriais, indicando um possível efeito da cor e da tonalidade na projeção cinestésica. Considerando que a associação com estes determinantes contribuiu para a deterioração da qualidade formal dos perceptos, constatou-se que o aporte dos afetos tem um efeito desorganizador para estes sujeitos.

Grupo com assiduidade irregular (5K+, 1K±, 1KC-, 1kan±, 3kan+, 3kan-, 1kob±, 2kobC+) - todos os sujeitos deste grupo apresentaram respostas globais cinestésicas, evidenciando a capacidade imaginativa, embora em nível mais infantil (7K< 7kan, 3kob). A presença de maior número de sujeitos que forneceram respostas K (seis adolescentes) também refletiu maior disposição ao envolvimento. A sensibilidade cinestésica dificilmente apareceu associada a determinantes sensoriais.

Grupo sem assiduidade (5K+, 1KE+, 1kp-, 1kpC-, 2kan+, 1kan-, 1kobC±, 1kob±) - aqui, somente metade dos sujeitos apresentou projeções cinestésicas nas respostas globais, sendo este o grupo com menor número de protocolos contendo este tipo de determinante. Além da imaturidade indicada pela proporção entre as cinestesias maiores e menores (6K<3kan, 2kp, 2kob), observou-se que a deterioração da qualidade formal ocorreu principalmente nas cinestesias animais (kan), de objeto (kob) e pequenas cinestesias (kp), cotadas como imprecisas ou de má qualidade perceptiva. Por isso, é significativo lembrar a observação de Rausch de Traubenberg (1970/1998, p.113), ao esclarecer que

> "Esses elementos menores, substituições da verdadeira projeção ou repressões parciais dos sonhos e das necessidades, podem, quando são numerosos, significar a acumulação, a preponderância dos elementos fantasmáticos infantis ou mórbidos sobre as capacidades de integração com a realidade objetiva e com a identificação real."

- Determinantes cromáticos

Grupo com assiduidade regular (4CF±, 1kobC±, 1FC-, 1KC+, 1KC-, 1kanC-) – observou-se a tentativa de enriquecimento das projeções cinestésicas com a utilização da cor, nem sempre bem sucedida, dada a maior presença de respostas globais de movimento com má qualidade formal. A evitação do contato com os afetos pareceu caracterizar o movimento do grupo, tendo em vista a quantidade de respostas imprecisas com forma secundária à cor (CF±, kobC±).

Grupo com assiduidade irregular (1CC'F+, 2CF±, 1CF-, 2FC-, 1KC-, 2kobC+) – a cor mobilizou intensamente os sujeitos deste grupo, trazendo um efeito ora enriquecedor (três respostas de boa qualidade formal), ora desorganizador (quatro respostas de má qualidade formal). O impacto emocional provocado pela cor foi observado particularmente nas respostas globais caracterizadas pela tentativa de controle intelectual do estímulo (respostas com forma prioritária - FC, KC), denotando um esforço lógico nem sempre eficaz diante da mobilização dos afetos.

Grupo sem assiduidade (2CF-, 1CF±, 1kobC±, 1FC+, 3FC-, 1FC±, 1kpC-) - Entre os sujeitos deste grupo, o efeito desorganizador da cor mostrou-se mais intenso, dada a predominância de perceptos de má qualidade formal. A tentativa de controle intelectual

do estímulo mostrou-se bastante ineficaz, evidenciando a fragilidade das defesas psíquicas perante a mobilização dos afetos.

- Determinantes acromáticos

Foram verificados nos grupos com assiduidade irregular (1CC'F+, 1FC') e sem assiduidade – (2FC'+), denotando uma sensibilidade à cor preta em todos os casos, que reflete certa tendência depressiva. Embora tenham ocorrido em poucos protocolos, chama a atenção seu surgimento nos grupos com maior dificuldade de cumprimento da medida socioeducativa.

- Determinantes de claro-escuro

Foram registrados, em sua maioria, no grupo com assiduidade regular (1ClobF-, 2FClob+), evidenciando a presença de angústia entre estes sujeitos. A organização do estímulo em um percepto de boa qualidade formal mostrou a capacidade de reação diante da emergência deste sentimento. Respostas com este determinante não foram verificadas no grupo com assiduidade irregular. No grupo sem assiduidade, houve apenas uma ocorrência, também caracterizada pelo controle intelectual eficaz sobre a angústia despertada pelo estímulo (FClob+).

- Determinantes de tonalidade

Grupo com assiduidade regular (3FE+, 3FE-, 1FE±, 1kobE±) – as respostas de tonalidade foram registradas em seis protocolos. De acordo com Chabert (2004), a utilização do cinza e de suas variações reflete uma afetividade tímida, assim como "a busca ansiosa de adaptação, mais do que a adaptação com êxito" (Chabert, 2004, p.95).

Grupo com assiduidade irregular (1E, 1FE-,)- neste grupo, as respostas de tonalidade foram observadas em apenas dois protocolos. Além de pouco freqüente, este determinante não possibilitou a articulação de perceptos de boa qualidade formal. Cabe esclarecer que a resposta E sem registro de qualidade formal referiu-se ao percepto "fumaça", apresentado por S21, que não conseguiu explicar como organizou o estímulo ("sei lá! Não sei da onde eu tirei também").

Grupo sem assiduidade (1KE+, 1EF±, 9FE-) – neste grupo, as respostas de tonalidade mostraram-se freqüentes (presentes em sete protocolos), mas se caracterizaram pela predominância da má qualidade formal. Percebeu-se a tentativa de controle intelectual do estímulo (maior número de respostas com forma como determinante prioritário), mas este esforço não foi eficaz. O efeito desorganizador superou aquele causado pela cor, sinalizando o quanto a busca de adaptação constitui fonte de angústia para estes sujeitos.

4.3.2.1.3 Nível de elaboração

Verificou-se, no grupo com assiduidade regular, a predominância de respostas simples (26). De acordo com Chabert (2004), as G simples constituem uma leitura fácil das pranchas, razão pela qual sua presença aponta uma capacidade de percepção básica, que viabiliza a ancoragem mínima na realidade comum. Mas no plano da atividade defensiva, ainda de acordo com a autora (ibid), a apreensão global simples participa dos mecanismos mais rígidos de adaptação, onde o recurso à realidade objetiva visa à preservação do sujeito contra as emergências internas. Em relação aos sujeitos deste grupo, pode-se dizer que a apreensão global revelou-se medianamente eficaz enquanto mecanismo defensivo, dado que o número de respostas vagas (quatro) e imprecisas (sete) correspondeu a quase 20% da produtividade total dos sujeitos. Este percentual sinaliza o grau de ansiedade despertado pelos estímulos, exigindo defesas da ordem do recalcamento (Chabert, 2004). Mesmo assim, os sujeitos apresentaram um controle intelectual suficiente para fornecerem um baixo número de respostas sincréticas (13). Trata-se do grupo com menor quantidade de respostas G de má qualidade formal, conforme já apontado anteriormente.

No grupo com assiduidade irregular, também houve prevalência de G simples (33), indicando a capacidade de adaptação perceptiva básica destes sujeitos. Destacou-se a presença de maior número de respostas elaboradas (nove, fornecidas por cinco sujeitos), sugerindo, de um lado, a presença de recursos para uma articulação própria e criativa do estímulo e de outro, uma atitude menos defensiva, mais aberta à emergência e possibilidade de articulação da realidade interna na organização do percepto. Salienta-se que as respostas vagas e impressionistas foram apresentadas por apenas três sujeitos (S2, S11 e S21), não constituindo uma tendência do grupo. No entanto, chamou a atenção o alto número de respostas sincréticas (29), revelando maior grau de ineficácia do compromisso defensivo.

Já no grupo sem assiduidade, as respostas G sincréticas foram predominantes (29), o que aponta dificuldades importantes na abordagem do mundo socializado. De acordo com Rausch de Traubenberg (1970/1998), uma quantidade superior de percepções de má qualidade formal também está relacionada a dificuldades no processo de individuação, sendo freqüentes em protocolos infantis e de registro patológico. Proporcionalmente, este foi o grupo com menor quantidade de respostas elaboradas (três), vagas (duas) e impressionistas (quatro), sendo marcantes o baixo investimento cognitivo e o insucesso do esforço intelectual representado pela abordagem G.

4.3.2.2 Respostas D (tabela 21)

Em relação à quantidade de respostas com recorte D, observou-se que a maioria dos sujeitos dos grupos com assiduidade regular e irregular (cinco e seis, respectivamente) apresentaram percentuais inferiores aos padrões normativos. Vale ressaltar que três adolescentes do grupo com assiduidade irregular não forneceram este tipo de resposta. Foi no grupo sem assiduidade que se registrou um D% correspondente à média na maior parte dos protocolos dos sujeitos (seis).

4.3.2.2.1 Qualidade formal das respostas D

Em todos os grupos, houve predominância de respostas de boa qualidade formal, fator indicativo de ancoragem no senso comum e de participação no pensamento coletivo. No entanto, deve-se salientar a maior proporção de respostas de má qualidade formal no grupo com assiduidade irregular, onde os perceptos de má qualidade corresponderam a 42,8% do total de respostas neste recorte, revelando uma tentativa medianamente bem sucedida de controle do estímulo a partir da limitação do campo perceptivo. Este dado aponta para uma capacidade mediana de inserção na realidade e de controle das percepções. Por outro lado, foi o único grupo que apresentou a produção de 2 DDbl+, evidenciadoras de recursos para uma articulação mais elaborada do estímulo. Esta presença de percepções do espaço em branco também é indicativa de uma atitude de oposição, aspecto que não deve ser abordado apenas no sentido negativo, mas também em sua conotação positiva, que implica dinamismo, resistência, desejo de afirmação e resolução (Rausch de Traubenberg, 1970/1998).

Tabela 21- Respostas D e seus determinantes

Grupo com assiduidade regular – Respostas D (∑=34; 21+,5±, 8-)
Grupo com assiduidade irregular – Respostas D (∑=28; 14+,2±, 12-)
Grupo sem assiduidade – Respostas D (∑=28; 16+,4±, 8-)

Grupo com assiduidade regular							Grupo com assiduidade irregular								Grupo sem assiduidade						
Suj	**D% [29-39]***	**ΣD**	**D+**	**D±**	**D-**	**Determinantes**	**Suj**	**D% [29-39]***	**ΣD**	**D+**	**D±**	**D-**	**DDbl+**	**Determinantes**	**Suj**	**D% [29-39]***	**ΣD**	**D+**	**D±**	**D-**	**Determinantes**
S3	*28,57*	2	1	0	1	1F+, 1F-	**S2**	33,3	9	5	0	4	0	2F+, 1F-, 2kan+, 1C'F-, 1FC+, 1FC-, 1FC'-	**S7**	33,3	2	2	0	0	2F+
S4	38,8	7	4	1	2	4F+, 1F-, 1FC-, 1CEF±	**S5**	31,2	5	3	0	1	1	2F+, 1F-, 1FE+, 1FEC+	**S8**	37,5	3	3	0	0	2F+,K+
S6	**55,5**	5	3	2	0	2F+,1F±, 1FE±, 1FC+	**S10**	*0*	0	0	0	0	0		**S13**	**40**	4	1	2	1	2F±, 1K+, 1K-
S9	*12,5*	1	1	0	0	1K+	**S11**	*10*	1	1	0	0	0	1F+	**S14**	*10*	1	0	0	1	1kanC-
S12	*20*	2	1	0	1	1F+, 1CF-	**S18**	*0*	0	0	0	0	0		**S16**	*14,28*	1	0	0	1	1F-
S15	**54,5**	6	3	1	2	1F+, 2F-, 1F±, 1K+, 1CF+	**S20**	**40**	4	1	0	2	1	1F+, 2F-, 1kan+	**S17**	33	2	1	1	0	1F+,1F±
S22	*10*	1	0	1	0	F±	**S21**	*14,2*	2	0	0	2	0	1F-, 1FC-	**S28**	*13,3*	2	1	0	1	1F-, 1~~FC-~~
S24	**45,4**	5	5	0	0	5F+	**S33**	*0*	0	0	0	0	0		**S29**	35,7	5	4	0	1	4F+,F-
S30	*20*	2	1	0	1	F+,FE-	**S34**	*22,2*	2	0	2	0	0	1CF±, 1kobC±	**S31**	33,3	4	3	0	1	2F+, 1F-, 1FE+
S32	25	3	2	0	1	2F+, 1F-	**S35**	**45,45**	5	2	0	3	0	2F+, 2FC-, 1CF-	**S36**	36,3	4	1	1	2	2F-,kan+,1CF±
Σ		34	21	5	8		**Σ**		28	12	2	12	2		**Σ**		28	16	4	8	

Legenda: **(***abaixo da média,* média**, acima da média)**

4.3.2.2.2 Relação com os determinantes

No grupo com assiduidade regular, as respostas D associaram-se a determinantes formais puros (∑=25; 17F+, 3F±, 5F-), cinestésicos (∑=2; 2K+), cromáticos (∑=5; 1CF+,1CEF±, 1CF-, 1FC+, 1FC-) e de tonalidade (∑=3; 1CEF±, 1FE±, 1FE-), Constatou-se, deste modo, a predominância de respostas formais puras, em sua maioria perceptos de boa qualidade, evidenciando a congruência entre o modo de apreensão e a qualidade formal (Chabert, 2003). Deve-se ressaltar que 70,5% das respostas D (24/34) foram registradas no conjunto de pranchas coloridas (II, III, VIII, IX e X). Mesmo assim, a cor foi pouco frequente e apareceu como determinante neste recorte em apenas quatro protocolos. As respostas de tonalidade, também pouco numerosas, destacaram-se pela imprecisão ou má qualidade formal, apesar da restrição do campo perceptivo e do esforço para o controle intelectual do estímulo (forma prioritária). Pareceram indicar a dificuldade de conter a ansiedade despertada pelos perceptos, possivelmente devido às solicitações latentes das pranchas onde ocorreram (pr. II, no caso de S4, pr. III, no protocolo de S6 e VI, no protocolo de S30).

No grupo com assiduidade irregular, as respostas D estiveram associadas a determinantes formais puros (∑=13; 8F+, 5F-), cinestésicos (∑=4; 3kan+, 1kobC±), cromáticos (∑=8; 1CF±, 1CF-,1kobC±, 1FC+, 4FC-), acromáticos (∑=2; 1C'F-, 1FC'-) e de tonalidade (∑=2; 1FE+, 1FEC+). Em relação aos determinantes formais, também predominaram respostas de boa qualidade perceptiva, o que é esperado para este recorte. As respostas cinestésicas evidenciaram, mais uma vez, a tendência dos sujeitos deste grupo às projeções de movimento. O uso da cor resultou em perceptos de má qualidade formal, em sua maioria, apesar da tentativa de controle intelectual (respostas com forma prioritária). Verificou-se a presença de duas respostas acromáticas, ambas fornecidas pelo mesmo adolescente (S2), denotando certa tendência depressiva. Sobre os determinantes de tonalidade, observou-se que pertencem ao mesmo protocolo, confirmando a tendência de pouco uso da tonalidade neste grupo.

No grupo sem assiduidade, as respostas D apresentaram-se associadas a determinantes formais (∑=20; 11F+, 3F±, 6F-), cinestésicos (∑=5; 2K+, 1K-, 1kan+, 1kanC-), cromáticos (∑=3; 1CF±, 1F~~C~~ -, 1kanC-) e de tonalidade (∑=1; 1FE+). Foi notório o pouco uso da cor e da tonalidade neste recorte, apesar de 75% das respostas D (21/28) ocorrerem nas pranchas coloridas (II, III, VIII e X). A não integração da cor evidencia a repressão dos afetos como tentativa de evitar o efeito desorganizador verificado na apreensão global do estímulo.

4.3.2.3 Respostas Dd (tabela 22)

A investigação meticulosa representada por este recorte não constituiu uma característica dos grupos analisados. Alguns sujeitos evidenciaram uma disposição mais atenta e observadora frente ao estímulo (S2, S4), mas esta não constituiu a atitude cognitiva mais comum. Independentemente do nível de assiduidade, a produtividade de respostas em Dd situou-se abaixo dos padrões normativos para a maioria dos sujeitos, com destaque para os grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade, onde seis e cinco adolescentes, respectivamente, não apresentaram qualquer resposta nesta localização. No grupo com assiduidade regular, apenas dois adolescentes não forneceram respostas Dd.

4.3.2.3.1 Qualidade formal das respostas Dd

Nos grupos com assiduidade regular e irregular, as respostas de boa qualidade formal foram mais numerosas, mas não se pode deixar de destacar a quantidade de respostas de má qualidade formal, que representaram, respectivamente, 44% e 37% do total de respostas Dd. Estes percentuais demonstram que a restrição do campo perceptivo não contribuiu para uma articulação do estímulo compatível com a realidade objetiva, resultando em projeções deformadoras.

No grupo sem assiduidade, percebeu-se a menor produtividade nesta localização. Contudo, as respostas de má qualidade formal foram predominantes, constituindo 66,6% do total. Este resultado denota um uso defensivo – porém ineficaz – da limitação do campo perceptivo.

É importante enfatizar que os grupos com assiduidade regular e irregular forneceram respostas Dd que incluíam o espaço em branco (DdDbl). Conforme Rausch de Traubenberg (1970/1998), as respostas Dbl representam uma atitude opositora e por isso mesmo devem ser interpretadas considerando-se o dinamismo e a capacidade de reagir presentes em todo ato de oposição. Nesse sentido, a ausência de Dbl no grupo sem assiduidade chamou a atenção mais uma vez, levando a pensar a respeito de um posicionamento peculiar a estes adolescentes: uma ausência de desejo de afirmação gerada pela desconsideração à realidade objetiva.

Tabela 22 - Respostas Dd

Grupo com assiduidade regular – Respostas Dd (∑=16; 8+,1±, 7-)
Grupo com assiduidade irregular – Respostas Dd (∑=16; 9+,1±, 6-)
Grupo sem assiduidade – Respostas D (∑=9; 2+,1±, 6-)

Grupo com assiduidade regular								Grupo com assiduidade irregular								Grupo sem assiduidade					
Suj	**Dd% [14-20]***	**ΣDd**	**Dd+**	**Dd±**	**Dd-**	**DdDbl+**	**DdDbl-**	**Suj**	**Dd% [14-20]***	**ΣDd**	**Dd+**	**Dd±**	**Dd-**	**DdDbl+**	**DdDbl-**	**DdDbl±**	**Suj**	**Dd% [14-20]***	**ΣDd**	**Dd+**	**Dd±**	**Dd-**
S3	*0*	0	0	0	0	0	0	**S2**	**48,1**	13	6	0	3	2	1	1	**S7**	**50**	3	1	0	2
S4	**22,2**	4	3	0	1	0	0	**S5**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S8**	**25**	2	0	1	1
S6	*11*	1	1	0	0	0	0	**S10**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S13**	20	2	1	0	1
S9	*12,5*	1	0	0	0	1	0	**S11**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S14**	*10*	1	0	0	1
S12	**40**	4	0	0	4	0	0	**S18**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S16**	*0*	0	0	0	0
S15	*9*	1	1	0	0	0	0	**S20**	*10*	1	0	0	1	0	0	0	**S17**	16,6	1	0	0	1
S22	20	2	1	0	1	0	0	**S21**	*7*	1	0	0	1	0	0	0	**S28**	*0*	0	0	0	0
S24	18	2	0	1	0	0	1	**S33**	*10*	1	1	0	0	0	0	0	**S29**	*0*	0	0	0	0
S30	*0*	0	0	0	0	0	0	**S34**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S31**	*0*	0	0	0	0
S32	*8*	1	1	0	0	0	0	**S35**	*0*	0	0	0	0	0	0	0	**S36**	*0*	0	0	0	0
Σ		16	7	1	6	1	1	**Σ**		16	7	0	5	2	1	1	**Σ**		9	2	1	6

Legenda: **(***abaixo da média*, média**, acima da média)**

4.3.2.3.2 Relação com determinantes

No grupo com assiduidade regular, as respostas Dd mostraram-se associadas principalmente a determinantes formais puros (∑=8; 5+, 3-), seguidos de determinantes cromáticos (∑=5; 2+, 1±, 2-), cinestésicos (∑=2; 1+1-) e de tonalidade (∑=1, 1-). Os determinantes sensoriais comprometeram, em sua maioria, a qualidade formal dos perceptos, indicando a fragilidade das defesas frente à mobilização dos afetos. No grupo com assiduidade irregular, as respostas associaram-se a determinantes formais puros (∑=13; 8+, 4-, 1±) e cromáticos (∑=3; 2+, 1-). Constatou-se que a restrição do campo perceptivo facilitou a integração da cor, aumentando o número de respostas de boa qualidade formal. No grupo sem assiduidade, as respostas relacionaram-se principalmente a determinantes formais puros (∑=6; 2+, 4-), registrando um determinante cinestésico (1-), cromático (1±, 1-) e de tonalidade (1-). O uso da forma prioritária evidenciou o esforço para articular o estímulo, que apesar da restrição do campo perceptivo, resultou ineficaz.

4.3.2.3.3 Relação com os conteúdos

No grupo com assiduidade regular (tabela 23), a maior parte das respostas Dd foi registrada nas pranchas X (seis respostas) e nas pranchas tricromáticas II e III (seis respostas ao todo). A primeira, de configuração dispersa, mostra-se bastante favorável à percepção em pequenas localizações. O mesmo não pode ser dito em relação às tricromáticas, de configuração bilateral. Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998), a presença de respostas Dd no início dos protocolos representa uma inversão brusca no modo de apreensão e possui um valor de mecanismo de defesa. É utilizada para evitar um efeito de choque e configura um meio de luta através do impedimento da representação do impulso na consciência. Sobre a prancha II, em especial, a autora (ibid) argumenta que a defesa psíquica visa à preservação da agressividade. Esta formulação teórica também é adotada por Emmanuelli e Azoulay (2008), para quem as pranchas II e III são propícias à reatividade pulsional. Por isso, pode-se pensar que a restrição do campo perceptivo por este grupo atende a sua necessidade de controle dos afetos, fortemente mobilizados por estas pranchas.

Observou-se a predominância de respostas de conteúdo animal (sete), seguidas de figuras humanas parciais (três) e anatomia (três), que fizeram pensar em certo grau

de ansiedade, já que Hd e Anat são fatores considerados no cálculo do índice de angústia. No discurso, constatou-se a tendência a enfatizar a idéia de ligação (vide expressões negritadas em metade dos protocolos), em representações que realçaram uma proximidade com o outro (S4: “que na natureza um depende do outro”, S22: “eles tão andando para um encontrar o outro”) ou, no extremo, a fusão (S4: “tipo uns animal junto”; S6: “Pra mim, essa parte de cima parece uma mão junto com a outra [inquérito]... por estar ligada, por ser exatamente a mesma imagem”; S15: “um coração [inquérito] que é dois. Um coração”; S24: “um monte de flor aqui”). Cumpre lembrar as solicitações latentes das pranchas onde apareceram tais respostas. A prancha II tende a evocar representações simbióticas, enquanto a prancha VIII privilegia imagens relativas ao contato com o mundo exterior e a prancha X favorece associações ligadas ao processo de separação-individuação (Chabert, 2004). Parece, assim, que o recorte mais pessoal no grupo com assiduidade regular favoreceu a expressão de necessidades de ligação/vinculação que os adolescentes não conseguiram simbolizar em representações relacionais explícitas (respostas K relacionais).

Outro elemento importante enfatizado no discurso dos sujeitos deste grupo referiu-se à imagem do rosto, que apareceu nos protocolos de S9, S12 e S32, particularmente na prancha X. Trata-se de uma imagem ora neutra, como na descrição de S9 (“Olho, sobrancelha, nariz, esse pinguinho aqui, só não esses dois, tem que tirar isso daqui, e o pescoço”) ora negativa (S12: “Um bicho com cara de bravo”; S32: “como se tivesse uma coisa tampando a boca, como se tivesse uma máscara”), sendo mais frequente sua associação a projeções de conotação persecutória (S12 e S32).

Tabela 23 - Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo com assiduidade regular

Suj	Respostas Dd	Pr.	Det.	Cont.
S4	- "Tipo uns animal **junto**", inquérito: "Bico de um pato. Isso aqui parece boca de jacaré."	V	F+, F+	Ad
	- "peixes"	X	FC-	A
	- "dois grilos. Tem uma **ligação** entre todos" inquérito: Porque é pequeno e é verde.(?) Porque tá junto aqui. Tá ligado com esse aqui que encosta no cavalo marinho. Grilo encosta no azul que encosta no cavalo marinho. (?) Que na natureza, um depende do outro.	X	FC+	A
S6	- "Pra mim, essa parte de cima parece uma mão junto com a outra. É o que parece. Já que não tem forma nenhuma." Inquérito: "Por estar na parte superior, por estar **ligada**, por ser exatamente a mesma imagem."	II	F+	Hd
S9	-(V) "Um rosto." Inquérito: "Olho (amarelo), sobrancelha (verde), nariz, esse pinguinho aqui, só não esses dois, tem que tirar isso daqui, e o pescoço (preto)."	X	F+	Hd
S12	- "Parece com as presas de um bicho. Tipo a face de um rosto assim. Isso. Não sei que bicho. Parece bem uma coisa estranha."	II	F-	(Ad)
	- "Olho aqui, nariz aqui. A boca, assim. Não um rosto, não, rosto de alguma coisa. Tipo uma caveira, um negócio assim. Porque lembra, né, o olho separado, não tem nada em volta. Só o nariz."	III	F-	Anat
	- "(v) Parece uma árvore. No meio, esse laranja não deu pra entender, não. Mas parece um tronco, uma árvore."	IX	CF-	Pl
	- "(v) Parece um rosto de um bicho." Inquérito: "Uma parte da testa, bicho muito feio, o olho, nariz, a boca. Um bicho com cara de bravo. Menos os detalhes. De algum estranho, bicho feio. Aqueles rostos de desenho que aparece no fundo assim."	X	F-	(Ad)
S15	-"Um coração." Inquérito: "**Que é dois**. Aqui, ó. (dois ou um?) **Um** coração."	II	CF+	Anat
S22	-" Parece dois pássaros". Inquérito: "Aqui é um ninho, eles tavam se protegendo. E aqui era um galho. (e aqui é o que?) Aqui eles tavam voando."	III	Kan-	A
	- "Parece dois animal andando". Inquérito: "Porque parece que eles tão andando para **um encontrar o outro**. (porque acha que lembrou?) Por causa das pata e do rabo."	VIII	Kan+	A
S24	-" Parece um....como é que fala? Quando tira um raio x. Um corpo assim, um raio-x assim." Inquérito: "Tem a mão aqui. Aqui parece os dois peito, a barriga. (o branco entra?) É. Porque eu vi assim, esses negócio assim (aponta o sombreado inferior do estímulo), parece esqueleto, uns osso."	III	FE-	Anat
	- "Tem várias coisas. Tem **um monte de flor** aqui". Inquérito: "Os amarelo aqui, os laranja. Porque vi tipo aquele negócio verde, mato assim, na ponta a flor."	X	CF±	Pl
S32	- "Parece um rosto também.". Inquérito: "Olhando assim, parece um rosto. Olhos (amarelo), nariz (laranja) e a boca (preto) como se tivesse uma coisa tampando a boca, como se tivesse uma máscara".	X	F+	Hd, Masc

No grupo com assiduidade irregular (tabela 24), a maior parte dos perceptos Dd foi registrada na prancha X. Predominaram as figuras humanas (nove), destacando-se as representações parciais (seis), indicativas de sentimentos de angústia entre estes

adolescentes. Aqui, a análise do discurso permitiu identificar um modo mais distanciado, quase frio, de referir-se ao humano. Ao invés de “rosto” (resposta freqüente no grupo com assiduidade regular), percebeu-se o “formato de um rosto” (S20), a ênfase à cabeça (S2: “a cabeça de um corpo”) e a descrição objetiva do corpo humano (S21: “Intestino, por causa desse negócio aqui, aí vai, desce, aí vai pra cá”). Fugiu a esta tendência a resposta de S33. No entanto, a revelação deste sujeito sobre o surgimento do percepto (“chutei para ir mais rápido”) mostrou que certo distanciamento já estava ocorrendo na realização da tarefa, apesar (ou talvez justamente por isso) da delimitação perceptiva mais pessoal.

Tabela 24 - Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo com assiduidade irregular

Suj	Respostas Dd	Pr.	Det.	Cont.
S2	-“ Nossa! Parece duas mãos.” Inquérito: “Parece duas mão aberta”	I	F+	Hd
	- “Aqui duas cabeças. Duas cabeça” Inquérito: “Parece duas cabeça. Só a cabeça.”	I	F+	Hd
	- “Dois cachorro, na ponta aqui, ó”. Inquérito: “Parece rotweiller”	I	F-	A
	- “as cabeças e as mãos, parece a cabeça de um corpo”. Inquérito: “Corpo tá de um, mas parece dois. Uma pessoa de duas cabeça”	I	F-	(H)
	-“(<) Em cima, aqui, parece duas mãos. De assim”. Inquérito: (gesticula para mostrar como viu).	II	F+	Hd
	- “Cabeça de jacaré” Inquérito: “Aqui os olhinhos, a boca bem pequenininha. Só a cabeça.”	II	F+	Ad
	-“ Parece que tem duas pessoas aqui pequenininha”. Inquérito: “Por causa da cabecinha. (como estão?) sentada.”	VI	F+	H
	-“ Parece um filé de peixe de ponta cabeça”. Inquérito: “Filé de peixe não tem isso aqui (aponta as pontas da mancha). Só o peixe tem. (porque lembrou?) Lembra o formato dele, aqui no meio assim.”	VI	F+	Alim
	-“ Um bicho com as mãos do leão, as pata do leão, um bicho estranho” Inquérito: “Os olhos, as patas, a boca. (o branco entra?) Entra porque o branco que dá o formato da boca.”	VIII	F±	A
	-“ Parece um palhaço” Inquérito: “Cabelo, cabeça, os olhos e o nariz. O resto do rosto não dá pra ver por causa da mancha. (se fosse preto, daria pra ver?) Não.”	IX	CF-	Hd
	-“ Parece dois bruxos”. Inquérito: “Aqueles boné de palha, de bruxo, assim grandão. (como eles estão?) Tão em pé, virado um de frente pro outro.”	IX	F-	H
	-“ Parece um rosto aqui embaixo” Inquérito: “Olho, azul, a boca, o verde. (se fosse preto?) Não. (o branco ajuda a ver?) Ajuda a ver a boca”	X	CF+	Hd
	- “Aqui parece um cara de ray-ban.” Inquérito: “É o mesmo aqui, ó. (o ray-ban, o que é?) o azul.”	X	CF+	Hd
S20	-“(V) Tá parecendo uma máscara. Dois olhos, nariz, formato da boca, uma máscara, caricatura, negócio pra segurar. Aqui, certinho mesmo (me mostra). Uma caricatura. É formato de rosto, não é?” Inquérito: “Aqui os olhos (amarelo), a boca é esse aqui. (o branco entra?) É. Aqui o nariz.”	X	F+	Masc
S21	-“ Está mais parecido com o corpo humano.” Inquérito: Intestino (laranja). (porque acha que lembrou?) por causa desse negócio aqui, aí vai, desce, aí vai pra cá.”	X	F-	Anat
S33	- “Aqui tá mais difícil que tem, heim? Deixa eu ver...uma flor, sei lá. Chutei.” Inquérito: “eu chutei mesmo, pra ir mais rápido. Mas não parece. Deixa eu ver o que parece. (V) Vai parecer uma rosa, porque tem o pezinho dela aqui. Parece uma rosa, mas ela devia se fosse tipo assim, fechando aqui, parecia uma rosa. Parece um pouco.”	X	F+	Pl

No grupo sem assiduidade (tabela 25), a prancha X também foi aquela onde se registraram mais respostas Dd. A maior parte dos conteúdos consistiu em representações animais (cinco), o que denotou um empobrecimento das associações.

Destacou-se a presença da atuação motora por quatro dos cinco adolescentes que realizaram este tipo de recorte, dado o giro da prancha (S7, S8 e S13) e o movimento automático de delimitação na folha de localização (S14). O movimento de inversão da prancha pode ser interpretado como uma forma de oposição, o que faz pensar na dificuldade destes sujeitos de expressarem sua resistência de outra forma que não seja motora. Roman (2009) descreve o investimento da motricidade como um tipo de estratégia defensiva, esclarecendo que o agir substitui o pensar, comprometendo o trabalho de simbolização. O caso de S14 ilustra bem este argumento do autor (ibid), já que a tarefa de localização do percepto tornou-se uma tentativa de descarga da ansiedade.

Em nível discursivo, observou-se o surgimento de expressões aparentemente hesitantes/inseguras, mas que determinaram o fim do inquérito, evitando o trabalho de pensamento incentivado pelas perguntas da examinadora (S8: “pode ser que sim, pode ser que não”; S13: “não sei, nem eu sei te falar”; S17: “não sei responder”).

Tabela 25 - Conteúdos relacionados às respostas Dd do grupo sem assiduidade

Suj	Respostas Dd	Prancha	Det.	Cont.
S7	(V) "Parece aquela foca lá, leão-marinho." Inquérito: "Essa barbinha aqui. E aqui, tipo aquelas nadadeira"	X	FE-	A
	"E dois cavalo-marinho". Inquérito: "Por causa do rosto dele, aqui. o resto é o corpo."	X	F+	A
	"Aqui parece um pássaro. Só". Inquérito: "Um gavião, coisa assim".	X	F-	A
S8	"Não faço idéia. (ri) Lembro de uma ponto.40 que eu peguei. (o que é ponto quarente?) uma arma. Tem lógica. (manuseia a prancha, vira). Só." Inquérito: "Essa parte aqui que puxa para engatilhar."	I	F-	Obj
	"(V) Duas árvores e o pôr-do-sol (tom de pergunta, hesitante)." Inquérito: "A árvore (aponta parte verde da prancha) e o pôr-do-sol (aponta parte laranja) (se fosse em preto, você acha que ia ver?) Pode ser que sim, pode ser que não."	X	CF±	Pl, Nat
S13	(V) "Um tigre, dois tigres, quer dizer, com as montanhas, com um rio. Só." Inquérito: "Parece dois macaco (explica que parece macaco na folha de localização) Tipo uma cachoeira. (porque você acha que lembrou?) Aparência mesmo. (se fosse tudo preto, acha que ia ver?) Dependendo da forma...."	VIII	F+	A, Nat, Elem
	"Um rio com uma...árvore." Inquérito: "Não sei, nem eu sei te falar".	X	F-	Nat
S14	"Dois passarinhos." Inquérito: (marca automaticamente a folha de localização como se fosse um percepto global. Com minha insistência para marcar onde estão os passarinhos, vê-se que não é G) Numa árvore. (o que eles estão fazendo?) Tão pendurado, em cima da árvore, subindo.	IX	KanC-	A
S17	"Pra mim, aqui você tá seguindo um caminho. Uma porta." Inquérito: "Duas coisas que tá repartido, um caminho e outro. (caminho do que?) Não sei. (porque acha que lembrou de caminho?) Porque pra mim parece um caminho, de você andar. (a porta tem a ver com o caminho?) Tem o mesmo sentido. (mesmo sentido? Como assim?) Não sei responder."	X	F-	Obj

4.3.3 Análise dos determinantes

4.3.3.1 Determinante formal (tabela 26)

A produtividade total influenciou diretamente o número de respostas com determinante formal puro, observando-se que o grupo com assiduidade irregular foi aquele com maior quantidade de respostas F, enquanto o grupo sem assiduidade apresentou a menor quantidade. Em todos os grupos, o percentual de respostas formais

Tabela 26 – Determinante formal F

Grupo com assiduidade regular – (∑=63; 42+,14-, 7±)
Grupo com assiduidade irregular – (∑=83; 45+,17-, 21±)
Grupo sem assiduidade – (∑=54; 26+,14-, 14±)

Suj	F% [35-46]*	F+% [58-69]*	F% ext	F+% ext	ΣF+	ΣF-	ΣF±	Suj	F% [35-46]*	F+% [58-69]*	F% ext	F+% ext	ΣF+	ΣF-	ΣF±	Suj	F% [35-46]*	F+% [58-69]*	F% ext	F+% ext	ΣF+	ΣF-	ΣF±
S3	**100**	*57,14*	100	57,14	4	3	0	**S2**	**62,9**	61,76	85,2	63	9	5	3	**S7**	**83,3**	**80**	100	66,6	4	0	1
S4	**55,5**	**80**	88	68,7	8	2	0	**S5**	**75**	*41,66*	93,7	40	5	0	7	**S8**	37,5	66,6	87,5	85,7	2	1	0
S6	**66,6**	**75**	100	77,7	3	0	3	**S10**	**80**	**100**	100	100	4	0	0	**S13**	**50**	60	90	55,5	2	2	1
S9	**75**	**100**	100	100	6	0	0	**S11**	40	**87,5**	70	93	3	1	0	**S14**	**70**	*28,5*	90	22,2	2	0	5
S12	**50**	*20*	80	50	1	4	0	**S18**	**60**	66,6	100	50	4	2	0	**S16**	**71,4**	*30*	100	35,7	1	1	3
S15	**54,5**	*50*	81,8	55,5	2	2	2	**S20**	**70**	*42,85*	100	60	3	0	4	**S17**	**83**	**70**	100	75	3	1	1
S22	**50**	*40*	90	50	2	1	2	**S21**	**71,4%**	60	92,8	61,5	6	4	0	**S28**	40	*50*	100	42,8	3	0	3
S24	**54,5**	**100**	81,8	83,3	6	0	0	**S33**	**60**	66,6	100	50	4	2	0	**S29**	**57,1**	*50*	85,7	41,6	4	4	0
S30	40	**75**	80	43,75	3	1	0	**S34**	**55,5**	*40*	66,6	33,3	2	3	0	**S31**	**50**	66,6	91,6	54,5	4	2	0
S32	**66,6**	**87,5**	100	66,6	7	1	0	**S35**	**75**	*41,66*	93,7	40	5	0	7	**S36**	36,3	*25*	90	70	1	3	0
Σ					42	14	7	**Σ**					45	17	21	**Σ**					26	14	14

*

Legenda: **(***abaixo da média*, média**, acima da média)**

puras (F%) situou-se, predominantemente, acima dos valores normativos (nove sujeitos com F% acima da média nos grupos com assiduidade regular e irregular; sete sujeitos no grupo sem assiduidade). Segundo Chabert (2003), este resultado denota uma rigidez defensiva, que procura utilizar a realidade exterior como forma de evitar a expressão das pressões pulsionais.

Especificamente no grupo com assiduidade regular, a tentativa de controle intelectual do estímulo foi medianamente bem sucedida, pois quatro sujeitos não conseguiram alcançar os valores normativos para F+% (S3, S12, S15 e S22). No cálculo de F+% ext, onde são incluídas todas as respostas de boa qualidade perceptiva com forma prioritária, metade dos sujeitos passou a apresentar resultados aquém dos padrões normativos (S3, S12, S15, S22 e S30). Este dado demonstra o impacto dos determinantes sensoriais e a fragilidade dos recursos defensivos destes adolescentes para o manejo dos afetos.

No grupo com assiduidade irregular, a rigidez defensiva trouxe resultados semelhantes. Novamente percebeu-se que a formalização excessiva foi medianamente eficaz, pois quatro adolescentes também apresentaram F+% abaixo da média (S5, S20, S34 e S35). O cálculo de F+% ext gerou um aumento percentual de respostas de boa qualidade formal em alguns protocolos, mas teve impacto negativo significativo sobre outros. Assim, no cômputo geral de F+%ext, metade dos sujeitos passou a não alcançar os valores indicados pela norma (S5, S18, S33, S34, S35).

As tendências à formalização excessiva e ineficácia do esforço de intelectualização agravaram-se no grupo sem assiduidade, que apresentou o maior número de sujeitos com F+% abaixo da média. Chamou a atenção os valores muito inferiores registrados por estes adolescentes na comparação com os outros grupos (F+% abaixo da média, situado entre 25 e 50%). O cálculo de F+% ext não favoreceu o desempenho geral deste grupo, pois o percentual alcançado por seis adolescentes permaneceu abaixo dos padrões normativos.

4.3.3.2 Determinantes cinestésicos humanos (tabelas 27 a 29)

Rausch de Traubenberg (1970/1998) esclarece que os determinantes cinestésicos humanos são propícios à avaliação de diversos aspectos do indivíduo, permitindo verificar desde o processo de identificação sexual, por meio da análise dos conteúdos humanos e parahumanos sexualizados, até a capacidade imaginativa, a partir do estudo

do tipo de movimento projetado no estímulo. Possibilita, ainda, investigar a qualidade das relações objetais, evidenciadas nas interações percebidas pelos sujeitos.

Conforme demonstra a tabela 27, dos 10 adolescentes com assiduidade regular, apenas quatro apresentaram respostas K (∑=6; 4K+, 1KC+, 1KC-), não sendo registrado este tipo de determinante na maioria dos protocolos (seis). No teste de limites (reapresentação da pr. III ao sujeito, no final do inquérito), quatro sujeitos afirmaram conseguir perceber figuras humanas. No entanto, um deles não soube esclarecer o percepto (S3) e os demais fizeram comentários que denotam certo distanciamento do humano (S24: "parece um corpo"; S30: "Se juntar tudo, dá uma pessoa, pelo menos os ossos. Ou metade de uma caveira."; S32: "Cabeça e um corpo aqui.").

A partir destes resultados, constatou-se que a ausência de K é predominante no grupo. Segundo Rausch de Traubenberg (ibid), a inexistência de cinestesias humanas pode ser decorrente de uma atitude ativa de recusa de envolvimento. A autora (ibid) frisa que esta recusa é inconsciente, mas quase sempre bem argumentada (S6: não vê figura humana no teste de limites "por parecer um animal. Se isso parece focinho, obviamente, embaixo seria a boca e aqui dois olhos. Pela imagem, seria igual dos dois lados. Me deu a impressão de ser isso que foi"). Ainda conforme a autora (ibid), o processo inibitório da projeção cinestésica pode resultar em respostas K recalcadas, onde a repressão intensa anula o caráter humano das representações, exigindo uma cotação F em substituição a K (S3, pr. VII: "um boneco", inquérito: "o rosto, os braços, as pernas"). Embora as cinestesias recalcadas não tenham sido freqüentes no conjunto de protocolos deste grupo, sua presença foi indicativa do nível de temor da projeção, que reforçou o controle excessivo no plano objetivo.

No grupo com assiduidade irregular, a inexistência de K também foi verificada, mas em menor freqüência, pois a maioria dos sujeitos (seis) forneceu respostas cinestésicas (∑=7; 5K+, 1K±, 1KC-). O teste de limites, aplicado àqueles que não perceberam figuras humanas, confirmou a dificuldade de três sujeitos (S18, S20, S33). Cabe lembrar que a presença predominante de K atesta maior capacidade criadora e supõe uma identificação ou busca de identificação (Rausch de Traubenberg, 1970/1998).

Tabela 27 – Cinestesias humanas

Grupo com assiduidade regular	Suj	Resposta	Pr.	Det	Cont
	S4	Duas pessoas e um coração no meio. Inquérito: Falei coração porque é vermelho. (E as pessoas?) Ah, a forma que tá aqui, parece. Cabeça, corpo. (Como são?) Tão uma de frente pra outra, uma postura meio torta.	III	K+	H
	S9	Parecendo duas pessoas aqui. Inquérito: Duas pessoas na fogueira. (como são?) Aqui, ó, colocando uma coisa na fogueira.	III	K+	H
	S15	Parece com um anjo, sei lá o que. Inquérito: O corpo, as asas. E as mãos pra cima aqui. As asas bem grandona.	I	K+	(H)
		Uma mulher também. Acho que é só isso. Inquérito: O vestido e os pés aqui. (como está a mulher?) O vestido e os pés, dá só pra ver.	I	K+	H
		(V) Parece uma mulher com as pernas esticadas. Inquérito: Cabeça (parte rosa), corpo com as pernas esticadas. Coloquei ao contrário. E o cabelo também. O braço (verde) e a perna. Meia laranja.	IX	KC-	H
	S22	Parece dois cara batendo um na mão do outro. Inquérito: Porque aqui as duas cabeça e aqui, a mão deles, batendo uma na outra. (se essa parte em vermelho fosse preta, fosse ia continuar vendo?) Não.	II	KC+	H
Grupo com assiduidade irregular	**S2**	Duas pessoas sentada, mexendo em alguma coisa. Aqui embaixo. Parece que tá de tamanco. Inquérito: Tá tipo sentada, aí, não tem nada (cadeira). (mexendo como?) Uma coisa. Não dá pra distinguir o que é não.	III	K+	H
	S5	Parece um palhaço de costa. Parece um palhaço. Inquérito: O cabelo (aponta parte laranja), cabeça, pescoço, aquela coisa atrás, assim, a gola (verde) e aqui ombreira (rosa).	IX	KC-	(H)
	S10	Parece duas pessoas. Inquérito: Aqui duas pessoas, tipo olhando uma para a outra, com a mão em algum lugar. (que tipo de lugar?) Aí, não sei. (como são?) Eu vejo iguais, elas	III	K+	H
	S11	(V) Isso aqui nós podemos falar que é duas pessoas, né, senhora, sentada, conversando ou comendo...(fica olhando, acena negativamente). É, podemos falar que eles é feliz, os dois junto conversando, de boa. Só isso. Inquérito: É, pode ser. Ou os dois, conversando e comendo. (como são?) Essas pessoas? Essas pessoas...pode ser 2 irmãos, sei lá. (como você vê?) Em duas cadeira, aqui, eles sentado, conversando, comendo um negócio.	III	K+	H
	S21	Parece um anjo. Duas pessoas com... Duas pessoas normal, com asas. Só isso mesmo. Inquérito: Vi duas cabeça, duas mãos	I	K+	(H)
		(V) Parece 2 pernas, 2 braços, 2 cabeças. Inquérito: Parece uma parte de uma perna, do osso. A outra também, os braços e a cabeça. (V) Não é a perna comprida, é a parte desse osso, onde tem a bacia. O braço não tem nada a ver, porque é fino. É braço de ET. A cabeça não tem nada a ver não. Isso daí é um ET. (peço pra ele delimitar na folha) (É um ou dois ets?) Dois. Um macho e uma fêmea.	VII	K±	(H)
	S35	Iche, sei não. Parece duas pessoas e uma nuvem. Inquérito: Parece duas pessoas assim, com umas mancha de nuvem	I	K+	H
Grupo sem assiduidade	**S8**	Duas pessoas aqui? (tom de pergunta, hesitante). Só. Inquérito: Uma virada pra outra. (como são?). Pode ser gêmeos, aqueles gêmeos que nasceu grudado. (como estão?) Uma de frente pra outra.	III	K+	H
		Duas senhoras de idade. Inquérito: Uma virada pra outra. (como elas estão?) Uma de frente pra outra.	VII	K+	H
	S13	Aqui no meio parece alguém com um sobretudo, com as mãos erquida, não é? (pergunta, para confirmar) Aqui no meio. (vira, fica olhando). Aqui não sei dizer não. Inquérito: Ah...depende, né, pessoa. (como você está vendo?) Tipo, que nem um polícia. Mas dos policial mesmo, né? Aqueles que fica de sobretudo. Aqui, a luva, o sapato. Quando você tá do nada, vê aquela pessoa saindo de sobretudo.	I	K+	H
		Tipo duas pessoas aqui, né? Inquérito: (como são essas pessoas?) Não sei (ri, sem graça).	III	K+	H
		Duas pessoas cruzando o braço. Inquérito: como são essas pessoas?) De aparência japonesa, né? Aqueles gordão que fica (cruza o braço, mostrando o que quer dizer, fazendo referência ao sumo	VII	K-	H
	S28	Nossa,parece um maluquinho do jogo que eu tinha jogado. Igualzinho! Inquérito: Depois pensei melhor e parece o maluco do jogo. Dave Mcoy. É tudo (global). Tem a mãozinha, o cabelinho, tipo voando	I	KE+	(H)
		Parece duas pessoas, uma olhando pra outra. Inquérito: Porque parece	III	K+	H
	S36	Parece o formato de duas pessoas aqui . inquérito: Tipo segurando alguma coisa. Grudado. Tudo junto. (como são?) Em pé. Parece que tão pegando alguma coisa	III	K+	H
		Parece, sei lá, dá pra saber não. Parece o formato de uma pessoa aqui. Inquérito: Aqui, ó, duas pessoas que eu falei. Aqui, ó, tá tipo junto, duas pessoas, parece. (como são?) Tá em pé	VII	K+	H

Já no grupo sem assiduidade, quatro sujeitos apresentaram respostas cinestésicas (∑=9; 7K+, 1K-,1KE+), observando-se novamente a ausência de respostas K entre a maior parte dos sujeitos (seis). No entanto, mais do que uma recusa cinestésica, neste grupo pareceu ocorrer o que Rausch de Traubenberg (1970/1998) denomina de choque cinestésico, uma inibição de K provocada pelo mal-estar perante o estímulo. Os comentários de dois sujeitos no teste de limites deixaram entrever a angústia causada pela pr. III, corroborando esta hipótese (S7: "Esse negócio é meio esquisito, coisa ruim. Aqueles filmes de terror, aqueles bicho, monstro, sei lá como é."; S29: "Tá mais pra órgão do que pra pessoa. Não. Pessoa aqui é difícil ver"). Apenas um adolescente neste grupo afirmou perceber figuras humanas no teste de limites, mas o conteúdo projetado revelou-se bastante incomum frente à banalidade associada a esta prancha (S14: "Aqui tá na barriga aqui, parece que tem um nenenzinho dentro. Aqui, parece que tá grávido). Rausch de Traubenberg (1970/1998) lembra que o choque cinestésico na adolescência está relacionado à inaptidão para a construção de relações objetais adultas, após o abandono das relações objetais infantis, aspecto que pareceu caracterizar o grupo sem assiduidade.

No que diz respeito à identidade sexual das figuras humanas e do tipo de cinestesia projetada, a análise das respostas K também trouxe elementos importantes para a compreensão dos sujeitos, conforme demonstrado nas tabelas 28 e 29.

Tabela 28 - Identidade sexual das figuras humanas e parahumanas

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
H masculino	1	H masculino	1	H masculino	2
H feminino	2	H feminino	0	H feminino	1
H indefinido	2	H indefinido	3	H indefinido	5
∑	5	∑	4	∑	8
(H) masculino	1	(H) masculino	1	(H) masculino	1
(H) feminino	0	(H) feminino	0	(H) feminino	0
(H) indefinido	0	(H) indefinido	2	(H) indefinido	0
∑	**1**	∑	**3**	∑	**1**

Tabela 29 - Tipos de cinestesia humana

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
Ativa	2	Ativa	3	Ativa	4
Passiva	0	Passiva	0	Passiva	0
Vitalização	4	Vitalização	4	Vitalização	5

Em todos os grupos, as projeções masculinas foram pouco frequentes, destacando-se as figuras humanas com sexo indefinido, especialmente nos grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade. Saliente-se que a projeção feminina foi específica de dois protocolos (S15, grupo com assiduidade regular; S8, grupo sem assiduidade), não constituindo uma tendência.

Em tese, a indefinição sexual dos conteúdos humanos revela indivíduos inseguros em sua posição sexual, mas esta dificuldade precisa ser pensada no contexto dos protocolos, onde a abordagem formal (F% elevado) expõe um uso defensivo da intelectualização. A predominância de respostas de vitalização, assim como a qualidade das cinestesias relacionais, também deve ser avaliada considerando-se esta rigidez do sistema defensivo.

De acordo com Emmanuelli e Azoulay (2008), a ativação pulsional produzida pelas pranchas vermelhas (pr. II e III, onde está presente a maior parte das respostas humanas dos sujeitos) pode ser vivenciada por alguns adolescentes como invasão do corpo e do ego, causando uma desestabilização. O recurso a defesas narcísicas permite lutar contra o risco de transbordamento e contra a representação das relações de objeto, que confrontam o indivíduo com a diferença. As defesas narcísicas têm, assim, como objetivo, negar a fonte interna da pulsão e a angústia de castração nascida do reconhecimento da diferença. Nas técnicas projetivas, três operações remetem ao uso destas defesas: o desdobramento (K narcísicos, que envolvem representações especulares, simetria, reflexo, respostas evocando a aparência, com insistência sobre o papel ou função), o congelamento pulsional (ausência de cinestesias relacionais libidinais ou agressivas e ausência da integração da cor vermelha nas pranchas II e III) e o recurso à idealização. As respostas dadas pelos sujeitos, apresentadas na tabela 29, permitem visualizar o uso destas defesas.

No grupo com assiduidade regular, foram observadas somente duas cinestesias ativas, de boa qualidade formal e associadas à cor, indicando a possibilidade de representação da ativação pulsional, simbolizada na resposta de S9 pelo conteúdo "fogueira". A definição sexual dos personagens foi clara na representação relacional agressiva de S22 ("um cara batendo na mão do outro"), mas se tornou indistinta na representação relacional de S9, onde o aspecto libidinal também se mostrou difuso (os personagens estão juntos, mas praticando uma ação que não esclarece se estão envolvidos - "Duas pessoas na fogueira. (como são?) Aqui, ó, colocando uma coisa na fogueira."). Constatou-se o congelamento pulsional na ausência de cinestesias

relacionais nos protocolos de S15 e S4, este último trazendo uma resposta que destacou a forma para evitar a representação do contato (“Duas pessoas e um coração no meio”. Inquérito: “...a forma que tá aqui, parece. Cabeça, corpo. Tão uma de frente pra outra, uma postura meio torta”).

No grupo com assiduidade irregular, foram registradas três cinestesias ativas, das quais apenas uma retrata claramente uma representação relacional libidinal (S11: “Isso aqui nós podemos falar que é duas pessoas, conversando ou comendo. É, podemos falar que eles é feliz, os dois junto conversando, de boa.” Inquérito: “....os dois, conversando e comendo....pode ser 2 irmãos...”). As demais se caracterizaram pela indefinição sexual associada a um contexto onde o nível de envolvimento permaneceu encoberto, apesar de existir uma ação a dois (S2: “Duas pessoas sentada, mexendo em alguma coisa. Aqui embaixo. Parece que tá de tamanco”. Inquérito: “Tá tipo sentada, aí, não tem nada. (mexendo como?) Uma coisa. Não dá pra distinguir o que é não”; S10: “Parece duas pessoas”. Inquérito: “Aqui duas pessoas, tipo olhando uma para a outra, com a mão em algum lugar”). A ausência de cinestesias relacionais no restante dos protocolos deste grupo refletiu o uso do congelamento pulsional como recurso defensivo de ordem narcísica.

Não se pode deixar de mencionar a presença de respostas parahumanas neste grupo (3/7), que constituíram as únicas respostas K fornecidas pelos adolescentes S5 e S21. Conforme Chabert (2004), as figuras parahumanas (respostas (H)) traduzem uma vida imaginária rica, desde que não sejam os únicos conteúdos humanos apresentados pelo indivíduo, como acontece nos referidos protocolos. As respostas de S5 e S21 mostraram-se preocupantes pela deterioração da qualidade formal (1+ < 1-, 1±), pelo conteúdo simbólico (S5: “um palhaço de costa”, simbolizando uma atitude fechada ao contato) e pela deformação do humano (S21: “ Parece 2 pernas, 2 braços, 2 cabeças”. Inquérito: Parece uma parte de uma perna, do osso. A outra também, os braços e a cabeça. Não é a perna comprida, é a parte desse osso, onde tem a bacia. O braço não tem nada a ver, porque é fino. É braço de ET. A cabeça não tem nada a ver não. Isso daí é um ET. Dois. Um macho e uma fêmea.” Deve-se notar, nesta resposta, que a construção do percepto parte de um esquema corporal humano e culmina em uma dissociação que desconsidera a simetria – “um macho e uma fêmea”).

A indefinição sexual associada a contextos relacionais imprecisos também foi percebida no grupo sem assiduidade, no protocolo de dois sujeitos (S28: “Parece duas pessoas, uma olhando pra outra”. inquérito: “porque parece”; S36: “Parece o formato de

duas pessoas aqui". inquérito: "Tipo segurando alguma coisa. Grudado. Tudo junto. (como são?) Em pé. Parece que tão pegando alguma coisa"). Em comparação com respostas semelhantes apresentadas nos outros grupos, estes conteúdos pareceram mais inibidos ("porque parece") ou indistintos ("grudado, tudo junto"). Neste grupo, além do congelamento pulsional (ausência de cinestesias relacionais e de integração da cor vermelha nas pranchas II e III), notou-se também o uso do desdobramento (respostas K narcísicas) como recurso defensivo (S8: "Duas pessoas aqui" Inquérito: Uma virada pra outra. Pode ser gêmeos, aqueles gêmeos que nasceu grudado"; S13: "Duas pessoas cruzando o braço". Inquérito: "De aparência japonesa, né? Aqueles gordão que fica...", complementa com a gesticulação para imitar e explicar que se trata de um lutador de sumô).

Percebeu-se, assim, que em todos os grupos avaliados as respostas K pareceram incorporar um valor defensivo, possivelmente visando à preservação contra a representação da ambivalência (relações libidinais e agressivas). Conforme Emmanuelli e Azoulay (2008), há um conjunto de indicadores no Rorschach que aponta para uma evitação do conflito pulsional na adolescência: F% elevado, ausência de cinestesias, presença de K narcísicas, especialmente nas pranchas II e III, sensibilidade sufocada aos estímulos sensoriais cromáticos e identificações marcadas pela indefinição sexual. Todos estes indicadores foram encontrados nos grupos com assiduidade regular, assiduidade irregular e sem assiduidade, indicando a dificuldade de entrar em contato com a vida pulsional e os conflitos intrapsíquicos daí decorrentes (elaboração da ambivalência e alcance da posição depressiva). A falta de clareza das poucas relações libidinais existentes (pessoas juntas, sem envolvimento) revela o máximo alcançado por estes sujeitos em seu processo de desenvolvimento emocional. De maneira geral, o recurso às defesas narcísicas alivia a reatividade produzida pelos estímulos, dessexualizando as representações e congelando as moções pulsionais.

4.3.3.3 Determinantes cinestésicos menores (tabelas 30 a 32)

Em todos os grupos, os determinantes cinestésicos menores superaram, em quantidade, as respostas K. Contudo, diferenças importantes também foram evidenciadas na análise comparativa destes determinantes.

No grupo com assiduidade regular (tabela 30), as cinestesias menores foram registradas nos protocolos de seis sujeitos e totalizaram nove respostas (5kan+, 1kanC-,

1kan-, 1kobE±, 1kobC±). Constatou-se que a maioria dos conteúdos projetados estava relacionada a representações animais inteiras, de boa qualidade formal (respostas kan+, A). De acordo com Chabert (2004), as respostas kan denotam tendências mais infantis do indivíduo, assim como a espontaneidade na expressão de seus desejos. Mas esta presença de kan não atenuou a reatividade árida da abordagem excessivamente formal deste grupo, conforme poderá ser visto na análise dos conteúdos. Já as respostas kob, segundo esta mesma autora (ibid), possuem uma significação pulsional e por isso seu aparecimento tende a suprir uma tensão sob a forma de descarga. Entre os sujeitos com assiduidade regular, elas foram registradas em dois protocolos, não constituindo uma tendência entre os sujeitos.

Tabela 30 – Cinestesias menores do grupo com assiduidade regular

Suj	Resposta	Pr	Det	Cont
S9	Dois lagarto subindo na árvore. Inquérito: Aqui a árvore. Aqui dois lagarto subindo, um para cada lado, pro topo da árvore. Aqui onde eles subiram, as pedras do lado da árvore.	VIII	Kan+	A
S12	Parece um pássaro. Inquérito: Aqui o rosto, aqui as asas. Mas ele inteiro, voando já. As asas abertas	IV	Kan+	A
	Parece um morcego. Inquérito: Também vi inteiro. Um morcego voando. Os pezinhos, as asas, aquelas presas, ó, morcego tem umas presinhas.	V	Kan+	A
S22	Parece dois pássaros. Inquérito: Aqui é um ninho, eles tavam se protegendo. E aqui era um galho. (e aqui é o que?) Aqui eles tavam voando	III	Kan-	A
	Parece dois animal andando. Inquérito: Porque parece que eles tão andando para um encontrar o outro. (porque acha que lembrou?) Por causa das pata e do rabo	VIII	Kan+	A
	Parece um rio. Um rio, não, um lago. Inquérito: Por causa que tem um negócio de água aqui e aqui (meio) caindo água. (porque acha que lembrou?) Por causa que tá as linhas assim (contorna com dedo) e porque aqui parece que são as águas. (se fosse tudo preto, ia ver?) Não.	IX	kobC±	Elem água
S24	Parece um pássaro. Uma ave. Um urubu. Inquérito: A boca dele abrindo, aberta aqui, as asas dele aberta, as pernas. Tipo ele voando.	V	Kan+	A
S30	Piorou.Vou falar que é uma nuvem. Não tem nada pra falar. Inquérito: Ah, disformando ela, pra lá e pra lá. Só o que veio na mente. Tem vezes que as nuvens faz isso mesmo (abre os braços).	VII	kobE±	Frgm
S32	Dois seres brigando. Como se fosse um homem e uma mulher, dois homens, brigando. Parece mais um pinguim. Inquérito: Parece mais dois pinguins brigando. Eu falei 2 homens, duas mulher, mas parece mais 2 pinguim brigando. Brigando ou brincando. (brigando ou brincando?) Como se fosse a mão aqui e o pé. (brigando ou brincando?) Parecendo sombra colocando a mão assim. Aí olhando assim, parece o pé, junto, a mão junto, parece que tão brincando. (se fosse tudo preto?) Não. Se fosse tudo preto, não seria a mesma coisa não, porque aqui já destaca duas cabeças.	II	kanC-	A

No grupo com assiduidade irregular, sete sujeitos apresentaram respostas com determinantes cinestésicos menores, sendo este o grupo com maior número de projeções cotadas como kan e kob (∑=15; 7kan+, 3kan-, 1kan±, 2kobC+, 1kobC±, 1kob±). Aqui, também predominaram as cinestesias animais de boa qualidade formal. Destacou-se ainda o aumento de respostas kob, fornecidas por quatro sujeitos (S5, S11, S33 e S34) nas pranchas VIII e IX. Pela frequência e pelo significado pulsional (Chabert, 2004), estes conteúdos relacionados a kob mereceram maior atenção:

S5 – "Parece uma flor. Uma flor". Inquérito: "Uma flor, uma rosa. Parece uma flor abrindo." (pr. VIII, kobC+, Pl)

S11 – "Essa daqui, senhora, tá parecendo uma cachoeira assim, dos lados umas folhas assim, deixar mais bonito. Umas rocha assim, senhora, dos lado, embaixo, para deixar bem mais bonito. Só isso". Inquérito: "Aqui, tipo as folhas, as rochas, a cachoeira aqui no meio, a água vai caindo aqui embaixo. É, e a água vai caindo aqui no meio. Porque aqui tá meio azul, aí já dá mais ou menos, já vem na mente. " (pr. IX, kob±, Elem: água)

S33 – "O que é isso? Não sei, não sei...ah, uma planta, sei lá". Inquérito: "Aqui tem o formato dela e tá abrindo igual uma planta. (se fosse tudo preto?) Aí não parecia. Não ia parecer com nada. É uma flor se abrindo." (pr. IX, kobC+, Pl)

S34 – "Não sei, senhora. Vulcão?" Inquérito: "Só a parte de baixo por causa do fogo" (pr. VIII, kobC±, Elem: vulcão)

Observou-se que nenhuma das respostas apresentou valência destrutiva, privilegiando muito mais o simbolismo de uma fonte interna de excitação (S34: "vulcão") e de transformação (S5 e S33: "flor abrindo"), indicativa da reatividade pulsional despertada pelas pranchas. A resposta de S11 constituiu a única de conotação mais passiva, onde o movimento provém de forças externas (cachoeira com rochas e folhas para "deixar mais bonito"). Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998), as respostas kob que trazem esta passividade denotam uma sensibilidade depressiva.

Tabela 31 – Cinestesias menores do grupo com assiduidade irregular

Suj	Resposta	Pr	Det	Cont
S2	Debaixo dele, tá saindo um dragão, uma cobra, sei lá, bicho. Inquérito: Parece um dragão. (como você vê?) Só a cabeça. Olho. Aqui a boca.	IV	Kan+	Ad
	Parece que é um lagarto aqui. Inquérito: É fininho assim. Parece lagarto quando tá virando borboleta.	VI	Kan+	A
S5	Parece uma flor. Uma flor. Inquérito: Uma flor, uma rosa. A flor é tudo. (resposta global) (por que você acha que lembrou de flor?) Parece uma flor abrindo.	VIII	kobC+	Pl
S11	Deixa eu ver...pode ser também, é...uma mosca. (ri). É isso daí, senhora. Inquérito: Também,	V	Kan+	A

Continua

Continuação

	senhora, por causa das asas dela, final dela. (porque acha que lembrou de mosca?) Porque é algo que voa, todos, né? Parece que ela tá voando.			
	Senhora, isso daqui parece dois lagarto subindo uma árvore, assim, ó. Uma floresta. (fica olhando). É (ri) (fica olhando) Só isso mesmo, senhora. Inquérito: Aqui parece as árvores, as folhas, os galhos, os dois subindo de lado. (por que floresta?) Porque eu já imaginei outras árvores aqui do lado, tudo. (se fosse tudo em preto, via?) Não, eu não ia ver isso aqui, não. E não ia parecer com árvore, não.	VIII	Kan+	A
	Essa daqui, senhora, tá parecendo uma cachoeira assim, dos lados umas folhas assim, deixar mais bonito. Umas rocha assim, senhora, dos lado, embaixo, para deixar bem mais bonito. Só isso. Inquérito: Aqui, tipo as folhas, as rochas (aponta o branco), a cachoeira aqui no meio, a água vai caindo aqui embaixo. (as rochas, aqui, no branco?) É, e a água vai caindo aqui no meio. (por que você acha que lembrou?) Porque aqui tá meio azul, aí já dá mais ou menos, já vem na mente. (se fosse em preto?) Não ia dá pra ver, nem perceber. Não ia vir nada na mente.	IX	Kob±	Elem
S18	Sei lá o que é isso aqui, mano. Ah, isso aqui, eu não sei o que é isso aqui, não. Não sei explicar isso aqui não. Um gato com a boca aberta? Acho que é. Um gato com a boca aberta. Ele tá falando miau (ri). Inquérito: A orelha, o olho, a boca aberta e o narizinho. (se fosse preto?) É, mesma coisa, ia mudar só a cor.	II	Kan+	Ad
S20	Pode ver outro? (não, um de cada vez). Parece um animal, bicho, sei lá. Uma coisa voando. Negócio de morcego, negócio de voar, de pegar, parece umas asas. Nossa, não tá fazendo sol mesmo (olhando pra janela). Morcego, asas, corpo, negócio, cabeça, um rabo, sei lá. É pra quebrar a cabeça mesmo! Inquérito: Aqui asa, corpo, aqui o negócio que morde pra comer. Rabo começando daqui. Formato das asas. Tá parecendo, né?	I	Kan+	A
	Tem que ter raciocínio. Tem que ter paciência esse negócio aqui. É psiquiatria, ná é? Parece um bichinho pequenininho, levando isso daqui. Inquérito: Dá pra ver um negócio que tá puxando, tá levando. Um negócio que faz assim, ó, tá parado...(tá levando o que?) Tá levando esse aqui ou já juntou, sei lá. (levando onde?) Daí, explicação, é complicado.	VI	kan±	A
	Dois lagarto aqui, senhora, subindo num negócio. Inquérito: Aqui, subindo numa árvore. Aqueles lagarto feião! Não tem, senhora. Pata da frente, as mãos. Os pés, não sei como falar.	VIII	kan+	A,Pl
S33	Essa aqui não tô sabendo. Deixa eu ver. Não dá nem pra saber o que é isso aqui. Pode chutar? Acho que é um mosquito. Inquérito: Porque aqui, pra mim, mosquito ou abelha. O corpo com mosquito. Se for dividir, é um mosquito. Parece dois insetos voando, dois mosquitos (entra o vermelho?) Entra, é as asas.	III	Kan-	A
	Deixa eu ver, deixa eu ver...sei não, não dá nem pra entender o que pensar o que parece. Não dá nem pra imaginar o que parece. Ah, vou chutar, uma larva saindo de um casulo, sei lá. Inquérito: Aqui tem tipo um casulo, ela tá saindo de dentro. Como um caracol. Quando sair o que faz, descasca a pele dela e vira borboleta. (caracol?) O diferente dele é que ele é redondo, esse daqui não é, é tipo larva, larva vermelha, larva de fogo, sei lá (faz movimentos com as mãos)	VI	Kan-	A
	O que é isso? Não sei, não sei...ah, uma planta, sei lá. Inquerito: Aqui tem o formato dela e tá abrindo igual uma planta. (se fosse tudo preto?) Aí não parecia. Não ia parecer com nada. É uma flor se abrindo.	IX	kobC+	Pl
S34	Sapo. Inquérito: (V) As pernas, o formato que ele tá tipo subindo, tipo pulando.	VII	Kan-	A
	Não sei, senhora. Vulcão? Inquérito: Só a parte de baixo por causa do fogo.	VIII	kobC±	Elem (vulcão)

O grupo sem assiduidade, por sua vez, caracterizou-se pela quantidade de cinestesias menores de má qualidade perceptual (∑=11, 3kan+, 2kan-, 2kanC-, 1kob±,1kobC±, 1kpC-, 1kp-). As respostas foram registradas nos protocolos de sete sujeitos. Predominaram os conteúdos animais, não sendo uma tendência as respostas kob (fornecidas somente por dois sujeitos, ambas relacionadas ao conteúdo Elemento água), nem kp (apresentada por um único sujeito). A maior parte das cinestesias menores (6/11) ocorreu nas pranchas pastéis (quatro respostas na pr. IX, uma na pr. VIII e uma na pr. X), o que indicou, mais uma vez, o efeito desorganizador da cor e, possivelmente, das solicitações latentes das pranchas (Chabert, 2004).

Tabela 32 – Cinestesias menores do grupo sem assiduidade

Suj	Resposta	Pr	Det	Cont
S8	Um morcego (fica olhando para a prancha). (mais alguma coisa?) Não. Inquérito: Das duas formas (prancha na posição normal ou de cabeça para baixo). Pode tá com a asa baixa assim, ou pode tá voando.	V	Kan+	A
S13	Uma cachoeira. Inquérito: A forma, o desenho, onde está.	IX	kob±	Nat, Elem (água)
S14	Dois passarinhos inquérito: primeiramente, marca a folha de localização como se fosse um percepto global. Com minha insistência para marcar onde estão os passarinhos, vê-se que não é G) Numa árvore. (o que eles estão fazendo?) Tão pendurado, em cima da árvore, subindo. (se fosse tudo preto, ia ver?) Não	IX	KanC-	A
	Aranhas. Inquérito: Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. (porque no ninho de formiga?) Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver. (se fosse tudo em preto, ia ver?) Não.	X	KanC-	A
S28	Parece o diabo, esse bagulho! (ri) Só. Bichinho feio. Inquérito: Por causa dos olhos vermelhos. Tipo a boca saindo sangue.	II	kpC-	(Hd)
	Não parece com nada. (ri)Com uma manchinha preta. Parece uma mão saindo de dentro da fumaça, grudando uma bolinha. Inquérito: Parece mão, saindo da fumaça, segurando uma bolinha.	VI	Kp-	Hd
S29	Um sapo! Sapo. Inquérito: As pernas dele. Como se tivesse pulando. Só.	VII	Kan-	A
S31	(>) Parece um golfinho, pulando, com um gorila, na beira do rio. Inquérito: Golfinho pulando (laranja, fez o gesto), um pouco assim, a terra, o gorila (verde). Aqui é o rio, o rio faz assim (gesticula na mesa, fora da prancha, como se visse tudo em 3D) Ele (golfinho) tá pulando, só que aí refletiu com a quebra do sol. (aqui é reflexo?) É, daqui pra baixo é reflexo.	IX	Kan-	A
S36	Parece um pássaro. Parece um pássaro.. inquérito: Voando, parece um pássaro. Parece que tá voando, ah, sei lá, asa aberta.	V	Kan+	A
	Dois bicho. Parece. Inquérito: Aqui e aqui (aponta). (por que acha que lembrou?) Por causa do formato. Tipo subindo, pra se encontrar aqui, parece.	VIII	Kan+	A
	Aqui parece uma paisagem. Tipo um lugar, caindo água aqui. Inquérito: Parece um negócio caindo aqui, água. (parte do meio). (se fosse tudo preto, você acha que ia ver?) Não!	IX	kobC±	Paisag

4.3.3.4 Determinantes cromáticos (tabelas 33 e 34)

Os determinantes sensoriais, diferentemente dos cinestésicos, revelam a receptividade do indivíduo a qualidades objetivas do estímulo, relativas à cor e tonalidade. Como traduzem a sensibilidade emocional ao ambiente, sua análise permite investigar aspectos relacionados à afetividade, sendo importante verificar em quais pranchas ocorrem, a quais cores os sujeitos são mais suscetíveis e a que conteúdos se referem as respostas.

Em relação aos determinantes cromáticos, não houve nenhum registro de resposta Cor pura. Os adolescentes com assiduidade irregular foram os que apresentaram maior número de respostas com este determinante (∑=22; 11 cor-forma; 11 forma-cor), juntamente com os jovens pertencentes ao grupo com assiduidade regular (∑=22; 11 cor-forma; 11 forma-cor). O grupo sem assiduidade forneceu o menor número de respostas cromáticas (∑=13; 6 cor-forma; 7 forma-cor). Foi neste grupo também que se observou o menor número de protocolos com produtividade cromática (sete, contra oito do grupo com assiduidade irregular e nove do grupo com assiduidade regular). As tabelas 33 e 34 reúnem as respostas CF e FC, respectivamente, para melhor visualização e compreensão dos dados.

Tabela 33 - Respostas de Cor-Forma (CF e kobC±[1])

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Cor	**Respostas**	**Cor**	**Respostas**	**Cor**	**Respostas**
Vermelho	Sg ± (sangue) Anat+ (coração) Hd + (pés)	Vermelho	Paisag± (paisagem bonita) A - (joaninha) Anat - (esqueleto)	Vermelho	A- (escorpião)
Pastéis	Arte – (foto de livro de ciências) Arte ± (quadro) Arte± (desenho colorido) (Arte) ± (tinta na parede) Pl – (árvore) Pl ± (flor) Pl ± (monte de flor) Elem ± (água)	Pastéis	Hd - (rosto de palhaço) Hd + (rosto) Hd+ (rosto com óculos) Anat - (pulmões) Anat - (estômago) (Arte) (±pintura livre) Nat ± (floresta) Elem± (vulcão)	Pastéis	Obj - (avião) Frgm ± (arco-íris) A ± (monte de bicho) Pl, Nat ± (árvore, pôr-do-sol) Paisag± (paisagem)

[1] As respostas kobC± , em termos perceptuais, equivalem às CF, pela tendência a uma representação mais difusa, reforçada pela projeção do movimento.

A análise da tabela 33 permite verificar que as respostas cor-forma concentraram-se nas pranchas pastéis, havendo pouca integração da cor vermelha em todos os grupos. As respostas foram predominantemente imprecisas no grupo com assiduidade regular (∑=11; 2+, 2-, 7±) e de má qualidade formal no grupo com assiduidade irregular (∑=11; 2+, 5-, 4±). No grupo sem assiduidade não se verificou qualquer resposta cor-forma de boa qualidade perceptual (∑=6; 2-, 4±).

Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998), as respostas CF abrangem uma intensidade emocional variável, podendo estar relacionadas a conteúdos menos impulsivos, como nas respostas artísticas ou pseudoartísticas. Neste caso, terão significados menos extremos, explicitando uma reatividade mais superficial do que pulsional.

Isto pareceu acontecer no grupo com assiduidade regular, onde predominaram as respostas cotadas como Arte/(Arte) e Planta. O discurso dos sujeitos transpareceu o que Chabert (2004) denomina de abordagem perceptivo-sensorial, que se caracteriza por equivalências primárias entre cor e conteúdo (ex: verde-planta), como nos exemplos a seguir:

S12, (pr. IX): "Parece uma árvore. No meio, esse laranja não deu pra entender, não. Mas parece um tronco, uma árvore."

S24, (pr. X): "Tem várias coisas. Tem um monte de flor aqui". Inquérito: "Os amarelo aqui, os laranja. Porque vi tipo aquele negócio verde, mato assim, na ponta a flor."

S30, (pr. IX): "Um quadro, só." Inquérito: "Aqui eu tô vendo um azul de água, esse laranja não sei, verde de mato e aqui a terra (rosa). Uns mato, o laranja não sei."

Embora as respostas CF pressuponham uma redução do controle racional e a possibilidade de uma expressão mais espontânea (Rausch de Traubenberg, 1970/1998), esta abordagem mais perceptivo-sensorial do determinante cromático pelo grupo com assiduidade regular fez pensar em um uso defensivo da cor. A equivalência primária ajudou os sujeitos a articularem rapidamente o estímulo (tão rapidamente que algumas cores foram negligenciadas: "o laranja eu não sei"), sem grande exigência dos processos de pensamento para uma interpretação perceptual mais condizente com a realidade objetiva (respostas de boa qualidade formal).

No grupo com assiduidade irregular, a cor pareceu ter um efeito mais invasivo e desorganizador, dado o maior número de respostas de má qualidade formal, em detrimento de CF+ e CF±. Os conteúdos mais frequentes referiram-se a representações

corporais, externas (Hd) e internas (Anat). É importante lembrar que tais conteúdos integram o cálculo do índice de angústia patológica, pois são indicativos de ansiedade, tanto em função da limitação associativa/perceptiva (como ocorre em Hd) quanto das preocupações implicadas/simbolizadas nestas respostas. A abordagem perceptivo-sensorial também foi verificada no discurso dos sujeitos deste grupo (S34, pr. IX: "floresta, tudo verde",), mas já se notou certa ineficácia da tentativa de realizar uma equivalência primária entre cor e conteúdo (S34, pr. II: "Uma joaninha, senhora. Uma joaninha!" Inquérito: "As patas. Colorida! (porque acha que lembrou?) Por causa do vermelho, do branco."), assim como o surgimento de representações patológicas (respostas Anat de má qualidade formal):

S2, (pr. X): "Aqui em cima parece dois pulmão também." Inquérito: "intoxicado agora".

S35, (pr. II):" Embaixo parece duas cabeças. Só isso" Inquérito: "Os dois vermelho parece a cabeça. (cabeça de que?) Parece dois esqueleto. (se fosse tudo preto, acha que ia ver?) Não. (por que acha que lembrou de esqueleto?) Porque não tem cabelo.

De acordo com Chabert (2004), as representações patológicas das respostas cromáticas estão associadas à imagem do corpo, aparecendo em conteúdos mórbidos ligados ao interior do corpo humano, anatômicos de má qualidade formal ou figuras humanas despedaçadas. Segundo esta autora (ibid), tais respostas indicam o comprometimento do uso da cor como elemento de mediação entre dentro e fora. Para Emmanuelli e Azoulay (2008), é como se a cor invadisse o psiquismo, revelando indivíduos sem defesas frente a representações que emergem com intensidade.

Nas respostas CF do grupo sem assiduidade, embora não se tenha registrado percepções com conotação patológica, verificou-se intenso impacto do determinante cromático. Nenhuma resposta CF de boa qualidade formal foi registrada, apesar da utilização lábil da cor.

Conforme Chabert (2004), a utilização lábil da cor implica uma exploração defensiva do estímulo com o objetivo de evitar representações difíceis ou incômodas. Caracteriza-se pelo superinvestimento da cor associada a conteúdos simples e à presença de denegações como "eu não sei...não vejo com que poderia parecer....". Os exemplos a seguir ilustram o modo de expressão dos sujeitos do grupo sem assiduidade na apresentação de respostas CF:

S8, pr VIII: “Duas árvores e o pôr-do-sol” Inquérito: “A árvore (aponta parte verde da prancha) e o pôr-do-sol (aponta parte laranja) (se fosse em preto, você acha que ia ver?) Pode ser que sim, pode ser que não.” (note-se que o sujeito usa a cor para definir o conteúdo, mas não confirma esta equivalência)

S29, pr. X: “Arco íris,todo colorido.O desenho não parece, mas é todo colorido.(ri)” Inquérito: “Porque tem várias cores. O desenho não parece. Eu lembrei do arco-íris por causa das várias cores.” (aqui, o superinvestimento da cor leva a uma indiferença quanto à forma, que tanto pode ser real, apontando para uma posição de onipotência infantil – não parece, mas é – como aparente – não parece, mas tentar interpretar o estímulo é muito ansiogênico)

S36, pr. X: “Pelo jeito, parece um monte de bicho junto”. Inquérito: “Esses negócio colorido, parece tudo bicho, pra mim é bicho. (que tipo de bicho?) Não dá pra saber, parece formato de um bicho.” (a esquiva frente à proposta de esclarecimento do percepto denota a antecipação de uma ansiedade intolerável a serviço do recalcamento da representação)

Em relação à análise das respostas FC (tabela 34), o grupo com assiduidade irregular apresentou o pior desempenho na tentativa de integração da cor (∑=11; 3+, 8-), seguido do grupo com assiduidade regular (∑=8; 3+, 5-). O grupo sem assiduidade revelou um esforço intelectual medianamente eficaz, sobretudo comparado aos demais grupos, dado o maior número de respostas de boa qualidade formal (∑=7; 2+, 4-, 1±). De maneira geral, as respostas FC concentraram-se nas pranchas pastéis, mas houve um aumento da produtividade nas pranchas vermelhas. A excitação provocada por esta cor, no entanto, teve efeito desorganizador para todos os grupos. Apesar disso, destacou-se o fato de o grupo com assiduidade regular ser o único a apresentar respostas de boa qualidade perceptiva nas pranchas II e III e maior número de sujeitos que tentaram integrar a cor vermelha, entre respostas CF e FC (cinco adolescentes). Este dado é significativo na medida em que denota um pouco mais de condição de suportar a mobilização dos afetos provocada por estas pranchas, que segundo Emmanuelli e Azoulay (2008) produzem efeito estimulante de significação pulsional. Já nos grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade, percebeu-se uma ansiedade difusa, evidenciada pela presença de respostas de cor negra.

Tabela 34 - Respostas de Forma-Cor (FC, KC, kobC)

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Vermelho	A (dois pingüins brigando -) H (dois caras batendo as mãos +) Anat (pulmão -)	Vermelho	Anat (pulmão -) Anat (coração de ponta cabeça -)	Vermelho	(Hd), Sg (diabo com a boca saindo sangue -) Masc (máscara com manchinha vermelha -) A (besouro com garras e costas vermelhas -) Anat, Sg (pulmão com sangue -)
Pastéis	A (peixes -) A (peixes -) A (grilos +) A (camaleão +) H (mulher com pernas esticadas -)	Pastéis	A (dois leões +) A (dois lagartos -) Pl (flor abrindo +) Pl (planta, flor abrindo +) (H) (palhaço de costa -) Hd (glúteo -) Anat (rins -) Anat (costela -) Anat (coluna -)	Pastéis	A (dois tigres +) A (duas onças +) Paisag (paisagem±)

No grupo com assiduidade regular, observou-se a presença de duas cinestesias relacionais agressivas nas pranchas vermelhas, sendo uma formalmente adequada e outra não. Esta última ("dois pinguins brigando") é bastante ilustrativa da dificuldade na gestão da agressividade:

S32, pr. II: "Dois seres brigando. Como se fosse um homem e uma mulher, dois homens, brigando. Parece mais um pingüim." Inquérito: "Parece mais dois pinguins brigando. Eu falei 2 homens, duas mulher, mas parece mais 2 pinguim brigando. Brigando ou brincando. (brigando ou brincando?) Como se fosse a mão aqui e o pé. (brigando ou brincando?) Parecendo sombra colocando a mão assim. Aí olhando assim, parece o pé, junto, a mão junto, parece que tão brincando. (se fosse tudo preto, você iria ver?) Não. Se fosse tudo preto, não seria a mesma coisa não, porque aqui já destaca duas cabeças."

Emmanuelli e Azoulay (2008) lembram que as dificuldades de gestão da agressividade são frequentes na adolescência. Contudo, esclarecem que a capacidade de representação do conflito pulsional indica o trabalho psíquico esperado nesta fase do desenvolvimento, que se mostrará saudável em função da qualidade de inserção na realidade e da flexibilidade das possibilidades identificatórias (observadas no Rorschach a partir de associações ligadas ao masculino, feminino, ativo, passivo, libidinal, agressivo). Na resposta dada por S32, a sequência de modificações do conteúdo caracterizou-se muito mais pela evitação de representações incômodas, que

transbordaram diante da fragilidade das defesas e precisaram ser reprimidas no decorrer da verbalização. A sequência evidenciou claramente o temor da projeção (“dois seres”), a emergência do conteúdo humano e a conseqüente necessidade de uma definição sexual, que levou o sujeito a ignorar a simetria (“um homem e uma mulher”), o deslocamento para o conteúdo animal (“pingüim”) e a substituição da cinestesia agressiva por uma libidinal e de conotação infantil (“brincando”).

Quanto às pranchas pastéis, neste grupo sobressaíram os conteúdos animais, frequentes nas pranchas cromáticas VIII e X. Nas respostas de boa qualidade perceptiva, a cor não enriqueceu o elemento formal, tratando-se muito mais de uma adaptação sem esforço, caracterizada pela banalidade (pr. VIII “camaleão”) e pelo desejo de socialização (controle do determinante sensorial em respostas onde a localização salta aos olhos e a cor é facilmente integrada. S4, pr. X: “grilos”).

No grupo com assiduidade irregular, percebeu-se novamente a freqüência de associações relacionadas ao corpo (respostas Hd e Anat, correspondendo a 46% do total de FC), todas de má qualidade formal. A presença marcante destes conteúdos confirmou o nível de angústia verificado na análise das respostas CF, pois foi possível notar o aumento do número de representações patológicas (respostas Anat de má qualidade perceptiva):

S18, pr. X: “Aqui também, deve ser parte do corpo humano por dentro, só que tá separado. Pescoço aqui, parece. Acho que é isso mesmo.” Inquérito: “Tá meio espalhado. Pescoço aqui. Sei lá o que vem, a parte de baixo, os bagulho tá tudo separado. (o que tem dentro?) Ah, sei lá, os rins (amarelo). (mais alguma parte, você consegue dizer o que é?) Não. Ah, sei lá. Às vezes ele foi atropelado por uma carreta.” (note-se o despedaçamento do corpo e a perda do limite dentro-fora: parte do corpo humano por dentro e o pescoço, tudo espalhado)

S35, pr. IX: “(V) Parece a costela” Inquérito: “Nem sei mais. Acho que é só esse vermelho aqui mesmo. (por que acha que lembrou?) Porque aqui parece o esqueleto. Parece a coluna.” (perceba-se a tentativa de sustentação formal do percepto simbolizada pela representação da coluna)

As respostas FC nas pranchas vermelhas deste grupo foram registradas em um único protocolo (S2). Desse modo, parece que o esforço de intelectualização do estímulo nestas pranchas (pr. II e pr. III) leva à evitação da cor pela maioria dos sujeitos, atestando a dificuldade de representação do conflito pulsional, especialmente as representações agressivas (ausência de cinestesia relacional agressiva neste grupo).

No grupo sem assiduidade, a má qualidade perceptiva das respostas às pranchas vermelhas atestou o impacto desta cor para os sujeitos. A repercussão maciça da reativação pulsional fez emergir conteúdos mórbidos (“pulmão com sangue”) e ao mesmo tempo fantásticos (“diabo com a boca saindo sangue”), explicitando a intrusão da fantasia sobre a realidade. Nas pranchas pastéis o controle intelectual mostrou-se mais eficaz, a partir da adaptação sem esforço (respostas banais) e do uso perceptivo-sensorial da cor como recurso defensivo (respostas FC±).

4.3.3.5 Determinantes acromáticos (tabela 35)

Tabela 35 – Respostas acromáticas FC’

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Preto	Nenhuma resposta	Preto	A (besouro preto -)	Preto	Pl (árvore, tronco preto +) (A) (dragão preto +)

As respostas acromáticas (FC’), apesar de pouco numerosas, foram registradas somente nos grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade, todas denotando sensibilidade à cor negra. No grupo com assiduidade irregular, foi projetada uma representação agressiva (besouro preto com um “negócio que ferroa”), de má qualidade formal:

S33, pr. IV: “Tá piorando mais. Deixa eu ver. Um marimbondo, sei lá.” Inquérito: “Eu chutei, mas não parece nada! Como é o nome? Se for pra pensar o que parece, vai demorar. (V) Mas não parece porque o marimbondo parece o formato de uma abelha. Deixa eu pensar o que parece. Barbeiro. É um besouro. Aqueles besouro preto. Duas anteninha, a asa e aqui aquele negócio que ferroa.”

Na resposta de S33, a tendência depressiva representada pela resposta FC’ pareceu relacionada diretamente ao efeito excitante causado pelas pranchas II e III, vivenciadas imediatamente antes. O transbordamento pulsional foi evidenciado pelo comprometimento da qualidade formal do percepto e também pelos indicadores de ansiedade presentes no discurso de S33 (“tá piorando mais”, “chutei” para acelerar a aplicação, uso do diminutivo “anteninha” como tentativa de reprimir o impulso agressivo).

Já no grupo sem assiduidade, o esforço lógico foi mais exitoso nas respostas FC', dadas por somente dois sujeitos. Embora não tenham configurado uma tendência do grupo, cabe mencionar que ambas as respostas também foram fornecidas na pr. IV, a exemplo daquela registrada no grupo com assiduidade irregular:

S8: "Uma árvore." Inquérito: "Tronco, a árvore é só essa parte preta aqui, aqui os gramados, sem essa parte."

S17: "(v) Misericórdia! Tá parecendo um dragão preto. É o que eu acho" Inquérito: "As asas, o rosto."

Neste grupo, a sensibilidade à cor negra pareceu estar mais relacionada às solicitações latentes da prancha IV, considerada por Chabert (2004) como favorável à evocação de imagens de poder ("tronco", "dragão"), privilegiando representações associadas à função paterna.

4.3.3.6 Determinantes de tonalidade

Houve uma freqüência significativa de determinantes de tonalidade, particularmente nos grupos com assiduidade regular e sem assiduidade, onde sete sujeitos apresentam percepções de tonalidade. No grupo com assiduidade irregular, apenas três sujeitos forneceram este tipo de resposta. Predominaram as respostas com forma prioritária (FE) em todos os grupos, associadas em sua maioria a conteúdos animais (tabela 36).

Tabela 36 – Respostas associadas ao determinante de tonalidade

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
Forma-Esfumado		**Forma-Esfumado**		**Forma-Esfumado**	
Textura	**Difusão**	**Textura**	**Difusão**	**Textura**	**Difusão**
A- (gato esmagado, pêlos) A- (cachorro, bigodinho) A + (peixe-raia, com barbatana) Pl (±planta, terra) Obj- (reflexo de embalagem raspada)	A ± (sombra de animal) Hd+ (pessoa borrada de choro de sangue) Frgm ± (nuvem) Obj + (lamparina) Anat- (raio X, esqueleto) Anat - (raio X, "risquinho" da costela)	A + (dois cupins na madeira)	(A) + (Sombra de lagarto) Ad - (lobo meio sombreado)	A- (leão-marinho, "barbinha") A- (dragão) A - (gato, pouquinho de cabelo) A + (pássaro, penas) A - (abelha, pelinho) Ad - (tigre, pêlos) (H) + (personagem de jogo, cabelinho) (H) - (gigante, cabelo) Hd + (rosto, barba) Masc- (máscara, barbicha)	Anat- (raio X)

No grupo com assiduidade regular, destacou-se a ausência de respostas EF, sendo evidente o esforço de controle intelectual sobre o estímulo (respostas FE), assim como sua ineficácia (∑=11; 3+, 3±, 5-). As respostas encontraram-se bem distribuídas entre representações de textura e de difusão, sendo a maior parte delas associada a conteúdos animais. Apareceram predominantemente nas pranchas VI (∑=5; 1+, 1±, 3-) e III (∑=3; 1±, 2-), que juntas concentraram praticamente todas as respostas imprecisas e formalmente inadequadas deste grupo. Cabe lembrar, com Chabert (2004), que a pregnância perceptiva da prancha III é propícia à evocação de representações relacionais, enquanto a prancha VI favorece a projeção de imagens sexuais masculinas e/ou femininas.

O esclarecimento de Rausch de Traubenberg (1970/1998) a respeito dos determinantes de tonalidade revela a dimensão afetiva destas percepções descobertas por Rorschach. Elas evidenciam um esforço de controle na presença do outro, imbuído de uma tendência a sentimentos de insuficiência que podem alcançar a sensação de estar deslocado, desarticulado, impotente e até mesmo desarmônico. Conforme complementa Chabert (2004), estas respostas deixam transparecer uma busca ansiosa de adaptação, muito mais do que uma adaptação bem sucedida.

A partir desta compreensão, ganha sentido a emergência de respostas FE- e FE± nas pranchas III e VI dos sujeitos do grupo com assiduidade regular. Elas pareceram expressar os sentimentos de impotência/inadequação frente a estímulos que evocam associações ligadas à vivacidade dos contatos humanos (pr. III) e à riqueza das referências identitárias (pr. VI), com todas as implicações daí decorrentes, tais como o reconhecimento do outro, os aspectos relacionais, a gestão da agressividade, a identificação sexual:

S8, pr. VI: "Reflexo de alguma coisa. Reflexo de uma imagem". Inquérito: "Como se aqui fosse a imagem, isso aqui o reflexo dela na água. (imagem de que?) Uma embalagem raspada." (note-se o fenômeno especial de resposta de reflexo, o qual alude ao narcisismo, conforme Passalacqua e Gravenhorst, 2005. A busca ansiosa de adaptação aparece neste retraimento narcísico, que resulta na projeção de uma imagem feminina danificada, desvelando o sentimento de insuficiência).

S24, pr. III: "Parece um....como é que fala? Quando tira um raio x. Um corpo assim, um raio-x assim." Inquérito: "Tem a mão aqui. Aqui parece os dois peito, a barriga. Porque eu vi assim, esses negócio assim, parece esqueleto, uns osso (aponta o sombreado de D5)." (aqui, o temor da projeção leva a uma articulação cautelosa do estímulo – "parece um...como é que fala?" – que passa por várias partes do corpo até chegar aos ossos, sem conexão com a realidade objetiva da prancha)

S30, pr. VI: “Vou falar um gato esmagado. O negócio dele aqui assim. Ah, sei lá, coloca isso mesmo.” Inquérito: “Tá esmagado ele. Tá parecendo aqui pra cima. (porque acha que lembrou?) Os bigodinho, os pelos.” (perceba-se que o sujeito denota certa consciência da precipitação na articulação do estímulo - “ah, sei lá”, mas é subjugado pela ansiedade – “coloca isso mesmo” . Tem-se novamente a projeção de uma imagem danificada, onde o sentimento de impotência adquire conotação mórbida).

Quanto ao grupo com assiduidade irregular, saliente-se que foi o único a apresentar uma resposta E pura, tamanha a evanescência do conteúdo:

S21, pr. VII: “(V) Fumaça, parece fumaça.” Inquérito: “Viajei! Vi na parte clara. Sei lá! Não sei da onde eu tirei também”

As respostas FE deste grupo apareceram em dois outros protocolos (∑=3; 2FE+, 1FE-), sempre em pranchas cromáticas (III, VIII, X). Em duas destas respostas, observou-se um movimento de articulação cautelosa do estímulo a partir da evitação inicial da cor:

S5 pr. VIII: “Parece também um lagarto”. Inquérito: “E assim, um lagarto, dois lagarto. (por que?) Porque é igual? Parece uma sombra de lagarto colorida.”

S18, pr. III: “Não sei não. Um lobo? Acho que é. (se afasta da prancha). Só o formato dele.” Inquérito: “As orelhas, focinho, aqui é meio sombreado, dá pra ver a boca. Só que não dá pra ver muito por causa dos brancos. Só que tá sem o olho esse. Tá, nada, o vermelho dá pra ser o olho. Achei o olho já!”

Como já apontado, as respostas FE foram menos comuns neste grupo. Todavia, seu aparecimento em pranchas cromáticas chamou a atenção, sugerindo um valor defensivo contra a excitação pulsante da cor, de efeito invasivo para estes sujeitos (conforme análise das respostas CF e FC).

Já no grupo sem assiduidade, houve somente uma resposta EF, fornecida na pr. VII, de qualidade formal imprecisa (“nuvem”). As respostas FE, além de predominantes (∑=11; 4+, 7-), destacaram-se pelas representações de textura. Estas foram visivelmente mais frequentes (10 respostas), relacionadas a conteúdos que enfatizaram a presença de pêlos. Apareceram em pranchas diversas (uma vez nas pranchas I, II, V, VII, IX, X e duas vezes nas pranchas IV e VI), não parecendo haver uma especificidade nos estímulos aos quais estão associadas.

Rausch de Traubenberg (1970/1998) lembra que as representações de textura podem ser interpretadas como busca de contato físico, assim como uma avidez afetiva expressa de forma imatura, em que a sensualidade se faz notar:

S7, pr. X: "Parece aquela foca lá, leão-marinho." Inquérito: "Essa barbinha aqui. E aqui, tipo aquelas nadadeira"

S16, pr. IX: "Parece com um gato." Inquérito: "Duas orelhas assim (laranja), pouquinho de cabelo aqui em cima, as bochechas aqui e essa parte aqui do gato, o corpo do gato."

S28, pr. I: "Nossa,parece um maluquinho do jogo que eu tinha jogado. Igualzinho!" Inquérito: "Depois pensei melhor e parece o maluco do jogo. Dave Mcoy. É tudo (global). Tem a mãozinha, o cabelinho, tipo voando"

S31, pr. I: "Parece duas abelha." Inquérito: "As asinhas, sem essa parte cortada, que ela é meio gordinha, peitinho, parece os pelinho ainda."

Como bem afirma Rausch de Traubenberg (1970/1998), a influência da tonalidade é mais sutil do que a cromática, pois os indivíduos estão menos cônscios dela. De fato, o efeito da tonalidade neste grupo tornou-se mais evidente na fase de inquérito, quando apareceram efetivamente as representações de textura. O uso do diminutivo saltou aos olhos, oferecendo às imagens projetadas um tratamento reservado ao infantil. A sensualidade ligada a uma avidez afetiva própria da criança foi observada particularmente na resposta de S31 ("abelha gordinha, peitinho").

4.3.3.7 Determinantes de claro-escuro (FClob)

As respostas FClob foram verificadas somente no grupo com assiduidade regular (2FClob+, 1ClobF-), nas pranchas I e V, conforme apresentado a seguir:

S4, pr. I: Isso é estranho. Estranho. (V) Olhando assim, eu vejo alguma expressão de alguma coisa ruim. Do mal". Inquérito: "Porque primeiro o preto. Esses furo aqui me lembra aquele olho da abóbora do Halloween e aqui embaixo parece um pouco também. Aqui como se fosse uma boca."

S6, pr. V: "Mariposa. Porque borboleta, a asa teria que ser mais bonita. E a borboleta não é preta, feia desse jeito."

S30, pr. I: "Morcego? Morcego, senhora." Inquérito: "As asas, os negócio dele aqui assim, pé, mão dele. Cabeça dele. Cabeça feia."

De acordo com Chabert (2004), as respostas Clob possuem uma tonalidade desagradável relacionada à angústia (indicativa de uma atitude de fuga), depressão (paralisia) ou agressão (como reação ao medo). Este último caso é visível na resposta de S4 (ClobF-), de conotação persecutória, que reflete o temor no contato inicial com o método de Rorschach (pr. I). As demais pareceram explicitar os sentimentos de inadequação inerentes às respostas FE, caracterizando-se pela projeção de uma imagem de si insatisfatória (“mariposa preta, feia desse jeito”, “cabeça feia”). A adequação formal destas respostas indica a capacidade de reação frente à angústia despertada pelos estímulos, evidenciando os recursos dos sujeitos do grupo com assiduidade regular.

4.3.4 Análise dos conteúdos

4.3.4.1 Representações animais (tabelas 37 a 40)

No grupo com assiduidade regular, os conteúdos animais corresponderam a 53,2% do total de respostas, percentual situado na faixa normativa (53-64%). Como se pode constatar na tabela 37, este foi o grupo com maior número de sujeitos com A% dentro da média. No grupo com assiduidade irregular, as representações animais alcançaram 57,4% da produtividade total dos sujeitos, mas os protocolos, quando analisados individualmente, encontraram-se ou abaixo (cinco sujeitos) ou acima da média (cinco sujeitos). O grupo sem assiduidade destacou-se pela maior quantidade de conteúdos animais em relação à produtividade total (62,6%), verificando-se que a maioria dos sujeitos (seis) apresentou A% acima dos valores normativos.

Tabela 37 - Percentual de conteúdos animais

Grupo com assiduidade regular		Grupo com assiduidade irregular		Grupo sem assiduidade	
Suj	**A% [53-64]***	**Suj**	**A% [53-64]***	**Suj**	**A% [53-64]***
S3	**71,4**	**S2**	*44,4*	**S7**	**100**
S4	55,5	**S5**	**81,2**	**S8**	*25*
S6	*44,4*	**S10**	*40*	**S13**	*40*
S9	62,5	**S11**	*50*	**S14**	**100**
S12	**70**	**S18**	**70**	**S16**	**71,4**
S15	*18,18*	**S20**	**70**	**S17**	**66,6**
S22	*40*	**S21**	*50*	**S28**	*33,3*
S24	63,6	**S33**	**80**	**S29**	**64,2**
S30	*50*	**S34**	**77,7**	**S31**	**83**
S32	58,3	**S35**	*45,4*	**S36**	63,6

Legenda: **acima da média**; na média; *abaixo da média*.

O percentual de conteúdos animais, conforme Chabert (2004) é indicativo de processos mentais automatizados, que ocorrem sem interferência da reflexão. Embora sejam recursos necessários, evidenciando a capacidade socializante do indivíduo, seu uso excessivo empobrece o pensamento, favorecendo as estereotipias. Por outro lado, uma queda de A% reflete um uso muito pessoal da imaginação, com distanciamento da realidade compartilhada.

Nesse sentido, o grupo com assiduidade regular apresentou uma variação de A% mais próxima do que Rausch de Traubenberg (1970/1998) aponta como nível ótimo, quando há suficiente interesse pelo meio sem que isso signifique uma tendência ao conformismo ou ausência de imaginação criadora. De acordo com a tabela 38, pode-se perceber que a maioria das respostas ocorreu na prancha V (13 respostas), onde se confirmou a presença de banalidades (borboleta, pr. V), seguida da prancha X (oito respostas). Saliente-se a freqüência da resposta banal "morcego" na pr I (Pasian, 2000/2010), que apareceu em quatro das seis representações animais fornecidas no contato inicial com o Rorschach. Ela denota uma capacidade de manejo da ansiedade frente a uma experiência desconhecida, através do recurso ao coletivo.

Tabela 38 - Respostas de conteúdo animal do grupo com assiduidade regular

Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito	Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S3	Rosto de um cachorro (pr. I) Sapo – patas e rosto (pr. III) Morcego (pr. IV) Borboleta – asas e rosto (pr. V) Louva-a-deus – rosto e patas (pr. IX)	S15	Bicho – pé, mão, cabecinha (pr. IV) Borboleta (pr. V)
S4	Monstro com uma pessoa dentro (pr. IV) Borboleta (pr. V) Bico de pato (pr. V) Boca de jacaré (pr. V) Cara de elefante (pr. VII) Onça (pr. VIII) Cavalo-marinho (pr. X) Peixes (pr. X) Peixes (pr. X, outra localização) Grilo (pr. X)	S22	Morcego – asa aberta, patinha, cabeça (pr.I) Dois pássaros – **voando** (pr.III) Ave – pata, cabeça (pr.V) Animais **andando- para um encontrar o outro,** pata, rabo (pr.VIII)
S6	Bicho – sombras (pr. III) Mariposa - <u>feia</u> (pr. V) Camaleão – patas, rabo (pr. VIII) Insetos (pr. X)	S24	Morcego – rosto, mãozinha, asa (pr.I) Borboleta – asinha, corpinho (pr.II) Urso – corpo, perna, rosto (pr.IV) Urubu – **boca abrindo**, asa aberta, **voando** (pr.V) Coelho – rabinho, boca aberta (pr.VII) cachorros – perna, pata (pr.VIII) Tatu – pequenininho (pr.X)
S9	Morcego – asa, cabeça, só não essa parte aqui (pr. IV) Borboleta – cabeça, anteninha, asa, só tira essas perninha (pr.V) Dragão – do tipo que voa, tirando isso aqui (pr. VI) Dois coelhos – cabeça, orelha, rabinho, um olhando para o outro (pr.VII) Lagarto – **subindo, um para cada lado** (pr.VIII)	S30	Morcego – asa, pé, mão, <u>cabeça feia</u> (pr.I) Monstro – animal (pr.IV) Borboleta – asa, pezinho (pr.V) *Gato esmagado* – bigodinho (pr.VI) Onça – **subindo** (pr.VIII)
S12	Aranha – pata, *presas* (pr. I) Borboleta (pr. II) Bicho – boca, rosto, *presas*, <u>coisa estranha</u> (pr. II) Pássaro – rosto, asas, **voando** (pr. V) Morcego – *presinhas*, **voando** (pr. V) Peixe-raia (pr. VI) Bicho - <u>muito feio</u>, cara de bravo, olho, nariz, boca (pr. X)	S32	Morcego – asa aberta (pr.I) Pinguim - **brigando ou brincando** (pr.II) Morcego – parece o primeiro (pr. IV) Morcego – pé, cabeça, asa (pr.V) Cachorro – bigodinho, pata (pr.VI) Leão – refletindo (pr.VIII) Leão – resposta negada (pr.X) Morcego – asa aberta (pr.X)

Os conteúdos animais incluíram maciçamente representações inteiras (47 respostas A, 5 Ad, 3 (A), 2 (Ad)). As respostas relativas a representações animais fantásticas apoiaram-se em referências culturais, em sua maioria, havendo apenas uma onde a interferência de reinos assumiu um caráter demasiadamente pessoal (S4: "Um monstro com uma pessoa dentro. Presa.")

Do ponto de vista discursivo, as respostas caracterizaram-se por uma abordagem mais descritiva e neutra, sem qualificação das imagens projetadas (valorização ou desvalorização). Nas raras vezes em que se observou algum tipo de qualificação, ela foi negativa (S6, pr. V: "mariposa feia"; S12, pr. X: "bicho muito feio"; S30, pr. I, morcego: "cabeça feia"). Emmanuelli e Azoulay (2008) lembram que é difícil manter uma representação de si valorizada na adolescência, sendo comum nos protocolos, especialmente na prancha V, estas respostas breves, neutras e resumidas.

Igualmente raras foram as representações de conotação mais agressiva no grupo com assiduidade regular, registradas em apenas dois protocolos (S12: "presas", S30: "gato esmagado"). Quanto às cinestesias, elas envolveram principalmente movimentos de elação ("voando", "subindo"). A possibilidade de interação (libidinal ou agressiva) foi evitada (S9: "lagarto subindo um para cada lado"), adiada (S22: "animais andando, um para encontrar o outro") ou, quando passível de expressão ambivalente (S32: "dois pinguins brigando ou brincando").

No grupo com assiduidade irregular (tabela 39) , embora as representações animais inteiras tenham sido predominantes (52 respostas A, 10 Ad, 8 (A)), houve um aumento de respostas cotadas como fantásticas, que se caracterizaram por projeções ameaçadoras (S2: "bicho papão") ou pouco apoiadas no imaginário cultural, indicando um afastamento mais preocupante da realidade:

S5, pr. I: "Parece com um animal. Com uma lagarta de 3 asas." Inquérito: "Parece umas mãozinha dela. Corpo. E tem 3 asas. (como você vê o corpo?) O rabo e aqui, a cabeça. (e as 3 asas?) Aqui, grudada."

Tabela 39 - Respostas de conteúdo animal do grupo com assiduidade irregular

Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito	Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito	Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S2	Cachorro –*rotweiller* (pr.I) Monstro, bicho – braço, cabeça (pr.I) Cabeça de jacaré – olhinho, boquinha (pr.II) Bicho papão – pé, cabeça, braço (pr.IV) Cabeça de dragão – **saindo do bicho papão** (pr.IV) Borboleta – asa (pr.V) Lagarto – **virando borboleta** (pr. VI) Peixe – parte que não pode comer (pr VI) Cabeça de elefante – tromba, olho (pr.VII) Leão – cabeça, perna, faltou o rabo (pr. VIII) Sapo – deitado (pr. VIII) Bicho – estranho (pr. VIII)	S18	Raposa – orelha, focinho, olhos, boca (pr.I) Gato –boca aberta, **miando** (pr.II) Lobo – orelha, focinho, boca, olho (pr.III) Monstrinho – feio, esquisito (pr.IV) Borboleta – cabecinha, anteninha, asa (pr. V) Morcego – asa, cabeça, orelhinha, perna (pr. V) *Gato cortado no meio* – orelha, patinha (pr. VII)	S33	Morcego – perna, orelha (pr. I) Borboleta – asa grande (pr. II) Mosquito – dois, **voando** (pr. III) Besouro – anteninha, asa, *negócio que ferroa* (pr. IV) Morcego (pr. V) Larva – **saindo do casulo** (pr. VI) *Aranha – resposta substituída por barata com perninha* (pr. VII) Casulo (pr. VIII)
S5	Lagarta de 3 asas – mãozinha, corpo, 3 asas grudadas, rabo, cabeça (pr. I) Borboleta–asas, cabeça (pr. II) Rosto de javali – olhos, nariz (pr. III) Inseto (pr. IV) Dragão deitado – cabeças, asas, rabo, pernas (pr. IV) Borboleta (pr. V) Beija-flor – cabeça, asas, rabo (pr. V) Dragão–cabeça,asa,pé (pr. VI) Lagarto – sombra colorida (pr. VIII) Aranhas (pr. X) Insetos – boca, olho, pés, anteninha (pr. X) Besouro (pr. X) Passarinho (pr. X)	S20	Morcego – **voando**, asa, corpo, *negócio que morde pra comer*, rabo (pr. I) Bezerra – **um olhando pro outro,** alguma coisa segurando os 2, uma pata só (pr. III) Um bicho bem feio – cabeça, dente feio, boca aberta (pr. IV) Borboleta – cabeça, negocinho que segura as asas, negócio atrás (pr. V) Bichinho pequenininho – **puxando um negócio** (pr. VI) Bichinho - castor (pr. VII) Dois lagartos feião – **subindo** (pr. VIII)	S34 S11	Aranha – *presas*, olho (pr. I) Joaninha - colorida (pr. II) Caranguejo – pata, olho, boca (pr. III) Cachorro – rosto, orelhas (pr. IV) Borboleta – asa, rosto, antenas (pr. V) Arraia – olho, *chicote* (pr. VI) Sapo – **pulando** (pr. VII) Morcego (pr. I) Borboleta (pr. V) Mosca (pr. V) - **voando** Dois cachorros- orelha, **um olhando pro outro** (pr. VII) Lagarto **subindo** uma árvore (pr. VIII)
S10	Morcego – cabecinha, asas, perninha (pr. V) Dois coelhos em cima de uma pedra – orelhinha, rabinho, um de frente pro outro (pr. VII)	S35	Dois pássaros – cabeça, bico (pr. II) Elefante – cabeça, orelha, chifre (pr. IV) Morcego – cabeça, duas pernas, asas (pr. V) Peixe- só a cabeça (pr. VI) Dois coelhos – orelha, cabeça, pescoço, pata, corpo (pr. VII)	S21	Sapo – mão, olho, pulmão, lugar do veneno (pr. III) Morcego – perninha (pr. V) Passarinho – resposta negada (pr. V) Bicho em cima da pedra – reflexo (pr. VIII) Elefante – reflexo (pr. IX) Lagarto (pr. X) *Escorpião – resposta substituída por besouro* (pr. X)

As representações agressivas apareceram na maioria dos protocolos, em projeções mais ou menos explícitas (S2, pr. I: “cabeça de Rotweiller”; S18: “gato cortado no meio”; S20, pr. I: morcego com aquele negócio que morde pra comer”; S21: sapo com um “lugar do veneno”; S33, pr. IV: besouro com “negócio que ferroa”; S34, pr. I: aranha com “presas”; S35: “chifre”). Houve duas ocorrências de substituição de respostas, caracterizando o fenômeno especial de resposta negativada (Passalacqua & Gravenhorst (2005), onde se percebeu a repressão da agressividade ao suavizar conteúdos na fase de inquérito (S21, pr. X: troca escorpião por besouro; S33, pr. VII: substitui aranha por barata).

Quanto às cinestesias, elas foram mais diversificadas, observando-se movimentos de elação (“pulando”, “subindo”, “voando”), força (“puxando”), expressão (“miando”) e transformação (“virando borboleta”, “saindo do casulo”). Demonstraram uma riqueza imaginativa, embora às vezes tenham adquirido um significado muito subjetivo (S2: cabeça de dragão saindo do bicho papão). Deve-se ressaltar que neste grupo, a capacidade criadora acabou permeando os protocolos como um todo, reduzindo a aridez de uma abordagem mais descritiva, também presente. Ainda em relação às cinestesias, cabe mencionar que a única interação existente referiu-se a animais “olhando um para o outro” (protocolos de S11 e S20). Este dado evidencia que nem mesmo o deslocamento da projeção de conteúdos humanos para conteúdos animais possibilita a representação do conflito pulsional.

As representações animais ocorreram predominantemente na pr. V, onde foram encontradas frequentes respostas de banalidades, seguida da pr. IV, que se destacou pela persecutoriedade das imagens projetadas (“bicho papão”, “monstrinho feio”, “bicho feio”, “besouro que ferroa”, “elefante com chifre”). Considerando que a pregnância da pr. IV evoca imagens de poder, sendo apontada como propícia às associações ligadas à função paterna (Chabert, 2004), é curioso como estes sujeitos se posicionam frente ao estímulo desta prancha, trazendo imagens de um terror infantil e fazendo pensar em um funcionamento superegóico mais primitivo.

Neste grupo, também se constatou o aparecimento de imagens siamesas, caracterizadas pela indiscriminação de limites (S5, pr. I: lagarta com 3 asas grudadas; S20, pr. III: dois bezerros, uma pata só). Raras, porém preocupantes, elas constituem projeções mal articuladas com a realidade objetiva do estímulo, que informam sobre aspectos indiscriminados do mundo interno. Em termos de desenvolvimento, parecem evidenciar uma frágil construção de limites eu-não eu (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Este tipo de indiscriminação também foi registrado na análise dos conteúdos animais do grupo sem assiduidade, conforme dados reunidos na tabela 40 (S 14, pr. VI:"dragão de duas cabeça, cauda separada, grudada"; S36, pr. VI: "dois bicho grudado, uma cabeça pros dois"). Tais imagens remetem a projeções da necessidade de dependência. Surgiram também nestes protocolos menções a aspectos que sobravam ou faltavam ao corpo dos animais percebidos (S16, pr.V: "faltando um pedaço da asa"; S28, pr. I: asa "sem o bagulho do meio"; S31, pr. I: "abelha, sem essa parte cortada"), expressões da angústia de castração que tem efeitos perturbadores no processo de desenvolvimento.

Neste grupo, o empobrecimento das associações, indicada pelo elevado A% da maioria dos sujeitos, fez-se notar pela simploriedade das respostas ("bicho", "monstro", "monte de bicho"), dificuldade de descrição dos perceptos ("não sei"), levando alguns adolescentes a se apoiarem em referências culturais na busca de um esclarecimento autoexplicativo (S8, S16: "porque vi na TV"). Verificaram-se representações agressivas na metade dos protocolos, chamando a atenção a presença de imagens que remetiam a uma atividade interior brutalmente pulsante (S28, pr. IX:"olhos pegando fogo"; S36, pr. II: dragão com "um negócio pegando fogo"). As cinestesias foram basicamente constituídas de movimentos de elação ("voando", "subindo", "pulando"), havendo uma única representação relacional, de caráter agressivo (S14: aranhas lutando com formigas). A possibilidade de uma interação libidinal foi sugerida por S36, mas não concretizada (pr. VIII: animais subindo para se encontrar). Diferente dos outros grupos, os sujeitos sem assiduidade forneceram mais conteúdos animais na pr. X, onde a configuração dispersa associada ao colorido facilita a projeção de imagens em localizações D e Dd. A prancha V foi a segunda com maior número de respostas A, quase sempre banalidades que atestam uma condição de compartilhamento do senso comum.

Tabela 40 - Respostas de conteúdo animal do grupo sem assiduidade

Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito	Suj	Respostas A, Ad, (A) e (Ad), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S7	Borboleta – asas (pr. III) Morcego – cabeça, pernas, asas (pr. V) Onça (pr. VIII) Leão-marinho – barbinha, nadadeira (pr. X) Cavalo-marinho – rosto, corpo (pr. X) Gavião (pr. X)	S31	Abelha – asinha, *sem essa parte cortada*, gordinha, peitinho, pelinho (pr. I) Mosca – patinha, olhão, tentáculo, *presa* (pr. II) Morcego – asa *cortada*, boca, *dente*, olho (pr. IV) Borboleta – anteninha, asa (pr. V) Tigre – pelinho, focinho (pr. VI) Onça (pr. VIII) Golfinho pulando com um gorila (pr. IX) Aranha (pr. X) Gafanhoto (pr. X) Cavalo-marinho (pr. X)
S8	Morcego – **voando** (pr. V) Cavalo-marinho – um de costa pro outro, **tirei do Canal Cultura** (pr. X)	S36	Borboleta – asas (pr. I) Dragão – *um negócio pegando fogo* (pr. II) Monstro – animal, bicho feio (pr. IV) Pássaro – **voando** (pr. V) Dois Bicho – grudado, uma cabeça pros dois (pr. VI) **Bicho** – **subindo pra se encontrar** (pr. VIII) **Um monte de bicho junto** – **não dá pra saber** (pr. X)
S13	Monstro - Dragão (pr. IV) **Bicho** - Dragão (pr. VI) tigre com as montanhas, com um rio (pr. VIII) **Bichos** – **não sei** (pr. X)	S17	Dragão preto – asas, rosto (pr. IV) Borboleta – asas (pr. V) Dois animais – quatro patas (pr. VIII) Um monstro de cada lado – **não sei descrever** (pr. X)
S14	Borboleta – uma em cima e uma embaixo (pr. I) Escorpião – *negocinho* (pinça) (pr. II) Cabeça de touro – *quando corta ele* (pr. III) Dragão de duas cabeças – cauda separada, grudada (pr. IV) Morcego – perninha, asa aberta (pr. V) Lobo (pr. VI) Elefante – pé levantado e tromba para cima (pr. VII) Três leões *comendo carne* (pr. VIII) Dois passarinhos – pendurado, **subindo** (pr. IX) Aranha – caíram no buraco, *lutaram* com as formigas (pr. X)	S29	Besouro – *garras*, olho, boca (pr. III) Borboleta – asa, corpo (pr IV) Pássaro – asa, corpo, pena (pr. V) Sapo – **pulando** (VII) **Um monte de animal**, borboleta - Três (pr. VIII) Tigre – resposta modificada (pr. VIII) Escorpião (pr. X) Caranguejo (pr. X) Lagarta (pr. X)
S16	Cachorro – orelha (pr. I) Borboleta – asas, anteninha,*faltando um pedacinho da asa* (pr. V) Arraia – **vi na TV** (pr. VI) Gato – orelha, cabelo, bochecha, corpo (pr. IX) Cachorro – língua de fora (pr. IX)	S28	Morcego – asa esquisita, "*sem o bagulho do meio*" (pr. I) Morcego (pr. V) Borboleta – anteninha, perninha (pr. V) Tigre rosa, rio e sombra verde esquisitóide (pr. VIII) Dois hipopótamos – *dois olhos pegando fogo* (pr. IX)

4.3.4.2 Representações humanas (tabelas 41 a 44)

Em relação às figuras humanas, predominou um H% acima dos padrões normativos em todos os grupos (tabela 41). O grupo com assiduidade irregular foi o que apresentou maior número de sujeitos com este percentual dentro da média, enquanto o grupo sem assiduidade destacou-se pela maior freqüência de protocolos sem conteúdo humano (quatro, contra três do grupo com assiduidade regular e dois do grupo com assiduidade irregular).

Tabela 41 – Percentual de respostas humanas

Grupo com assiduidade regular		**Grupo com assiduidade irregular**		**Grupo sem assiduidade**	
Suj	**H% [8-13]***	**Suj**	**H% [8-13]***	**Suj**	**H% [8-13]***
S3	**14,28**	**S2**	**40,7**	**S7**	*0*
S4	**16,6**	**S5**	12,5	**S8**	**25**
S6	11	**S10**	**20**	**S13**	**30**
S9	**40**	**S11**	10	**S14**	*0*
S12	*0*	**S18**	**20**	**S16**	**14,28**
S15	**45,4**	**S20**	10	**S17**	*0*
S22	10	**S21**	**14,28**	**S28**	**40**
S24	*0*	**S33**	*0*	**S29**	*7*
S30	*0*	**S34**	*0*	**S31**	*0*
S32	8	**S35**	9	**S36**	**18,18**

Legenda: **acima da média**; na média; *abaixo da média*.

Como se pode observar na tabela 42, as representações parciais (Hd) representaram a maioria dos conteúdos humanos fornecidos pelo grupo com assiduidade regular (∑=14; 8Hd, 5H, 1(H)). Destas, cinco relacionaram-se à imagem do rosto, simplesmente vitalizada (rosto com olhos, nariz, boca) ou mais expressiva (S4: manchada com choro de sangue, S15: olho grandão, S32: boca coberta com uma máscara). Houve uma única resposta humana fantástica, de conteúdo mais religioso (S15: “anjo”). Metade das respostas humanas foi registrada nas pranchas II e III, propícias a este tipo de projeção.

Tabela 42 - Respostas de conteúdo humano do grupo com assiduidade regular

Suj	Respostas H, Hd, (H) e (Hd), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S3	Hd: Um rosto – olhos e boca (pr. IX)
S4	Hd: Pessoa borrada de choro de sangue – olhos e boca (pr. II) H: Duas pessoas e um coração no meio (pr. III) Hd:Duas mulheres, uma olhando para a outra – cabelo, rabo de cavalo (Pr. VII)
S6	Hd: Mão junto com a outra (pr. II)
S9	H: Duas pessoas colocando alguma coisa na fogueira (pr. III) Hd: Um rosto – olho, sobrancelha, nariz, pescoço (pr. X)
S15	(H): Anjo – corpo, asas grandonas, mão pra cima (pr. I) H: Mulher – vestido, pés (pr. I) Hd: Pé (pr. II) Hd:Pessoa com gravata – braço para cima, olho grandão (pr. III) H: Mulher com perna esticada (pr. IX)
S22	H: Dois caras batendo um na mão do outro (pr. II)
S32	Hd: Um rosto – olhos, nariz e a boca, coberta por uma máscara (pr. X)

De acordo com Rausch de Traubenberg (1970/1998), quando as representações humanas parciais são prevalentes (principalmente na forma de perfis) e inexistem respostas K, pode-se pensar em uma busca ansiosa de contatos humanos e dificuldades nas relações interpessoais. Este pareceu ser o caso dos sujeitos S3, S6 e S32, que apresentaram apenas respostas humanas parciais.

No grupo com assiduidade irregular, também predominaram as representações parciais, a maioria delas associadas à projeção do rosto, conforme síntese apresentada na tabela 43.

Tabela 43 - Respostas de conteúdo humano do grupo com assiduidade irregular

Suj	Respostas H, Hd, (H) e (Hd), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S2	Hd: Duas mãos abertas (pr.I) Hd: Duas cabeças (pr. I) (H) Uma pessoa de duas cabeças (pr.I) Hd: Duas mãos (pr. II) H: Duas pessoas sentadas, mexendo em alguma coisa (pr.III) H: Formato de um corpo bem largo – perna, braço, cabeça, bem grandão (pr.VII) Hd: Palhaço – cabelo, cabeça, olho, nariz, o resto do corpo não dá pra ver (pr. IX) (H): Dois bruxos – em pé, de frente um pro outro (pr. IX) Hd: Rosto – olho, boca (pr. X) Hd: Um cara de Ray-ban (pr. X)
S5	(Hd): Rosto de um desenho de filme – formato do rosto do personagem Planeta 51, orelha, olhos e boca (pr. VII) (H): Um palhaço de costa – cabelo, cabeça, pescoço, gola, ombreira (pr. IX)
S10	H: Duas pessoas – olhando uma pra outra, com a mão em algum lugar (pr. III)
S11	H: Duas pessoas, sentada, conversando ou comendo – dois irmãos, em duas cadeiras, conversando e comendo (pr. III)
S18	Hd: Parte do corpo – "bunda" (sic), costas, parte do pescoço subindo pra cabeça, um ombro, braço (pr. VIII) Hd: Corpo humano – "traseira, bunda, parte da bunda" (sic), costela, quase a mesma coisa (pr. IX)
S20	(Hd): Um menino, uma menina – uma caricatura de mulher e uma de homem, um olhando pro outro, em cima de dois bonecos (pr. VII)
S21	(H) Duas pessoas com asas (pr. I) (H) ET – um macho e uma fêmea (pr. VII)
S35	H: Duas pessoas e uma nuvem (pr. I)

Como se pode notar, o grupo com assiduidade irregular apresentou elevada quantidade de respostas humanas fantásticas (∑=20; 8Hd, 5H, 5(H), 2(Hd)). Percebeu-se que a maioria delas encontra apoio no imaginário cultural (bruxos, rosto do desenho de um filme, ET), mas sua frequência pode ser indicativa da menor possibilidade de projeção em representações vivas, de aceitação do movimento da pulsão (Emmanuelli & Azoulay, 2008). Esta hipótese é corroborada não só pelo superinvestimento na irrealidade das representações (S2, pr. I: uma pessoa com duas cabeças; S21, pr. I: duas pessoas com asas), mas também pela desvitalização observada nas respostas H e Hd (S2, pr. VII: formato de um corpo bem largo; S20, pr. VII: caricatura de um homem e uma mulher) e pela baixa freqüência de respostas humanas nas pranchas II e III. A maior parte dos conteúdos humanos foi registrada nas pranchas I, VII e IX, com respostas de má qualidade formal.

O grupo sem assiduidade apresentou o maior número de figuras humanas inteiras (∑=15; 8H, 2Hd, 3(H), 2 (Hd)), conforme resultados reunidos na tabela 44. Contudo, as respostas foram dadas por somente quatro sujeitos e os conteúdos confirmaram a dificuldade de representar situações relacionais, observando-se uma ênfase na ausência de contato ou envolvimento (pessoas uma de frente para a outra). A exemplo dos conteúdos animais, aqui também se verificou o surgimento de respostas com limites indiscriminados (S8, pr. III: "gêmeos grudados"; S36, pr. III: "duas pessoas grudadas"), reforçando a hipótese de uma fragilidade na construção dos limites eu-não eu. As representações fantásticas trouxeram uma irrealidade apoiada em referências culturais, porém, foram marcadas por imagens assustadoras (S28, pr.: diabo com boca saindo sangue; S29, pr. I: diabo com caveira e chifre). A maior parte dos conteúdos humanos foi observada nas pranchas I e III.

Tabela 44 - Respostas de conteúdo humano do grupo sem assiduidade

Suj	Respostas H, Hd, (H) e (Hd), seguidas dos aspectos ressaltados no inquérito
S8	H: Duas pessoas – gêmeos grudados, um virado pro outro (pr. III) H: Duas senhoras de idade – uma de frente pra outra (pr. VII)
S13	H: Alguém com sobretudo – policial de sobretudo "que aparece do nada" (pr. I) H: Duas pessoas (pr. III) H: Duas pessoas cruzando o braço – aparência japonesa (pr. VII)
S16	Hd: Rosto – bochecha, olho, nariz, boca, barba, faltando o cabelo (pr. II)
S28	(H): Maluco do jogo – mãozinha, cabelinho, voando (pr. I) (H): Bonequinho do batman – asa aberta, quando tá pulando do prédio (pr. I) (Hd): Diabo – olhos vermelhos, boca saindo sangue (pr. II) H: Duas pessoas – uma olhando pra outra (pr. III) (H): Gigante – no final do cabelo, duas caveiras (pr. IV) Hd: Mão saindo da fumaça, segurando uma bolinha (pr. VI)
S29	(Hd): Diabo – caveira, chifre, olho (pr.I)
S36	H: Duas pessoas – segurando alguma coisa, grudadas (pr. III) H: Duas pessoas – juntas, em pé (pr. VII)

4.3.4.3 Outros conteúdos (tabela 45)

Quanto aos demais conteúdos, reunidos na tabela 45, eles revelaram temáticas dominantes em cada grupo: Anat, Obj e Pl no grupo com assiduidade regular, Anat e Pl no grupo com assiduidade irregular e conteúdos ligados à natureza no grupo sem assiduidade (Pl, Nat, Paisag).

Tabela 45 – Respostas relacionadas a outros conteúdos

Conteúdo	Grupo com assiduidade regular	Grupo com assiduidade irregular	Grupo sem assiduidade
Anat	10	11	3
Obj	9	1	3
Pl	7	5	2
Nat	1	1	4
Paisag	0	1	3
Frgm	3	1	3
Elem	2	2	0
Sg	1	0	0
Arte	2	1	0
(Arte)	1	2	0
Masc	0	2	3
Alim	0	1	0
Sexo	0	0	1
∑	36	28	22

As respostas cotadas como Anat (anatomia humana) são evidenciadoras de angústias relacionadas ao corpo, expressando desde uma preocupação exacerbada com a saúde física (angústia hipocondríaca) até uma ansiedade disfarçada em torno da sexualidade, podendo constituir ainda a expressão de sentimentos de inadequação em torno de algum aspecto da subjetividade (Chabert, 2004). Conforme apontado anteriormente, trata-se de um conteúdo que integra o cálculo do índice de angústia patológica, juntamente com as representações humanas parciais, respostas ligadas a sexo e sangue (Hd+Sexo+Anat+Sg/R *100). De acordo com os padrões normativos, este índice não deve ultrapassar 12%.

No grupo com assiduidade regular, considerando a produtividade de todos os sujeitos, verificou-se que o índice de angústia patológica superou o valor normativo, alcançando um total de 17,7%, devido à quantidade elevada de respostas Anat. A análise individual dos protocolos demonstrou que sete sujeitos apresentaram um índice superior a 12%. De maneira geral, as representações Anat se caracterizaram por um movimento desvitalizante, por vezes assumindo uma valência agressiva, como resultado de agressão:

S30, pr. III: “Pode ser duas parte de osso? Tá parecendo dois braços assim, ó e a cabeça cortada.” Inquérito: Dois braços, cabeça cortada. Como chama isso daqui? Peito.” (a prancha favorece associações de conteúdos humanos, vivos. É brutal a necessidade de erradicar esta vitalidade por meio de uma abordagem formal rígida do estímulo, evitando um olhar integrador da mancha).

S22, pr. IV: “Parece um esquilo atropelado.” Inquérito: “Tá esparramado no chão. Aqui a cauda dele caída no chão.”

S12, pr. III: “Um rosto”. Inquérito: “Olho aqui, nariz aqui. A boca, assim. Não um rosto, não, rosto de alguma coisa. (você consegue identificar?) Tipo uma caveira, um negócio assim. Porque lembra, né, o olho separado, não tem nada em volta. Só o nariz.” (note-se que a resposta seria cotada como Hd, não fosse o movimento desvitalizante registrado na fase de inquérito)

Este processo desvitalizante também foi observado em duas respostas Obj, onde os sujeitos tangenciaram uma projeção mais próxima do humano (respostas K recalcadas):

S3, pr. VII: “Um boneco”. Inquérito: “O rosto, os braços e as pernas.”

S32, pr. VII: “Duas bonequinhas”. Inquérito: “Lembra aquele...tem um desenho com um bichinho cabeçudo. Os dois molequinho assim. (qual desenho?) Não lembro o nome, acho que é Dimi Neutro. Vai para o espaço, tem uns bichinho cabeçudo. (E as duas bonequinhas?) Tá mais pra boneca, também o rosto aqui assim.”

A prevalência e a característica das representações anatômicas e de objeto só reforçaram a aridez dos protocolos do grupo com assiduidade regular. Daí talvez a tentativa de contrabalançar a falta de vivacidade por meio de representações de planta, terceiro conteúdo mais frequente entre estes adolescentes. Dos seis protocolos contendo respostas anatômicas, quatro possuíam conteúdos Pl e um, Nat.

No grupo com assiduidade irregular, o índice de angústia patológica também superou o valor normativo, atingindo 15,5% (considerando a produtividade total dos sujeitos). Contudo, a análise individual dos protocolos demonstrou que somente três sujeitos apresentaram este percentual acima do padrão normativo, concentrando muitas respostas Anat e Hd, cuja frequência acabou elevando o percentual geral obtido pelo grupo. Quanto às especificidades das respostas Anat destes adolescentes, observou-se a tentativa de distanciamento dos afetos por meio de uma descrição objetiva do material:

S21, pr. X: “Está mais parecido com o corpo humano.” Inquérito: “Intestino. Por causa desse negócio aqui, aí vai, desce, aí vai pra cá.”

No entanto, nem sempre este distanciamento foi eficiente na contenção da angústia, que algumas vezes transbordou em imagens violentas ou inibiu os processos mentais, comprometendo o esclarecimento do percepto:

S18: “Aqui também, deve ser parte do corpo humano por dentro, só que tá separado. Pescoço aqui, parece. Acho que é isso mesmo.” Inquérito: “Tá meio espalhado. Pescoço aqui. Sei lá o que vem, a parte de baixo, os bagulho tá tudo separado. (o que tem dentro?) Ah, sei lá, os rins Ah, sei lá. Às vezes ele foi atropelado por uma carreta. Sei lá.”

S35: “Sei o que é isso não. Difícil. Parece a coluna.” Inquérito: “Esses vermelho aqui. (só o vermelho?) Aqui parece o pescoço (aponta o preto) Porque ...parece...não sei explicar não.”

Os conteúdos anatômicos foram registrados na metade dos protocolos deste grupo, mas não estiveram associados à presença de respostas Pl. Estas, presentes em quatro protocolos, explicitaram a vivacidade e o dinamismo do mundo interno, evitados nas representações animais e humanas:

S10, pr. IV: “Parece uma árvore, uma tipo com um pé aqui.” Inquérito: “Aqui é o tronco, e aqui é as plantas. Parece uma árvore. Detectei a planta. Não pode ser árvore seca.”

S21, pr. IV: “Uma árvore.” Inquérito: “Porque aqui, ó, esse pé, vai subindo, vai subindo, em vez de ficar normal, ela se abre, fica maior estranho. Por isso falei em árvore.”

S33, pr. IX: “O que é isso? Não sei, não sei...ah, uma planta, sei lá.” Inquérito: “Aqui tem o formato dela e tá abrindo igual uma planta. (se fosse tudo preto?) Aí não parecia. Não ia parecer com nada. É uma flor se abrindo.”

No grupo sem assiduidade, o empobrecimento associativo gerou dois protocolos sem representações fora do conjunto de respostas humanas e animais, além de influenciar dois outros casos em que se verificou uma única resposta cotável como “outros conteúdos”. Entre as respostas existentes, os temas foram muito diversificados, distribuídos quase que equitativamente entre os vários tipos de conteúdo. Notou-se uma leve predominância de representações de natureza (Nat), ampliada com a somatória de conteúdos semelhantes (Paisag e Pl). Todas foram respostas bastante descritivas:

S8, pr. IV: “Uma árvore.” Inquérito: “Tronco, a árvore é só essa parte preta aqui, aqui os gramados, sem essa parte.”

S13, pr. VII: “Uma montanha, né?” Inquérito: “Aqui uma montanha, com um rio correndo aqui.”

S28, pr. X: “Parece uma paisagem isso daqui. Mais bonitinho, mais cor viva aqui. Só.” Inquérito: “Um rio no meio assim (azul). Tipo duas montanha. Uma árvore aqui. Tipo a luz do sol batendo. Duas rocha.”

S36, pr. X: “Montanha aqui”. Inquérito: “Pra mim, no meu olhar parece. Isso que eu vi.”

Nestas respostas, não se observou a mesma vitalidade de conteúdos semelhantes fornecidos pelo grupo com assiduidade irregular. Ao contrário, a abordagem descritiva utilizada por estes sujeitos trouxe como efeito a transformação da natureza em objeto, em associações quase estereotipadas. Destacaram-se as frequentes menções à montanha e ao elemento água.

Cabe salientar que o grupo sem assiduidade foi o único a apresentar um índice de angústia patológica inferior ao limite normativo, alcançando 6% no cômputo geral. Porém, na análise individual dos protocolos, metade dos sujeitos superou o valor normativo no cálculo deste índice. Como apresentaram poucas respostas Anat, Hd e Sexo (nenhuma Sg), a influência destes conteúdos foi diluída no cálculo geral do grupo.

Quanto às banalidades, indicativas de uma capacidade perceptiva básica, observou-se que em todos os grupos a maioria dos sujeitos apresentou um número de respostas dentro dos valores normativos (2 a 4). Todavia, alguns adolescentes não conseguiram alcançar este número mínimo, especialmente no grupo com assiduidade regular, onde quatro jovens apresentaram somente uma resposta banal. Nos demais grupos, encontraram-se dois protocolos contendo somente uma banalidade.

4.3.5 Análise dos fenômenos especiais (tabela 46)

Todos os grupos apresentaram uma alta frequência de fenômenos especiais, a maioria deles relacionada à reação de choque e fracasso frente ao estímulo. De maneira geral, pode-se observar na tabela 46 que as pranchas II, VI e VII provocaram maior impacto entre os entrevistados, seja pelo bloqueio, seja pela quantidade de outros fenômenos a elas associados. O uso do diminutivo nas respostas e/ou inquérito representou o segundo fenômeno mais frequente em todos os grupos. Notou-se uma fragilidade dos processos mentais (fenômenos associados a falhas de pensamento) nos grupos com assiduidade irregular e sem assiduidade, que culminaram em fenômenos relacionados à deterioração do pensamento. A análise do conjunto de fenômenos em cada grupo trouxe especificidades que ampliaram a compreensão sobre os sujeitos.

Tabela 46 - Fenômenos Especiais*

Fenômeno Especial	Grupo com assiduidade regular											Grupo com assiduidade irregular											Grupo sem assiduidade										
	Frequências/Prancha											Frequências/Prancha											Frequências/Prancha										
	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	∑	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	∑	I	II	III	IV	V	VI	VII	VIII	IX	X	∑
Ação sofrida	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	2	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1
Alteração amnésica	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Anulação da simetria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Atração ao vermelho	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Autorreferência	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	2	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	2
Choque	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	1	-	1	-	2	-	-	1	-	5
Choque à cor	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Choque ao verde	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Choque ao vermelho	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Choque e fracasso	1	1	-	-	-	2	3	-	1	1	8	-	2	-	1	-	3	-	1	1	1	9	1	2	2	-	1	2	3	1	3	-	15
Choque inicial	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Combinação confabulatória	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	1	-	-	-	1	1	1	4
Contaminação atenuada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1
Conteúdo sinistro	-	1	-	1	-	-	-	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Cor em prancha monocromática	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Crítica à prancha	-	-	1	-	-	1	-	-	1	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2
Crítica ao sujeito	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Destaque da simetria	1	1	-	-	-	-	-	1	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Diminutivo	2	2	-	1	2	1	1	-	-	1	10	-	-	-	1	1	-	2	-	-	-	4	1	-	1	-	4	-	-	-	-	-	6
Dissociação	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Duplicação por simetria	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Envolvimento	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Evidência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2
Estereotipia	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Fabulação	-	-	-	1	-	-	-	-	-	0	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Ilusão de semelhança	-	-	-	1	-	-	-	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Mórbido	-	1	1		-	1	-	-	-	-	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1
Percepção invertida	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	2	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1
Perseveração ruminante	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	1	2
Resposta de reflexo	-	-	-	-	-	1	-	1	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	2
Resposta negada	-	-	-	-	-	-	-	-	-	1	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Resposta negativada	-	1	-	-	-	1	-	-	-	-	2	-	-	-	1	-	-	1	-	-	1	3	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Transparência	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
Verborragia	-	-	1	-	-	-	1	-	-	-	2	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0
∑	**6**	**10**	**3**	**6**	**3**	**8**	**6**	**3**	**4**	**6**	**55**	**2**	**3**	**2**	**3**	**2**	**5**	**7**	**2**	**3**	**9**	**38**	**3**	**6**	**4**	**5**	**5**	**6**	**3**	**5**	**6**	**3**	**46**

*A definição e exemplificação destes fenômenos especiais podem ser encontradas no apêndice 4 deste trabalho.

O grupo com assiduidade regular reuniu o maior número de fenômenos especiais (∑=55). Considerando que os protocolos deste grupo se caracterizaram pela intelectualização excessiva (F% elevado), o aparecimento maciço de fenômenos especiais pareceu indicar um transbordamento dos afetos em condutas e verbalizações espontâneas. As pranchas II e VI denotaram maior impacto para estes adolescentes, uma vez que estiveram associadas à maioria das ocorrências.

Os diferentes tipos de choque constituíram a maior parte dos fenômenos especiais do grupo com assiduidade regular (25,4% do total), sendo acompanhados de fracasso em mais da metade das ocorrências. A inibição foi verificada principalmente nas pranchas VI e VII, onde as solicitações latentes dos estímulos tendem a evocar representações ligadas à sexualidade e ao posicionamento frente ao feminino, respectivamente (Chabert, 2004). O segundo tipo de fenômeno especial mais frequente referiu-se ao uso do diminutivo na linguagem (18% do total), que sinalizou a repressão da agressividade. Segundo Passalacqua e Gravenhorst (2005), o diminutivo constitui uma tentativa do indivíduo de aparecer como "criança boazinha". Contrasta com outros fenômenos apresentados por este grupo, os quais evidenciaram uma atitude mais opositora e/ou triunfante (crítica à prancha, resposta negada, destaque da simetria). Deve-se ressaltar a presença de fenômenos ligados a sentimentos de medo e perda, que escaparam ao controle racional exercido pelos sujeitos (conteúdo sinistro e mórbido). Houve três ocorrências de fenômenos ligados a falhas do pensamento (uma fabulação e dois registros de ilusão de semelhança, estes últimos pertencentes ao mesmo protocolo), que não se configuraram como uma tendência.

Os sujeitos com assiduidade irregular registraram a menor quantidade de fenômenos especiais dentre os grupos, talvez devido à tendência à projeção cinestésica, que canalizou a expressão mais espontânea destes adolescentes. A prancha X reuniu 23,6% do total de fenômenos deste grupo, sendo notoriamente a que mais despertou reações entre estes adolescentes, seguida da prancha VII (18,4%). É importante lembrar, com Chabert (2004), que a prancha X evoca imagens relacionadas ao processo de separação-individuação, enquanto a prancha VII possui uma ressonância feminino/materna, devido à configuração oca do estímulo. A maior repercussão de fenômenos especiais nestas pranchas específicas pareceu indicar a sensibilidade destes sujeitos para a mobilização de aspectos mais precoces do desenvolvimento.

Aqui, os choques também representaram a maior parte dos fenômenos observados (31,5%), acompanhados de fracasso na maioria das ocorrências, concentradas nas pranchas II e VI, possivelmente pela reatividade pulsional despertada pela primeira e pelas articulações

identificatórias (imagens femininas ou masculinas) requeridas pela segunda. Neste grupo, houve duas ocorrências de fenômenos associados a falhas do pensamento (uma transparência e uma contaminação), assim como de fenômenos relacionados à deterioração (uma estereotipia e uma perseveração ruminante).

No grupo sem assiduidade, o número de choques acompanhados de fracassos aumentou consideravelmente, atingindo 32% do total dos fenômenos especiais. Eles ocorreram sobretudo nas pranchas VII e IX, ambas de ressonância feminino-materna (Chabert, 2004), apontando uma ansiedade intensa e paralisante frente à solicitação de representações ligadas à relação com a figura materna e com o feminino. Registraram-se mais ocorrências de fenômenos associados a falhas do pensamento (quatro combinações confabulatórias e uma contaminação), assim como verbalizações indicativas de deterioração (duas perseverações ruminantes).

Neste grupo, a distribuição dos fenômenos especiais foi relativamente equitativa entre as pranchas, havendo um leve aumento quantitativo nas pr. II, IX e VI. As pranchas II e VI, comentadas anteriormente, evidenciaram o confronto dos sujeitos com o processo da adolescência e suas implicações (reatividade pulsional e articulações identificatórias). A repercussão da prancha IX, em particular, pareceu confirmar o efeito desestabilizador das solicitações latentes que a caracterizam, relacionadas a um período mais arcaico do desenvolvimento.

4.4 Síntese dos três grupos

4.4.1 Síntese do grupo com assiduidade regular

Os atos infracionais cometidos pelo grupo com assiduidade regular corresponderam, em sua maioria, a roubo ou tentativa de roubo, sendo a liberdade assistida (LA) a sentença inicial mais comum, como medida socioeducativa única ou associada à prestação de serviços à comunidade (PSC). Não foram encontrados registros anteriores de delitos cometidos por estes adolescentes. Predominou a faixa etária entre 15 e 17 anos por ocasião do flagrante, embora tenha se destacado a presença de sujeitos entre os 12 e 13 anos, evidenciando um envolvimento precoce com a criminalidade. A exclusão escolar também se mostrou precoce, uma vez que se verificou o abandono dos estudos por metade dos adolescentes no início do ensino fundamental. Mesmo assim, este foi o grupo com maior número de sujeitos inseridos

no ensino médio. Além disso, todos voltaram a frequentar a escola durante a medida socioeducativa.

Em relação aos aspectos familiares, constatou-se que a maioria reside com os pais e irmãos ou com a mãe e uma figura considerada como representante paterno. Os dados são muito sucintos sobre a convivência familiar, mas foram observados registros que evidenciam a fragilidade de uma ou ambas as figuras parentais, seja pelo enfrentamento de um quadro depressivo, seja pela dependência alcoólica. Ainda assim, os vínculos primários revelaram-se mais preservados.

Nos autos, os poucos registros sobre a percepção da família acerca do ato infracional indicaram a surpresa e até mesmo certa indignação dos pais frente ao envolvimento dos adolescentes com a criminalidade. As famílias não trouxeram, em sua maioria, queixas de comportamento verificadas na infância.

Quanto ao cumprimento da medida socioeducativa, constatou-se o anseio do adolescente para encerrar o processo, o que não significa uma adesão plena aos encaminhamentos e orientações realizadas pela equipe técnica. Ainda assim, observaram-se mudanças significativas em termos de profissionalização e/ou escolarização para alguns deles. Esta evolução pareceu estar associada à importância de certos vínculos afetivos – uma namorada, os pais, uma filha – que acabaram motivando os sujeitos a concluírem a medida socioeducativa. As famílias acompanharam a evolução da medida socioeducativa, muitas vezes incluindo ou sendo representada pela figura paterna.

No contato propiciado pela entrevista, os adolescentes deste grupo expressaram-se de forma articulada e aparentemente cooperativa. Pareceram temer uma exposição, aspecto que também foi observado na aplicação do método de Rorschach, onde apresentaram uma produtividade abaixo da média, uma abordagem essencialmente formal, inibida em projeções cinestésicas humanas e cautelosa no uso da cor.

No Rorschach, o percentual de respostas globais encontrou-se predominantemente acima dos valores normativos, associadas a uma boa qualidade formal, em sua maioria. Por um lado, este resultado indicou um esforço relativamente bem sucedido de busca de unidade e tentativa de controle intelectual. Por outro, revelou uma tendência à apreensão global simples, observando-se um movimento mais rígido de adaptação. As respostas D, apesar de não atingirem os valores normativos na maioria dos protocolos, também se caracterizaram pela

predominância de boa qualidade formal, confirmando a participação no pensamento coletivo, uma ancoragem no senso comum e capacidade de diferenciação eu-outro. Na análise das respostas Dd, o grupo confirmou a tendência de controle intelectual do estímulo, notando-se que somente um dos adolescentes conferiu um significado mais pessoal neste tipo de recorte, diminuindo a qualidade formal dos perceptos.

A formalização excessiva constituiu uma característica defensiva neste grupo, verificando-se processos de pensamento movidos pelo temor da projeção. A análise dos determinantes revelou que quase todos os sujeitos apresentaram F% acima dos valores normativos, alcançando resultados também acima da média para F+%. Este controle intelectual do estímulo, no entanto, sofreu o impacto dos determinantes sensoriais, dado o rebaixamento nos valores de F+ com o cálculo de F+% ext. A repercussão dos aspectos sensoriais do estímulo não comprometeu a capacidade de inserção na realidade (resultados dentro dos padrões normativos), mas sinalizou a fragilidade das defesas frente à mobilização causada pela cor e pela tonalidade. O temor da projeção também se verificou na inibição da projeção cinestésica (ausência predominante de respostas K, presença de K recalcada e K reprimida), denotando uma atitude ativa de recusa ao envolvimento na articulação do percepto. As percepções humanas trouxeram projeções masculinas, femininas e indefinidas, que não puderam ser interpretadas como flexibilidade das articulações identificatórias, uma vez que estavam dispersas em vários protocolos. Houve poucas cinestesias relacionais humanas (uma agressiva e uma indefinida), constatando-se o uso de defesas narcísicas para evitar a representação do conflito pulsional. Com o deslocamento das projeções para as cinestesias animais, percebeu-se a maior facilidade de representação de relações agressivas em detrimento de relações libidinais, parecendo haver certa inibição frente aos aspectos amorosos do vínculo. As necessidades afetivas só foram expressas a partir da limitação pessoal do campo perceptivo (respostas Dd), em conteúdos que enfatizaram a ligação, o encontro e a dependência.

Em relação aos determinantes sensoriais, observou-se que o uso da cor pouco enriqueceu o elemento formal. A rigidez defensiva levou a uma abordagem perceptivo-sensorial do determinante cromático, resultando em respostas CF imprecisas, ou então a uma articulação do estímulo sem esforço, produzindo respostas de banalidade (FC+). Todavia, foi diante da cor que se constatou a desestabilização do sistema defensivo (maior número de respostas FC-). A tentativa de controle sobre a ansiedade foi observada na quantidade de

respostas FE-, que revelaram a ineficácia das defesas frente à emergência de representações ligadas principalmente às solicitações identificatórias das pranchas III e VI.

Em termos de conteúdo, a maioria dos adolescentes deste grupo apresentou A% dentro dos padrões normativos, fornecendo respostas breves e neutras. A interação foi evitada mesmo nos conteúdos animais e houve raras representações de agressividade. As figuras humanas foram predominantemente parciais, enfatizando a representação do rosto, o que confirma a busca ansiosa de contato humano e dificuldades nas relações interpessoais observada na análise das cinestesias. Metade das respostas humanas foi encontrada nas pranchas II e III, sendo este o grupo a evidenciar maior possibilidade de identificação nestas pranchas. Ainda assim, foi significativo o movimento de desvitalização dos conteúdos, transformados em objetos ou representações anatômicas, evidenciadoras de angústia. O peso dessas representações foi contrabalançado por conteúdos cotados como Planta, trazendo um pouco de vitalidade a estes protocolos.

Quanto aos fenômenos especiais, representaram uma das expressões mais espontâneas destes adolescentes. Apesar dos choques, que evitaram a emergência de representações difíceis/incômodas, e do uso do diminutivo, que buscou reprimir a agressividade, outras verbalizações e condutas escaparam ao controle racional, trazendo aspectos de uma atitude mais opositora e deixando transparecer sentimentos de medo e de perda.

Cabe destacar que a maioria dos sujeitos deste grupo apresentou um índice de angústia patológica superior ao valor normativo, embora aparentemente tenham se mostrado articulados e "bem adaptados". Parece que foi justamente esta aparência de normalidade que eles buscaram ansiosamente transmitir, tanto no contato da entrevista quanto no Método de Rorschach, através da intelectualização excessiva. Na realidade, estes adolescentes parecem ansiar por contato, mas temem um envolvimento. Convivem com intensos sentimentos de inadequação que dificultam o acesso à ambivalência de sentimentos, tão necessária ao reconhecimento do outro, da diferença e da dependência.

O protocolo de S3, apresentado a seguir, explicita este temor ao envolvimento, dada a inibição e frieza das respostas. S3 foi lacônico na entrevista, pouco disponível para um contato mais aberto e espontâneo. Por isso, intrigou bastante esta pesquisadora a cena vivenciada após a realização da devolutiva com o adolescente. Era um momento de despedida, quando se esperava um cumprimento mais formal ou nenhum cumprimento, tamanha a atitude de esquiva que ele demonstrava. Ele, porém, achegou-se rapidamente para

se despedir com um beijo no rosto. Um gesto inesperado que fez pensar no significado da avaliação para este sujeito, que até então transmitira pouco envolvimento com a proposta da pesquisa.

Tabela 47 - Protocolo de S3, adolescente do grupo com assiduidade regular

Pr	Tempo	Respostas	Inquérito	Local	D	Cont.	Ban/ Orig	Nível De G	Fen. especiais
I	14h53min 25”	1.Tô vendo nada. Rosto de um cachorro.	O olho (mostra parte branca) esses dois, aqui a orelha (motra a ponta da mancha). (por que você acha que lembrou de cachorro?) (acena negativamente, sem saber). (como é esse cachorro?) Não tenho a menor idéia.	GDbl	F+	Ad		Elab.	
II	14h55 1´e 14”	Não sei. (devolveu a prancha)	(mostramos a prancha, mas ele a olhou e disse que não via nada).						Choque ao vermelho e fracasso
III	14h56 23”	2. (v) Um sapo	Aqui tá as pata e o rosto. (porque você acha que lembrou de sapo?) Não sei também.	**Gtec**	F+	Ad		Simples	
IV	14h56 35”	3.(v) Morcego.	Aqui são as asas.	D	F+	A			
V	14h57 25”	4. Uma borboleta.	Aqui as asas e o rosto da borboleta. (por que você acha que lembrou?) (acena negativamente, nem responde).	G	F+	A	Ban	Simples	
VI	14h58 30”	Não sei.	(você consegue ver alguma coisa?) Não. Tô vendo nada. (tom de recusa)						Choque e fracasso (recusa)
VII	14h58 22”	5. (v) Um boneco.	O rosto, os braços e as pernas. (por que você acha que lembrou de boneco?) Também não sei.	G	F-	Obj		Sincrética	
VII I	14h59 11”	6. (V) Um rosto.	Os olhos e a boca. (onde são os olhos?) (aponta parte laranja). (e a boca?) Esse verde.	D	F-	Hd			
IX	15”	7. (v) Um louva-a-deus.	Aqui o rosto, aí as patas.	G	F-	A		Sincrética	
	15h 33”	Não sei.	Nada.						Choque e fracasso (recusa)

Psicograma para o Teste de Rorschach

( ) – valores normativos médios para adultos de média escolaridade

Sujeito: S3 **Sexo:**M **Idade:**13 anos e 9 meses

T= 420" **R= 7** **T/R=** 60"/R

(R=11 a 14)

LOCALIZAÇÃO

G= 4	**D=** 2	**Dd=** 0	**Tipo de Apreensão**
GDbl=1	**DDbl=**	**DdDbl=**	**G!!** **D**
G/=		**Do=**	
DG=		**Dbl=**	
Total G=5	**Total D=2**	**Total Dd= 0**	
G%=71,4%	**D%=28,57**	**Dd%=0**	
(36 a 50%)	(29 a 39%)	(14 a 20%)	

DETERMINANTES

F+ = 4	**F%= 100%**	(35 a 46%)
F± =	**F% ext=100%**	
	F+%= 57,14%	(entre 58 e 69%)
F- = 3	**F+% ext.=57,14%**	

Total F = 7

CONTEÚDOS

A= 3	**H=**	**Elem=**	**Obj=1**	**Banal= 1**
(A)=	**(H)=**	**Frgm=**	**Ciênc=**	(2 a 4)
Ad=2	**Hd= 1**	**Nat=**	**Arq=**	
(Ad)=	**(Hd)=**	**Pl=**	**Arte=**	
(AH)=		**Geo=**	**(Arte)=**	
		Paisag=	**Simb=**	
Total A= 5	**Total H=1**	**Anat=**	**Sexo=**	
		Cor=	**Abstr=**	
A%=71,4%	**H%=14,28%**	**Sg=**		
(53 a 64%)	(8 a 13%)			

Índice de angústia patológica (>12%):

(Hd+Anat+Sg+Sexo)*100/R = **14,2%**

Análise da produtividade: **(R=7 [11-14] T/R=1´)** – O número total de respostas está muito abaixo dos limites normativos. Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998), esta restrição não tem significado preciso, podendo ser voluntária, espontânea ou reflexo de fadiga, depressão, falta de meios, bloqueio ou ansiedade. O tempo médio por respostas encontra-se influenciado pelo período dispendido na pr. II (1´14"), onde houve choque e recusa, evidenciando o grau de ansiedade frente à reativação pulsional causada pela cor. Supõe-se o choque ao vermelho, tendo em vista a não integração da cor, tanto na Pr. II, quanto na Pr. III. Nas demais pranchas, o adolescente investiu entre 11" e 35", verificando-se uma postura de distanciamento emocional, marcado por respostas lacônicas, só com substantivos, além da ausência completa de determinantes sensoriais e cinestesias. Ressalte-se a necessidade de inverter a prancha em diversos momentos, típico de uma atitude opositora, bem como a dificuldade em esclarecer os perceptos no inquérito.

Análise do modo de apreensão: Respostas G (1GDbl +; 1Gtec+; 1G+; 2G-); G%=71,4% [36-40]. A G% encontra-se significativamente acima do valor normativo, evidenciando não só a busca de unidade, mas também a tentativa de controle sobre o estímulo. Para Chabert (2003), um modo de apreensão G em sua maioria pode ser decorrente da tentativa de domínio do material, assim como de certa preguiça cognitiva, já que os processos de pensamento se moldam ao estímulo e não buscam novas possibilidades. Nota-se que o adolescente inicia o protocolo com uma observação próxima à recusa ("não tô vendo nada") e uma resposta GDbl elaborada, sugestiva de uma atitude opositora, mas ao mesmo tempo, criativa. A resposta ("rosto de um cachorro") também carrega significados potenciais diversos (da persecutoriedade à proteção), em se tratando da reação do adolescente a uma situação desconhecida. No entanto, a partir do choque à Pr. II, evidenciam-se muito mais os aspectos relativos à tentativa de controle e à leitura fácil do material, esforços que se tornam ineficazes a partir do segundo choque, registrado na Pr. VI, privilegiada em termos de simbolismo sexual.

Ressalte-se o registro de 2 respostas G simples, entre elas uma banalidade, indicando a existência de uma adaptação perceptiva básica, o recurso a uma realidade objetiva e socializante.

Respostas D (1+, 1-) D=28,57% [29-39]

As respostas D encontram-se um pouco abaixo da norma. A primeira, de boa qualidade formal, é fornecida na Pr. IV, (prancha associada a imagens de poder, por ser uma prancha

compacta e maciça; favorecedora de um simbolismo fálico e de identificações com a figura paterna). O recorte em D parece necessário ao sujeito como forma de reduzir a dimensão desse poder, possivelmente pela emergência de uma ansiedade que remete à angústia de castração.

A segunda resposta, no entanto, não é bem sucedida. Ocorre na pr. VIII, após o choque da pr. VI. Este segundo recorte mais pessoal surge, portanto, em meio à tentativa de reorganizar-se de um impacto anterior e à mobilização intensa de afetos trazidas pelas pranchas coloridas. O adolescente submerge ante a falência das defesas e desiste/recusa.

Análise dos determinantes: Determinantes Formais F (4+, 3-); F%=100%; F%ext=100%; F+%=57,14%; F+%ext=57,14%

F% encontra-se extremamente elevado em relação à norma, indicando uma rigidez defensiva refletida no uso excessivo de formalização. Segundo Chabert (2003), trata-se de uma tentativa de evitar a expressão das pressões pulsionais e fantasmáticas, que são intensas no processo de adolescência. Quanto à qualidade das respostas, observa-se que há um leve rebaixamento na comparação com os valores normativos. O percentual não se modifica em F+%ext pelo sufocamento dos afetos, bloqueando a emergência de determinantes sensoriais e de cinestesias.

Análise dos conteúdos:

Conteúdos animais (A=5; A5=71,4% [53-64]) – Há um percentual elevado de A% em comparação com as normas, evidenciando associações estereotipadas, que corroboram a percepção de uma rigidez defensiva.

Conteúdos humanos (Hd=1; H%=14,28% [8-13] = Embora o percentual de H% esteja levemente acima da norma, não se pode desconsiderar o caráter restritivo do protocolo, bem como a ausência de respostas humanas totais. Trata-se de uma única resposta, de má qualidade formal (“um rosto”, Pr. VIII), que aparece na sequência de um objeto de formato humano (“um boneco”, Pr. VII). É a primeira resposta do conjunto de pranchas coloridas, cuja sequência resulta em novo choque,na Pr X. A inexistência de H revela a intensidade da evitação dos afetos, em um protocolo de teor angustiado e seco (ìndice de angústia patológica >12%), que se encerra com a impossibilidade total de integração e significação do último estímulo.

Conteúdo Obj (1-) = uma representação desvitalizada do humano (“um boneco”), fornecida na Pr. VII. Uma resposta que sugere um esvaziamento ou falta de vitalidade. De

acordo com Chabert, em um registro identificatório, a resposta à Pr. VII evidencia a posição do sujeito frente ao modelo feminino. No caso, a desvitalização pode estar associada à repressão de desejos genitais, dada a intensidade da angústia de castração, agravada pela fragilidade da figura materna internalizada. Note-se que a pr. IX (que também favorece imagens associadas à figura materna) recebe como resposta um inseto de aparência frágil: "um louva-a-deus".

Número de banalidades: 1[2-4]: o número de banalidades encontra-se abaixo dos valores normativos, mas não se pode afirmar que não há uma capacidade de percepção básica, considerando a proximidade de F+% dos valores normativos. Além disso, trata-se de um protocolo muito inibido, aspecto que precisa ser ponderado nesta análise.

Índice de angústia patológica: 14,2% [>12%] O índice encontra-se elevado, em função de uma única resposta Hd, que inclusive é de má qualidade formal.

Análise dos fenômenos especiais

- Choque e recusa (Pr. II) – De acordo com Passalacqua e Gravenhorst (2005), o choque ao vermelho caracteriza-se pela verbalização expressa a respeito da cor. Embora não tenha ocorrido nenhuma verbalização nesse sentido, é muito provável que o choque tenha decorrido da mobilização pulsional creditada ao vermelho desta prancha. Conforme Emmanuelli (2008), o choque a esta prancha nos protocolos de adolescentes sinalizam a dificuldade de representação do conflito entre pulsões libidinais e agressivas. A reatividade às pranchas coloridas constitui mais um indicativo desta dificuldade, que acarreta a repressão dos afetos.

- Choque e recusa (Pr. VI) – dado o significado simbólico desta prancha, representativa da bissexualidade, pode-se cogitar a emergência de ansiedades em relação ao processo de identificação secundária.

- Choque e recusa (Pr. X) - o choque à Pr. X aparece em uma sequência de respostas de má qualidade formal, sugerindo a falência das defesas frente a estímulos vibrantes e mobilizadores de vivências muito antigas.

Aspectos do processo de adolescência, segundo Emmanuelli e Azoulay (2008)

Reativação pulsional

As temáticas sexual e agressiva são evitadas no protocolo, dado o bloqueio da expressão dos afetos. O controle formal, eficiente a princípio (respostas formais adequadas após o choque da Pr. II), resulta ineficaz após o contato com o simbolismo sexual da Pr. VI, sem que o sujeito consiga reorganizar-se.

Angústia de castração

Conforme Emmanuelli e Azoulay (2008), constituem sinais de evitação da angústia de castração: a) a recusa das pranchas II, III, IV, VI e VII; b) respostas estereotipadas, c) aumento de respostas que levam em conta essencialmente a forma e d) distanciamento da problemática edipiana na dimensão simbólica das respostas. Todos estes sinais podem ser observados no protocolo de S3, sugerindo dificuldades relacionadas à angústia de castração, que comprometem a possibilidade de representação do conflito pulsional.

Problemática narcísica

Investimento libidinal da representação de si mesmo: na Pr. V, a resposta é de boa qualidade formal (“Borboleta”) e banal, indicativa de uma integridade e unificação da imagem corporal e do sentimento de identidade (Chabert, 2003). A atitude do adolescente no inquérito (sequer responde, gira as pranchas) denota o quanto a recusa constitui uma forma de proteger a integridade do eu de uma exposição.

Defesa narcísica: nota-se a intensidade do congelamento dos movimentos pulsionais, refletida na ausência de cinestesias e da integração da cor vermelha nas Prs. II e III (Emmanuelli & Azoulay, 2008).

Síntese interpretativa

O protocolo distingue-se pela severa inibição, com o uso excessivo da forma e total ausência de cinestesias. Dolorosamente seco e sem vida. Sugere dificuldade extrema de

contato com o outro. Figuras humanas só são vistas no teste de limites e ainda assim, o adolescente não consegue (ou se recusa a) explicá-las.

A temática do rosto é evidente, com destaque para os olhos e a boca, que remetem a representações simbólicas de persecutoriedade e fixações orais. O corpo, fonte das pulsões, não aparece no discurso do sujeito. As defesas oscilam entre o congelamento pulsional e a recusa, sendo esta a forma mais incisiva de manejo dos conflitos. Observa-se uma fragilidade identitária, evidenciada sobretudo pela recusa cinestésica, que apesar de não atingir a integridade da imagem corporal, compromete o enfrentamento da problemática da separação inerente ao processo de adolescência, pois o equilíbrio narcísico se sustenta ao custo de uma indisponibilidade para as relações objetais. Por outro lado, é a rigidez defensiva que tem lhe permitido um sentimento de permanência frente à turbulência pulsional.

A partir destes resultados, pode-se pensar que a assiduidade do adolescente no cumprimento da medida socioeducativa não é resultante de um compromisso ou de uma compreensão amadurecida sobre as implicações do ato infracional (ou, como diria Winnicott [1962/1982], a responsabilidade pela destrutividade pessoal). Decorre muito mais de uma atitude de aparente obediência, imbuída de temor ao envolvimento e exposição de si. No fundo, trata-se da submissão pelo medo, de um jovem que se protege por meio da recusa e da indiferença.

4.4.2 Síntese do grupo com assiduidade irregular

Neste grupo, os atos infracionais envolveram essencialmente roubo e tráfico de drogas. A privação de liberdade (encaminhamento para a Fundação Casa) constituiu a sentença inicial mais comum, sendo a medida em meio aberto (liberdade assistida, em geral de seis meses) uma conquista dos sujeitos em função do bom comportamento. Predominou a faixa etária de 15 a 16 anos, registrando-se três casos de reincidência. Alguns jovens ainda se encontravam inseridos no sistema de ensino, mas a maioria evadiu entre a 5ª e 6 ª séries. O reencaminhamento para a escola foi mais difícil, considerando que metade dos adolescentes verbalizou a falta de interesse por esta proposta.

Observou-se que estes jovens pertenciam a famílias monoparentais numerosas, devido ao número de filhos e parentes que residiam juntos. Todos conviviam com a mãe e os irmãos, mas a figura paterna, de maneira geral, estava ausente. No lar, os adolescentes vivenciavam problemas como a precariedade socioeconômica, a dependência química de algum familiar e a violência doméstica. Alguns já haviam testemunhado a trajetória de criminalidade de pessoas muito próximas, como o pai ou irmãos mais velhos, além de terem enfrentado outras perdas de vínculo significativas.

Durante a medida socioeducativa, alguns jovens começaram a realizar trabalhos informais, fato utilizado como justificativa para as faltas ao cumprimento da medida socioeducativa. Apesar disso, notou-se que esta inserção no mercado de trabalho possuía função continente, assegurando uma rotina distante daquela vivida à época da infração. De maneira geral, foi verificada a existência de acompanhamento da família ao longo da medida socioeducativa, principalmente pela figura materna. Os autos trouxeram mais informações sobre queixas de comportamento antes da adolescência, observados em quase metade dos casos. Ainda assim, a maioria dos registros apontou a influência de amigos como principal causa do envolvimento dos jovens com a criminalidade, na percepção de suas famílias.

Este grupo apresentou-se mais agitado no contato durante a entrevista, denotando uma ansiedade que se expressou motora e/ou verbalmente. O discurso, mesmo restrito, evidenciou angústia ou desconfiança.

No Método de Rorschach, este grupo destacou-se pela maior quantidade de respostas apresentadas no conjunto de protocolos. Ainda assim, observou-se uma produtividade individual baixa, que resultou em aumento da apreensão global, com G% acima dos valores

normativos em quase todos os casos. As respostas globais apresentaram-se associadas, em sua maioria, a determinantes formais de boa qualidade perceptual, indicando uma ancoragem mínima na realidade comum. As cinestesias constituíram o segundo determinante mais frequente, sendo fornecidas por todos os sujeitos, evidenciando a capacidade imaginativa, embora em nível mais infantil (K<kan,kob,kp). A cor, menos utilizada, teve efeito visivelmente desorganizador, enquanto a tonalidade raramente apareceu como determinante. Apesar da prevalência de respostas G simples, o grupo se destacou pela frequência maior de respostas globais elaboradas, evidenciando uma abertura à projeção que não se verificou nos demais grupos, mais defendidos. D% encontrou-se abaixo dos padrões normativos para a maioria dos sujeitos e a análise dos determinantes associados a este recorte mostrou que a restrição do campo perceptivo foi medianamente eficaz, sobretudo em função do impacto sensorial da cor. Dada esta repercussão maciça do determinante cromático, observou-se uma tentativa de isolamento dos afetos por meio do uso do espaço em branco, que se verifica em em localizações menores (D e Dd) de pranchas cromáticas. O recorte Dd foi menos frequente neste grupo, mas sua utilização facilitou a integração da cor, resultando em respostas cromáticas de boa qualidade formal. Os conteúdos Dd relacionaram-se a figuras humanas, descritas com uma objetividade que ressaltou o aspecto formal, perdendo-se no discurso o caráter mais vivo das representações.

Os adolescentes deste grupo apresentaram uma tendência ao controle intelectual do estímulo (F% elevado), nem sempre bem sucedido (quatro sujeitos com F+% abaixo dos valores normativos), sobretudo frente aos determinantes sensoriais (cinco sujeitos com F+% ext abaixo da média). Sobressaíram pela sensibilidade cinestésica (maior número de protocolos com respostas K), embora tenham recorrido com mais frequência à irrealidade das representações humanas (conteúdos (H) e (Hd)). As situações relacionais foram evitadas, particularmente as agressivas, notando-se a dificuldade de integrar a cor vermelha, associada à reatividade pulsional. O contato com as moções pulsionais só foi possível em cinestesias menores (kob), mais frequentes neste grupo, indicando alguma consciência – e possibilidade de representação - de forças internas e incontroláveis dentro de si.

Este grupo foi o que apresentou maior quantidade de respostas com uso da cor, mas também o mais atingido por este determinante. Nas respostas CF ou FC apareceram conteúdos de significação patológica (Hd e Anat, de má qualidade formal), refletindo o comprometimento da articulação dentro-fora na interpretação do estímulo com o aporte dos afetos. Os determinantes de tonalidade foram bem menos frequentes, mas chamaram a

atenção pelo aparecimento em pranchas cromáticas, adquirindo valor de mecanismo de defesa contra os efeitos desorganizadores da cor.

Em relação aos conteúdos, verificou-se que metade dos protocolos apresentou A% aquém dos valores normativos. Embora não tenha se tratado de uma queda significativa, este rebaixamento apontou certo comprometimento da capacidade socializante, devido a uma função imaginativa que pode se tornar muito pessoal. Este aspecto foi constatado especialmente nas respostas de conotação fantástica que não se apoiaram em referências culturais. Representações agressivas foram registradas na maioria dos protocolos, particularmente na pr. IV, onde as imagens projetadas remeteram a um terror infantil, típico de um funcionamento superegoico imaturo. Projeções igualmente ameaçadoras foram registradas nos conteúdos humanos, onde predominaram representações parciais ("rosto" como resposta mais comum). As representações humanas fantásticas foram bastante frequentes, trazendo imagens assustadoras, apesar de ancoradas em referências culturais. Observou-se a indiscriminação de limites em algumas respostas, tanto nos conteúdos animais quanto humanos. Na análise dos demais tipos de conteúdo, notou-se a prevalência de conteúdos anatômicos, registrados em metade dos protocolos. Trouxeram projeções evidenciadoras de angústia, apesar da tentativa de distanciamento dos afetos.

Dada a prevalência de respostas Hd e Anat, foi significativo o fato de somente três protocolos apresentarem um índice de angústia patológica superior à média. O sufocamento da angústia foi obtido graças ao isolamento dos afetos (F% elevado, G% elevado, pouca utilização da cor) e ao esforço não aprofundado de articulação do estímulo (respostas imprecisas, especialmente aquelas ligadas a representações artísticas e da natureza).

Quanto aos fenômenos especiais, os mais frequentes foram os choques (acompanhados ou não de fracasso), sendo importante destacar que quase a metade deles ocorreu em pranchas cromáticas. Saliente-se também o aparecimento de fenômenos relacionados à falha e à deterioração do pensamento, que apesar de raros, sinalizaram a fragilidade dos recursos psíquicos necessários à inserção na realidade. Por isso, constituiu um indicador importante o número de banalidades apresentado pelos sujeitos, situado dentro dos parâmetros normativos na maioria dos protocolos.

A projeção cinestésica deste grupo atestou uma riqueza imaginativa que muitas vezes levou a projeções deformadoras. A intrusão deletéria da fantasia nos processos mentais mais lógicos evidenciou a fragilidade das defesas psíquicas, além de ter revelado aspectos

assustadores do mundo interno. O esforço para isolar os afetos esteve a serviço da sustentação do contato com a realidade. Daí a necessidade de distanciamento do humano, observado na objetividade do discurso, na frequência de imagens parahumanas, assim como nas respostas de conteúdo anatômico, que buscaram preservar os sujeitos da intensidade do movimento pulsional. Todavia, como demonstraram as várias respostas de significação patológica (Anat -), este esforço nem sempre resultou eficaz.

O protocolo de S11, apresentado a seguir, é representativo da tendência ao sufocamento da angústia neste grupo. Este adolescente, que compareceu acompanhado da mãe, passou a entrevista em silêncio, como se mantivesse um choro contido. Ouviu sua mãe contar toda a história de violência doméstica experimentada durante 10 anos de convívio conjugal, sua ausência como figura protetiva, o adoecimento por tuberculose e sua depressão. Pronunciou-se poucas vezes, uma delas para confirmar os frequentes períodos de isolamento que costumava vivenciar. S11 acabou manifestando a mesma doença materna (tuberculose) durante o acompanhamento da medida socioeducativa, vindo a emagrecer 19 kg.

Tabela 48 – Protocolo de S11, adolescente do grupo com assiduidade irregular

Pr	Tempo	Respostas	Inquérito	L	D	Cont.	Ban/ Orig	Nível de G	Fen. especiais
I	13h59 2′47”	1.(ri) O que parece aqui, senhora? Parece...(ri) Esse aqui é difícil, heim, senhora? Parece uma pintura. Não é nada de desenho, não. (acena negativamente) É, senhora. (ri). Não sei.	Fiquei olhando assim, pra ela e veio na mente o que parecia. (é tudo?) Só essa parte branca, finge que nem existe (fundo da prancha).	G	F+	(Arte)		Vaga	
		2.(vira a prancha, fica olhando). É parece morcego, né senhora? Não sei mais não, senhora. Tá difícil para pensar. (continua olhando) (acena negativamente). Só isso, senhora.	Desse jeito, só que as asas dele é mais pra cá um pouco. Desse jeitinho. É igual. (porque você acha que lembrou?) Essa parte igual, é quase ele inteiro. (é toda também? Global) É.	G	F+	A	Ban	Simples	
II	14h03 1′57”	3.(ri, vira, ri) Agora eu tô mais ou menos assim, entendendo. Isso aqui parece mais uma paisagem, umas montanha, um sol no meio. As luzes	Tipo umas montanha, o sol aqui (vermelho), as luzes refletindo na montanha (vermelho no preto), que forma paisagem bonita. (se fosse tudo em preto, você ia	G	CF+	Paisag		Impress.	

		refletindo na montanha...Deixa eu ver que mais eu posso....(acena negativamente) Só isso mesmo. Uma paisagem bonita.	ver?) Eu acho que não. Vê, você veria, mas não dessa forma. Ia ficar parecendo que tava à noite, escuro.						
III	1`50”	4.(V) Isso aqui nós podemos falar que é duas pessoas, né, senhora, sentada, conversando ou comendo...(fica olhando, acena negativamente). É, podemos falar que eles é feliz, os dois junto conversando, de boa. Só isso.	É, pode ser. Ou os dois, conversando e comendo. (como são?) Essas pessoas? Essas pessoas...pode ser 2 irmãos, sei lá. (como você vê?) Em duas cadeira, aqui, eles sentado, conversando, comendo um negócio.	G	K+	H	Ban	Simples	
IV	1´14”	(acena negativamente, ri) Isso aqui eu não faço ideia, não, hein, senhora? (vira, olha...) Não faço ideia mesmo, não, esse aqui. (ri) Esse aqui é difícil, não é fácil, não. Não, não sei.	Não vem nada na mente, senhora.						Choque e fracasso
V	55”	5.Isso aqui, senhora, vamos fazer assim, uma borboleta, parece..	É desse lado, certinho, do jeito que tá aqui.	G	F+	A	Ban	Simples	
		6.Deixa eu ver...pode ser também, é...uma mosca. (ri). É isso daí, senhora.	Também, senhora, por causa das asas dela, final dela. (porque acha que lembrou de mosca?) Porque é algo que voa, todos, né? Parece que ela tá voando.	G	Kan+	A		Simples	
VI	1´13”	(acena negativamente, fica olhando) Essa aqui também é difícil, senhora. (acena negativamente, vira, acena negativamente) Esse aqui também não sei não, senhora.	Nem agora, senhora. Não sei não. (ri)						Choque e fracasso
VII	1´9”	7.(ri) Esse daqui, senhora, parece, pode ser o que, dois cachorro. Dois gatos, sei lá. (olha...) É (fica olhando).Eles ainda tá sentado, senhora. É isso daí, senhora.	Dois cachorro, porque parece, você olhando assim, sei lá, pode tá sentado. Um olhando para o outro. (onde é?) Não sei não senhora. (como você vê?) Por causa da orelha, ele tá de lado, não vai dar pra você ver as duas orelha. (se fosse tudo em preto, veria?) Acho que não. Não (ri).	D	F+	A			

VII I	56”	8.Senhora, isso daqui parece dois lagarto subindo uma árvore, assim, ó. Uma floresta. (fica olhando). É (ri) (fica olhando) Só isso mesmo, senhora.	Aqui parece as árvores, as folhas, os galhos, os dois subindo de lado. (por que floresta?) Porque eu já imaginei outras árvores aqui do lado, tudo. (se fosse tudo em preto, via?) Não, eu não ia ver isso aqui, não. E não ia parecer com árvore, não.	G	Kan+ CF+	A Pl	Ban	Simples	
IX	42”	9.Essa daqui, senhora, tá parecendo uma cachoeira assim, dos lados umas folhas assim, deixar mais bonito. Umas rocha assim, senhora, dos lado, embaixo, para deixar bem mais bonito. Só isso.	Aqui, tipo as folhas, as rochas (aponta o branco), a cachoeira aqui no meio, a água vai caindo aqui embaixo. (as rochas, aqui, no branco?) É, e a água vai caindo aqui no meio. (por que você acha que lembrou?) Porque aqui tá meio azul, aí já dá mais ou menos, já vem na mente. (se fosse em preto?) Não ia dá pra ver, nem perceber. Não ia vir nada na mente.	GD bl	Kob+ F+ CF+	Elem Frgm Pl		Vaga	
X	1´12”	10.(vira) Esse eu esqueci o nome. Desse negócio que você faz assim. Pra mim, assim, no meu ponto de vista, é uma pintura livre. Umas formas que é o que você quiser, não, senhora? A cor assim, que você quiser. E aqui tá bonito as cores. Só isso.	Teve uma vez lá na escola que era pra fazer um trabalho de pintura livre. Fiz quase igual esse daqui. As cores, assim, senhora, livre. Só isso.	G	CF+	(Arte)		Impress.	Auto referência

Psicograma para o Teste de Rorschach
( ) – valores normativos médios para adultos de média escolaridade

Sujeito: S11 **Sexo:**M **Idade:**16 anos e 4meses

T= 835" **R= 10** **T/R=** 83,5"/R
(R=11 a 14)

LOCALIZAÇÃO

G= 8	**D=** 1	**Dd=** 0	**Tipo de Apreensão**
GDbl=1	**DDbl=**	**DdDbl=**	**G!!** **((D))**
G/=1		**Do=**	
DG=		**Dbl=**	
Total G=9	**Total D=1**	**Total Dd= 0**	
G%=90%	**D%=10%**	**Dd%=0**	
(36 a 50%)	(29 a 39%)	(14 a 20%)	

DETERMINANTES

F+ = 3	**F%= 40%**	(35 a 46%)
	Fext%=70%	
F± = 1	**F+%=** 87,5%	(entre 58 e 69%)
F- = 0	**F+% ext.=92,8%**	

Total F = 4

K= 1
kan =2 **CF=** 2
kob=1

Determinantes secundários: 2 CF+ 1 F+

CONTEÚDOS

A= 5	**H=** 1	**Elem=1**	**Obj=**	**Banal= 5**
(A)=	**(H)=**	**Frgm=**	**Ciênc=**	(2 a 4)
Ad=	**Hd=**	**Nat=**	**Arq=**	
(Ad)=	**(Hd)=**	**Pl=**	**Arte=**	Conteúdos secundários
(AH)=		**Geo=**	**(Arte)=2**	**1Frgm, 2Pl**
		Paisag=1	**Simb=**	
Total A= 5	**Total H=1**	**Anat=**	**Sexo=**	
		Cor=	**Abstr=**	Índice de angústia patológica (>12%):
A%=50%	**H%=10%**	**Sg=**		(Hd+Anat+Sg+Sexo)*100/R = 0**%**
(53 a 64%)	(8 a 13%)			

Análise da produtividade: **(R= 10 [11-14] T/R=83,5")** – O número de respostas mostra-se um pouco abaixo dos valores normativos e chama a atenção o tempo médio por resposta, o qual é bastante alto. Estes dados evidenciam um grande esforço intelectual que não se reflete em produtividade significativa. Ao contrário, apesar de todo o investimento do processo de pensamento, a produtividade é baixa. Ressalte-se que houve choque e fracasso em duas pranchas (IV e VI, ambas privilegiadas no sentido de evocar simbolismo sexual), sendo a

ausência de respostas nestes cartões compensada pelo fornecimento de duas respostas nas pranchas I e V. O maior tempo foi verificado na prancha I (2´47”), o que pode caracterizar o fenômeno de choque inicial (primeiro contato com o teste, que representa o desconhecido). O menor tempo foi observado na prancha IX (42”), considerada prancha de ressonância materna.

Análise do modo de apreensão: Respostas G (5+, 4±) ; G%=90% [36-40].

G% está muito acima dos valores normativos, correspondendo quase à totalidade de respostas do protocolo. Para Chabert (2003), um modo de apreensão G tão alto pode evidenciar preguiça cognitiva, revelando o funcionamento de um sujeito que se molda ao material e não busca novas possibilidades. Também pode ser decorrente da tentativa de domínio do material ou representar uma dependência extrema do objeto, que leva à submissão e repetição de apreensões globais. No que diz respeito à imagem de si, pode marcar o reconhecimento da integridade do sujeito ou, ao contrário, revelar uma fragilidade extrema, onde qualquer recorte (D ou Dd) pode significar fragmentação ou ruptura.

Qualidade formal: O alto percentual de respostas globais evidencia a busca de unidade e tentativa de controle intelectual sobre o estímulo. Este esforço resulta bem sucedido, já que a maioria das respostas é de boa qualidade formal. Há que se ressaltar, no entanto, a quantidade de respostas imprecisas, que denotam a passividade do sujeito frente ao estímulo e o acionamento de defesas contra representações experimentadas como perigosas ou ansiogênicas.

Relação com os determinantes: As respostas globais estão associadas a determinantes formais (2F+), cinestésicos (1K+, 2Kan+, 1Kob±) e sensoriais (2CF±). Nota-se o predomínio das cinestesias, denotando um dinamismo interior e uma necessidade de expressão de si que se realizam em um jogo interiorizado de criação. Também se destacam as respostas sensoriais, cujo determinante prioritário é a cor, evidenciando a intensa mobilização dos afetos, contra a qual o sujeito se defende por meio de uma não implicação (resposta imprecisa).

Nível de G: O sujeito apresenta cinco respostas simples (pranchas I, III, V e VIII), 2 respostas vagas (pranchas I e IX) e 2 respostas impressionistas (pranchas II e X). Destaque-se que ele inicia o teste com uma resposta vaga, evidenciando o movimento de defesa já no primeiro contato com o material. Com muito custo, reorganiza-se e busca sustentar-se na banalidade (segunda resposta da prancha I: “É parece morcego, né senhora? Não sei mais não, senhora. Tá difícil para pensar. (continua olhando) (acena negativamente). Só isso, senhora.”). No entanto, a cor na prancha II volta a mobilizá-lo intensamente (resposta CF±), observando-

se mais uma vez, a tentativa de reorganização pautada no controle do estímulo e fornecimento de banalidades (resposta banal na prancha III). A partir daí, todas as respostas globais são simples (pranchas V e VIII), até que o impacto das pranchas IX e X provoquem no sujeito novas reações de evitação das representações sentidas como perigosas.

Respostas D (1+) D=10% [29-39]

D% encontra-se aquém dos valores normativos, mas é uma resposta bem vista, tendo a forma como determinante. É significativo o fato de ser a única resposta D de todo o protocolo, dada na sequência do choque/fracasso da prancha VI, que favorece associações ligadas à sexualidade. É como se o sujeito precisasse se reorganizar frente à mobilização brutal de representações sexuais, efetuando um recorte do estímulo (fugindo ao seu movimento padrão de resposta global) e oferecendo uma resposta mais narcísica (retração da libido/desinvestimento do objeto).

Análise dos determinantes: Determinantes Formais F (3+, 1±); F%=40% [35-46]; F%ext=70%; F+%=87,5% [58-69]; F+%ext=92,8% [63-72]

F% encontra-se dentro dos valores normativos. Quanto à qualidade formal, nota-se que F+% encontra-se bastante acima dos valores da norma, tanto quanto F+% ext, o que denota a formalização excessiva do protocolo. Este dado reflete o esforço de intelectualização e controle do estímulo, na maioria das vezes bem sucedido. Denota a força egóica, mostrando a capacidade de um compromisso defensivo eficaz.

Determinantes cinestésicos: K (1+), Kan (2+), kob (1±)

As respostas cinestésicas denotam o dinamismo interior e constituem 40% do protocolo, sendo bem vistas em sua maioria. A primeira delas é fornecida logo na prancha III, sendo uma resposta de conteúdo humano, de boa qualidade formal, com estabelecimento de relação e tonalidade agradável (“duas pessoas, né, senhora, sentada, conversando ou comendo.... É, podemos falar que eles é feliz, os dois junto conversando, de boa.”. É a única resposta humana, havendo um deslocamento das projeções cinestésicas, a partir daí, para conteúdos animais, que aparecem nas pranchas V e VIII. Na prancha V, o adolescente vê “uma mosca”, “parece que ela está voando”. Na prancha VIII, ele percebe a resposta cotada como banal: “parece dois lagarto subindo uma árvore”. No inquérito, é dada ênfase no conteúdo natureza:

“Aqui parece as árvores, as folhas, os galhos, os dois subindo de lado. (por que floresta?) Porque eu já imaginei outras árvores aqui do lado, tudo.”

Na prancha seguinte (IX), permanece esta identificação com elementos da natureza, registrando-se uma resposta kob imprecisa: “uma cachoeira assim, dos lados umas folhas assim, deixar mais bonito. Umas rocha assim, senhora, dos lado, embaixo, para deixar bem mais bonito.” A análise da sequência das respostas cinestésicas mostra um sujeito que se distancia das representações humanas, que exigem maior trabalho psíquico, para associações menos elaboradas e mais próximas de uma descarga pulsional. No conteúdo manifesto da última resposta, há um tom idealizado que se expressa na necessidade de deixar o estímulo “bem mais bonito”. Há uma conotação feminina no conteúdo, que remete à idealização da figura materna, dada a particularidade da prancha IX, denotando a possibilidade/busca de identificação com esta figura. Vale ressaltar o choque à pr. IV, talvez reveladora da dificuldade de articulação com representações masculino/paternas. Sendo k<K, revela-se um sujeito mais infantil, embora buscando a adequação frente às solicitações internas e externas.

Determinantes cromáticos:ΣC=2,0 (2CF ±)

Aqui, as duas respostas têm a cor como determinante prioritário e um caráter impreciso (±), sendo respostas globais impressionistas. Aparecem nas pranchas II e X:

- Prancha II – “Isso aqui parece mais uma paisagem, umas montanha, um sol no meio. As luzes refletindo na montanha...”

- Prancha X – “Esse eu esqueci o nome. Desse negócio que você faz assim. Pra mim, assim, no meu ponto de vista, é uma pintura livre. Umas formas que é o que você quiser, não, senhora? A cor assim, que você quiser. E aqui tá bonito as cores. Só isso.”

São respostas defensivas contra representações possivelmente associadas ao simbolismo das respectivas pranchas: angústia de castração (II) e processo de separação-individuação (X).

Análise dos conteúdos:

Conteúdos animais (A=5; A%=50% [53-64]) – A%, considerada um fator de integração adaptativa e socializante, encontra-se um pouco abaixo dos valores normativos, mas três destas respostas são banais.

Conteúdo humano (H=1; H%=10% [8-14]) – H% encontra-se dentro dos valores normativos. Trata-se de uma resposta banal, dada na prancha III, onde o sujeito percebe: “duas pessoas, né, senhora, sentada, conversando ou comendo...(fica olhando, acena negativamente). É, podemos falar que eles é feliz, os dois junto conversando, de boa” Chama a atenção nesta resposta o intrigante meneio negativo de cabeça do sujeito, seguido de uma

referência projetiva muito positiva (“eles é feliz, os dois junto conversando, de boa”). O tom do discurso é de idealização.

Outros conteúdos:

Paisag – É dada na prancha II. Note-se o início do discurso do sujeito: “(ri, vira, ri) Agora eu tô mais ou menos assim, entendendo. Isso aqui parece mais uma paisagem, umas montanha, um sol no meio. As luzes refletindo na montanha...Deixa eu ver que mais eu posso....(acena negativamente) Só isso mesmo. Uma paisagem bonita.” (grifo nosso). O “entendimento” a que se refere o sujeito parece ser o domínio do material que, na realidade, acontece por meio de um mecanismo defensivo contra representações evocadas pelo estímulo.

Elem – É fornecida na prancha IX, onde o adolescente percebe: “Essa daqui, senhora, tá parecendo uma cachoeira assim, dos lados umas folhas assim, deixar mais bonito. Umas rocha assim, senhora, dos lado, embaixo, para deixar bem mais bonito. Só isso.”

(Arte) – A primeira resposta do teste é classificada como (Arte), sugerindo forte mobilização das defesas já no contato inicial com o estímulo, já que se trata de uma resposta global vaga. O próprio discurso do adolescente denota o impacto com o material: “O que parece aqui, senhora? Parece...(ri) Esse aqui é difícil, hein, senhora? Parece uma pintura. Não é nada de desenho, não. (acena negativamente) É, senhora. (ri). Não sei.”

A segunda resposta cotada como (Arte) aparece na prancha X, encerrando o protocolo da mesma forma evasiva/defendida como começou: “.(vira) Esse eu esqueci o nome. Desse negócio que você faz assim. Pra mim, assim, no meu ponto de vista, é uma pintura livre. Umas formas que é o que você quiser, não, senhora? A cor assim, que você quiser. E aqui tá bonito as cores. Só isso.”

A análise destes conteúdos permite verificar a necessidade do sujeito de frisar que o estímulo é “bonito”, enaltecendo o percepto (“e aqui tá bonito as cores”, pr. X), enfeitando o material (“deixar mais bonito”, pr. IX). Notório é, assim, seu movimento defensivo, exigindo uma saída para o etéreo, o abstrato, o romântico e o utópico, universo onde só existe a natureza em sua forma mais serena.

Banalidades: 5 [2-4] – O número de banalidades está acima dos valores normativos e constitui metade do total de respostas. Este dado evidencia, de um lado, a capacidade de adaptação intelectual e participação no pensamento coletivo. Pode também indicar certa

hipersocialização ou hiperconformismo, mecanismo frequente em adolescentes desconfiados/reticentes com o exame e que buscam adaptar-se a qualquer custo.

Índice de angústia patológica (0%) [>12%]- o resultado nulo do índice de angústia patológica deve-se à ausência de respostas Hd, Anat, Sexo e Sg. No entanto, a presença de respostas vagas e impressionistas, que representam 40% do teste, assim como os fenômenos de choque/fracasso refletem uma intensa ansiedade.

Análise dos fenômenos especiais

- Choque/fracasso – Pranchas IV e VI: A prancha IV evoca representações ligadas ao poder, à autoridade e à figura paterna, tendo um caráter fálico. Já a prancha VI, que favorece associações de simbolismo sexual, pode evocar desde representações fálicas até despertar uma sensibilidade mais passiva, dado a conotação bissexual do estímulo. O choque/fracasso em ambas sugere dificuldades seja na relação com a figura paterna, seja em relação à própria sexualidade, evidenciando a crise gerada pelo processo de identificação secundária.

- Autorreferência:Ocorre na última prancha e pode ser classificada como uma recordação pessoal. Parece indicar a necessidade de buscar segurança em algo já conhecido. É comum em personalidades esquizóides, quando a resposta é vaga ou impressionista (Passalacqua & Gravenhorst, 2005).

Aspectos do processo de adolescência, conforme Emmanuelli & Azoulay (2008)

Reativação pulsional

Em um primeiro momento (pr.II), nota-se que a reativação pulsional provoca um movimento de evitação da representação do conflito, a partir de uma resposta impressionista, onde a cor é integrada. Na pr.III, porém, o sujeito consegue formular uma resposta de boa qualidade formal (“duas pessoas, né, senhora, sentada, conversando ou comendo..”), que prima pelo recurso à sublimação. O comer e o conversar juntos denotam a capacidade de representar relações libidinais e agressivas, evidenciando os recursos dos processos de pensamento para a administração das temáticas sexual e agressiva. Por outro lado, a reatividade às pranchas pastéis (IX e X), onde são fornecidas respostas vagas e impressionistas, revelam que o movimento de evitação faz parte da dinâmica do adolescente.

Angústia de castração

Emmanuelli e Azoulay (2008) aponta que a evitação da angústia de castração pode ser observada pela recusa das pranchas II, III,IV,VI e VII, assim como pelas respostas estereotipadas, respostas que levam em conta essencialmente a forma e dimensão simbólica distante da problemática edipiana. No protocolo de S11 nota-se justamente os fenômenos de choque e fracasso nas pranchas IV e VI, além de um número elevado de respostas simples, vagas e impressionistas, as quais realçam temáticas muito distantes das questões edípicas. A negação da falta já aparece na prancha I, quando o adolescente sugere que a parte branca não existe, evidenciando a extrema dificuldade de lidar com a angústia de castração, com o vazio.

Problemática narcísica

Na prancha V, o adolescente fornece inicialmente uma resposta banal ("borboleta") e, em seguida, uma resposta simples, porém pouco tradicional ("mosca voando"). Embora se trate de dois insetos frágeis, eles evocam significados imaginários muito diferentes. É importante observar o quanto a figura da mosca é considerada repulsiva culturalmente.O adolescente parece projetar uma autoimagem frágil e repulsiva, que está em movimento (voando), como se precisasse fugir (de si mesmo?). A defesa narcísica mais utilizada pelo adolescente parece ser a idealização, observada particularmente no tom do discurso, que enaltece as imagens abstratas e aquelas relacionadas à natureza. A idealização revela, segundo Emmannuelli e Azoulay (2008), fantasias de autosuficiência.

Síntese interpretativa

Durante toda a aplicação, o adolescente chamou a aplicadora de "senhora", termo comum aos adolescentes em conflito com a lei na presença de técnicos do sexo feminino, para transmitir respeito e submissão. Essa mesma submissão, porém, foi observada na atitude do sujeito frente às pranchas, revelada pela predominância da apreensão global e pela quantidade de respostas vagas e impressionistas (4/10). Mostra a sugestionabilidade do adolescente frente ao estímulo, refletindo sua sensibilidade ao meio. Ao mesmo tempo, sinalizam o temor à emergência de representações que podem ser perturbadoras ou inquietantes, particularmente em relação às temáticas sexual e da falta/castração.

Assim como a submissão ao engrama, a inclusão constante da pesquisadora no discurso (“isso aqui, senhora,....”) mostra um nível mais intenso de dependência, onde o outro é convocado constantemente como apoio.

O recurso à idealização, que embute fantasias de autosuficiência, denota a necessidade de expor uma realidade interna “bonita”, tranquila e reconfortante, bem diferente daquela instaurada pela reatividade pulsional da adolescência. Também encobre uma autoimagem duvidosa (“borboleta”/ “mosca”) e os sentimentos subjacentes de insegurança. A participação corporal (rotações da prancha, risos, acenos negativos) também deve ser destacada, pois no conjunto da participação do sujeito, evoca a incerteza que o angustia. Angústia que possivelmente influencia os frequentes períodos de isolamento descritos por sua mãe, além de comprometer a sustentação de responsabilidades impostas pela realidade objetiva, como o cumprimento da medida socioeducativa.

4.4.3 Síntese do grupo sem assiduidade

Os adolescentes deste grupo responderam principalmente por infrações de furto e roubo, cumprindo, em sua maioria, uma sentença inicial de liberdade assistida cumulada com prestação de serviço à comunidade. Observou-se que somente dois adolescentes entrevistados eram reincidentes. A faixa etária predominante situou-se entre 15 e 16 anos por ocasião do delito, sendo notória a evasão escolar de praticamente todos os sujeitos, que abandonaram os estudos particularmente entre a 5ª e 6ª séries.

Constatou-se que a maioria reside com a mãe ou com avós, em ambientes marcados por relações conflituosas ou adoecimento grave de um cuidador. Nos poucos casos em que a figura paterna estava presente, verificou-se uso abusivo de álcool. Percebeu-se também que a história de vida dos adolescentes tem como característica comum a falta de cuidado parental, devido a constantes rupturas de vínculos. Quanto ao acompanhamento familiar da medida socioeducativa, de maneira geral os registros confirmaram esta participação, mas houve alguns casos em que se observou a ausência de responsáveis por jovens ainda menores de idade. Alguns pais que realizaram este acompanhamento, por sua vez, tenderam a omitir informações significativas para o trabalho da equipe técnica e/ou a aliarem-se inadvertidamente aos filhos, favorecendo o descumprimento da medida socioeducativa. O envolvimento dos sujeitos com atos infracionais foi atribuído a más companhias ou conflitos no lar, evidenciando certo reconhecimento dos problemas vividos em família. Houve poucos registros de queixas de comportamento na infância.

Sobre as constantes faltas ao acompanhamento da medida socioeducativa, estes jovens apresentaram justificativas ingênuas e ao mesmo tempo arbitrárias, evidenciando aspectos próprios do pensamento mágico e da onipotência infantil. A reincidência foi mais frequente, assim como o envolvimento com uso de drogas, momento em que se tornou evidente a dependência já instalada, com pedidos de ajuda dos pais em busca de internação. Entre os que não reincidiram, verificou-se a redução da medida socioeducativa a fim de viabilizar seu cumprimento ou o arquivamento dos autos, nos casos em que se perdeu o paradeiro do adolescente.

Contratransferencialmente, o contato com estes sujeitos foi o mais ansiogênico para a pesquisadora, dado o nível de angústia transmitido por alguns sujeitos, a sensação de estranhamento causada por outros e a desconsideração pelos limites contextuais da situação de entrevista (tom mais agressivo ou mais sedutor).

No Rorschach, os adolescentes apresentaram a menor produtividade entre os grupos, associada a um tempo médio de resposta aumentado, o que já refletiu uma inibição mais intensa. Houve uma tendência à abordagem global, que resultou em respostas predominantemente sincréticas, evidenciando um funcionamento mais imaturo, dificuldades no processo de individuação e comprometimento do sentido de realidade. O recorte D encontrou-se dentro dos parâmetros normativos, mas igualmente associado a respostas de má qualidade formal, em sua maioria, indicando que nem sempre há uma adequação satisfatória ao senso comum. A má qualidade formal das percepções mostrou-se um indicador ainda mais grave quando se constatou sua ocorrência nos recortes Dd, confirmando uma leitura muito pessoal da realidade, distorcida por projeções.

Quanto aos determinantes, observou-se a eficácia mediana do esforço de intelectualização, considerando que F% encontrou-se acima dos valores normativos, mas o percentual de respostas de boa qualidade formal situou-se abaixo da média em quatro protocolos. A inclusão das respostas com forma prioritária neste cálculo (F+% ext) trouxe um efeito positivo para alguns sujeitos, mas piorou o desempenho geral do grupo, constatando-se que seis adolescentes alcançaram percentuais muito aquém dos padrões normativos e dos valores apresentados nos demais grupos. Embora este grupo tenha fornecido o maior número de respostas K, elas se concentraram em quatro protocolos, predominando a ausência de cinestesias humanas, com evidências de choque cinestésico (ausência de respostas K recalcadas ou K reprimidas, mal estar constatado no Teste de Limites, choques acompanhados de fracasso na pr. III).

Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998), esta inibição severa de respostas K na adolescência pode ser interpretada como reflexo de um momento em que o jovem, tendo abandonado as relações objetais infantis, ainda vivencia um despreparo para estabelecer relações objetais adultas. Segundo a autora (ibid), a dificuldade do adolescente se manifesta diante da evocação de personagens humanos, pois não pode encontrar um modelo de identificação.

Por isso, foi significativa a tendência à indefinição sexual dos personagens projetados nas poucas cinestesias existentes, que também evitaram a representação do conflito pulsional (situações relacionais indefinidas). O uso de defesas narcísicas, particularmente o desdobramento (respostas K narcísicas), evidenciou a luta contra a representação das relações de objeto e, consequentemente, o reconhecimento da diferença (Emmanuelli & Azoulay,

2008). As cinestesias menores, por sua vez, destacaram-se pela maior quantidade de respostas de má qualidade formal (k-), indicando a sobreposição da fantasia sobre a realidade.

Os protocolos também foram marcados pela repressão dos afetos, evidenciada na menor produção de respostas cromáticas e menor quantidade de protocolos contendo este determinante. Além disso, constatou-se a utilização lábil da cor visando a uma exploração defensiva do estímulo nas respostas CF e o esforço de intelectualização (respostas FC), relativamente eficaz nas pranchas pastéis. Nas pranchas vermelhas, porém, a reativação pulsional gerou respostas associadas ao conteúdo sangue, que segundo Chabert (2004) assemelham-se ao fenômeno de choque ao vermelho, trazendo um simbolismo de agressividade destrutiva. As respostas de tonalidade deixaram aflorar necessidades afetivas primárias (elevada quantidade de representações de textura), possivelmente refletindo as consequências de uma infância marcada pelo cuidado parental insuficiente.

No tocante aos conteúdos, observou-se a tendência a um elevado número de representações animais (A% acima da média), denotando pobreza associativa, certo infantilismo e, ao mesmo tempo, uma atitude defensiva, impedindo um contato mais autêntico nas relações interpessoais. Daí, talvez, o riso nervoso e o sorriso sem contexto observado em algumas entrevistas, caracterizando o que Rausch de Traubenberg (1970/1998) denomina como "carapaça social". A simploriedade das respostas e as banalidades contrastaram com a projeção de imagens agressivas, presentes na metade dos protocolos. A única cinestesia relacional explícita no conjunto de protocolos também foi de valência agressiva. Cabe mencionar também a indiscriminação de limites em algumas respostas, produzindo imagens simbiotizadas. Os conteúdos humanos, por sua vez, estiveram ausentes em quatro protocolos, confirmando a menor possibilidade de projeção em representações identificatórias neste grupo (choque cinestésico), mas indicando também uma fuga do contato com o humano. Por outro lado, foi o único grupo onde predominaram as representações humanas inteiras, associadas em sua maioria à boa qualidade formal. A análise destes conteúdos explicitou novamente a emergência de representações indiscriminadas, sinalizando a fragilidade dos limites psíquicos diferenciadores. O empobrecimento associativo se evidenciou na análise de outros conteúdos, em sua maioria relacionados a imagens da natureza, descritos com uma objetividade desvitalizante. Garantiu também uma redução significativa de projeções que poderiam integrar o cálculo do índice de angústia patológica (respostas Hd, Anat, Sexo, Sg). Ainda assim, este índice superou o valor normativo em metade dos protocolos.

Considerando o histórico de ruptura de vínculos vivida por estes sujeitos, foi significativa a frequência de choques nas pranchas favoráveis à projeção de imagens ligadas ao feminino e à figura materna. Igualmente importante foi o registro de fenômenos associados a falhas e deterioração do pensamento, apontando um processo de desenvolvimento comprometido precocemente. Contudo, se o quadro perceptivo geral apontou uma frágil adaptação à realidade (rebaixamento de F+% e F+% ext, respostas de má qualidade formal em localizações menos frequentes Dd), alguma ancoragem no pensamento coletivo foi sustentada (banalidades dentro dos valores normativos na maioria dos protocolos).

Estes adolescentes evidenciaram um funcionamento nitidamente mais projetivo, associado a todo um esforço de intelectualização focado no recurso ao pensamento coletivo (A% elevado, banalidades), na exploração defensiva do estímulo (utilização lábil da cor, respostas FE) e na repressão dos afetos (pouco uso do determinante cromático). Pareceram buscar, sem sucesso, preservar-se ao máximo das solicitações do material, começando pela restrição severa da produtividade. É como se tentassem o menor contato com a realidade possível, fazendo uso maciço de defesas narcísicas. A "carapaça adaptativa" pareceu muito mais a serviço do encobrimento de um desinvestimento objetal, que culminou em menor possibilidade de reconhecimento e identificação com o outro (evitação de representações objetais).

O protocolo de S14 ilustra esta fuga da realidade associada a um empobrecimento das associações. O adolescente foi entrevistado logo no início de sua medida socioeducativa, quando pouco se sabia a respeito de sua história e da dinâmica familiar. Transmitia a imagem de um jovem tranquilo e ingênuo, razão pela qual esperavam que cumprisse sem dificuldades. Não foi esta a impressão vivida no contato durante a entrevista e aplicação do Método de Rorschach. A inibição do discurso, o conteúdo das respostas e a experiência contratransferencial trouxeram imediatamente a ideia de um possível descumprimento, além de mobilizar intensa angústia. Cabe esclarecer que S14 foi o único adolescente que informou estar matriculado no ensino regular. Na realidade, vinha faltando às aulas há tempos, razão pela qual reprovara algumas vezes. Também informou que morava com os avós, mas se descobriu que tinha vivência de rua. A incongruência entre as informações sobre sua inserção social (família, escola) e sua real condição de vida é justamente o que caracteriza os protocolos do grupo sem assiduidade, onde se verificam indicadores de socialização (D% dentro da norma, número esperado de banalidades) que contrastam com a precariedade dos fatores relacionados ao sentido de realidade (F+%, F+% extendido) e à maturidade afetiva (integração da cor, FC+).

Tabela 49 – Protocolo de S14, adolescente do grupo sem assiduidade

Pr	Tempo	Respostas	Inquérito	L	D	Cont.	Ban/ Orig	Nível de G	Fenôm. especiais
I	15h34 17”	1.É para falar o que parece? (sim) Parece uma borboleta.	Parece, né? (abre os braços para demonstrar as asas). Uma em cima e uma embaixo. A de cima tá querendo voar e a outra não deixa.	G	F-	A		Sincret.	
II	12”	2.Escorpião.	É que parece, quando eles ficam com negocinho tipo assim (aponta o vermelho). (qual negocinho?) (aponta “mãozinhas” da prancha, como se tivesse falando em ganchos ou presas). (Se fosse tudo preto, ia ver?) Não.	G	CF-	A		Sincret.	
III	20”	3.Cabeça de touro.	Parece um touro quando corta ele, quando não aguenta mais ser montado em cima. (quando é que não aguenta mais?)Isso, quando não aguenta mais, os cara mata, sacrifício.	G	F-	Ad		Sincret.	Mórbido
IV	10”	4.Um dragão de duas cabeças	Porque fica um do lado, outro do outro e tem esse negócio. (que negócio?) As caudas. (como é esse dragão?) Tem de duas cabeças, de 3 cabeças. Aí esse só tem 2 e as cauda, separada, grudada. (porque acha que lembrou de dragão?) Porque quando eu ficava brincando com os moleque, ficava olhando pra cima, ficava brincando: parece um elefante.	G	F-	(A)		Sincret.	Auto referência Contaminação atenuada
V	2”	5.Morcego.	Porque é mesmo tamanho, as perninhas, as asas abertas (aponta tudo na folha de localização)	G	F+	A	Ban	Simples	Uso do diminutivo
VI	8”	6.Um lobo.	Um lobo quando tá uivando. (porque acha que lembrou de lobo?) Porque é igualzinho. (se fosse tudo preto, acha	G	F+	A		Simples	

			que ia ver?) Não.						
VII	5”	7.Elefante.	Tava com os pés levantados e a tromba para cima.	G	F-	A		Sincret.	
VIII	10”	8.Três leão comendo uma carne.	Dois leões, um sentado (parte rosa). (E a carne?) (ele aponta parte verde). Aqui. (se fosse tudo em preto, ia ver?) Não. (Porque acha que lembrou?) Dá pra ver dois de cada lado, um sentado e outro comendo a metade da carne, um de cada um.	G	F-	A, Alim		Sincret.	
IX	6”	9.Dois passarinhos.	(primeiramente, marca a folha de localização como se fosse um percepto global. Com minha insistência para marcar onde estão os passarinhos, vê-se que não é G) Numa árvore. (o que eles estão fazendo?) Tão pendurado, em cima da árvore, subindo. (se fosse tudo preto, ia ver?) Não.	Dd	KanC- F-	A Pl			
X	12”	10.Aranhas.	Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. (porque no ninho de formiga?) Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver. (se fosse tudo em preto, ia ver?) Não.	D	KanC-	A			Combinação confabulada

Psicograma para o Teste de Rorschach
( ) – valores normativos médios para adultos de média escolaridade

Sujeito: S14 **Sexo:**M **Idade:**15 anos e 10 meses

T= 132" **R= 10** **T/R=** 13,2"/R
(R=11 a 14)

LOCALIZAÇÃO

G= 8	**D=** 1	**Dd=** 1	**Tipo de Apreensão**
GDbl=0	**DDbl=**	**DdDbl=**	**G!** **(D)** **(Dd)**
G/=		**Do=**	
DG=		**Dbl=**	
Total G=8	**Total D=1**	**Total Dd= 1**	
G%=80%	**D%=10%**	**Dd%=10%**	
(36 a 50%)	(29 a 39%)	(14 a 20%)	

DETERMINANTES

F+ = 2	**F%= 70%**	(35 a 46%)
	Fext%=90%	
F± =0	**F+%=** 28,57%	(entre 58 e 69%)
F- = 5	**F+% ext.=22,22%**	
Total F = 7		
kan =2	**CF=** 1	

Determinantes secundários: 1 F-

CONTEÚDOS

A=8	**H=**	**Elem=**	**Obj=**	**Banal= 1**
(A)= 1	**(H)=**	**Frgm=**	**Ciênc=**	(2 a 4)
Ad=1	**Hd=**	**Nat=**	**Arq=**	
(Ad)=	**(Hd)=**		**Arte=**	
(AH)=		**Geo=**	**(Arte)=**	**Conteudos sec:**
				Pl= 1
				Alim=1
		Paisag=	**Simb=**	
Total A= 9/10	**Total H=** 0	**Anat=**	**Sexo=**	Índice de angústia patológica (>12%):
		Cor=	**Abstr=**	(Hd+Anat+Sg+Sexo)*100/R =0**%**
A%=100%	**H%=0%**	**Sg=**		
(53 a 64%)	(8 a 13%)			

Análise da produtividade: **(R= 10[11-14] T/R=13,2")** – O número de respostas está um pouco abaixo dos valores normativos. Observa-se a rapidez com que as respostas foram fornecidas (tempo médio de 13,2"), sendo o menor tempo verificado na prancha V (2", resposta simples e banal) e o maior tempo dispendido na prancha III (20", resposta de má qualidade formal). A sucessão do modo de apreensão é predominantemente global (pranchas I

a VIII), variando abruptamente para um recorte Dd em IX. Há uma única resposta D, registrada na última prancha.

Análise do modo de apreensão: Respostas G (1+, 6-) ; G%=80% [36-40].

- Qualidade formal: G% encontra-se muito acima dos valores normativos, mas chama a atenção a predominância de respostas de má qualidade formal. As respostas G, seja em adultos ou crianças, refletem a busca de unidade. Porém, esta disposição está associada ao domínio do querer e não do poder, como diz Rausch de Traubenberg (1970/1998), estando a meio caminho entre o afetivo e o intelectual. Dessa forma, nota-se que as capacidades do adolescente não correspondem ao seu esforço intelectual.

- Relação com os determinantes: F (6-, 1+); CF (1-) - Do total de 8 respostas, 7 estão associadas a determinantes formais, quase todas de má qualidade formal (6/7). Há uma única resposta com determinante duplo, sendo a cor o determinante prioritário, também de má qualidade formal. Estes dados evidenciam o quanto o adolescente empenha-se em manter um controle intelectual sobre o estímulo, sem êxito. As respostas F- aparecem nas pranchas I, III, IV, VII e VIII. A resposta CF- aparece em II, ou seja, no primeiro contato com a mobilização causada pela cor vermelha.

- Nível de elaboração: Apesar do grande número de respostas G, há somente uma simples/banal, fornecida na prancha V. As demais são sincréticas, o que está relacionado às dificuldades de individuação, conforme Rausch de Traubenberg (1970/1998).

Respostas D (1-) D=10% [29-39]

D% está abaixo dos valores normativos. Trata-se de uma única resposta de má qualidade formal, fornecida na prancha X. A interpretação de D% está relacionada à capacidade de adequação ao senso comum, já que se trata de um recorte comum, com uma frequência estatística que o torna típico. O fato de o adolescente realizar esse recorte e ainda assim, fornecer uma resposta de má qualidade formal, sugere dificuldades de senso prático na avaliação da realidade.

Relação com os determinantes e conteúdos: A resposta D é classificada como kanC-, dada a projeção do movimento animal (“duas aranhas no ninho”, inquérito: “Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver”). Nota-se a presença do fenômeno de combinação confabulada, onde se destaca o tema da luta pela sobrevivência. Uma resposta bastante simbólica, considerando-se a ressonância da prancha X, que evoca associações ligadas ao

processo de individuação-separação, que é, em última instância, uma luta pela sobrevivência psíquica na afirmação do eu.

Respostas Dd (1-) Dd=10% [14-20]

Dd% também está aquém dos limites da norma, sendo uma resposta de má qualidade formal. Este dado confere à resposta um significado mais afetivo e pessoal do que decorrente de uma capacidade de atenção, observação ou meticulosidade.

Relação com os determinantes e conteúdos:

Trata-se de uma resposta kanC-, dada na prancha IX ("dois passarinhos", inquérito: "numa árvore. Tão pendurado em cima da árvore, subindo"). Saliente-se que S14, a princípio, tenta localizar o percepto como uma resposta global, sendo necessário insistir com ele para mostrar onde realmente viu a resposta. É como se estivesse em um movimento automático de localização global das respostas.

Análise dos determinantes: Determinantes Formais F (2+, 5-); F%=70% [35-46]; F%ext=90%; F+%=28,57% [58-69]; F+%ext=22,22% [63-72]

F% mostra-se elevada em relação à norma, aumentando em F%ext, quando são acrescentadas as respostas cinestésicas e de cor. Contudo, é significativo o baixo percentual de F+%, muito aquém dos valores normativos, assim como F+%ext. Há uma distorção perceptual que evidencia sérias dificuldades na interpretação/adaptação à realidade, sugerindo um quadro psicopatológico mais grave.

Diz Rausch de Traubenberg (1970/1998, p. 83): "Os determinantes F- constituem ora francamente erros perceptivos que implicam um julgamento arbitrário, ora um relaxamento com ausência de vigor e de controle, ou ainda um déficit intelectual congênito ou adquirido que engloba uma atitude infantil, com tendência à perseveração e às dificuldades de diferenciação perceptiva. (...)o tipo de F- deve ser considerado porque, se alguns são *impessoais*, como os dos deficientes mentais, outros são *estritamente pessoais*, até mesmo autísticos, e carregam o peso de preocupações obsessivas ou de fantasmas arcaicos – respostas sexuais ou anatômicas mal criticadas ou resultantes de contaminações".

Embora o protocolo de S14 não apresente respostas sexuais ou anatômicas, o conteúdo parece classificar-se como "estritamente pessoal", na medida em que traz imagens perturbadoras, contaminadas por um transbordamento projetivo.

Determinantes cinestésicos:

Há duas respostas de cinestesia animal, fornecidas nas pranchas IX e X. Segundo Rausch de Traubenberg (1970/1998, p. 110), "as cinestesias animais exprimem, na maioria dos casos, duas atitudes: as de dependência oral (...) ou as de uma agressividade mais ou menos destrutiva ou contida..."

As respostas de S14 são muito peculiares:

Em IX- "dois passarinhos, tão pendurado, em cima da árvore, subindo"

Em X- "Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. (porque no ninho de formiga?) Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver"

Em IX, a resposta evoca sensação de perigo ("pendurado"), uma caminhada na amplidão, soltura no espaço. Em X, há uma conotação de ameaça grave, sugerindo rupturas precoces no desenvolvimento emocional.

Determinantes cromáticos: ΣC=2,0 (CF, 1-; 2KanC-) – Respostas CF caracterizam uma afetividade instável, lábil e egocêntrica, de qualidade mais infantil. Esta resposta CF- é dada na prancha II, que remete às pulsões sexuais e agressivas, sendo observado o surgimento de uma representação agressiva: "escorpião", "É que parece, quando eles ficam com negocinho tipo assim" (aponta um detalhe na prancha normalmente visto como "mãos que se unem", mas se referindo às presas do animal). As duas respostas kanC-, presentes nas pranchas IX e X, mostram também que o esforço intelectual, a projeção e os afetos não favorecem a manutenção do sentido de realidade, pois o resultado é de má qualidade formal.

Análise dos conteúdos:

Conteúdos animais (A=10; A%=100% [53-64]) – A% está muito além dos valores normativos. Em tese, conforme Rausch de Traubenberg (1970/1998, p. 181), "uma elevação de A% pode corresponder a uma atitude defensiva de um sujeito que procura camuflar seus interesses profundos ou opor-se ao teste que ele sente como uma intrusão, o que é amiúde o caso dos adolescentes ou dos sujeitos em seleção". É possível que o adolescente, que demonstra uma grande tentativa de controle intelectual ao longo do protocolo, tenha recorrido a associações mais simples, baseadas no recurso ao coletivo, como forma de camuflar as dificuldades de adaptação à realidade. Talvez ele sinta que há algo não compartilhado em sua forma de interpretar o mundo e tente desesperadamente mostrar-se adequado. É um esforço

que resulta ineficaz, já que se observa o transbordamento do mundo interno, deteriorando a qualidade de sua produção.

Conteúdo humano - O adolescente não apresenta nenhuma resposta humana e no teste de limites, percebe em D5, um bebê em formação ("Aqui tá na barriga aqui, parece que tem um nenenzinho dentro. Aqui, parece que tá grávido."). É uma resposta de má qualidade formal, com indícios de transparência, sugerindo uma indefinição de limites básicos, como dentro-fora ou eu-outro (ele só vê um bebê, embora o estímulo seja bilateral). Em termos simbólicos, não é um ser humano pronto, mas em gestação, parecendo evidenciar um profundo desejo de regressão, ao estado indiferenciado de fusão com a figura materna.

Banalidades: 1 [2-4] – Número aquém dos valores normativos, demonstrando as dificuldades de contato com a realidade objetiva e social, já evidenciada pela quantidade de respostas de má qualidade formal.

Índice de angústia patológica (0%) [>12%]- o índice é nulo, pela ausência de respostas Sexo, Hd, Sangue e Anat. Este dado não pode ser considerado isoladamente, uma vez que é intensa a excitabilidade provocada pelo estímulo e inadequadamente articulada pelo sujeito, aprisionado em uma temática de valência agressiva.

Análise dos fenômenos especiais

- Mórbido – Prancha III: Este fenômeno, segundo Passalacqua e Gravenhorst (2005), está associado à melancolia/depressão, sendo um indicador frequentemente associado a vivência de perdas recentes ou situações traumáticas de maneira geral.

Diz o adolescente: "cabeça de touro", "Parece um touro quando corta ele, quando não aguenta mais ser montado em cima. (quando é que não aguenta mais?) Isso, quando não aguenta mais, os cara mata, sacrifício."

Saliente-se que a temática de um organismo que é subjugado por outro já aparece na primeira prancha, embora sem a conotação mórbida da resposta III: "uma borboleta. Uma em cima e outra embaixo. A de cima tá querendo voar e a outra não deixa".

De acordo com Chabert (2004), a prancha I evoca imagens associadas às relações precoces com o primeiro objeto. O que parece emergir no protocolo é uma representação de uma relação simbiótica mortífera (I), revivida em alguma situação mais recente de ordem

traumática (III), onde a experiência do sujeito é de tortura/exploração (“não aguenta mais ser montado em cima”) que culmina em morte.

- Autorreferência e contaminação atenuada – Prancha IV: Nesta prancha, o adolescente percebe “um dragão de duas cabeças”, esclarecendo, no inquérito: “Porque fica um do lado, outro do outro e tem esse negócio. (que negócio?) As caudas. (como é esse dragão?) Tem de duas cabeças, de 3 cabeças. Aí esse só tem 2 e as cauda, separada, grudada. (porque acha que lembrou de dragão?) Porque quando eu ficava brincando com os moleque, ficava olhando pra cima, ficava brincando: parece um elefante.”

A contaminação atenuada ou resposta misturada é uma resposta onde existe uma tendência à fusão, mas as partes estão claramente diferenciadas. Indica pensamento confuso ou dissociação. O tom confuso aparece na resposta do adolescente, na impossibilidade de precisar limites (“fica um do lado, outro do outro”, caudas separadas e grudadas ao mesmo tempo), sendo também possível observar a dissociação, na medida em que ele modifica abruptamente o discurso, apresentando uma situação completamente diferente de uma suposta cena de infância.

É importante lembrar que a prancha IV evoca imagens de poder, tendo um simbolismo fálico privilegiado, mas que não necessariamente tem caráter masculino ou feminino. Nesse sentido, a representação trazida pelo adolescente (um dragão com duas cabeças e duas caudas) parece relacionada a uma imagem fálica ligada à fantasia da figura combinada, onde o masculino e o feminino se fundem. Isso explicaria a necessidade de desviar o discurso, considerando a persecutoriedade desta figura combinada.

- Uso do diminutivo – Prancha V: Aqui, o adolescente vê um “morcego”, “porque é mesmo tamanho, as perninhas, as asas abertas”. O uso do diminutivo sugere repressão da agressividade que vinha sendo despertada desde a primeira prancha.

- Combinação confabulatória – Prancha X: A prancha X é caracterizada pela dispersão do estímulo, sendo considerada a prancha que mobiliza a individuação-separação. Aqui, o adolescente percebe, inicialmente, “aranhas”. Na explicação do inquérito, porém, revela-se o transbordamento do mundo de fantasia: “Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. (porque no ninho de formiga?) Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver.”

A combinação confabulatória indica uma falha do pensamento lógico, sendo considerado um fenômeno muito patológico. Destaque-se que, segundo Passalacqua e Gravenhorst (2005),

ocorre comumente em pessoas que tendem a agir, por não poder pensar bem, antecipando as consequências de suas ações.

Aspectos do processo de adolescência, conforme Emmanuelli e Azoulay (2008)

Reativação pulsional

A mobilização pulsional gera efeitos desorganizadores, considerando-se a reatividade sem nuances que leva à sideração em todas as pranchas coloridas (II, III, VIII, IX e X). Além disso, as cinestesias de má qualidade formal também sugerem um transbordamento pulsional que compromete o trabalho psíquico do pensamento. É preciso salientar, no entanto, que a temática agressiva aparece intensamente no protocolo (pranchas I, II e III), inclusive associada a tendências orais canibalescas (prancha VIII – "três leões comendo carne...um de cada um."). O protocolo é encerrado com uma cinestesia relacional agressiva (aranhas contra formigas). Destaque-se que as associações relacionadas à temática sexual são muito regredidas, já que se referem a representações simbióticas, muitas vezes mescladas à agressividade. Trata-se do protocolo de um adolescente com um quadro psicopatológico mais grave, de natureza psicótica, que pode estar associado a uma limitação intelectual significativa.

Angústia de castração

A resposta que mais se aproxima da tentativa de representar a angústia de castração é dada na prancha III ("cabeça de touro", "Parece um touro quando corta ele, quando não aguenta mais ser montado em cima. Isso, quando não aguenta mais, os cara mata, sacrifício.") Nota-se que é uma associação que remete a uma vivência bastante destrutiva.

Problemática narcísica

Nota-se uma tendência à perda de limites, não parecendo haver uma base mínima de coesão identitária. Por outro lado, o estudo da prancha V mostra uma resposta banal simples, com limites investidos o suficiente, sugerindo que há algo compartilhado com o universo coletivo e uma imagem corporal íntegra. É uma representação neutra, mas ao longo do protocolo, observam-se representações ora frágeis, ora ameaçadoras, sugerindo um funcionamento que oscila entre a extrema docilidade e a atuação impulsiva/destrutiva.

Síntese interpretativa

O comportamento antissocial do adolescente parece relacionado a um funcionamento psíquico mais primitivo. O protocolo surpreende pelas imagens cruas e agressivas que se revelam particularmente na fase de inquérito. Os processos de pensamento se desorganizam pela influência das projeções e dos afetos (cinestesias e cores) e nem mesmo o recorte do material (D e Dd) assegura uma articulação formalmente adequada entre realidade interna e externa. Saliente-se que não há um grande esforço intelectual, verificando-se muito mais uma submissão aos perceptos (G% elevada) que sinaliza uma dependência extrema do objeto. A hipótese de um rebaixamento intelectual significativo não é descartada e só corrobora a percepção de um quadro geral bastante comprometido.

A adesão aos contornos (F% elevado) e a ineficaz tentativa de buscar unidade (predomínio da apreensão global de má qualidade formal) evidenciam a frágil coesão identitária, apesar da presença de respostas G de nível de elaboração simples, uma delas banal. Há uma tendência a representações que remetem ao processo de separação-individuação, sempre ligadas à emergência de impulsos agressivos, sugerindo rupturas muito precoces no desenvolvimento emocional, experimentadas com horror e ódio, pela ameaça à sobrevivência psíquica.

É importante analisar o movimento verificado na pr.IX. Nesta prancha, o adolescente fornece a resposta mais amena de todo o protocolo (“passarinhos”), reagindo automaticamente durante o inquérito ao afirmar que se trata de uma localização global, quando na realidade o recorte é do tipo Dd. É como se não estivesse mais presente, em contato com o material e com a pesquisadora. Um movimento que se dá na sequência de associações agressivas e que revela a fuga da realidade como defesa contra os movimentos pulsionais agressivos.

O conjunto de respostas sugere uma realidade interna contaminada por objetos maus e violentos, os quais transbordam para a realidade externa, tornando-a extremamente perigosa. Nessa perspectiva, a falta de assiduidade ao cumprimento da medida socioeducativa, como a vivência de rua que caracteriza a história do sujeito, parecem sintomáticas de uma tentativa de fugir aos perigos dessa realidade deformada por um funcionamento mais projetivo.

5 DISCUSSÃO

Antes de iniciar a discussão propriamente dita dos dados, cabem algumas considerações sobre a pertinência do uso do Método de Rorschach no presente trabalho. Diante de sujeitos tão reticentes a falar sobre si, seja pela falta de experiências de escuta ou pela condição de vigilância a que estão submetidos, a inclusão de uma técnica projetiva mostrou-se fundamental para a realização da pesquisa, trazendo dados valiosos sobre o posicionamento subjetivo destes adolescentes diante do outro e da realidade compartilhada. A experiência de entrevista, apesar de despertar uma contratransferência importante para a compreensão destes sujeitos, revelou-se limitada como espaço de coleta de dados. Se constituísse o único procedimento previsto para a realização da pesquisa, certamente traria menor quantidade de informações, restringindo a análise ou, o que seria realmente grave, tornando a interpretação destes resultados demasiadamente intuitiva e subjetiva. Se os dados aqui presentes – incluindo aqueles obtidos na entrevista – entrelaçam-se de forma a assegurar maior coerência e consistência às interpretações apresentadas, isto se deve à utilização dos autos como fonte de consulta sobre o contexto de vida dos adolescentes e ao Método de Rorschach como acesso a aspectos da realidade interna e parâmetro de avaliação dos recursos de socialização destes jovens.

O Método de Rorschach tem sido apontado como um instrumento bastante adequado ao contexto jurídico, pelo fato de oferecer índices quantitativos, dificultar o manejo intencional e levantar informações além da visão que o indivíduo tem de si mesmo (Rovinsky, 2012). Esta pesquisa corrobora estas considerações, tendo em vista a inibição do discurso observada no contato com estes adolescentes, que facilmente pode induzir o profissional a julgamentos precipitados. O risco é ainda maior se o perito não estiver atento às pressões para utilizar seu poder de especialista na condenação dos adolescentes, indicando qual a medida a ser aplicada em cada caso (Frasseto, 2005). O presente trabalho, longe de respaldar esta função de árbitro do psicólogo judiciário, fornece contribuições para o fortalecimento do papel de ajuda, demonstrando o quanto um psicodiagnóstico inicial mais aprofundado pode enriquecer o trabalho posterior de acompanhamento da medida socioeducativa, apontando a necessidade de adequação às diferentes demandas de desenvolvimento.

Nesse sentido, pode-se afirmar que os objetivos delineados inicialmente foram alcançados, sendo possível discriminar alguns indicadores relacionados à capacidade de cumprimento da medida socioeducativa em meio aberto. Estes indicadores estão basicamente associados aos aspectos familiares e escolares obtidos na entrevista e consulta aos autos,

assim como aos fatores de socialização e de relacionamento humano verificados no Método de Rorschach. De forma sucinta, eles revelam que o nível de assiduidade é um sintoma de um modo extremamente inseguro de perceber e estar com o outro, com nuances reveladoras do grau de ruptura sofrido em uma fase muito precoce do desenvolvimento.

Síntese dos resultados

Para melhor compreensão das semelhanças e diferenças entre os sujeitos, os dados obtidos na avaliação estão sintetizados em tabelas comparativas, negritando-se os aspectos considerados mais relevantes. As informações provenientes dos autos e entrevistas encontram-se subdivididas para facilitar a leitura, sendo apresentados na tabela 50 o perfil etário, escolaridade e características familiares, enquanto a tabela 51 reúne dados sobre a qualidade do contato na entrevista, a infração e a medida socioeducativa. Os resultados provenientes do Método de Rorschach estão resumidos na tabela 52.

Tabela 50 – Síntese dos dados obtidos nos autos e entrevistas sobre idade, escolaridade e família

Aspecto avaliado	Grupo com assiduidade regular	Grupo com assiduidade irregular	Grupo sem assiduidade
Idade	Maioria com 16 a 17 anos. **Presença de adolescentes muito jovens** (12 a 14 anos)	Maioria com 15 a 16 anos.	Maioria com 15 a 16 anos.
Escolaridade	**Metade matriculada** na escola.Os demais voltaram a estudar.	Maioria evadida. Pouca disponibilidade de retomar os estudos. Tendência de abandono da escola entre a 5ª e 6ª séries	**Quase todos evadidos**. Tendência de abandono dos estudos entre a 5ª e 6ª séries. Justificativas para não voltar a estudar.
Composição familiar	Maioria proveniente de **lares intactos ou reconstituídos** há algum tempo.	Maioria proveniente de **grupos familiares numerosos, monoparentais**, chefiados pela figura materna	Maioria proveniente de **lares monoparentais chefiados pela mãe ou pela avó**.
História de vida	Nos casos de separação dos pais, tranquilidade para tratar do assunto.	**Ausência paterna, histórias trágicas de perda e violência**	**Oscilação de cuidadores**
Problemas no âmbito familiar	Metade dos casos sem registro de dificuldades.	**Alcoolismo, dependência de drogas ou adoecimento de algum membro familiar**	Conflitos intrafamiliares, **alcoolismo paterno, adoecimento materno.**
Criminalidade na família	Nenhum caso.	**Quatro casos.**	Dois casos.
Percepção familiar do delito	**Susto, indignação**	Más companhias.	Más companhias, **Influência dos problemas familiares.**
Queixas de comportamento	Dois casos.	Quatro casos.	Três casos.

Como se pode observar na tabela 50, adolescentes muito jovens podem ser encontrados no grupo com assiduidade regular, revelando um envolvimento precoce com a criminalidade. A evasão escolar é um problema comum, embora mais frequente no grupo sem assiduidade. Quanto aos aspectos familiares, o grupo sem assiduidade destaca-se pela menor preservação dos vínculos, com histórico de cuidado parental insuficiente ao longo do desenvolvimento. É o grupo com maior registro de problemas intrafamiliares, juntamente com os sujeitos do grupo com assiduidade irregular. Cabe salientar, porém, que estes dois grupos acabam exigindo uma busca ativa por parte da equipe de acompanhamento, o que contribui para elevar o número de contatos com a família e, consequentemente, conhecer melhor seu cotidiano, assim como a história de vida dos adolescentes, incluindo queixas de comportamento anteriores. O envolvimento de outros familiares com a criminalidade não é tão frequente, mas há um maior número de casos no grupo com assiduidade irregular.

Tabela 51 – Síntese dos dados obtidos nos autos e entrevistas sobre a qualidade do contato na entrevista, a infração e a medida socioeducativa

Aspecto avaliado	Grupo com assiduidade regular	Grupo com assiduidade irregular	Grupo sem assiduidade
Infração	Metade consiste de roubo ou tentativa de roubo.	Maioria consiste de **tráfico de drogas**	Maioria consiste de roubo, furto ou tentativa de roubo/furto
Comentários sobre a infração	**Falta de clareza sobre o que levou a infracionar,** arrependimento, dificuldade de tratar do assunto	Influência de amigos e busca de dinheiro rápido	**Justificativas para o ato infracional**
Medida socioeducativa (sentença inicial)	Metade consiste de **LA ou PSC**	Maioria consiste de **medidas restritivas de liberdade**	Quase a metade consiste de **LA juntamente com PSC.**
Comentários sobre o cumprimento da medida socioeducativa	Consciência da falta de adesão plena às orientações; **Menção ao vínculo** com figuras significativas como fator motivador para o cumprimento	Consciência da assiduidade irregular, sentimentos de tédio, preguiça.	**Onipotência, pensamento mágico**
Uso de drogas	Maioria nega uso de drogas	**Maioria confirma uso de drogas**	Maioria nega uso de drogas.
Evolução do cumprimento da medida socioeducativa	Adesão aos encaminhamentos não é total, exceto quanto à **reinserção escolar**. Alguns casos de inserção formal no mercado de trabalho, propiciando uma experiência diferenciada aos adolescentes.	Maior falta de adesão aos encaminhamento, **atividades laborativas informais com função continente, adoecimento**	**Reincidência, mudança de endereço não informada, trabalho como justificativa para não cumprimento**.
Acompanhamento da medida socioeducativa pela família	**Inclusão do pai** em metade dos casos.	Presença materna mais frequente; **inclusão da figura paterna em alguns casos**	**Omissão ou cumplicidade** da família em relação ao descumprimento
Qualidade do contato na entrevista	**Maior capacidade de articulação verbal, apesar da superficialidade**	Angústia, desconfiança, ansiedade expressa motora ou verbalmente	**Mal-estar, estranhamento, maior nível de angústia**

Nota-se, a partir dos dados apresentados na tabela 51, que a maior parte das infrações consiste em crimes contra o patrimônio, corroborando dados do mapeamento nacional realizado pelo Ilanud (2007). O tráfico de drogas é mais frequente no grupo com assiduidade irregular, razão pela qual a medida de internação também é mais comum entre estes adolescentes. Em relação ao posicionamento dos sujeitos frente ao delito e à sentença judicial, nota-se que o grupo sem assiduidade é o único que apresenta justificativas tanto para o ato infracional quanto para o descumprimento da medida socioeducativa, apresentando evidências

de onipotência e pensamento mágico em seu discurso. Os demais grupos já tentam explicar a participação no delito, embora nem sempre consigam esclarecê-la, como é o caso dos adolescentes do grupo com assiduidade regular. Também denotam maior consciência sobre a falta de adesão plena às orientações da medida socioeducativa, incluindo as dificuldades com a frequência.

Entre os adolescentes com assiduidade regular, destaca-se a menção ao vínculo como fator motivador de cumprimento da medida socioeducativa. Todos acabam retomando os estudos e, em alguns casos, obtendo uma colocação formal no mercado de trabalho. Neste grupo, a figura paterna é bastante presente nas convocações feitas à família.

O mesmo não se verifica entre os jovens com assiduidade irregular, onde são registrados casos de adoecimento dos adolescentes e inserção precária no mercado de trabalho, comprometendo a frequência à medida socioeducativa. É neste grupo que se verifica maior confirmação do envolvimento com drogas. Mais comumente, é a figura materna quem atende às convocações para comparecimento da família à medida socioeducativa.

O trabalho socioeducativo não consegue alcançar os adolescentes do grupo sem assiduidade. Eles reincidem ou encontram formas de impedir o contato da equipe de acompanhamento, seja mudando para endereço não informado, seja restringindo ao máximo as possibilidades de agendamento de horários. Percebem-se evidências de omissão ou cumplicidade familiar em vários casos.

Todos os grupos caracterizam-se pela tentativa de manter um contato superficial durante a entrevista, mas ainda assim há diferenças significativas na qualidade do discurso e da interação. Constata-se que o grupo com assiduidade regular denota maior capacidade de articulação verbal, enquanto os demais grupos caracterizam-se por níveis crescentes de sentimentos de angústia, desconfiança e ansiedade. Estes aspectos acabam sendo evidenciados também no Método de Rorschach, como demonstra a tabela 52.

Tabela 52 – Síntese dos dados obtidos com o Método de Rorschach

Aspecto avaliado	Grupo com assiduidade regular	Grupo com assiduidade irregular	Grupo sem assiduidade
Produtividade	Baixa	Baixa	Baixa
Tempo de resposta	Abaixo da média	Variável	Superior à média
G%	Acima da média, predomínio de respostas globais simples	Acima da média, predomínio de respostas globais simples, **maior quantidade de respostas elaboradas**	Acima da média, **predomínio de respostas globais sincréticas**
D%	**Abaixo da média,** predominância de respostas de boa qualidade formal	**Abaixo da média,** predominância de respostas de boa qualidade formal. **Produção de respostas DDbl**	Dentro da média, predominância de respostas de boa qualidade formal
Dd%	Abaixo da média, associadas predominantemente a respostas de boa qualidade formal. **Produção de respostas DdDbl.**	Abaixo da média, associadas predominantemente a respostas de boa qualidade formal. **Produção de respostas DdDbl.**	Abaixo da média, **associadas predominantemente a respostas de má qualidade formal**
Ênfase dos conteúdos Dd	**Ligação (ex: animais que vão se encontrar)** **Projeção do rosto (humano, animal ou anatômico)**	**Figuras humanas parciais, descritas com distanciamento (ex: formato de um rosto)**	**Representações animais** **Observação do movimento de inversão da prancha e delimitação automática do percepto na folha de localização.**
F%	Acima da média	Acima da média	Acima da média
F+%	Quatro sujeitos abaixo da média	Quatro sujeitos abaixo da média	**Cinco sujeitos abaixo da média**
F+%ext	Cinco sujeitos abaixo da média	Cinco sujeitos abaixo da média	**Seis sujeitos abaixo da média**
Cinestesias humanas inteiras (respostas K)	**Inibição cinestésica** (seis sujeitos não fornecem respostas K). **Presença de respostas K reprimidas e K recalcadas.** Tendência ao congelamento pulsional (ausência de cinestesias relacionais) **Maior dificuldade de representação do aspecto libidinal nas cinestesias relacionais**	**Tendência à projeção cinestésica** (seis sujeitos fornecem respostas K). Tendência ao congelamento pulsional (ausência de cinestesias relacionais, **indefinição sexual dos personagens associado a contextos relacionais imprecisos)** **Presença de respostas parahumanas.**	**Choque cinestésico** (quatro sujeitos fornecem respostas K) Maior uso de defesas narcísicas (**congelamento pulsional e desdobramento**
Cinestesias menores	Superior à quantidade de cinestesias humanas inteiras Predomínio de representações animais inteiras de boa qualidade formal	Superior à quantidade de cinestesias humanas inteiras; **Maior quantidade de cinestesias menores entre os grupos;** Predomínio de representações animais de boa qualidade formal **Maior quantidade de respostas kob**	Superior à quantidade de cinestesias humanas inteiras; **Maior quantidade de cinestesias de má qualidade formal ou qualidade imprecisa**

Continua

Continuação

Respostas Cor	**Respostas cor-forma predominantemente imprecisas; Abordagem perceptivo-sensorial da cor** **Predomínio de respostas FC de boa qualidade formal;** **Maior número de sujeitos que tentam integrar a cor vermelha nas pranchas II e III**	**Maior quantidade de respostas cromáticas entre os grupos; Predomínio de respostas CF e FC de má qualidade perceptual, associadas a conteúdos de conotação patológica (figuras humanas parciais ou representações anatômicas)** **Sensibilidade à cor negra**	**Nenhuma resposta CF de boa qualidade perceptual, apesar da utilização lábil da cor** **Predomínio de respostas FC nas pranchas vermelhas, todas de má qualidade formal; Sensibilidade à cor negra**
Respostas de tonalidade	**Predomínio de respostas FE de má qualidade formal ou qualidade imprecisa,** associadas a representações de textura e difusão	Não constitui tendência	**Predomínio de representações de textura FE de má qualidade formal**
Conteúdos animais	A% dentro da média Maior parte das respostas associadas à pr. V, com conteúdo banal Abordagem descritiva e neutra	A% variável (ou abaixo ou acima da média) **Maior presença de representações fantásticas, algumas pouco apoiadas em referências culturais** **Presença de representações agressivas e imagens siamesas**	**A% acima da média** **Menções a aspectos que sobram ou faltam às representações animais** **Presença de representações agressivas e imagens siamesas**
Conteúdos humanos	H% variável **Predomínio de figuras humanas parciais**, associadas à imagem do rosto	Maior quantidade de sujeitos com H% dentro da média **Predomínio de figuras humanas parciais**, associadas à imagem do rosto **Elevada quantidade de respostas humanas fantásticas**	Maior frequência de protocolos sem conteúdo humano Predomínio de figuras humanas inteiras **Presença de imagens siamesas**
Outros conteúdos	Predomínio de **conteúdos anatômicos,** de objeto e de planta	Predomínio de **conteúdos anatômicos e respostas ligadas a representações de natureza** (planta, natureza, paisagem)	Predomínio de respostas ligadas a representações de natureza (planta, natureza, paisagem) Abordagem descritiva e neutra **Quatro protocolos com nenhuma ou somente uma resposta classificável como outros conteúdos**
Banalidades	Maioria dos sujeitos apresenta número de banalidades dentro da média	Maioria dos sujeitos apresenta número de banalidades dentro da média	Maioria dos sujeitos apresenta número de banalidades dentro da média
Índice de angústia patológica	**Sete sujeitos com valores acima da média**	Três sujeitos com valores acima da média	Cinco sujeitos com valores acima da média
Fenômenos especiais	Maior quantidade de fenômenos especiais entre os grupos, associadas especialmente às pranchas **II e VI.** Predomínio de choques, seguido do uso do diminutivo	Menor quantidade de fenômenos especiais entre os grupos; maior parte das ocorrências nas pranchas **X e VII;** Predomínio de choques/ fracassos; Presença de fenômenos associados a falhas e deterioração do pensamento.	**Choques acompanhados de fracassos representam quase o dobro do número registrado nos demais grupos**; Presença de fenômenos associados a falhas e deterioração do pensamento.

Percebe-se em todos os sujeitos que o contato evasivo da entrevista reflete-se no Rorschach a partir do esforço de controle do estímulo e de distanciamento dos afetos, evidenciado pela intelectualização excessiva (F% elevado) associada à apreensão global (G% acima da média) e à restrita produtividade. No entanto, as respostas cinestésicas (movimento humano, animal e de objeto), cromáticas e de tonalidade, assim como os fenômenos especiais acabam trazendo à tona elementos que escapam a este controle racional, tanto no que diz respeito aos conteúdos quanto à dinâmica do mundo interno.

O grupo com assiduidade regular, por exemplo, apesar de mais articulado do ponto de vista da expressão verbal, revela angústia acima da média nos protocolos (quantidade de conteúdos anatômicos, figuras humanas parciais e cálculo do índice de angústia patológica), assim como uma capacidade mediana de inserção na realidade (casos de F+% e F+% ext abaixo da média). É marcante a dificuldade no campo das identificações e relações interpessoais, expressa pela inibição cinestésica (ausência de respostas humanas inteiras e presença de respostas humanas desvitalizadas ou modificadas), congelamento pulsional (ausência de representações relacionais nas pranchas II e III), predominância de figuras humanas parciais e quantidade de fracassos nas pranchas II e VI (favoráveis à evocação de imagens ligadas a representações relacionais e à sexualidade, respectivamente).

No grupo com assiduidade irregular, a angústia é verificada pela frequência de figuras humanas parciais, observando-se também a utilização de um discurso mais descritivo, que suprime das imagens sua conotação vital. Estes sujeitos apresentam uma tendência maior à projeção cinestésica do que os demais adolescentes (maior quantidade de respostas de movimento humano, animal e de objeto), expressando uma riqueza imaginativa que, por vezes, leva ao distanciamento da realidade (respostas fantásticas de má qualidade formal, sem apoio em referências culturais). Demonstram grande dificuldade frente à mobilização dos afetos (respostas cromáticas de má qualidade formal), cujos efeitos são desorganizadores para o psiquismo, resultando em conteúdos de conotação patológica (conteúdos anatômicos e figuras humanas parciais de má qualidade formal).

No grupo sem assiduidade, a inibição das projeções sobre o material é notória, considerando-se o empobrecimento associativo (A% elevado), a frequência de protocolos sem conteúdos humanos e a quantidade de choques acompanhados de fracasso. O controle intelectual (F% e tempo de resposta superiores à média) parece encontrar-se a serviço desta inibição, embora não seja eficaz no sentido de assegurar maior inserção na realidade (predomínio de respostas globais sincréticas, mais sujeitos com F+% e F+% ext abaixo da média). A angústia aparece frente à evocação do humano (choque cinestésico, uso mais

intenso de defesas narcísicas), notando-se o efeito desorganizador da mobilização pulsional (respostas cromáticas de má qualidade formal nas pranchas vermelhas). A emergência de representações de textura de má qualidade formal evidenciam necessidades afetivas primárias.

Esta síntese geral demonstra que o nível de assiduidade não exime nenhum grupo de adolescentes de dificuldades de ordem emocional. A gestão da agressividade é particularmente difícil para estes sujeitos, o que é esperado para esta fase do desenvolvimento (Emmanuelli & Azoulay, 2008), mas o fato de se observar que a qualidade formal reduz significativamente entre os sujeitos com menor assiduidade (assiduidade irregular e sem assiduidade) remete às observações de Frank (1994) sobre a baixa qualidade formal encontrada nos protocolos de participantes agressivos (F+%< 70%). Este dado também vai ao encontro das formulações de Marcelli e Braconnier (2007) sobre o frágil sentido de realidade dos adolescentes mais predispostos à passagem ao ato. Nos protocolos, constata-se que os sujeitos com menor grau de assiduidade apresentam defesas psíquicas menos eficazes, o que dificulta a articulação entre as realidades interna e externa e, consequentemente, a capacidade de socialização.

Constatações que se distanciam do senso-comum

A análise dos dados mostra que o nível de assiduidade não está relacionado ao tipo de infração praticada, pois os delitos são muito semelhantes entre aqueles que cumprem a medida socioeducativa a contento e aqueles que a desobedecem acintosamente. A hipótese subjacente a este indicador refere-se à ideia de que indivíduos mais agressivos seriam responsáveis por infrações mais graves e menos propensos a cumprir a lei, desobedecendo a sentença judicial estabelecida. Ocorre que atos muito violentos foram observados mesmo entre os sujeitos com assiduidade regular. É o caso de S9, que já praticara outros roubos antes da medida socioeducativa, sendo flagrado em um assalto à mão armada a um posto de gasolina, onde perdeu um amigo (maior de idade) na troca de tiros com a polícia. Por outro lado, cenas aparentemente menos violentas foram protagonizadas pelos sujeitos sem assiduidade, a exemplo de S14 e S16, presos por furto de celular.

Os resultados também evidenciam que o cumprimento regular da medida socioeducativa em meio aberto não está relacionado à severidade da pena. Jovens condenados a quatro meses de prestação de serviço à comunidade não compareceram para cumprimento (S16), enquanto sujeitos sentenciados a medidas concomitantes por prazos mais longos (um ano de liberdade assistida e seis meses de prestação de serviço à comunidade, por exemplo)

puderam encerrá-las apresentando assiduidade regular. Além disso, verificou-se também que jovens egressos da Fundação Casa – medida mais severa no rol de punições previstas em lei - conseguiram manter o compromisso com a liberdade assistida (S4, S12), enquanto outros não conseguiram comparecer regularmente à LA e ainda reincidiram no período em que estavam sendo acompanhados após a concessão da liberdade (S8, S28).

Vale salientar, porém, que estes achados desmistificam dois pontos de vista do senso comum. O primeiro diz respeito ao posicionamento de que todo ato infracional deve ser punido com a privação de liberdade. Medidas menos severas, aplicadas em meio aberto, parecem apresentar igual continência para alguns indivíduos. O segundo corresponde à crença de que a internação agrava o comportamento antissocial. Nas entrevistas com os adolescentes que apresentaram assiduidade regular e irregular, vários comentaram sobre o amadurecimento adquirido no período em que estiveram presos, sinalizando que pode haver aprendizado e crescimento durante a restrição de liberdade.

Por fim, constata-se que a assiduidade e consequente cumprimento da medida socioeducativa não pode ser atribuída ao mero acompanhamento familiar, o qual é registrado na maioria dos casos, incluindo os adolescentes sem assiduidade. A família parece ter, sim, papel importante no conjunto de fatores que permitem o cumprimento da sentença estabelecida em Juízo. Porém, esta importância não está no simples atendimento às convocações da equipe técnica, mas no posicionamento frente à desobediência dos filhos à lei. Percebe-se que existem casos de conluio entre responsáveis e adolescentes, possivelmente sustentado pelo que Winnicott denomina de sentimentalismo (Winnicott, 1939/1987). Este fenômeno consiste em um excesso de proteção imbuído de um ódio recalcado, que cedo ou tarde vem à tona. Explica, por exemplo, porque alguns dos responsáveis que agem no sentido de não culpabilizar seus filhos não os têm perto de si (S7, S16).

Evidências expressas nos resultados

Os dados obtidos nas entrevistas e consulta aos autos mostram que existe uma relação entre a assiduidade do adolescente e a história de cuidados propiciada pelo ambiente familiar. De maneira geral, os sujeitos mais assíduos provêm de lares cujos vínculos encontram-se mais preservados , ou seja: lares intactos ou reconstituídos há alguns anos, contando com a presença de ambas as figuras parentais. Os menos assíduos provêm de lares caracterizados por rupturas com a figura paterna e/ou, no extremo, com ambos os pais, culminando no fenômeno de oscilação de cuidadores. Algumas vezes a figura paterna ainda faz parte do grupo familiar,

mas em uma condição que exige cuidados, devido à dependência de álcool ou problemas de saúde mental. Parece restar pouca disponibilidade para cuidar dos filhos adolescentes, sendo estes incentivados à independência precoce ou encaminhados para seus pais e avós.

A questão que se impõe aqui não diz respeito a uma estrutura ideal de família, mas à possibilidade de dedicação à maternagem por mulheres que precisam assumir a dupla função de cuidar dos filhos e manter o sustento financeiro da casa. Mães que não têm com quem contar; abandonadas por seus companheiros ou responsáveis por seus cuidados. Encontramos mulheres dependentes, deprimidas ou com preocupações que lhes retiram o investimento na maternagem. São condições que impactam sobremaneira a relação com os filhos e, nos primórdios da vida do bebê, comprometem aquisições importantes para o desenvolvimento emocional, que podem levar à manifestação de comportamentos agressivos já na infância.

A partir das formulações teóricas de Winnicott (1956/1987), sabe-se que a manifestação da tendência antissocial constitui evidência de uma falha vivida no início da relação mãe-bebê, causada por um excesso ou por uma ausência da figura materna no processo de adaptação ativa às necessidades da criança. Para que haja uma dedicação que caracterize a maternagem suficientemente boa, é necessário que a mãe possa entrar em um estado de "preocupação materna primária" (Winnicott, 1963c/1990), envolvendo-se mais com o bebê. Nesse período, ela precisa dispor de um ambiente protetor, o que certamente é facilitado com a presença de uma figura paterna atenta, sensível e provedora, capaz de lhe oferecer um sentimento de segurança e apoio, assim como substituí-la quando necessário (Winnicott, 1946/1987; 1963c/1990). É neste sentido que se pode interpretar a maior preservação dos vínculos familiares como um fator positivo para o desenvolvimento emocional dos filhos.

Por outro lado, este ambiente suficientemente bom para a mãe não isenta de outras dificuldades que podem surgir na relação com o bebê, por questões tão diversas como a inexperiência ou a imaturidade. Cabe também lembrar que o desenvolvimento emocional prossegue em consonância com o ambiente, podendo ser observada uma falta de disponibilidade das famílias para exercerem uma função continente com os filhos na adolescência (Winnicott, 1975). Por isso, embora haja uma diferença importante entre os sujeitos mais assíduos e os adolescentes menos assíduos no que diz respeito a rupturas de vínculos familiares, permitindo inferir que estes últimos tenham experimentado impactos em uma fase muito inicial do desenvolvimento, isso não quer dizer que não tenham existido problemas nesse mesmo período de vida dos jovens com maior assiduidade e/ou dificuldades familiares para sustentação da continência ao longo dos anos. Somente estudos mais

aprofundados com estas famílias – especialmente pesquisas envolvendo as mães – poderão responder e confirmar estas hipóteses.

Esta atenção especial às dificuldades para o envolvimento da díade mãe-bebê justifica-se pelo fato de a criança deixar de experimentar um sentimento de continuidade de cuidados, que é básico para a construção de um núcleo interno de confiança em si e no mundo. As consequências são percebidas na menor capacidade de se relacionar com a realidade objetiva (Winnicott, 1969/1975), assim como de se preocupar com o outro (Winnicott, 1963b/1979). Em termos clínicos, estas rupturas vividas precocemente dificultam a travessia que culmina no alcance da posição depressiva, marcada pelo reconhecimento do objeto como pertencente à realidade externa, vital para a própria sobrevivência e fonte de bondade da qual se pode nutrir. Daí a busca ansiosa para voltar às condições propiciadoras da integração de impulsos amorosos e agressivos, por meio de comportamentos reivindicatórios (e por isso mesmo, antissociais) ao ambiente. Estas manifestações são dirigidas inicialmente à família e quando não atendidas, repercutem na escola, sinalizando esperança de continência neste ambiente (Winnicott, 1956/1987).

Por isso, as informações sobre evasão escolar assumem importância como indicador da confiança ainda existente neste espaço de socialização extrafamiliar. Percebe-se que menos de um terço dos entrevistados encontra-se matriculado na escola, evidenciando alguma esperança de continência neste ambiente. Estes são os que conseguem cumprir a medida com assiduidade regular ou irregular. A maioria, porém, recusa a possibilidade de um retorno à escola, denotando frustração com este espaço que não evidencia disponibilidade para uma tentativa de reinserção (S28: “De que adianta ter planos se não vai dar em nada?”). Outros jovens, mais do que frustração, transmitem indiferença, revelando que há algum tempo já desistiram do ambiente escolar.

Considerando que o abandono dos estudos ocorre especialmente entre os 11 e 12 anos de idade, a recusa à escola pode constituir mais um sintoma da fragilidade frente aos processos de mudança que deverão chegar com a adolescência. Para Emmanuelli (2011), a criança que está saindo da latência pressente o afrouxamento dos laços com os primeiros objetos e passa a atacá-los para livrar-se deles. Ocorre então uma inibição intelectual nesta fase, devido à mobilização defensiva do pensamento contra a perda futura.

Outra hipótese para a recusa aos estudos refere-se ao temor da submissão que caracteriza a conduta opositora, levando o indivíduo a se fechar em uma atitude de recusa (Jeammet & Corcos, 2005). Afinal, o contexto de aprendizagem, necessariamente, passa pela condição de dependência (do professor), envolvendo algum nível de submissão/passividade.

Segundo Marcelli e Braconnier (2007), o medo da passividade está entre os fatores internos que favorecem as patologias do agir, por remeter à submissão infantil e às tendências homossexuais, induzindo o adolescente a negá-la, recorrendo à ação.

Estes achados vêm ao encontro de pesquisas que demonstram a importância de intervenções preventivas com crianças que apresentam queixas de comportamento no ambiente escolar. São estudos que revelam o quanto a agressividade infantil encontra-se associada ao desinvestimento familiar (Souza, Soldatelli & Lopes, 1997), muitas vezes por dificuldades no exercício da maternagem (Basaglia & Souza, 2005), favorecendo a emergência de funcionamentos psíquicos marcados por ansiedades persecutórias (Souza & Castro, 2004; Sandri & Souza, 2005). Por isso, para estes adolescentes, a prática da rematrícula escolar como formalização de um procedimento pode representar mais um sinal da falta de escuta dos adultos às necessidades de seu mundo interno, que demanda aprendizados prévios, de ordem emocional, antes de poder abrir-se para a aprendizagem escolar.

Basta observar, no Método de Rorschach, o quanto a energia cognitiva é colocada a serviço de mecanismos defensivos. Para muitos adolescentes (especialmente aqueles com assiduidade irregular e sem assiduidade), o esforço intelectual precisa evitar a ameaça de desorganização psíquica, o que dificulta a flexibilidade e mobilização criativa do pensamento. Além disso, o contato dos adolescentes com esta técnica projetiva evidencia a dificuldade de estabelecer uma distância ótima do instrumento, verificando-se a necessidade aguda de controle do material (F% elevado) e, ao mesmo tempo, a submissão ao engrama (G% predominante), revelando uma aderência que não permite maior pesquisa e investigação do estímulo. Em um nível mais profundo de interpretação, o predomínio da apreensão global indica uma dependência extrema do objeto (Rausch de Traubenberg, 1970/1998), que leva a repetir este modo de apreensão. Dessa forma, percebe-se nestes sujeitos o movimento que subjaz às psicopatologias do agir (Jeammet & Corcos, 2005): a tentativa de controle da distância do objeto visando suportar a dependência.

Bastante ancorados nas formulações winnicottianas sobre os desdobramentos da relação mãe-bebê, Jeammet e Corcos (2005) apresentam todo o percurso de estruturação das bases narcísicas do indivíduo (sentimento de continuidade e segurança interna) proveniente da qualidade das primeiras trocas entre o objeto materno e o bebê, que necessita viver uma experiência de indistinção com a mãe, antes de poder reconhecê-la enquanto realidade externa. Demonstram, com sua análise, que o desenvolvimento da subjetividade envolve o dilema entre alimentar-se dos outros (identificação) e diferenciar-se ao mesmo tempo, dilema

este que se torna crucial na fase da adolescência, quando se impõe a busca de autonomia. Um dos problemas nesta etapa do desenvolvimento refere-se justamente à dificuldade nos processos de troca e de interiorização, bloqueando os mecanismos de identificação que promovem o crescimento da personalidade. A atitude de oposição consiste em uma das saídas psíquicas encontradas na adolescência para fazer face à questão da dependência do objeto. Ela promove uma solução de compromisso entre o desejo de proximidade e a necessidade de se diferenciar, utilizando o agir em substituição ao trabalho psíquico de consciência e elaboração da ambivalência de sentimentos:

> "Opondo-se, o adolescente apoia-se sobre o adulto ao qual ele se confronta, sem ter que tomar consciência deste apoio e arranjando seu narcisismo e sua autonomia por meio da afirmação de sua diferença. Neste tipo de relação, a busca de limite prevalece sobre a mudança, a aparência sobre a interioridade." (Jeammet & Corcos, 2005, p.74)

O estudo das cinestesias no Método de Rorschach traz à tona a dificuldade nos processos de identificação em todos os grupos de adolescentes, os quais evidenciam um temor ao envolvimento com o outro (ausência ou poucas respostas de movimento humano inteiro), apesar do anseio por contato (respostas de tonalidade do tipo textura). Todavia, analisadas em conjunto com os fatores de socialização (F+%, F+%ext, D%, A%) e de manejo dos afetos (respostas Cor), elas traduzem um modo específico a cada grupo de se posicionar contra o outro, que parte da recusa até chegar à negação.

Identificação dos pontos de ruptura no desenvolvimento emocional

A manifestação da tendência antissocial constitui uma busca por continência, na tentativa de retomar o desenvolvimento emocional a partir do ponto em que houve uma precoce ruptura. É a partir desta concepção de Winnicott (1956/1987) sobre a expressão agressiva da criança e do adolescente que são analisados os diferentes resultados obtidos em cada grupo no Método de Rorschach.

Grupo com assiduidade regular

O grupo com assiduidade regular é o que apresenta menos dificuldades quando comparado aos demais, considerando-se a capacidade de inserção na realidade (F+% acima dos valores normativos, A% dentro da média). Suas dificuldades concentram-se nos aspectos

identificatórios, percebendo-se um anseio por contato nas respostas de tonalidade, projeção em partes humanas (rosto), mas uma recusa ativa ao envolvimento com o outro (inibição cinestésica, desvitalização de conteúdos, pouco uso da cor indicando repressão dos afetos). Surpreende o elevado índice de angústia patológica dos sujeitos, que contrasta com o traquejo e a pseudoabertura no falar. No discurso e no método de Rorschach, evidencia-se o esforço de controle para evitar conteúdos que possam ser interpretados como negativos, visando aparentar a ausência de dificuldades (no discurso, a inexistência de problemas no cumprimento da medida socioeducativa, na escola ou junto à família; no Rorschach, a intelectualização excessiva, produzindo protocolos áridos). Estes resultados, associado ao susto e/ou indignação dos pais em relação à conduta delinquente, levam a crer em um movimento psíquico de autosabotagem por partes destes adolescentes.

Segundo Jeammet e Corcos (2005), a autosabotagem ou autodestrutividade implica o direcionamento de impulsos destrutivos a atividades ou potencialidades anteriormente investidas pelo jovem ou por seus pais. A conduta delinquente consiste em uma atuação visando manter distância do objeto de investimento e a tudo o que vincula o adolescente a este último. Para sentir-se autônomo, o indivíduo começa a rejeitar uma parte de si mesmo, de modo a não experimentar qualquer dívida com este objeto, passando a buscar uma autoafirmação pela identidade negativa. A rejeição encobre uma inveja, levando a um apragmatismo ativo, isto é, uma recusa do investir, para não corresponder às expectativas do objeto, escapando ao seu domínio. Gradualmente, esta recusa pode resultar em uma perda da capacidade de investimento afetuoso, ao mesmo tempo em que possibilita esquivar-se da angústia despertada pelas relações objetais, pela sensação imaginária de estar livre deste vínculo:

> "Não se pode viver de fato sem aspirações e necessidades. Recusar atendê-las permite manter uma tensão interna constante que é sempre possível de não satisfazer, mas que dá ao sujeito o sentimento de existir. Enquanto todo prazer tem um fim, a não-satisfação não o tem, oferecendo, assim, uma defesa duvidosamente eficaz das angústias, tanto de castração como de abandono. (...) essa recusa autoriza uma percepção do objeto e mais amplamente da realidade, embora suprima uma parte de sua significação, particularmente a afetiva. (...) Recusando de antemão o que poderia, especialmente pelo prazer obtido, religá-lo ao objeto, o adolescente assegura-se um domínio da situação que pode fazê-lo crer que ele se tornou autônomo e independente desse vínculo, sem perceber sua alienação em um comportamento de recusa, que só pode se autoalimentar, já que mantém intacta, e mesmo, de fato, aumentada, a necessidade que ele presume ter ultrapassado. " (Jeammet e Corcos, 2005, p.78-79).

Considerando as formulações teóricas sobre a evolução do desenvolvimento emocional, estes adolescentes parecem inibidos na consolidação do que Winnicott (1963b/1987) denomina de "capacidade de se preocupar", o que implica reconhecer o vínculo

com o objeto e amá-lo, apesar de suas falhas. Esta capacidade pressupõe a integração, na mente do bebê, da mãe-objeto e da mãe-ambiente, iniciando um processo gradual de instauração de um ciclo benigno de contribuição ao objeto, em substituição ao uso impiedoso que caracteriza o amor primitivo.

Note-se que a capacidade de se preocupar é uma aquisição mais tardia no desenvolvimento emocional, quando já houve uma experiência de fusão ótima entre o lactente e a mãe, possibilitando o fenômeno de ilusão e o provimento de uma base segura para o desmame, isto é, a lenta e gradual descoberta do objeto como realidade externa. O ciclo benigno de contribuição ao objeto tem início quando, em circunstâncias favoráveis, a mãe-objeto sobrevive aos movimentos do bebê que reúnem ataque e destruição, enquanto a mãe-ambiente permanece empática, pronta para receber o gesto espontâneo da criança e alegrar-se com isso. O sentimento de ansiedade despertado pela ambivalência de sentimentos pode então modificar-se com a expectativa crescente na existência de oportunidades para contribuir. A culpa gerada por um uso impiedoso do objeto é mitigada na relação com a mãe-ambiente, permitindo maior audácia na liberação da vida instintiva e o estabelecimento da confiança no ciclo benigno caracterizado pela ansiedade-capacidade de contribuir - reparação.

Winnicott (1963b/1987) lembra que a criança não imagina somente devorar o objeto quando realiza seus ataques à mãe-objeto, mas também tomar posse de seus conteúdos, o que vai ao encontro das observações de Jeammet e Corcos (2005) sobre a inveja existente na recusa. É como se a falta de confiança na existência de oportunidades para contribuir à mãe-ambiente levasse a uma inibição da capacidade de se relacionar com o objeto como um todo. Este passa a ser recusado porque repleto de conteúdos desejados.

Não é à toa, portanto, que o resgate dos impulsos amorosos permite sustentar o compromisso com a medida socioeducativa, a exemplo das falas dos sujeitos S4, S6 e S12, que mencionam vínculos significativos como motivação para o cumprimento da sentença. Parece haver, nestes casos, a emergência de uma esperança na consolidação do ciclo benigno a que se refere Winnicott (1963b/1987), que culmina em uma experiência de reparação.

Poder-se-ia pensar, a partir deste entendimento, que a medida de prestação de serviço à comunidade seria a mais indicada para estes sujeitos, fornecendo uma oportunidade concreta de reparação à sociedade. Ledo engano. Ao tratar da adolescência em “O brincar e a realidade”, Winnicott (1968/1975) afirma que nesta fase do desenvolvimento ainda não é possível saber o quanto a contribuição social do trabalho é capaz de diminuir o sentimento de culpa próprio dos impulsos agressivos inconscientes. Na realidade, independentemente da medida socioeducativa aplicada, parece que um salto qualitativo no desenvolvimento

emocional destes adolescentes pode ser obtido a partir do investimento nos vínculos, incluindo a ligação do jovem com a sentença (ou quem a representa, entre técnicos e educadores que o acompanham). A desatenção a esta fragilidade do funcionamento psíquico destes jovens, por sua vez, pode induzir a um cumprimento meramente formal da medida, uma vez que os sujeitos apresentam uma assiduidade regular, mas são pouco disponíveis para um envolvimento com a proposta de responsabilização e socioeducação. Inadvertidamente, o trabalho de acompanhamento pode considerar que estes adolescentes encontram-se "bem adaptados" pelo fato de apresentarem uma frequência satisfatória, quando na realidade encontram-se bastante angustiados frente aos desafios da adolescência, buscando uma autonomia que não pode confiar ou se apoiar no outro, a não ser pela recusa.

Grupo com assiduidade irregular

Ao contrário dos sujeitos com assiduidade regular, observa-se que os adolescentes do grupo com assiduidade irregular apresentam maior disposição para o envolvimento, evidenciada nas entrevistas, pela sinceridade ao abordar algumas temáticas, como o uso de drogas, questões familiares e, no Rorschach, pela expressão imaginativa e busca de identificação (maior quantidade de cinestesias, incluindo respostas de cinestesias humanas inteiras, mas também movimentos animais, de objeto e partes humanas). Ao mesmo tempo, contratransferencialmente, vislumbra-se a angústia e a desconfiança no contato, que se revelam nos protocolos do Rorschach pela presença de conteúdos anatômicos, representações humanas parciais e projeções de imagens assustadoras ou ameaçadoras, expressando aspectos persecutórios da realidade interna. É marcante a ausência de cinestesias relacionais, a desvitalização dos conteúdos humanos e o superinvestimento em representações fantásticas, denotando menor condição de aceitar o movimento das pulsões. A capacidade de inserção na realidade é mais frágil (D% abaixo da norma, A% abaixo dos padrões normativos em metade dos protocolos), notando-se o efeito extremamente invasivo e desorganizador da cor sobre os processos de pensamento, que culmina na emergência de respostas de conotação patológica (conteúdos anatômicos e humanos parciais de má qualidade formal). Nota-se, assim, o esforço de isolamento dos afetos (F% elevado, respostas de tonalidade em pranchas cromáticas, não integração da cor vermelha) visando à preservação do contato e domínio da realidade objetiva.

Estes sujeitos parecem experimentar a vida pulsional como algo violento, considerando-se como violência tudo aquilo que é da ordem do excesso (Jeammet & Corcos,

2005). Talvez por isso, apesar da busca de identificação, tendam ao afastamento, pois a proximidade traz o contato com a intensidade do próprio desejo. Deve assustá-los a passividade frente a esta força interna, que indica a importância do outro, tornando o sentimento de dependência insuportável. O excesso imaginativo parece promover um distanciamento do objeto, que por vezes assume a forma de dissociação, produzindo projeções deformadoras. Não se trata de um movimento de recusa ativa, como observado no grupo com assiduidade regular, mas uma fuga para um espaço intermediário entre a realidade interna e externa, nem sempre bem articulada pelas defesas psíquicas.

Em termos de desenvolvimento, estes adolescentes parecem ter alcançado condições mínimas de integração (Winnicott, 1945/1993), tendo vivenciado possíveis rupturas durante a experiência de ilusão, quando emergem os fenômenos transicionais e o uso do objeto transicional. Eles iniciam o indivíduo no contato com o mundo objetivamente percebido, instaurando uma zona intermediária de contato com a realidade que favorece a passagem vivenciada pela criança entre o puramente subjetivo e a objetividade (Winnicott, 1951/1993).

Winnicott (1951/1993) esclarece que o objeto transicional porta um simbolismo, ao representar o seio materno. Nesse sentido, ele indica que já existe alguma diferenciação para o bebê entre o objeto subjetivamente concebido e o objeto objetivamente percebido. Contudo, a importância do objeto transicional reside em sua localização intermediária entre o dentro e o fora, a meio caminho entre as realidades interna e externa, não cabendo indagar se sua natureza é objetiva ou subjetiva. Se tudo corre bem, isto é, se há uma sustentação de um ambiente emocional externo e da disponibilidade de elementos do ambiente físico para um uso como objeto transicional, observa-se a consolidação deste espaço intermediário pessoal, refletido no brincar e, mais tarde, nas experiências culturais artísticas e religiosas. No entanto, se ocorre uma desilusão abrupta, tem-se como consequência um uso distorcido do objeto transicional e/ou psicopatologias manifestadas na área dos fenômenos transicionais (fantasiar), que afetam o relacionar-se com objetos reais. A dissociação pode constituir uma destas manifestações, onde o indivíduo experimenta realizações em fantasia que não se concretizam no viver real (Winnicott, 1975).

Neste sentido, cabe lembrar que a tendência à projeção cinestésica entre os adolescentes do grupo com assiduidade irregular é caracterizada justamente pelo predomínio de cinestesias menores, que implicam menor capacidade de realização (Rausch de Traubenberg, 1970/1998), apesar de revelarem – como as respostas humanas inteiras – um dinamismo interior. A imaginação exacerbada faz pensar em uma tentativa de domínio do estímulo que passa por diferentes graus do fantasiar. Nota-se que os processos de pensamento

geram respostas que podem até conter um elemento criativo, mas resvalam para um espaço mental outro, que não considera mais a realidade objetiva do material, passando a um controle mágico do percepto. Estes sujeitos denotam uma pré-disposição a uma retomada aos estádios primitivos, no qual os fenômenos transicionais são incontestáveis, quando não há questionamentos sobre a natureza objetiva ou subjetiva das percepções.

Deve-se ressaltar que o objeto transicional só pode ser usado pelo bebê se o objeto interno (o seio introjetado) for vivo e real e isto depende da vivacidade, realidade e comportamento do objeto externo (mãe suficientemente boa). O fracasso do objeto externo desperta uma qualidade persecutória no objeto interno, podendo resultar no esvaziamento de sentido deste último, dependendo da persistência da inadaptação às necessidades do bebê (Winnicott, 1951/1993). É este aspecto da realidade dos objetos internos que se verifica na análise dos protocolos deste grupo, corroborando a hipótese de que, se houve falhas no processo de desenvolvimento emocional, elas se concentraram em um período posterior à diferenciação mínima entre interno e externo, mas anterior à possibilidade de usufruir da experiência com os objetos reais, vivenciando a tensão de amá-los e odiá-los.

Por isso, entre estes sujeitos, a excitação desorganizadora causada pelas emoções precisa ser expulsa. O uso de drogas, citado por vários adolescentes deste grupo, canaliza esta excitação para um elemento do mundo externo. Ela expressa uma regressão ao período dos fenômenos transicionais (Winnicott, 1951/1993) e desperta uma sensação de controle todo-poderoso que o indivíduo não pode aplicar à realidade interior (Jeammet & Corcos, 2005). Mas há outra forma de canalizar esta excitação, mais sutil devido à aparência de amadurecimento e inserção social. Refere-se à escolha de atividades laborais que extenuam o corpo. Na verdade, estes trabalhos representam um superinvestimento no controle perceptivo-motor, favoráveis à dissociação (“distrai a mente”), que pouco contribuem para as mudanças internas necessárias a uma aproximação com a realidade (tolerância à passividade, à frustração e à ambivalência de sentimentos), promovendo maturidade genuína. Mais uma vez, nota-se quão sutil pode ser a diferença entre um comportamento socialmente adaptado e uma inserção social ancorada no desenvolvimento da capacidade de aceitar o princípio de realidade e usufruir das trocas nas relações objetais.

Segundo Jeammet e Corcos (2005), as psicopatologias na adolescência resultantes de uma frágil estruturação das bases narcísicas poderão repercutir sobre o desenvolvimento da personalidade, bloqueando os mecanismos de identificação, e sobre o desenvolvimento mental, entravando as possibilidades de representação. Nesse sentido, o grupo sem

assiduidade é o que apresenta, indubitavelmente, maior comprometimento em termos de desenvolvimento emocional.

Grupo sem assiduidade

Este grupo evidencia um funcionamento mais projetivo, com impacto significativo para a capacidade de inserção na realidade (rebaixamento de F+% e F+%ext), assim como severa inibição dos processos de pensamento (restrita produtividade, A% elevado) e maior grau de dificuldade nos processos de identificação (choque cinestésico). A intelectualização excessiva associada ao empobrecimento das associações revela uma tentativa de domínio do material que não passa por um trabalho psíquico mais elaborado, ancorado no deslocamento. Parece um movimento defensivo contra o peso da realidade do estímulo e todas as suas solicitações latentes, apoiando-se em banalidades e associações estereotipadas (conteúdos animais) com a finalidade de preservar o mundo interno. Contudo, a fragilidade das defesas não consegue impedir o transbordamento de imagens agressivas, assim como a emergência de representações ligadas a necessidades afetivas primárias (respostas FE de textura de má qualidade formal), deixando entrever a destrutividade e a avidez presentes na realidade interna.

Estes sujeitos parecem evidenciar um psiquismo que luta por permanecer isolado da realidade compartilhada, a partir de uma adaptação muito básica que possui um valor de defesa da vida interior, mantida o mais incomunicável possível. Daí o estranhamento no contato com estes adolescentes, cuja "carapaça adaptativa" dificulta uma troca mais espontânea e autêntica.

Ao descrever os estádios primitivos do desenvolvimento emocional, Winnicott (1952/1993) refere-se à clivagem que pode ocorrer entre o indivíduo e o meio, devido ao fracasso na adaptação ativa do ambiente inicial (mãe) às necessidades do bebê. Normalmente, a criança experimenta um estado de isolamento imperturbado, vindo a descobrir o ambiente através de um movimento espontâneo que é atendido prontamente, possibilitando o fenômeno de ilusão que reforça um sentido de self. O fracasso na adaptação ativa propiciada pela figura materna torna seus movimentos invasivos para o bebê, produzindo uma perda do sentido de self, que só é recuperado por meio do isolamento. O resultado é denominado por Winnicott (ibid) de "distorção psicótica da organização meio ambiente-indivíduo", pois cada vez mais o isolamento vai se constituindo como uma organização defensiva em repúdio à invasão

ambiental. O resultado desta clivagem é uma vida interior secreta, incomunicável e por isso mesmo, pouco nutrida de elementos da realidade externa.

Em outro texto, Winnicott (1969/1975) enfatiza o papel da destrutividade na aquisição da capacidade de usar o objeto e, consequentemente, iniciar trocas com a realidade externa, fora da área de controle onipotente. Este processo é por ele descrito da seguinte forma:

a) Há um relacionamento inicial com o objeto;
b) O objeto não é colocado no mundo, mas encontrado pelo bebê;
c) O bebê ataca o objeto, permitindo-lhe uma posição externa, isto é, fora da área de projeção;
d) O objeto sobrevive à destruição, sem retaliações;
e) O objeto pode agora ser usado, o que significa que ele se tornou real e passível de ser amado enquanto entidade própria "e não um feixe de projeções" (Winnicott, 1975, p.123).

Os sujeitos do grupo sem assiduidade parecem aprisionados neste funcionamento mais primitivo, onde o isolamento da vida interior tornou-se uma defesa e a agressividade ao meio externo uma necessidade de retorno a um ponto crucial de ruptura no desenvolvimento, a saber: a experiência de confirmação da sobrevivência do objeto. Naturalmente, cada vez mais a tendência antissocial exigirá uma continência mais severa e forte, para permitir a recuperação dos impulsos primitivos de amor (Winnicott, 1946/1987). Mas esta compreensão mostra o quão inadequado pode ser o sistema judiciário ao promover o arquivamento dos autos de um adolescente que se muda para um endereço não informado, como forma de escapar ao cumprimento da medida socioeducativa. Do ponto de vista psíquico, este procedimento alia-se às defesas psíquicas que mantêm este jovem em uma relação muito limitada com a realidade externa.

Contribuições à psicologia jurídica decorrentes dos achados da pesquisa

Em "O brincar e a realidade", Winnicott (1975) relata o caso de um garoto de sete anos, com queixa de distúrbio de caráter, que desenvolveu uma atração/preocupação por cordões. Após compreender o uso de cordões como uma tentativa de lidar com o temor da separação, Winnicott (ibid) passou a orientar a família, de tempos em tempos até os 11 anos de idade do garoto. As adversidades da vida, porém, não foram favoráveis à manutenção de

um ambiente que provesse segurança e confiança ao menino, de modo que, na adolescência, ele abandonou os estudos e desenvolveu dependência química. Para Winnicott (ibid), que entendia ambos os sintomas como manifestações decorrentes de rupturas no desenvolvimento emocional, particularmente na área dos fenômenos transicionais, ficara uma preocupação: um especialista que assumisse o caso teria este entendimento?

É uma ponderação semelhante que se extrai do presente trabalho. Os resultados aqui obtidos apontam fragilidades psíquicas entre os adolescentes que cumprem medida socioeducativa em meio aberto, no campo das identificações, das possibilidades de investimento objetal e inserção na realidade. Em que medida as questões do desenvolvimento emocional são consideradas no trabalho de acompanhamento socioeducativo?

Percebe-se que a medida socioeducativa não traz um ganho terapêutico em si mesma, dependendo, para isso, do envolvimento do adolescente com a proposta apresentada. No entanto, há uma recusa que se antecipa a qualquer proposta de trabalho, constituindo uma característica comum a estes jovens, que dificulta este envolvimento. Neste sentido, uma contribuição significativa para o crescimento destes adolescentes – e consequentemente para mudanças em seu posicionamento frente à sociedade - pode ser alcançada se o cumprimento da sentença judicial for enriquecido com um olhar clínico sobre as demandas de ordem afetiva. Não se trata de suavizar o aspecto punitivo da pena, reduzindo as exigências feitas ao adolescente, mas de fortalecer a função do profissional de psicologia como parte desta equipe de acompanhamento, utilizando o conhecimento especializado para favorecer o delineamento de intervenções mais individualizadas e focadas em uma inserção social sustentada na aproximação da realidade objetiva.

Esta forma de atuação terá implicações práticas:

- Primeiramente, há que se investir tempo e atenção em um psicodiagnóstico mais aprofundado, que inclua outros instrumentos além da entrevista, ampliando a compreensão sobre o funcionamento psíquico dos jovens em conflito com a lei. Atualmente, esta primeira avaliação é realizada no Poder Judiciário, com a finalidade – bastante questionada do ponto de vista técnico e ético (Frasseto, 2005; Whitaker, 2010) - de indicar a medida socioeducativa mais adequada ao adolescente. Trata-se de implantar uma premissa diferente na elaboração dos laudos psicológicos, que deixariam de enfocar a caracterização do adolescente em relação ao ato infracional (nega/confirma, arrepende-se/não se arrepende) para apresentar suas condições de desenvolvimento. Trata-se, ainda, de uma nova premissa de atuação também para o psicólogo judiciário, que deixaria o papel de julgador para assumir uma função muito mais delicada e complexa: a de ajudar o adolescente a perceber a si mesmo, antes e depois da

medida socioeducativa, além de implicar as famílias no cumprimento da sentença de seus filhos, sensibilizando-as em relação aos seus deveres de cuidado e continência.

- Em segundo lugar, faz-se necessária uma articulação entre os profissionais do Poder Judiciário e do Poder Executivo (estes últimos responsáveis pelo acompanhamento da medida socioeducativa), assegurando que as informações técnicas fluam mais rapidamente a serviço da intervenção com o adolescente. A medida socioeducativa possui um prazo muito limitado, o que demanda uma estreita relação entre as equipes do judiciário e da prefeitura, unindo e otimizando esforços para que este período adquira significado na vida do adolescente.

- Dentro das equipes de acompanhamento, as discussões de caso serão importantes para viabilizar a sintonia entre os diferentes profissionais envolvidos (psicólogo, assistente social, educador), cujas especialidades precisarão estar bem estabelecidas para serem esclarecidas aos adolescentes. A indiscriminação do sistema, do trabalho técnico e das identidades profissionais pouco contribui para o entendimento da medida socioeducativa por parte destes adolescentes, além de favorecer a emergência de uma representação maciça de vigilância e punição, que desperta ansiedade e, possivelmente, aumenta a recusa.

Naturalmente, não se pode esperar uma intervenção pautada no atendimento psicoterapêutico individual, pois não há disponibilidade ou demanda por parte destes adolescentes, cuja expectativa é a de cumprir a medida socioeducativa o mais rapidamente e com o menor esforço possível. Além disso, é preciso considerar a brevidade do período da medida socioeducativa em meio aberto, que costuma ser aplicada entre seis meses a um ano.

Por outro lado, Jeammet e Corcos (2005), influenciados pela teoria winnicottiana, lembram que os adolescentes que se expressam pela via do comportamento são aqueles que precisam de um quadro de continência do meio, para apaziguar seus conflitos e dar-lhes sentido. O desafio da medida socioeducativa em meio aberto reside justamente na oferta deste quadro de continência sem a restrição da liberdade. Mais uma vez, são os autores Jeammet e Corcos (2005) que apresentam algumas premissas de trabalho que podem ser adequadas à realidade do acompanhamento dos adolescentes que cumprem liberdade assistida ou prestação de serviço à comunidade. Dizem eles:

a) Adolescentes cujas fragilidades psíquicas envolvem falhas na elaboração da função de continência necessitam que a realidade externa torne os investimentos objetais narcisicamente toleráveis. Para isso, o ambiente precisa promover ações concretas capazes de corrigir ou moderar os aspectos assustadores e constrangedores dos objetos internos, favorecendo a humanização do Id e do Superego.

b) A intervenção não pode ancorar-se apenas no uso da palavra, pois a fala excessiva do adulto e a solicitação para que o jovem se expresse são sentidas como intrusivas, despertando conflitos e defesas regressivas.
c) Faz-se necessário um jogo de trocas e atividades compartilhadas que permitam ao adolescente não sentir o peso da presença do adulto (sua realidade física e sexual), assim como um bebê não percebe o peso da presença materna. Nesse sentido, o adulto é desafiado a criar momentos privilegiados, capazes de permitir uma expansão dos recursos psíquicos destes jovens, possibilitando a gradativa aceitação da vida pulsional, capaz de minimizar a necessidade de projeção da agressividade sobre o mundo externo e a passagem ao ato destrutivo.
d) Em todos os níveis de cuidado, as atitudes em relação aos adolescentes devem revelar a concepção de seu funcionamento psíquico. Assim, onde eles temem o confronto com desejos passivos, deve-se propiciar-lhes o sentimento de um papel ativo; onde se sentem ameaçados pela invasão da sexualidade da qual o objeto é representante, deve-se oferecer-lhes espaços relativamente neutros onde possam desenvolver um prazer de funcionamento.
e) O trabalho sobre os limites e fatores de diferenciação torna-se primordial em todos os níveis: diferenciação entre dentro e fora, entre os profissionais envolvidos.

Considerando estes direcionamentos, nota-se que a expressão mais fecunda do trabalho do psicólogo na equipe de acompanhamento da medida socioeducativa em meio aberto é, de fato, conseguir torná-la suportável para estes adolescentes, viabilizando seu cumprimento. Suportável no sentido de um enquadre mais continente e menos ameaçador do ponto de vista psíquico.

Para os adolescentes com maior condição de manter uma assiduidade regular, a tolerância à medida socioeducativa torna-se mais fácil em termos de frequência, mas exige atenção especial às oportunidades de envolvimento em jogos e atividades compartilhadas, que contribuam para atenuar o mecanismo anti-introjetivo que os caracteriza, dificultando os processos de troca e identificação.

Para os jovens cuja frequência é irregular, propostas baseadas em materialidades mediadoras, com a função de propiciar vivências que resgatem um espaço de transicionalidade por meio da criação.

E para os adolescentes cuja recusa é total, manter um trabalho de busca ativa sem uma conotação persecutória, buscando-se construir alternativas de acompanhamento e

execução de atividades que imprimam um ritmo e um formato à medida socioeducativa que possam ser apropriados por estes sujeitos.

Nem a família, nem a escola poderão ser negligenciadas neste trabalho. No que diz respeito à família, o acompanhamento precisa incluir propostas de sensibilização e implicação que previnam a conivência com o descumprimento da medida socioeducativa e, se possível, favoreçam novos olhares em relação aos filhos. Quanto à escola, propostas de um engajamento gradativo podem ser discutidas, visando a uma reaproximação do universo da aprendizagem formal mais consistente do que a simples rematrícula.

Tudo isso exige um grande investimento financeiro em qualificação técnica, recursos materiais e humanos, manutenção de espaços, assim como dedicação e tempo para articulação de parcerias profícuas. Exige também novos estudos, discussões, experimentos e avaliações dos modelos adotados para o acompanhamento das medidas socioeducativas em meio aberto. Mas certamente esta preocupação traz benefícios para toda a sociedade, pois ela traduz, em última instância, o cuidado que se deseja oferecer aos indivíduos - ainda em fase de desenvolvimento - para que ganhem um sentimento de pertinência à coletividade, podendo usufruir e colaborar com ela.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A riqueza dos dados coletados com o Método de Rorschach não só comprova a eficiência deste instrumento no contexto jurídico, mas principalmente revela a existência de diferentes psicodinâmicas (individuais e familiares) de um público que costuma ser atendido de forma homogênea. Isto significa, em outras palavras, que o sistema de atendimento socioeducativo (na sua parceria com o Poder Judiciário e no que concerne ao trabalho psicológico) não atende às diferentes necessidades de desenvolvimento apresentadas pelos jovens que cumprem medida socioeducativa. Ao contrário, pode mesmo estabelecer uma aliança com aspectos não saudáveis dos adolescentes, ao solicitar o encerramento da medida cumprida por adolescente assíduo, mas pouco envolvido com a proposta socioeducativa ou arquivar o processo de um jovem que não cumpriu a sentença por encontrar-se em paradeiro ignorado. Em ambos os casos, negligencia-se o temor ao envolvimento com o outro que caracteriza estes adolescentes, de maneira geral.

Não se trata, porém, de propor a instauração de um novo critério para a definição da medida socioeducativa, argumentando em favor de penalidades mais severas àqueles que, possivelmente, terão maior dificuldade de cumprimento da sentença judicial. Esta proposta em nada modificaria o cenário atual, onde a realização de uma única entrevista leva, por exemplo, à indicação da privação de liberdade para os jovens que não contam com respaldo familiar, penalizando-os duplamente: pela infração e pelo abandono. A compreensão do fenômeno da assiduidade visa a um acompanhamento mais efetivo, mais continente, mais significativo para estes jovens que em breve completarão a maioridade e poderão estar mais próximos ou mais distantes das regras do convívio social, dependendo do quão foram ajudados no sentido do desenvolvimento emocional.

A partir dos resultados aqui obtidos, percebe-se o quanto o papel do psicólogo judiciário no âmbito das medidas socioeducativas pode ser fortalecido se o profissional tiver condições de restringir sua atuação àquilo que a teoria e a técnica lhe permitem fazer. Ao invés de indicar penalidades cabíveis ao adolescente, assumindo inadvertidamente a função de julgador, o perito pode contribuir com sua avaliação psicodiagnóstica para o melhor atendimento do sujeito, seja qual for a medida socioeducativa aplicada. Ao limitar seu papel ao campo da saúde, ele pode apresentar subsídios a respeito das fragilidades de desenvolvimento emocional identificadas na avaliação, trabalhando mais próximo às equipes de acompanhamento de medida socioeducativa. Se por um lado estas informações podem não

servir à definição da sentença propriamente, mostram-se valiosas para os técnicos que ajudarão o adolescente a cumpri-la, lutando para tornar o tempo limitado de trabalho o mais frutífero possível, no sentido de propiciar experiências de aproximação e inserção na realidade que favoreçam o desenvolvimento da capacidade de identificação.

Talvez muitos continuem não podendo usufruir daquilo que lhes é oferecido como suporte, percorrendo caminhos que sabidamente conduzem à prisão ou à morte. Outros tantos, como diz Winnicott em vários textos, tornar-se-ão psicopatas, pessoas desesperadas em busca de um sentimento de culpa (Winnicott, 1956, 1958, 1975). Mas somente estudos de seguimento, pesquisas continuadas sobre o encaminhamento destes adolescentes poderão dizer se os esforços de sensibilização à alteridade, realizados ao longo da medida socioeducativa, foram ou não eficazes. Não se pode esquecer que entre a juventude e a idade adulta muitas experiências irão compor a trajetória destes adolescentes, com impactos e significados diversos. Além disso, as vicissitudes inerentes ao viver trarão exigências e imposições que podem contribuir para despertar questionamentos sobre o modo de ser e estar no mundo, com as pessoas. De toda forma, ainda que um número ínfimo de adolescentes venha a ter uma experiência significativa e crucial para seu desenvolvimento ulterior durante a medida socioeducativa, é toda a sociedade que se beneficia de sua evolução emocional, fazendo valer a pena as tentativas de cuidado nesse período.

REFERÊNCIAS[1]

Aberastury, A., & Knobel, M. (1981). **Adolescência Normal**. Porto Alegre: Artes Médicas.

Associação Brasileira de Magistrados e Promotores de Justiça da Infância e Juventude-ABMP. (2008). **O sistema de justice da infância e da juventude nos 18 anos do Estatuto da Criança e do Adolescente – desafios na especialização para a garantia de direitos de crianças e adolescentes.** Brasília: Autor.

Artz, S., Scott, D.G., & Anglin, J.P. (1998). Rites of passage: a conversation on becoming adult. **Child and Youth Care Forum, 27** (5), 355-377.

Amparo, D. M., & Wolf, L. (2012). Avaliação clínica de adolescentes ofensores sexuais: contribuições do método de Rorschach na abordagem psicanalítica (p. 99). **Resumos do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 6** (p. 99). Brasília: Universidade de Brasília.

Augras, M. (1969). **Teste de Rorschach. Atlas e dicionário: padrões preliminares para o meio brasileiro.** Rio: Fundação Getúlio Vargas.

Basaglia, A. E., & Souza, M. A. (2005). Investigação psicológica de mães de crianças agressivas. [CD-ROM] In **Anais do Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas**, 2, Belém, PA: Universidade da Amazônia – UNAMA.

Cabezas, B. S. (2008). **Critérios judiciais de aplicação das medidas socioeducativas**. Dissertação de Mestrado, Direito, Pontifícia Universidade Católica, São Paulo.

Calligaris, C. (2000). **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha.

Capela, S. (2006). **Adolescentes em conflito com a lei**. 21º Curso de Iniciação Funcional – Psicólogos Judiciários, Secretaria de Recursos Humanos, Tribunal de Justiça do Estado de São Paulo.

Chabert, C. (2003). **O Rorschach na clínica do adulto – interpretação psicanalítica**. Portugal, Lisboa: Climepsi Editores.

Chabert,C. (2004). **Psicanálise e métodos projetivos**.São Paulo: Vetor.

[1] De acordo com o estilo APA – American Psychological Association

Corn, V. K. (2007). **A method of discrimination between violent and non-violent offender´s responses on a projective measure.** Dissertação de Mestrado. Chicaco School, Faculdade de Psicologia, Chicago, Estados Unidos.

Emmanuelli, M. (2005). **L´adolescence – Que sais je?** Paris: Presses Universitaires de France.

Emmanuelli, M., & Azoulay, C. (2008). **As técnicas projetivas na adolescência-abordagem psicanalítica**. São Paulo: Vetor.

Emmanuelli, M. (2011). As saídas para o trabalho psíquico da adolescência. **Psicologia em Estudo, Maringá, 16** (1), 51-60.

Estatuto da Criança e do Adolescente. (1990, 13 de julho). Recuperado em 10 de fevereiro, 2010, de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L8069.htm.

Ferreira, L. A. M. (2006). Execução das medidas socioeducativas em meio aberto: prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida. In Ilanud, ABMP, SEDH, UNFPA (orgs.). **Justiça adolescente e ato infracional: socioeducação e responsabilização** (pp. 397-426). São Paulo: Ilanud.

Frank, G. (1994). On the prediction of aggressive behavior from the Rorschach. **Psychological Reports, 75**, p.183-191.

Frasseto, F. (2005). **Avaliação psicológica em adolescentes privados de liberdade: uma crítica à execução da medida de internação.** Dissertação de Mestrado, Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo.

Fundação Telefônica & Instituto Latinoamericano das Nações Unidas para a prevenção do delito e tratamento do delinquente - Ilanud. (2008). **Medida legal: a experiência de cinco programas de medidas socioeducativas em meio aberto.** São Paulo: Autor.

Gacono, C.B. (1990). An empirical study of object relations and defensive operations in antisocial personality. **Journal of Personality Assessment, 54**, 589–600.

Gacono, C., & Meloy, J.R. (1992). The Rorschach and the DSM-III-R antisocial personality: A tribute to Robert Lindner. **Journal of Clinical Psychology, 48**, 393–405.

Gacono, C.B., Meloy, J.R., & Berg, J.L. (1992). Object relations, defensive operations, and affective states in narcissistic, borderline, and antisocial personality. **Journal of Personality Assessment, 59**, 32–49.

Harrington, R.W. (1954). Maladaptive responses to frustration predicted from Rorschach color responses. **Journal of Consulting Psychology, 18** (6), 455-458.

Instituto Latinoamericano das Nações Unidas para a prevenção do delito e tratamento do delinquente. (2007). **Mapeamento nacional das medidas socioeducativas em meio aberto- relatório resumido**. Brasília: Autor.

Jardim-Maran, M. L. C. (2011). **O Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes: normas e evidências de validade**. Tese de Doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Jeammet, P. & Corcos, M. (2005). **Novas problemáticas da adolescência: evolução e manejo da adolescência.** São Paulo: Casa do Psicólogo.

Jiménez, F., & De Diego, R. (1991). El transtorno antisocial de la personalidad a traves del test de Rorschach. **Revista de Psicología General y Aplicada, 44**(1), 75-86.

Klein, M. (1927). Tendências criminosas em crianças normais**.** In M. Klein, **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (pp. 197-213). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Klein, M. (1933). O desenvolvimento inicial da consciência na criança**.** In M. Klein, **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos** (pp. 283-295). Rio de Janeiro: Imago, 1996.

Konzen, A. A. (2006). Reflexões sobre a medida e sua execução (ou sobre o nascimento de um modelo de convivência do jurídico e do pedagógico na educação). In Ilanud, ABMP, SEDH, UNFPA (orgs.). **Justiça adolescente e ato infracional: socioeducação e responsabilização** (pp. 343-365). São Paulo: Ilanud.

Liberati, W. D. (2006). Execução de medida socioeducativa em meio aberto: prestação de serviços à comunidade e liberdade assistida. In Ilanud, ABMP, SEDH, UNFPA (orgs.). **Justiça adolescente e ato infracional: socioeducação e responsabilização** (pp. 367-395). São Paulo: Ilanud.

Liebman, S.J., Porcerelli, J., & Abell, S.C. (2005). Reliability and validity of Rorschach Aggression variables with a sample of adjudicated adolescents. **Journal of Personality Assessment, 85** (1), 33-39.

Marcelli, D., & Braconnier, A. (2007). **Adolescência e psicopatologia**. Porto Alegre: Artmed.

Ostrov, E., Offer, D., Marohn, R. & Rosenwein, T. (1972). The "impulsivity index": its application to juvenile delinquency. **Journal of Youth and Adolescence, 1** (2), 179-196.

Pasian, S.R. (2000). **O psicodiagnóstico de Rorschach em adultos: Atlas, normas e reflexões.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2010.

Passalacqua, A. M., & Gravenhorst, M.C. (2005). **Os fenômenos especiais no Rorschach**. São Paulo: Vetor.

Paula-Jacquemin, R. C. (2011). **Padrões normativos do Psicodiagnóstico de Rorschach em adolescentes de 12 a 14 anos.** Dissertação de Mestrado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, SP.

Prado, F.C.O., Micali, J.M. & Dias, V.A. (2006). Perfil dos adolescentes que cumprem medida socioeducativa no municipio de Londrina.**Serviço Social em Revista, 8**(2). Disponível em http://www.uel.br/revistas/ssrevista/c-v8n2_jaqueline.htm. Extraído em 16 de abril de 2011.

Rausch de Traubenberg, N. (1970). **A prática do Rorschach.** São Paulo: Vetor, 1998.

Roberts, A. & Erikson, R. (1969). Measuring impulse control in institutionalized delinquents using Rorschach content and thought process scales. **Journal of Abnormal Psychology, 74** (5), 632-634.

Roman, P. (2009). **Le Rorschach en clinique de l´enfant et de l´adolescent – approche psychanalytique**. Paris: Dunod.

Rovinsky, S. (2012). Limites e contribuições dos instrumentos projetivos nas avaliações forenses [CD-ROM]. In **Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 6**. Brasília: Universidade de Brasília.

Sandri, A. M., & Souza, M. A. (2005). Angústia e tendência anti-social: estudo com meninos com queixa de agressividade [CD-ROM] In **Anais do Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas**, 2, Belém, PA: Universidade da Amazônia – UNAMA.

SEDH. (2010). **Curso Sinase**. Brasília: UnB.

Sistema Nacional de Atendimento Socioeducativo. (2012, 18 de janeiro). Recuperado em 12 de janeiro de 2013 de http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12594.htm.

Souza, C. C., & Rezende, A. C. (2012). Diferentes perfis psicológicos de adolescentes que cometeram homicídio (p.100). **Resumos do Congresso Nacional da Associação Brasileira de Rorschach e Métodos Projetivos, 6** (p. 100). Brasília: Universidade de Brasília.

Souza, M. A. (2001). Intervenção psicoterapêutica em meninos agressivos escolares como prevenção de comportamento transgressor futuro. **Psicologia: Teoria e Prática, 3** (2), 21-35.

Souza, M. A., Soldatelli, M. I. S., & Lopes, A.R. (1997). Psicodinamismo familiar de crianças agressivas. **Anais do Congresso de Psicologia Clínica do Mackenzie**, **1** (pp.61-64). São Paulo: Universidade Mackenzie

Souza, M. A., & Castro, R. E. F. (2005). Escola agredida, lugar de esperança: atitudes e concepções de professores frente à agressividade em sala de aula [CD-ROM] In **Anais do Congresso Ibero-Americano sobre Violência nas Escolas**, **2**, Belém, PA: Universidade da Amazônia – UNAMA.

Whitaker, C. (2010). **O campo infracional – sistema de justiça e a prática judiciária à luz da psicanálise**. São Paulo: Casa do Psicólogo.

Winnicott, D. W. (1939). Agressão. In D. W. Winnicott, **Privação e Delinquência** (pp. 89-96). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1945). Desenvolvimento emocional primitivo. In D. W. Winnicott**, Textos selecionados: da pediatria à psicanálise** (pp. 269-286), Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

Winnicott, D. W. (1946). Alguns aspectos psicológicos da delinquência juvenil. In D. W. Winnicott**, Privação e Delinquência** (pp. 119-125). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1951). Objetos transicionais e fenômenos transicionais. In D. W. Winnicott**, Textos selecionados: da pediatria à psicanálise** (pp. 389-408), Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

Winnicott, D. W. (1952). Psicose e cuidados maternos. In D. W. Winnicott**, Textos selecionados: da pediatria à psicanálise** (pp. 375-388), Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1993.

Winnicott, D. W. (1956). A tendência anti-social. In D. W. Winnicott**, Privação e Delinquência** (pp. 127-137), São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1963a). A luta para superar depressões. In D. W. Winnicott, **Privação e Delinquência** (pp. 151-160). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1963b). O desenvolvimento da capacidade de envolvimento. In D. W. Winnicott, **Privação e Delinquência** (pp. 105-110). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D.W (1963c). Da dependência à independência no desenvolvimento do indivíduo. In D. W. Winnicott, **O ambiente e os processos de maturação** (pp. 79-87). Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

Winnicott, D. W. (1964). A juventude não dormirá. In D. W. Winnicott, **Privação e Delinquência** (pp. 161-163). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1966). Ausência de sentiment de culpa. In D. W. Winnicott, **Privação e Delinquência** (pp. 111-117). São Paulo: Martins Fontes, 1987.

Winnicott, D. W. (1968). Conceitos contemporâneos de desenvolvimento adolescente e suas implicações para a educação superior. In D. W. Winnicott, **O brincar e a realidade** (pp. 187-203). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D. W. (1969). O uso de um objeto e relacionamento através de identificações. In D. W. Winnicott, **O brincar e a realidade** (pp. 121-131). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Winnicott, D.W. (1975). **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

Volpi, M. (2001). **O adolescente e o ato infracional**. São Paulo: Cortez.

APÊNDICES

Apêndice 1

Entrevista semi-dirigida com os adolescentes

Nome:
Data e local de nascimento:
História de vida
Escolaridade:
Relacionamento familiar:
Idéias e aspirações relacionadas ao futuro:
Uso de drogas:
Infração:
Circunstâncias da infração (motivação, tipo de envolvimento, presença ou não de maiores, uso ou não de drogas)
Reincidência:
Medida socioeducativa aplicada:
Razões para o cumprimento (ou descumprimento):

Apêndice 2

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido para os pais/responsáveis

Esta pesquisa faz parte de uma Tese de Doutorado em Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo e busca compreender o que sentem os adolescentes em cumprimento de medida socioeducativa no município de Osasco.

A pesquisa inclui entrevistas com o adolescente e seus responsáveis, além da aplicação de um teste psicológico chamado Rorschach.

Na entrevista, serão feitas perguntas sobre condições sociais, econômicas e de relacionamento sobre adolescente. O Teste será aplicado somente aos adolescentes, em entrevista individual. Neste teste, são apresentadas pranchas ao adolescente, o qual deverá apontar o que está vendo como figuras neste material. Os resultados serão mantidos em **sigilo**, sendo comunicados exclusivamente ao adolescente participante, em nova entrevista a ser agendada por telefone ou carta. Caso o adolescente sinta necessidade de continuar conversando sobre os resultados apontados neste trabalho, realizaremos encaminhamento para profissional do CREAS - Centro de Referência Especializado de Assistência Social do municípío de Osasco, que poderá iniciar/dar continuidade a um atendimento psicológico.

O adolescente e seus responsáveis poderão entrar em contato com a pesquisadora para esclarecimento de quaisquer dúvidas, pelo telefone ou pessoalmente. Também poderão desistir da participação na pesquisa, bastando comunicar a decisão à pesquisadora.

A pesquisa poderá ser publicada. Mas neste caso, não haverá identificação de nomes, nem do adolescente, nem de seus responsáveis. Não há despesas para a participação no estudo, nem formas de compensação, ou seja, a participação é livre, espontânea e não influi no processo judicial da medida determinada pelo Juiz.

Assinatura do adolescente: _____

Assinatura do responsável:_____

Identificação do responsável (parentesco):_____

Contato com a pesquisadora, psicóloga Rebeca de Castro (CRP 06/78664)
Telefone 36819922, ramal 262.
Vara de Infância e Juventude de Osasco (Av. das Flores, 703, Jd. Das Flores), de segunda a sexta, no período da tarde.

Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do IPUSP (Av Prof. Mello Moraes, 1721, Bloco G, sala 22, Cidade Universitária – São Paulo, SP– fone; (11) 3097-0529).

Apêndice 3

Sistema de Ombredane e Canivet, conforme Augras (1969) e com acréscimos de outras siglas de uso atual na nomenclatura francesa (Escola de Paris)

R	Número total de respostas
T	Tempo total da fala espontânea
>	Movimentação da prancha para a direita
<	Movimentação da prancha para a esquerda
V	Inversão do sentido da prancha
^	Mudança de sentido da prancha, voltando à posição original
@	Giro da prancha em várias direções
B	Resposta banal ou popular (critério estatístico)
TRI	Tipo de ressonância íntima (proporção entre respostas K e respostas C)
FC	Fórmula Complementar (proporção entre respostas k e respostas E)
RC	Razão Crítica (soma do número de respostas dadas às pranchas VIII, IX e X, com relação ao número total de respostas do teste: [VIII+IX+X] / R)

Localização ou Modos de Apreensão:	
G	Resposta global, interpretando a totalidade da mancha (menos na prancha III onde se admite a omissão das manchas vermelhas)
DG	Resposta global elaborada a partir de um detalhe grande
DdG	Resposta global elaborada a partir de um detalhe raro
~~G~~	Resposta global omitindo um detalhe mínimo
GDbl	Resposta global incluindo branco intermacular
D	Detalhe grande, parte da prancha freqüentemente vista (critério estatístico)
DDbl	D incluindo o branco
Dd	Pequeno detalhe, parte da prancha raramente interpretado (critério estatístico)
DdDbl	Pequeno detalhe incluindo o branco
Dbl	Detalhe branco intermacular
Do	Detalhe “oligofrênico”

Determinantes:	
F	Resposta de forma, determinada exclusivamente pela percepção do contorno da mancha
F+	Forma bem vista (critério estatístico)
F±	Forma de respostas com conteúdo indeterminado. Ex: nuvens, fragmentos
F-	Forma mal vista (critério estatístico)
K	Resposta "cinestésica", determinada pela percepção de uma figura humana viva e em movimento
kp	Pequena cinestesia, determinada: 1) por uma forma humana, vista em movimento, localizada num Dd; 2) ou por uma parte do corpo humano, vista em movimento violento, localizada num D.
kan	Forma animal vista em movimento
kob	Força da natureza, ou objeto visto em movimento
FC	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pela cor
CF	Resposta determinada pela cor, em segundo lugar, pela forma
C	Resposta determinada exclusivamente pela cor
Cn	Resposta de cor nomeada
FE	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pelo esfumaçado
FE (v)	Resposta tridimensional, implicando em perspectiva
EF	Resposta determinada pelo esfumaçado, em segundo lugar, pela forma
E	Resposta determinada exclusivamente pelo esfumaçado
FClob	Resposta determinada pela forma e, em segundo lugar, pela impressão da mancha escura, com caráter disfórico
ClobF	Resposta determinada pela impressão da mancha escura com caráter disfórico e, em segundo lugar, pela forma
Clob	Resposta determinada exclusivamente pela impressão de massa escura, com caráter disfórico
FC',C'F, C'	Respostas tendo como determinante primário, secundário ou exclusivo a cor preta da mancha (ou a cor branca, tratando-se de Dbl)
F~~C~~ e ~~C~~F	Respostas em que a cor é utilizada arbitrariamente com a forma prioritária ou secundária, respectivamente.

Conteúdos:	
H	Figura humana
H-Cena	Cena humana
(H)	Figura fantasiada, fantástica ou exótica
Hd	Parte do corpo humano
A	Animal
A-Cena	Cena animal
(A)	Animal irreal, sobrenatural ou lendário
Ad	Parte do corpo de um animal
Elem	Um dos 4 elementos (ar, água, terra, fogo)
Frgm	Fragmento
Geo	Geografia, mapa
Pl	Planta, árvore, flor
Nat	Natureza, paisagem
Anat	Anatomia, radiografia, osso, vísceras
Sg	Sangue
Sex	Sexo
Másc	Máscara
Obj	Objeto fabricado
Alim	Alimento
Arte	Quadro, desenho, escultura, instrumento musical
(Arte)	Quadro sem significação
Arq	Arquitetura, edifícios, fontes
Simb	Símbolo
Abstr	Abstração

Apêndice 4

Definição e exemplificação dos fenômenos especiais observados nos protocolos dos grupos com assiduidade regular, assiduidade irregular e sem assiduidade, conforme Passalacqua e Gravenhorst (2005)

Ação sofrida

Refere-se a uma ação sofrida por algo ou alguém. Geralmente são ações violentas, mas sofridas passivamente. Este fenômeno pode indicar traços psicopáticos, embora também seja encontrado em pessoas que passaram por traumas reais, tais como situações de perdas. Mais frequente em adolescentes, associado a personalidades nas quais predominam traços paranoides e esquizoides, esquizofrenia incipiente ou situações de crise/descompensação.

S22, pr. IV (grupo com assiduidade regular): "Parece um esquilo atropelado." Inquérito: "Tá esparramado no chão. Aqui a cauda dele caída no chão."

S18, pr. VII (grupo com assiduidade irregular): "Esse aqui parece um gato cortado no meio. Deram uma facãozada nele aqui, partiram no meio. Juntar as duas partes aqui, parece um gatinho." Inquérito: "Aqui as orelhas dele aqui. Se ajuntar ele, vira gato de novo. Só que já era, não dá pra virar gato de novo. A patinha. Agora não tem mais nada para ver porque já era o resto."

S14, pr. III (grupo sem assiduidade): "Cabeça de touro." Inquérito: "Parece um touro quando corta ele, quando não aguenta mais ser montado em cima. (quando é que não aguenta mais?)Isso, quando não aguenta mais, os cara mata, sacrifício."

Alteração amnésica

Ocorre quando o indivíduo não se recorda do nome de um objeto conhecido, mencionando referências para tentar lembrar-se deste nome.

S4, pr. IX (grupo com assiduidade regular): "Algum órgão do corpo humano." Inquérito: "Da mulher, ainda. Aquela parte, esqueci, não lembro o nome. Mas é algum órgão da mulher."

Anulação da simetria

Permite pensar a respeito de dificuldades na relação objetal.

S8, pr. I (grupo sem assiduidade), percebe o engrama em um recorte Dd, que desconsidera a simetria: "Não faço idéia. (ri) Lembro de uma ponto.40 que eu peguei. (o que é ponto quarenta?) uma arma. Tem lógica. (manuseia a prancha, vira). Só."

Atração ao vermelho

Contrário ao choque, este fenômeno é observado quando o indivíduo ressalta a cor vermelha nas pranchas II e III, principalmente. Aparece em pessoas impulsivas, agressivas, fálico-narcisistas e de caráter obsessivo.

S4, pr II (grupo com assiduidade regular): "Sangue. Sangue." Inquérito: "Essas manchas também. (porque acha que lembrou?) Veio na minha cabeça na hora."

Autorreferência

Comentários que remetem à experiência pessoal. As formas graves encontram-se principalmente em esquizofrênicos e enfermidades orgânicas. As formas leves, em esquizoides e neuróticos, como indicativo de egocentrismo.

S4, pr. X (grupo com assiduidade regular): "Quatro peixes." Inquérito: "Por causa que tem um peixe amarelo que eu vi no "Procurando Nemo" que é igual esse aqui."

S11, pr. X (grupo com assiduidade irregular): "Esse eu esqueci o nome. Desse negócio que você faz assim. Pra mim, assim, no meu ponto de vista, é uma pintura livre. Umas formas que é o que você quiser, não, senhora? A cor assim, que você quiser. E aqui tá bonito as cores. Só isso." Inquérito: "Teve uma vez lá na escola que era pra fazer um trabalho de pintura livre. Fiz quase igual esse daqui. As cores, assim, senhora, livre. Só isso."

S14, pr. IV (grupo sem assiduidade): "Um dragão de duas cabeças." Inquérito: "Porque fica um do lado, outro do outro e tem esse negócio. (que negócio?) As caudas. (como é esse dragão?) Tem de duas cabeças, de 3 cabeças. Aí esse só tem 2 e as cauda, separada, grudada. (porque acha que lembrou de dragão?) Porque quando eu ficava brincando com os moleque, ficava olhando pra cima, ficava brincando: parece um elefante."

Choque

É uma conduta menos pronunciada do que o fracasso, uma vez que o indivíduo consegue fornecer uma resposta na fase de inquérito.

S7, pr. IV (grupo sem assiduidade): "Não consigo." Inquérito (resposta adicional): "Parece um bode. O rosto de um bode. (o que fez você lembrar de bode?) por causa do focinho aqui, os olhos, esse negócio aqui, é tipo um chifre."

Choque à cor

Aparece nas pranchas II, III, VIII, IX e X, embora seja mais frequente na prancha IX. É motivado pelo estímulo afetivo da cor. Observável a partir de verbalizações do indivíduo, tempo de reação aumentado, mudança significativa na localização ou perguntas sobre a prancha.

S12, pr. IX (grupo com assiduidade regular): "Parece uma árvore. No meio, esse laranja não deu pra entender, não. Mas parece um tronco, uma árvore." Inquérito: "Tronco, aqui uma árvore. Isso aqui não consigo identificar não. Não consigo identificar não, o vermelho e o laranja."

Choque ao verde

O sujeito faz comentários adversos, recusando expressamente essa cor ou a área que ela ocupa.

S21, pr. X (grupo com assiduidade irregular): “Lagarto”. Inquérito: “Dois lagartos (verde). (por que acha que lembrou?) Porque tá parecendo. Bicho verde, feio.”

Choque ao vermelho

Aparece principalmente nas pranchas II e III, e excepcionalmente nas pranchas VIII, IX e X. Deve haver uma verbalização expressa indicativa da perturbação causada pela cor vermelha. O fenômeno está associado a conflito com a própria agressão ou de outros, sua repressão e angústia a ela associada. Pode também estar relacionada a representações libidinais. É encontrado principalmente em fóbicos, obsessivos, histéricos e epilépticos.

S6, pr. II (grupo com assiduidade regular): “Todas as imagens são a mesma imagem duas vezes? (começa a ficar nervoso) Todas as imagens são ligadas. Diferentes pontos. Mas todas elas são imagens duplicadas. É difícil dizer o que parece. Pra mim, essa parte de cima parece uma mão junto com a outra. È o que parece. Já que não tem forma nenhuma.” Inquérito: “Poderia ser qualquer outra coisa. Mas porque aqui é vermelho e aqui é vermelho?”

Choque e fracasso

Corresponde à impossibilidade do indivíduo fornecer uma resposta diante de uma ou mais pranchas. O fracasso permite observar a intensidade do choque, embora seja importante identificar uma atitude de recusa.

S3, pr. VI (grupo com assiduidade regular): “Não sei”. Inquérito: “Não. Tô vendo nada.”

S34, pr. X (grupo com assiduidade irregular): “Sei não, sei não”. Inquérito: (acena negativamente, sem conseguir dar uma resposta).

S7, pr. VI (grupo sem assiduidade): (acena negativamente com a cabeça e devolve a prancha). Inquérito: “Não tô conseguindo ver não.”

Choque inicial

Ocorre na prancha I, quando são observados pelos menos três dos seguintes indicadores: presença de respostas de má qualidade formal; aumento ou diminuição do tempo de reação; respostas sinistras; respostas de complexos; confabulações; detalhe oligofrênico; ausência de banalidade; aumento ou diminuição da consciência de interpretação; respostas interrogativas ou negativas; comentários favoráveis ou desfavoráveis a respeito do teste; fracasso.

S4, pr. I (grupo com assiduidade regular): “Do jeito que eu quiser, eu olho, ou só assim? (pergunta, pedindo autorização para virar a prancha). (cerca de um minuto depois, responde) Isso é estranho. Estranho. (V) Olhando assim, eu vejo alguma expressão de alguma coisa ruim. Do mal.” Inquérito: “Porque primeiro o preto. Esses furo aqui me lembra aquele olho da abóbora do Halloween e aqui embaixo parece um pouco também. Aqui como se fosse uma boca.”

Combinação confabulatória
Fenômeno caracterizado pelo fato de o indivíduo integrar diferentes elementos que, isolados, podem ser bem vistos ou não, mas não combinam quando unidos.

S14, pr. X (grupo sem assiduidade): "Aranhas". Inquérito: "Duas aranhas no ninho de passarinho, de formiga. (porque no ninho de formiga?) Porque elas tavam enrolando assim, aí caíram no buraco. Aí as formigas tavam lutando para sobreviver."

Contaminação atenuada

É uma resposta que une dois conceitos, com tendência à fusão, embora as partes estejam diferenciadas.

S5, pr. I (grupo com assiduidade irregular): "Vixe maria, parece um animal. Parece com um animal. Com uma lagarta de 3 asas. Só." Inquérito: "Parece umas mãozinha dela. Corpo. E tem 3 asas. (como você vê o corpo?) O rabo e aqui, a cabeça. (e as 3 asas?) Aqui, grudada."

Conteúdo sinistro

Conteúdos por si só aterrorizantes ou que parecem aterrorizantes ao sujeito.

S28, pr. II (grupo com assiduidade irregular): "Parece o diabo, esse bagulho! (ri) Só. Bichinho feio." Inquérito: "Por causa dos olhos vermelhos. Tipo a boca saindo sangue."

Cor em prancha monocromática

Ocorre quando o indivíduo atribui uma cor percebida em uma prancha acromática. Não é um fenômeno muito comum. Pode representar uma fuga do pessimismo e desesperança para um humor alegre, inautêntico. É observado em protocolos de maníacos e em histéricos.

S20, pr. V (grupo com assiduidade irregular): "Uma borboleta. Pode colocar ali? (devolve a prancha)" Inquérito: "Cabeça, tipo negocinho que segura as asas aqui (risca a prancha). Negócio atrás. (o que é?) O negócio que vem da borboleta mesmo. E as cor dela, branca e azul. Mas aí é igualzinho, o formato da borboleta."

Crítica à prancha

Comentário crítico dirigido às pranchas do Rorschach. Ocorre com pessoas que não querem revelar algum aspecto da subjetividade, mas sentem que foram descobertas pelas pranchas do Rorschach. É encontrado em protocolos de psicopatas e pervertidos, assim como de qualquer pessoa que se sintam em evidência com o Método de Rorschach, mais do que desejariam, temendo consequências reais ou imaginárias a respeito da avaliação psicológica.

S6, pr. VI (grupo com assiduidade regular): "Assim fica meio difícil, olhando não parece nada. Cada uma dessas imagens poderia parecer bastante com alguma outra coisa, se não fosse um pedaço. Às vezes, até parece alguma coisa, mas por ter algumas partes, elimina de ser aquilo."

Crítica ao sujeito

É a crítica que o examinando faz de si mesmo. Aparece nos protocolos de pessoas inseguras, auto-exigentes, com tendência a dúvidas, ambivalentes. Ocorre especialmente em depressões, melancolias e crises de angústia, além de obsessivos e orgânicos.

S33, pr. VI (grupo com assiduidade irregular): "Deixa eu ver, deixa eu ver...sei não, não dá nem pra entender o que pensar o que parece. Não dá nem pra imaginar o que parece. Ah, vou chutar, uma larva saindo de um casulo, sei lá".

Destaque da simetria

Ocorre quando o sujeito faz referência ao que é simétrico ou ao que é assimétrico. Se acentuado, pode ser sintoma de choque. A busca da simetria pode sinalizar segurança interna e a procura de uma compensação na realidade externa. Se mencionada com frequência, pode indicar extremo controle e pedantismo.

S6, pr. VIII (grupo com assiduidade regular): "Esse pelo menos é colorido. Talvez por esses dois bichos aqui iguais. Só isso. Essa parte no meio eu não vou saber dizer o que é." Inquérito: "Pareceu ser camaleão. Duas patas, mais uma pata e o rabo. E sempre vai parecer dois, porque a imagem é desse jeito. Até nas cores são iguais do mesmo lado."

Diminutivo

É o uso do diminutivo na linguagem. Evidencia repressão da agressividade, aparecendo no protocolo de sujeitos que querem aparecer como "crianças boazinhas".

S24, pr. II (grupo com assiduidade regular): "Uma borboleta" Inquérito: "Eu vi as asinhas, o corpinho aqui no meio pequenininho"

Dissociação

Resposta que evidencia uma assimetria real ou projetada. Evidencia a necessidade de colocar valores distintos em diferentes objetos, mesmo que estes sejam idênticos. Implica dissociação e projeção. Ocorre em personalidades esquizoides e histéricas, assim como obsessivos.

S21, pr. VII, (V) (grupo com assiduidade irregular): " Parece 2 pernas, 2 braços, 2 cabeças." Inquérito: "Parece uma parte de uma perna, do osso. A outra também, os braços e a cabeça. Não é a perna comprida, é a parte desse osso, onde tem a bacia. O braço não tem nada a ver, porque é fino. É braço de ET. A cabeça não tem nada a ver não. Isso daí é um ET. (peço pra ele delimitar na folha) (É um ou dois Ets?) Dois. Um macho e uma fêmea. "

Duplicação por simetria

Percepção que acontece basicamente por causa da simetria; geralmente ocorre quando são vistas duas pessoas. Sob a perspectiva do vínculo e do narcisismo, constituem respostas mais evoluídas do que as representações simples e as respostas de reflexo.

S21, pr. IX (grupo com assiduidade irregular): “Elefante, uma árvore. Um monte de elefante, árvore, seguindo um caminho.” Inquérito: “Mas é a mesma coisa também. Tudo reflexo um do outro. Elefante embaixo (rosa), árvore do lado (verde), caminho, elefante (laranja). (reflexo porque?) Porque é igual as 2 coisas. Tá do mesmo jeito, ó. Aqui e aqui (compara metades da prancha).”

Envolvimento

Tentativa do examinando de envolver-se com o examinador, seja buscando seu apoio, seja dando como certo que conhece seus pensamentos e sentimentos. Têm a finalidade de buscar segurança ou tentar reverter a relação assimétrica entre examinando e examinador.

S20, pr. I (grupo com assiduidade irregular): “1.Pode ver outro? (não, um de cada vez). Parece um animal, bicho, sei lá. Uma coisa voando. Negócio de morcego, negócio de voar, de pegar, parece umas asas. Nossa, não tá fazendo sol mesmo (olha para a janela). Morcego, asas, corpo, negócio, cabeça, um rabo, sei lá. É pra quebrar a cabeça mesmo!” Inquérito: “Aqui asa, corpo, aqui o negócio que morde pra comer. Rabo começando daqui. Formato das asas. Tá parecendo, né?”

Evidência

Ocorre geralmente no inquérito, quando o sujeito justifica o que percebeu utilizando referências externas ou um critério próprio, às vezes ilógico. Comum em protocolos infantis ou de pessoas infantis, imaturas, dependentes, passivas, que não podem assumir sua própria percepção.

S29, pr. VIII (grupo sem assiduidade): “Um coração. Não.É. (ri) Não parece muito, mas é o que eu acho né?” Inquérito: “Coração meio esquisito.(por que acha que lembrou?) Sei lá, o significado dele é assim, tá parecendo o estilo dele. Aí depois fui reparar direito.”

Estereotipia

Um tipo de perseveração, onde o sujeito fornece respostas pertencentes ao mesmo tipo de conteúdo. Pode evidenciar uma preocupação mais neurótica por uma temática ou situação conflitiva.

S35 (grupo com assiduidade irregular)

Pr. VIII: “Parece o estômago, isso” Inquérito: “Aqui as duas costela (rosa), aqui o resto do estômago”

Pr. IX, (V): “Parece a costela.” Inquérito: “Nem sei mais. Acho que é só esse vermelho aqui mesmo. (por que acha que lembrou?) Porque aqui parece o esqueleto. (aponta “coluna”) (isso entra também?) Entra. Parece a coluna.”

Pr. X: “Sei o que é isso não. Difícil. Parece a coluna.” Inquérito: “Esses vermelho aqui. (só o vermelho?) Aqui parece o pescoço (aponta o preto) (por que acha que lembrou?) Porque ...parece...não sei explicar não.”

Fabulação

Ocorre quando a pessoa parte de elementos da prancha para trazer elementos que não estão presentes nela, inventando um conto ou uma fábula. Aparecem em pessoas com tendência a mentir ou fantasiar e que enfeitam o que as rodeia. Personalidades imaturas e infantis que procuram gratificação na fantasia mais do que na realidade. É observado no protocolo de histéricos, fóbicos e adolescentes.

S4, pr. IV (grupo com assiduidade regular): "Um monstro. (olha a prancha por longo tempo). Um monstro com uma pessoa dentro, um monstro. Presa." Inquérito: "Os braços, a cara dele é menor que o corpo dele. Aqui os pés e dentro de uma parte dele parece que tem uma pessoa. O braço é aqui e a cabeça. (o que a pessoa tá fazendo aí dentro?) Um sentimento ruim dominou a pessoa. Ela tá presa, é isso."

Ilusão de semelhança

O sujeito acredita que algumas pranchas são semelhantes, manifestando-se a respeito. Quando ocorre pontualmente, está associado ao choque ao cinza ou à cor. A repetição busca evitar o impacto das pranchas. Se aparecem mais de quatro, está associado a pessoas com características associais, tratando-se de uma projeção paranoide.

S32, pr. IV (grupo com assiduidade regular): "Esse aqui parece o mesmo do primeiro. É assim? Tipo um morcego também ." Inquérito: "É como se fosse o primeiro só que invertido. Como se fosse um morcego, só que de cabeça pra baixo. Quando eu virei, vi que era o outro desenho, só que invertido."

Mórbido

Trata-se da identificação do objeto percebido como morto ou estragado. Também se refere à atribuição de sentimentos ou características disfóricas ao objeto.

S30, pr. VI (grupo com assiduidade regular): "Vou falar um gato esmagado. O negócio dele aqui assim. Ah, sei lá, coloca isso mesmo." Inquérito: "Tá esmagado ele. Tá parecendo aqui pra cima. (porque acha que lembrou?) Os bigodinho, os pelos."

Percepção invertida

Ocorre quando o sujeito fornece uma resposta como se a prancha estivesse invertida, mas ele não a gira nem afirma que a vê ao contrário. Parece constituir uma atitude de dependência e submissão.

S22, pr. I (grupo com assiduidade regular): "Parece um morcego de ponta cabeça." Inquérito: "Porque as asas tá aberta, e a patinha e a cabeça."

Perseveração ruminante

O sujeito fornece uma resposta três ou quatro vezes, podendo alternar com outros conteúdos. As perseverações associam-se à deterioração do pensamento, sobretudo quando são conteúdos

sem carga afetiva. Os deprimidos fornecem este tipo de resposta em virtude da inércia do pensamento, assim como os sujeitos de baixo nível intelectual.

S13 (grupo sem assiduidade)

Pr. VIII: “Um tigre, dois tigres, quer dizer, com as montanhas, com um rio. Só.” Inquérito: “Tipo uma cachoeira.”

Pr. IX: “Uma cachoeira.” Inquérito: “A forma, o desenho, onde está.”

Pr. X: “Um rio com uma...árvore.” Inquérito: “Não sei, nem eu sei te falar.”

Resposta de reflexo

Como o nome indica, é quando o sujeito fornece uma resposta de espelho. Alude ao narcisismo e ao autoerotismo. Ocorre com pessoas que se relacionam com os outros como extensão de si mesmas.

S31, pr. IX, (grupo sem assiduidade): (>) “Parece um golfinho, pulando, com um gorila, na beira do rio.” Inquérito: “Golfinho pulando (laranja, fez o gesto, parecia 3D), um pouco assim, a terra, o gorila (verde). Aqui é o rio, o rio faz assim (gesticula na mesa, fora da prancha) Ele (golfinho) tá pulando, só que aí refletiu com a quebra do sol. Daqui pra baixo é reflexo.”

Resposta negada

São as respostas que o indivíduo nega, geralmente no inquérito, não se lembrando delas, recusando-as ou desqualificando-as. Pode ser uma tentativa de não se mostrar ou não poder responsabilizar-se pelo que produz.Também pode representar uma conduta de oposição indicativa de ansiedade persecutória.

S32, pr. X (grupo com assiduidade regular): “Esse aqui, uma mistura de todos os outros. Como se fosse o leão (refere-se ao percepto da pr. VIII)” Inquérito: “O leão até agora não achei ele. Falei leão porque eu olhei para o vermelho. Mas agora não tá nada parecido com o leão.”

Resposta negativada

Ocorre quando a pessoa verbaliza uma resposta, mas depois a reprime, negando-a. Costumam ser fornecidas por pessoas que estão mais seguras daquilo que não querem do que daquilo que querem. Existe uma atitude de desconfiança subjacente, característica de quem começa respondendo com uma negativa, por supor que estão lhe mostrando algo que induz a erros ou ambiguidades.

S33, pr. IV (grupo com assiduidade irregular): “Tá piorando mais. Deixa eu ver. Um marimbondo, sei lá.” Inquérito: “Eu chutei, mas não parece nada! Como é o nome? Se for pra pensar o que parece, vai demorar. (V) Mas não parece porque o marimbondo parece o formato

de uma abelha. Deixa eu pensar o que parece. Barbeiro. É um besouro. Aqueles besouro preto. Duas anteninha, a asa e aqui aquele negócio que ferroa."

Transparência

Semelhante ao fenômeno observado em testes gráficos, ocorre quando se confere a uma pessoa a característica de ser transparente, vendo seus órgãos internos.

S21, pr. III (grupo com assiduidade irregular): (<) "Um sapo." Inquérito: "As mãos, os olhos dele, pulmão dele. Aqui onde fica o veneno dele."

Verborragia

Fala abundante a respeito de uma resposta, não relacionada com o tema da mesma.

S6, pr. III (grupo com assiduidade regular): "Talvez um bicho, um animal..." Inquérito: "Esse desenho não é um desenho, é só tipo sombras, se fosse parecer um animal. (qual bicho?) Não sei dizer. (como você vê o bicho?) Traços do rosto. Folha é branca e a sombra é preta. Se eu fosse tentar primeiro a imagem, ia ver ela toda preta, sem sombra. (começa a discorrer sobre figura e fundo e a fazer comparação com a prancha I). É como se fosse um círculo preto e um círculo branco. (diz, tentando explicar que um círculo branco é mais fácil de enxergar em imagens que alternam figura-fundo)."